

Anexo II

Índice

1. Questionários	4
1.1. Questionário sobre práticas pedagógicas na disciplina de Educação Musical no 2.º ciclo do ensino básico: alunos	4
1.2. Questionário sobre práticas pedagógicas na disciplina de educação musical no 2.º ciclo do ensino básico: professores	6
2. Guião de entrevista focalizada: professores	8
3. Entrevistas	9
3.1. Professor 1	9
3.2. Professor 2	24
3.3. Professor 3	37
3.4. Professor 4	52
3.5. Professor 5	69
3.6. Professor 6	84
3.7. Professor 7	96
3.8. Professor 8	111

3.9. Professor 9	129
3.10. Professor 10	145
3.11. Professor 11	164
4. Análise de dados	177
4.1. Documentos de análise preliminar dos questionários a alunos e professores	177
4.1.1. Gráficos de actividade musical total	178
4.1.2. Tabela de frequência de actividades musicais	189
4.2. Análise de dados das entrevistas aos professores	200
5. Procedimento para a identificação do nível socioeconómico (NSE) dos alunos participantes no estudo	266
6. Monitorização de inquéritos em meio escolar – Autorização DGIDC	268
7. Carta para apresentação do estudo às direcções das escolas	269
8. Impresso para autorização dos Encarregados de Educação – Participação dos alunos	270

1. Questionários

1.1 Questionário sobre práticas pedagógicas na disciplina de Educação Musical no 2.º ciclo do ensino básico: Alunos

Neste questionário pedimos-te que respondas a algumas questões sobre as tuas aulas de Educação Musical no 5.º e no 6.º ano.

A tua colaboração pode contribuir para melhorar a forma como a disciplina é ensinada.

NÃO ESCREVAS O TEU NOME porque as respostas são anónimas.

Este questionário **NÃO É UM TESTE**. O teu professor não vai ler as respostas e elas não vão influenciar a tua avaliação.

Parte A - No início do questionário pedimos-te alguns dados pessoais. Nas últimas cinco questões, faz um círculo na tua resposta: *SIM* | *NÃO* ou *SIM* | *MAIS OU MENOS* | *NÃO*

Parte B - Em seguida encontrarás 35 afirmações. Para cada afirmação responde de 1 a 4 (*quase nunca a quase sempre*).

Ex.: *Nas aulas de Educação Musical*: Ouço música

Quase nunca *Poucas vezes* *Muitas vezes* *Quase sempre*
1 2 3 4

Se ouves música em quase em todas as aulas, faz um círculo no número 4. Se quase nunca ouves música nas aulas, faz um círculo no número 1. Também podes responder 2 ou 3: 2 - *Poucas vezes*; 3 - *Muitas vezes*.

A. Aluno

1. Género: Feminino
 Masculino

2. Idade: _____ anos

3. Habilitações literárias (estudos) dos pais:

Pai _____ Mãe _____

4. Profissões dos pais:

Pai _____ Mãe _____

5. No último período, a minha nota na disciplina de Educação Musical foi: _____

6. Tive aulas de música no 1º ciclo

SIM

NÃO

7. Tenho aulas de música fora da escola

SIM

NÃO

8. Gosto da disciplina de Educação Musical

SIM

MAIS OU
MENOS

NÃO

9. Gosto de música

SIM

MAIS OU
MENOS

NÃO

10. Ouço música em casa

SIM

MAIS OU
MENOS

NÃO

B. Na disciplina de Educação Musical:				
1 – quase nunca 2 - poucas vezes 3 - muitas vezes 4 – quase sempre				
1 - Canto	1	2	3	4
2 - Componho música, ou seja, invento músicas novas	1	2	3	4
3 - Ouço música	1	2	3	4
4 - Realizo actividades de leitura musical	1	2	3	4
5 - Ajudo a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola	1	2	3	4
6 - Toco instrumentos musicais	1	2	3	4
7 - Invento ritmos para acompanhar músicas	1	2	3	4
8 - Ouço música de vários tipos	1	2	3	4
9 - Realizo actividades de escrita musical	1	2	3	4
10 - Realizo projectos em colaboração com outras disciplinas	1	2	3	4
11 - Canto e toco músicas de diferentes tipos	1	2	3	4
12 - Crio música livremente, com a voz ou com instrumentos	1	2	3	4
13 - Ouço e analiso músicas	1	2	3	4
14 - Copio músicas para as pautas do caderno diário	1	2	3	4
15 - Assisto a espectáculos musicais na escola	1	2	3	4
16 - Canto em grupo	1	2	3	4
17 - Crio letras para músicas existentes ou invento músicas novas para textos	1	2	3	4
18 - Faço ditados rítmicos	1	2	3	4
19 - Faço exercícios de leitura de notas musicais	1	2	3	4
20 - Realizo trabalhos de projecto com a intervenção da música	1	2	3	4
21 - Canto individualmente	1	2	3	4
22 - Contribuo com ideias minhas para a construção de uma música	1	2	3	4
23 - Faço ditados de sons (melódicos)	1	2	3	4
24 - Faço exercícios de leitura de ritmos	1	2	3	4
25 - Assisto a espectáculos musicais fora da escola	1	2	3	4
26 - Toco flauta de bisel	1	2	3	4
27 - Invento músicas em grupo	1	2	3	4
28 - Ouço e identifico instrumentos na música	1	2	3	4
29 - Faço exercícios de caligrafia musical	1	2	3	4
30 - Participo em actuações musicais nas comemorações e festas da escola	1	2	3	4
31 - Toco instrumentos da sala de aula (xilofone, clavas, maracas, triângulo, ...)	1	2	3	4
32 - Acompanho livremente uma música gravada, com a voz ou com instrumentos	1	2	3	4
33 - Trago música para a aula para partilhar com a turma	1	2	3	4
34 - Faço testes escritos	1	2	3	4
35 - Realizo trabalhos de pesquisa sobre música	1	2	3	4
Por favor, verifica se respondeste a todas as questões. Muito obrigada pela colaboração.				

1.2 Questionário sobre práticas pedagógicas na disciplina de Educação Musical no 2.º ciclo do ensino básico: Professores

Neste questionário pedimos-lhe que responda a algumas questões sobre as suas aulas de Educação Musical.

A sua colaboração pode contribuir para melhorar a forma como a disciplina é ensinada.

NÃO ESCREVA O SEU NOME porque as respostas são anónimas.

A. No início do questionário pedimos-lhe alguns dados pessoais.

B. Em seguida, encontrará 35 afirmações. Para cada afirmação responda de 1 a 4 (*quase nunca a quase sempre*).

Ex.: *Nas aulas de Educação Musical, os seus alunos:* Ouvem música

<i>Quase nunca</i>	<i>Poucas vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>	<i>Quase sempre</i>
<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>4</i>

A. Professor

1. Género: Feminino
 Masculino

2. Idade: _____ anos

3. Habilitação Académica: _____

4. Habilitação Profissional: _____

5. Tempo de serviço: _____

6. Categoria profissional: _____

7. Outras experiências profissionais no âmbito da educação: _____

B. Na disciplina de Educação Musical, os seus alunos:				
1 - quase nunca	2 - poucas vezes	3 - muitas vezes	4 - quase sempre	
1 - Cantam	1	2	3	4
2 - Compõem música	1	2	3	4
3 - Ouvem música	1	2	3	4
4 - Realizam actividades de leitura musical	1	2	3	4
5 - Ajudam a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola	1	2	3	4
6 - Tocam instrumentos musicais	1	2	3	4
7 - Inventam ritmos para acompanhar músicas	1	2	3	4
8 - Ouvem música de vários tipos	1	2	3	4
9 - Realizam actividades de escrita musical	1	2	3	4
10 - Realizam projectos em colaboração com outras disciplinas	1	2	3	4
11 - Cantam e tocam músicas de diferentes tipos	1	2	3	4
12 - Criam música livremente, com a voz ou com instrumentos	1	2	3	4
13 - Ouvem e analisam músicas	1	2	3	4
14 - Copiam músicas para as pautas do caderno diário	1	2	3	4
15 - Assistem a espectáculos musicais na escola	1	2	3	4
16 - Cantam em grupo	1	2	3	4
17 - Criam letras para músicas existentes ou inventam músicas novas para textos	1	2	3	4
18 - Fazem ditados rítmicos	1	2	3	4
19 - Fazem exercícios de leitura de notas musicais	1	2	3	4
20 - Realizam trabalhos de projecto com a intervenção da música	1	2	3	4
21 - Cantam individualmente	1	2	3	4
22 - Contribuem com ideias pessoais para a construção de uma música	1	2	3	4
23 - Fazem ditados de sons (melódicos)	1	2	3	4
24 - Fazem exercícios de leitura de ritmos	1	2	3	4
25 - Assistem a espectáculos musicais fora da escola	1	2	3	4
26 - Tocam flauta de bisel	1	2	3	4
27 - Inventam músicas em grupo	1	2	3	4
28 - Ouvem e identificam instrumentos na música	1	2	3	4
29 - Fazem exercícios de caligrafia musical	1	2	3	4
30 - Participam em actuações musicais nas comemorações e festa da escola	1	2	3	4
31 - Tocam instrumentos da sala de aula (xilofone, clavas, maracas, triângulo, ...)	1	2	3	4
32 - Acompanham livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos	1	2	3	4
33 - Trazem música para a aula para partilhar com a turma	1	2	3	4
34 - Fazem testes escritos	1	2	3	4
35 - Realizam trabalhos de pesquisa sobre música	1	2	3	4
Por favor, verifique se respondeu a todas as questões. Muito obrigada pela colaboração.				

2. Guião de entrevista semi-estruturada: professores	
Blocos	Tópicos
A. Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Garantir a pertinência e a oportunidade da entrevista. • Informar, em linhas gerais, qual o objectivo do trabalho e reforçar a importância da colaboração do entrevistado. • Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos. • Pedir autorização para gravar a entrevista.
B. Introdução (Partindo dos gráficos e quadros de análise dos resultados)	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos documentos em análise na entrevista. • Identificação do critério utilizado para a escolha da turma “melhor” e da turma “pior”. • Incorporação do conceito de competência (previsto no Currículo Nacional do Ensino Básico) nas práticas lectivas do professor.
C. Análise geral dos resultados dos questionários	<ul style="list-style-type: none"> • Actividade musical total e áreas de competência musical privilegiadas. • Diferenças entre os resultados globais do professor e dos alunos, atendendo às características de cada turma.
D. Análise dos resultados dos questionários por área de competência musical	<ul style="list-style-type: none"> • Práticas musicais mais e menos frequentes. • Critérios para a escolha das práticas musicais mais e menos frequentes. • Conformidades e desconformidades entre respostas de professores e alunos relativamente às práticas lectivas de cada área de competência.
E. Factores de satisfação/insatisfação do professor relativamente ao trabalho pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> • Situações pedagógicas profissionalmente gratificantes. O que é que “corre bem” na aula de Educação Musical. • Situações pedagógicas profissionalmente não gratificantes. O que é que “corre mal” na aula de Educação Musical.

3. Entrevistas

3.1 Professor 1 (P1)

Data: 8 de Julho de 2010

Hora: 14 horas

Local: Escola do entrevistado

Género: Masculino

Idade: 35 anos

Habilitação académica: Licenciatura em Música – Variante Jazz e Trombone;
Frequência do Mestrado em Formação de Professores de Educação Musical

Formação profissional: Licenciatura em Ensino da Música

Tempo de serviço: 1.º ano

Situação profissional: Professor contratado

Outras experiências profissionais: 3 anos de Actividades de Enriquecimento Curricular – 1.º ciclo; Músico profissional – trombonista

E: Bom dia.

P1: Bom dia.

E: Já estivemos a conversar um bocadinho. Vamos então ver os resultados do questionário.

P1: Hum, hum.

E: Tu só preencheste um em relação a cada turma. Aqui, no caso dos alunos, já é uma média das respostas. Mas já lá vamos... Em primeiro lugar, tu escolheste duas turmas, como eu te pedi, uma pior e uma melhor...

P1: Do 6.º só tinha estas duas, não tinha mais. Aliás calhou o oposto, uma e outra. Calhou bem.

E: E esta é pior porquê? Qual é a caracterização...

P1: O comportamento foi péssimo. Alunos muito difíceis de trabalhar, seja aquilo que for. Muito complicados, uma turma muito complicada.

E: Eu apercebi-me disso, não é?... Eles estavam muito agitados, mesmo com uma pessoa de fora...

P1: E depois, a minha falta de experiência... também não consegui que as coisas corressem da melhor forma. Uma turma muito complicada.

E: E a turma melhor?

P1: Com bom comportamento, onde se pode trabalhar coisas que não podemos trabalhar na outra.

E: E acaba por se fazer mais aprendizagens, como aqui se vê?

P1: Exactamente.

E: Pronto. Este meu trabalho tem um chapéu político, da área da definição e do desenvolvimento curricular a nível central, a nível do governo, que é esta definição de competências essenciais que estão presentes no currículo nacional. Tu, como começaste agora a ensinar, provavelmente não tens a noção do que eram antes as orientações curriculares.

P1: Não (sorri).

E: Mas conheces, pelo menos estudaste elementarmente, as competências essenciais para a Educação Musical, presentes no Currículo Nacional?

P1: Exacto.

E: O que têm de especial é que vieram criar e clarificar as áreas de intervenção musical, a interpretação, a composição... que são competências, áreas de competência. É sobre estas áreas de competência o meu trabalho. O que é que se faz mais? O que é que se faz menos? Quais são as dificuldades em cada área. E é isso que vamos ver. Tiveste problemas com esta ideia de competência?

P1: Como assim?

E: O desenvolvimento de competências musicais nas crianças. Como operacionalizar o trabalho no sentido de desenvolver competências?

P1: Não, por acaso até me correu bem. Os métodos que usei e tudo, acho que correram bem. De facto aqui na turma Y não correu muito bem porque... as coisas não funcionaram porque eles não deixavam. Não havia espaço para podermos trabalhar. Nem fazer coisas práticas. Tudo o que envolvesse uma prática, seja aquilo que for, era complicadíssimo. Esta turma em especial, e eu até acho que foi a única, foi a turma onde eu dei mais matéria teórica. Porque é uma forma de os segurar. Porque estão ocupados. Assim estão ocupados e não estão a fazer barulho.

E: Será porque essa é a imagem tradicional que eles têm da escola e, portanto, aí portam-se bem?

P1: Eu não sei muito bem. Eu sei que, isto foi a imagem que eu fui tirando ao longo do tempo, foi que quando estavam ocupados na teoria, a ouvir, a escrever, a... o comportamento aí acalmava um bocadinho. Tudo o que fosse uma prática era uma desordem impossível de fazer seja aquilo que for.

E: Eu estava a falar desse chapéu do currículo porque havia uma organização por objectivos, o professor dizia “eu vou ensinar isto, vou ensinar aquilo” e a diferença é que agora a ideia é desenvolver competências no aluno, o que é que o aluno pode alcançar. Mas isso é uma coisa que tu provavelmente tens adquirida, até da tua formação inicial... E também nunca deste aulas com as orientações anteriores.

P1: Não (ri).

E: Portanto, o que eu te posso perguntar é se tens algum conflito com o que está escrito no Currículo Nacional?

P1: Não, não. Aliás eu regi-me pelo currículo aqui da escola, não é? Acabei por dar tudo. Usei elementos mais práticos, associado ao que era para dar, não é, no 6.º ano, nos 5.ºs anos. Nesta (aponta para a turma Y) usei muito pouco. Para ser franco usei muito pouco porque era impossível.

E: Depois, há também um nível de decisão da escola, a nível do currículo ... por exemplo, há um tempo de gestão da escola que é dado muitas vezes à Educação Musical, que, em vez de ter só um bloco, tem um bloco e meio. Mas aqui não acontece isso.

P1: Não.

E: Bom, vamos olhar para os gráficos. O que vemos aqui são as várias áreas de competência musical e o seu peso no conjunto das práticas. E salta logo à vista uma maior quantidade de trabalho, assinalado por ti, na turma melhor em relação à pior.

P1: Hum, hum.

E: Os alunos consideram ter feito muito menos trabalho do que tu identificas, embora haja alguma coincidência quanto às dimensões que são mais e menos trabalhadas... Área de interpretação. O que é que tu fazes na área de interpretação? Mais.

P1: Olha. Privilegiei bastante a flauta, os instrumentos que estavam aqui, instrumentos Orff. Cantar, cantaram bastante também. Instrumentos de percussão, instrumental Orff que está ali. Toquei muito piano com eles, muito. Usei as vozes deles com o piano. Por vezes trazia músicas com o *playback*, trabalhava primeiro o piano com a harmonia, depois com eles.

E: Trabalhavas o piano, mesmo eles a tocarem?

P1: Não, eu a tocar piano. Eu a tocar piano e eles cantavam. Que é para ouvir e tal. Usei muito o piano da minha parte, pois. Depois usei instrumental sempre. Fiz alguns arranjos de instrumental Orff. Usei, por exemplo, quando dei a monofonia e a polifonia, pu-los a tocar sempre, em que usei todos os instrumentos que ali estavam. Não os alunos todos, porque queria que os que não estavam a tocar estivessem com atenção. Desenhava uma linha monofónica portanto, e usei vários instrumentos com timbres diferentes a tocar o mesmo ritmo para realçar a monofonia. Depois criava ritmos diferentes com os mesmos miúdos, que tinham instrumentos diferentes, associava um padrão rítmico a cada instrumento e aquilo foi muito giro. Isso foi muito engraçado, cada instrumento com uma linha rítmica.

E: Tinhas ostinatos já criados?

P1: Já tinha ali tudo feito.

E: E cantaram, também?

P1: Sim, cantava muito com eles.

E: Cantaste muito com eles...

P1: Eu não cantei muito, porque eu não canto muito bem, mas apelava sempre para eles cantarem. Os tons deles são diferentes do meu, fazia as melodias no piano para eles ouvirem bem os intervalos.

E: As dificuldades na turma pior foram, então, de natureza disciplinar?

P1: Indisciplina, só.

E: As turmas não têm dificuldades muito diferentes a nível das aprendizagens, é mesmo um problema disciplinar?

P1: Quer dizer, neste grupo... a turma também era um bocadinho grande, eram 27, 28 já não me recordo muito bem. Uma minoria trabalhou-se bastante bem, só que era absorvida pela grande maioria que era muito mal comportada.

E: Portanto, os problemas maiores que tiveste, na interpretação, foram de disciplina.

P1: Sim, sim, sim.

E: Mas como é que os alunos reagem às actividades?

P1: Muito bem. Claro, eles gostam mais da prática. Só não fizeram mais porque... Claro, gostam mais. Divertir-se um bocadito e tal. Tudo o que envolve mais prática eles sentem-se mais entusiasmados.

E: Hum, hum. Em relação à composição. Tu tens aqui um 20 na composição, na turma melhor. Na turma menos boa, apenas 15. Mas, curiosamente, até parece que a turma pior percebe um bocadinho mais de trabalho feito nesta área do que a outra...

P1: Eu na composição, pronto, usei... usei, por exemplo, temas que eu trabalhei, conhecidos... Por exemplo, usei alguns temas dos *Beatles*, como a harmonia é muito fácil, as melodias são muito fáceis e as letras são... e depois como é o inglês, também, um inglês até fácil. Então usei algumas composições, fiz alguns arranjos, vou chamar a isso composição, em que usei então o instrumental Orff, alguns cantavam outros tocavam. Chamo a isso composição.

E: Os alunos também fizeram propostas de composição?

P1: Não, não, não. Eles não fizeram. Viam como é que eu fazia...

E: Que os alunos fizessem...

P1: Que os miúdos fizessem? Composição?...

E: Por exemplo, inventarem um acompanhamento para uma música, eles mesmos, ou tu apresentares uma série de células melódicas...

P1: Eu associo isso mais, por exemplo a improvisação, também privilegiei a improvisação, rítmica.

E: Mas tu dizes aqui que fizeste algum trab... mas talvez estivesses a falar do teu trabalho...

P1: Do meu trabalho, sim. Mais do meu. Na composição eles, pronto, em termos melódicos e práticos... não fizeram. Eu pu-los a fazer foi, a criar composições mas mais vocacionado para a teoria, ou seja, quando dei a alternância dos compassos fiz questão que eles dominassem, pelo menos a parte rítmica, no compasso x posso usar esta figura e estas e compor livremente. Portanto, fiz um trabalho tipo, uma pauta foi em 4 por 4... “Agora, à vossa escolha, vocês vão compor uma melodia, têm que usar as notas”.

E: Tinham que respeitar o compasso...

P1: Exactamente, “não façam os compassos todos iguais, não são todas semibreves”. Portanto, “puxem um bocadinho pela vossa criatividade porque há tantas coisas para usar, há colcheias, há as pausas, as mínimas”... Dei as semicolcheias também. E depois fiz alternância, ou seja, pus dois compassos em 2 por 4, depois um em 3 por 4, depois mais dois em 4 por 4 e eles tinham que jogar com as figuras rítmicas que tinham e as respectivas pausas, o ponto de aumentação etc., juntamente com a notação musical, a

altura dos sons... Algumas ainda toquei a ver o resultado, claro, um bocadinho primário mas... pronto, eu associo isso um bocadinho também a composição da parte deles.

E: Portanto, tu admites que este valor aqui (aponta para a área de composição) talvez esteja um bocadinho exagerado...

P1: Talvez, sim, talvez.

E: O que eu pedia era, o que é que os teus alunos fizeram, não é? Portanto, talvez tenhas pensado mais no teu trabalho, nessa preocupação de inventar coisas novas para a aula.

P1: Claro. Se calhar está um pouco excedido esse valor.

E: Tudo bem. Inventar músicas novas. Por exemplo, aqui é uma das coisas que tu dizes que fizeste muito pouco, não é?

P1: Pois, lá está, eu quando falo em músicas novas eu talvez tenha associado a canções... da parte rítmica fizemos muita coisa.

E: Dificuldades com a composição?

P1: Não achei, não, não... Acho que as coisas resultaram bem...

E: Aquilo que fizeram funcionou bem.

P1: Aquilo que fiz, todas as coisas que fiz resultaram bem.

E: Para pões os alunos a trabalhar em grupo nesta área da composição... Imagina que tu pedes um trabalho deste tipo que fizeste com a alternância de compassos...

P1: Isso era um bocadinho mais individual, essa parte.

E: Hum, hum.

P1: Era mais individual. Na parte de grupo, nos instrumentos, em que o trabalho era feito por mim, de composição. Eu pu-los a tocar, usei na parte melódica as flautas, depois juntei um grupo de 5, 6 flautas a fazer uma melodia, às vezes com vozes, e a parte instrumental a criar os ritmos que eram feitos por mim.

E: Mas isso é mais do domínio da interpretação.

P1: Da interpretação, pois. Lá está, às vezes associo uma coisa à outra e acabo por não responder tão claramente como...

E: Não, mas por isso é que estamos aqui a conversar. E esta é a parte que me interessa mais. Há professores que falam da dificuldade de pôr as crianças a trabalhar em pequenos grupos, em composição. Mas tu não tiveste esse problema, fizeste um trabalho individual de aplicação dos valores das figuras rítmicas na construção de ritmos, numa perspectiva teórica, e depois fizeste coisas que tu próprio inventaste.

P1: Exacto, exacto.

E: Pronto, passemos à frente. Audição. As experiências de audição aparecem como?... Para exemplificar aprendizagens que eles estão a fazer?

P1: Completamente. Sim, sim. Usei muito o livro e depois também associei... cada, cada assunto que eu tratava, tentava sempre associar com outros exemplos musicais.

E: Hum, hum.

P1: E outros do mesmo exemplo. Por exemplo há uma parte do livro que eu dei, mais nos 5.^{os} anos, que foi do Louis Armstrong. Há uma parte e eu fiz questão de trazer vídeos e música, foi um bocado a história do *Jazz*, claro. Usei muito, música usei muito. Trouxe vários exemplos de monofonia, quando falei da monofonia. Foi um bocadinho difícil de arranjar monofonia, mas usei, por exemplo, coisas medievais, assim como usei também coisas mais modernas. E polifonia para eles poderem perceber e distinguir o que é que é a monofonia, que é uma só linha melódica com o mesmo ritmo, e a polifonia, que é o mais usual que a gente ouve hoje em dia, não é? Claro. Demos várias épocas diferentes.

E: E os ditados rítmicos?

P1: Foi uma coisa que funcionou muito bem foi a parte rítmica, também é uma parte que eu domino melhor.

E: Hum, hum. Aqui a audição também são ditados, principalmente rítmicos, não achas?

P1: Sim, fizeram muitos.

E: Aliás, vês, está aqui. (aponta para o item respectivo).

P1: Ditados rítmicos foi uma coisa que funcionou muito bem.

E: Ouvir música também, dizes tu. Há aqui várias coisas do domínio da audição, mas como sempre nada disto é estanque, os ditados estão muito ligados à teoria, às vezes é difícil separar uma coisa da outra.

P1: Pois, pois é.

E: Pô-los a ouvir uma música, na turma pior, tinhas dificuldade?

P1: Tinha, tinha. Pô-los a ouvir uma música, até não. Quando era na parte auditiva... o problema é que se eles não gostavam, eles... era, era um horror. E eu às vezes tinha um bocadinho receio do que é que eles gostavam ou não. Foi difícil perceber a turma, que não era homogénea. E então... mas quando eles realmente gostavam o comportamento era afectado, o problema é que até eu perceber... foi muito complicado. Ao passo que nesta turma (aponta para a turma Y) foi sempre fácil trabalhar na parte auditiva, sempre. Trabalharam muito mais do que eles.

E: De qualquer modo, a parte auditiva é a que os alunos realçam mais. Quanto à teoria. Na turma melhor tu dás a pontuação máxima...

P1: Na teoria, é. E tem uma razão porque eu acho que qualquer... aliás eu antes de falar de teoria às vezes passo logo para a prática depois é que vem a teoria. Portanto, para eles perceberem uma teoria o melhor é fazerem logo na prática e só depois, então, vem o conhecimento cognitivo. Mas a tudo o que dei associo uma teoria.

E: A interpretação e a teoria estão muitas vezes ligadas...

P1: Eu associei sempre tudo. Ao princípio fiz uma experiência ou duas, como era o primeiro ano, em que primeiro dei a teoria e depois dei a prática. E depois experimentei o contrário, dar primeiro a prática e depois associar então a teoria. Resultou muito melhor, sempre muito melhor. Eles não têm a noção do que é que estão a fazer, não têm noção e depois acabo por explicar e eles interagem muito melhor.

E: Portanto, esta área também é grande...

P1: É grande. Eu acho que é a maior porque eu associei talvez isso... Eu associei talvez isso porque qualquer, qualquer, qualquer assunto que eu falei com eles, tudo o que ensinei passou por uma teoria, ainda que seja coisas práticas, passei sempre por uma teoria. Mesmo as partes, por exemplo, rítmica, que é a coisa mais prática, onde eles tocaram muitos instrumentos, eu fui sempre à parte teórica que foi explicar as figuras rítmicas, o tempo e etc. Portanto, eu acho que essa parte é um bocado teórica, os tempos, as figuras...

E: Ou seja, o que eu tenho constatado é que a teoria vai crescendo conforme vão crescendo estas duas áreas, principalmente estas duas (apontando para as áreas de interpretação e audição).

P1: Pois.

E: Já falámos muito da teoria. Tu seguiste um livro?

P1: Segui o livro.

E: Fizeste testes?

P1: Fiz, fiz sempre... Fiz sempre dois ... Aliás eu entrei aqui em Novembro... entrei em Novembro, fiz um teste, fiz um teste. Depois no 2.º período fiz dois testes, exactamente, fiz um teste diagnóstico e depois fiz um teste de avaliação. Pois, no 2.º período fiz dois testes de avaliação. No 3.º período fiz apenas um teste, um teste bastante condensado. Não era muito fácil, também não era muito difícil. Mas em que

quis fazer um apanhado de toda a matéria. Não consegui fazer tudo porque era... dei muita matéria.

E: E tu fizeste os testes?

P1: Sou eu que faço.

E: Pois, há escolas onde é o grupo que faz...

P1: Têm o grupo que faz, sim. Mas fui eu que fiz, todos.

E: Portanto, de acordo também com o trabalho que realizaste com as turmas?

P1: Sempre, claro. Até porque fiz testes com uma turma que não podia fazer na outra, porque dei coisas numa que não dei na outra, portanto, logo aí tinham de ser distinguidos.

E: Hum, hum. Há aqui uma última dimensão que aparece também no currículo, esta ideia das experiências de aprendizagem. Tudo aquilo que se prepara através da escola e da disciplina de Educação Musical para os alunos. Pode ser, como nós tínhamos visto, envolvê-los na preparação de uma festa, realizar projectos de colaboração com outras disciplinas...

P1: Não fizemos. Fizemos várias festas aqui.

E: Realizar trabalhos de projecto com a intervenção da música, que pode ser a festa...

P1: A festa fizeram e houve, houve... eu por acaso até fiz dois ou três trabalhos, mas isso também no 5.º ano mais, em que fiz uns trabalhos de pesquisa. Fiz sobre *hip-hop*, de um lado, e fiz sobre Mozart, do outro lado. E houve quem me apresentasse trabalho com música. Trouxeram música de Mozart, trouxeram *hip-hop*, várias coisas de *hip-hop*. Eu achei isso fantástico. Trabalhos muito bons, com *powerpoints* projectados.

E: Estávamos a falar aqui destas festas...

P1: Hum, hum. Fizemos aqui duas... três festas aqui na escola. Foram sempre mais ou menos da mesma forma. Uma festa de Natal quando eu cheguei cá, em que escolhemos um grupo dos que, das pessoas que cantavam melhor e que tinham melhor comportamento e pusemo-los...

E: Só teus?

P1: Não também de outras turmas. Da colega também, na festa de Natal pusemo-los a cantar, eu com o piano, um colega nosso de Inglês com guitarra e algumas só com o instrumental de *playback*. No final do ano fizemos, agora, uma festa aqui no final do ano em que foi a mesma coisa, com músicas diferentes, o mesmo formato, piano, viola e trouxe um cantor amigo, que é o Dany Silva.

E: Sim.

P1: Trouxe cá para eles verem também um bocadinho. Cantou três, quatro músicas.

E: Isso também é muito giro...

P1: Alguns não conheciam, porque a geração é completamente diferente, não é? Mas, muitos deles pequeninos, gostaram... há um miúdo que é o Fábio que reconheceu logo as músicas dele...

E: Que giro.

P1: Apesar de ser já muito antigo, mas reconheceu as músicas, cantou, foi muita giro... teve num programa desses de talentos.

E: Ai é?

P1: É pá, é um miúdo fora de série. Fora de série, canta muitíssimo bem, extraordinário na música, portanto, dos melhores alunos que me passou pelas mãos (não pertence às turmas em estudo).

E: E vocês onde é que fizeram isso aqui na escola?

P1: Os ensaios fazíamos aqui na sala, depois fizemos alguns no auditório... Fizemos na cantina, a festa de final de ano, pronto.

E: Mas o Dany Silva fez o repertório dele, não tocou convosco...

P1: Não. Nós actuámos num palcozinho pequenino, a nossa parte, e depois demos a vez ao senhor Dany Silva para... complementar.

E: Portanto, tocaram ao vivo e com os alunos a cantarem...

P1: Sim, sempre.

E: ... e outras também com instrumental já gravado?

P1: Sim. Houve uma ou duas que pusemos o *playback*, o *karaoke*, e eles cantaram por cima. E houve outras que eu tirei a harmonia, toquei com o meu colega de Inglês e houve outras que era tudo, o *playback*, nós a tocarmos e eles a cantarem, pronto... descontração.

E: Hum, hum. Disseste que fizeste alguns trabalhos de pesquisa...

P1: Fizemos. Fantástico, o resultado disso foi fantástico. Alguns foram fraquíssimos, alguns que... Mas tive... tive muito bons trabalhos de pesquisa, muito bons. Na turma boa, na X. Por acaso tive um bom trabalho, alguns bons trabalhos na Y, curiosamente, de pesquisa, e dos piores alunos. Apresentaram-me trabalhos sobre Mozart muito bons... só que nenhum deles trouxe música. A X trouxe música, os 5.^{os} anos, quase... não digo metade, mas uma boa parte da turma, trouxe música a complementar o

trabalho. Eu dei oportunidade de fazerem um trabalho individual ou em grupo, a maior parte fez individual. Houve um ou outro que fez com o colega. Mas tive trabalhos muito bons, mesmo a apresentar. Os conteúdos do trabalho muito bem explorados, a escolha das músicas, projectar o *powerpoint*, foram trabalhos muito, muito engraçados, para um 5.º ano.

E: P1, eu acho que já percorremos aqui estes vários aspectos. Tu tens alguma coisa mais a dizer sobre a tua prática, ou sobre as dificuldades que tiveste, já me disseste que foi o primeiro ano...

P1: Olha, a dificuldade que tive, eu vou ser franco, a dificuldade que eu tive foi mais virada para a parte prática, ou seja, eu tenho um domínio bom de flauta e não consegui meter a ordem quando era flauta, especialmente nesta turma Y. Porque era uma... assim que tentávamos fazer qualquer coisa na flauta era uma barulheira... mas uma barulheira que eu não conseguia acalmá-los.

E: E tocar para eles repetirem?...

P1: O problema é que eles, eles são muito fraquinhos. No 6.º ano chegaram, não sabiam nada. No 6.º ano não sabiam nada, não sabiam o dó, o ré... Então a maneira mais prática era começar do princípio, as notas mais fáceis. Começava pelo sol e às vezes tocava no piano, fazia desenhos no quadro, coisas simples mesmo, aproveitava e dava um bocadinho da teoria, ou seja, agora vamos aplicar aqui as semínimas e as mínimas, sol, sol, sol, sol, sol, sol, lá, lá, e fazia a harmonia no piano. Só com isso. O problema é que a maior parte deles não conseguia tocar as notas e guinchava, outros era mesmo para provocar e, se calhar, até sabiam tocar, mas era mesmo para criar desestabilização e... apitavam... e era muito complicado fazer qualquer coisa com eles de flauta. Foi a única turma onde eu usei muito pouca flauta, porque nas outras usei... Foi uma parte em que eu tive muita dificuldade e tive pena porque é uma coisa que eu gosto muito.

E: Mas eles não aderiram...

P1: Não aderiam e... pá, e depois a aula corria muito mal porque eles não deixavam fazer nada.

E: Hum, hum, hum, hum.

P1: E depois onde se instalava aquela desordem já era muito difícil controlar o resto da aula. Portanto, então aí assim, ok, não dá, não dá. Tenho que fazer outras coisas que não a flauta. Tudo o resto... tudo o resto acho que não senti assim grande dificuldade...

Portanto, tirando essa do comportamento que às vezes não sabia como lidar... uma turma de 28, onde 20 são... É muito frustrante e extremamente exaustivo, exaustivo.

E: E quando corre mesmo bem?

P1: Olha, a parte... eu gostei muito da parte... quando usei a parte, a parte rítmica. A parte de improvisação também usei algumas coisas, deles... primeiro de mim para eles, depois deles para mim, deles para a turma... onde eu pus... “agora pegas no, por exemplo, nas claves ou no triângulo e vais criar um desenho, um padrão rítmico à tua escolha, vais improvisar e a turma toda vai ter que repetir aquilo que tu fizeste.”

E: Vês, fizeste mais coisas de composição do que tu te lembravas primeiro.

P1: Pois, mas eu acho isso, mais improvisação.

E: Mas a improvisação é uma dimensão da composição.

P1: Pronto, isso era muito giro, isso era muito giro. Porque... aí então mantinha a calma. Só que não podia fazer isto todos os dias, não é? Porque é assim, ficam todos à espera que chegue a vez deles e ficam todos a pensar o que é que vão fazer e ficam depois todos com atenção no que é que o colega fez. Portanto, e aí a coisa funciona muito bem. A parte rítmica funcionou muito, muito bem. Eles saíram daqui com uma noção muito boa.

E: Portanto, quando eles tocam concentrados e à espera da sua vez e a ouvir os outros... tu gostaste muito desse trabalho.

P1: Gostei muito. E gostei muito quando eles me punham dúvidas, ou seja, eu tinha aqui alunos que eram, que queriam mesmo aprender e houve aqui duas alunas, tiveram 5 as duas, claro que eram muito... curiosas, ou seja, eu dava qualquer coisa e elas não me deixavam avançar se não tivessem percebido aquilo e isso dava-me... ficava muito contente, mas mesmo muito contente. Fez-me ir buscar coisas... eu preparo as coisas da forma que eu sei e que acho que é mais acessível para eles e da forma mais clara e quando isso não chega eu tenho que ir buscar outras coisas. Eu tenho que sair daqui com ela a perceber isto, eu tenho que sair daqui com eles a perceberem isto. Basta haver um que não perceba, eu não saio daqui enquanto este não perceber, porque ele quer aprender mesmo. E eu acho que isso foi uma boa experiência para mim porque também aprendi, ou seja... tive que arranjar estratégias à última da hora para ela conseguir perceber, tive que arranjar exemplos de outras coisas.

E: Olha, muito rapidamente, aqui na interpretação. “Cantam”, só para conferir...

P1: Hum, hum.

E: “Cantam em grupo”?

P1: Cantavam sempre.

E: ... e depois havia o “Cantar individualmente”?

P1: Cantar individualmente. Ainda fiz umas vezes, ainda fiz algumas vezes, cantar individualmente. Não fiz muito mas fiz algumas vezes. Pegar num... só que as coisas às vezes não funcionavam muito bem.

E: Hum, hum. Depois aqui em “Tocam flauta de bisel” tu tens 3, 3.

P1: Hum, hum... Aqui era menos (aponta para a turma pior). Não devia ter metido... aí era um 2. Aqui, na turma X, era um 3, seguramente um 3, até mesmo um 4.

E: Esta conversa também é para reflectir sobre as respostas... Até porque tu fizeste este questionário... foste o primeiro professor, ainda apliquei no final do 2.º período.

P1: Exacto.

E: Portanto, entretanto ainda houve mais um período de trabalho...

P1: Claro, claro.

E: Digamos que tu sentes que o trabalho aqui na flauta de bisel, neste último período não cresceu muito, se calhar até diminuiu um pouco...

P1: Diminuiu um bocadito, sim. Na turma Y, em particular.

E: Está bem, está bem. Por exemplo aqui, na composição, os mais e os menos. “Compõem música”, assim genericamente, todos acham menos, os alunos também têm os valores mais baixos. E depois “Acompanham livremente uma música gravada, com a voz ou com instrumentos” é o que eles fazem mais, tanto tu como os alunos o dizem. Faz-te sentido isso?

P1: Sim, sim, sim, sim.

E: Audição. Fazes muita audição, isso vê-se, e provavelmente o que fazes menos é justamente este partilhar...

P1: Sim.

E: De maneira geral fazem muitas actividades de audição.

P1: Certo.

E: Teoria. Fazes muita teoria e “Fazem testes escritos”. Os alunos dizem que é o que fazem mais.

P1: Sim.

E: E depois dizem que pouco “Fazem exercícios de caligrafia musical”.

P1: Ah, mas faziam, faziam, faziam.

E: A turma melhor diz que fazia pouco...

P1: Faziam pouco, mas faziam. Caligrafia, eles é que não associavam bem o que era a caligrafia... Eles faziam muito, tirar... Eu tinha muito cuidado de fazer.

E: Para eles escreverem bem?

P1: Escreverem, sim, sim, sim. Atenção que na linha, segunda linha é na segunda linha, não pode ser abaixo porque senão é outra nota e em cima também já é outra nota. Tem que se ter cuidado.

E: Hum, hum.

P1: E até muitos castigos que eu dava, às vezes... Houve duas vezes que dois que se portaram mal, peguei em duas pautas, agora vão... fazia assim no princípio da pauta uma clave de sol, depois fazia, por exemplo, uma clave de fá, depois fazia, tipo, dois lás em colcheias, depois fazia soles em semicolcheias. Agora vão fazer isto até ao final é o castigo que vocês têm (ri).

E: Pronto. E então tu achas que eles aqui... esqueceram-se.

P1: Talvez, eles faziam bastante caligrafia.

E: Na turma melhor, dizem que pouco “Realizam actividades de leitura musical”.

P1: Mas liam também, liam. Leitura musical.

E: Mas liam. Nas experiências de aprendizagem, “Ajudam a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola” é o que tu dizes...

P1: Sim. Aqui, como não era uma coisa de turma, escolhia-se alguns alunos.

E: “Realizam trabalhos de projecto com a intervenção da música”. Se calhar não foi uma coisa que se tenha feito muito...

P1: Pois não. Pois não. Trabalhos de projecto, não... pois.

E: Mas um projecto pode ser, uma festa no fim do ano em que a música intervém e colabora. Portanto, estas coisas às vezes também são difíceis de definir.

P1: Claro.

E: Depois, “Realizam trabalhos de pesquisa sobre música”, fizeste alguma coisa aqui?

P1: Fiz, na turma X e na Y também.

E: Eles dizem que o que fizeram mais foi “Assistem a espectáculos musicais fora da escola”, aqui a turma melhor.

P1: Não. Espectáculos musicais, não. Isso por exemplo, não, não, não... pelo menos da minha parte...

E: Não achas que isto tenha acontecido?...

P1: Não, não... Aliás, nem uma vez.

E: Falaste da tua parte. Agora temos que ter em atenção um outro aspecto, eles responderam, tal como eu lhes pedi, acerca do 5.º e do 6.º ano... enquanto tu...

P1: Ah, pois.

E: Não sei se te lembras que eu frisei muito que o questionário era sobre o que tinham aprendido nestes dois anos, no 5.º e no 6.º,... Tu entraste logo no 1.º período?

P1: Foi no final do 1.º período.

E: Então, quando eu aqui vim tu tinhas tido um período de trabalho com eles, é natural que eles tenham ido buscar...

P1: Coisas do 5.º ano. Pois. Pois claro, é a única explicação... Uma coisa que eu vou perguntar, assistir a espectáculos musicais fora da escola. Muitos deles, se calhar, vão com os pais, vão a um concerto e podem ter associado... não?

E: Mas a ideia era qualquer coisa que fosse preparada pela escola...

P1: Mas na altura de responder, alguns não terão associado a... isto não tem nada a ver com a escola, vou com os meus pais ver um concerto, ou vou com os meus amigos ver um concerto.

E: Sim, talvez. É uma hipótese que eles tenham pensado na sua própria experiência familiar e não na escola.

P1: Exacto, fora do contexto escolar.

E: Eu não te quero maçar mais. O que te fez um bocadinho mais confusão foi esta questão... mas eu admito que eles no ano passado tenham saído...

P1: Ou então isso também pode ter um peso, eles podem ter ido buscar lá as coisas do 5.º ano, do ano passado e ter pesado na forma como responderam...

E: Sim. Foi isso que eu lhes pedi...

P1: Então não falharam, se calhar (ri).

3.2 Professor 2 (P2)

Data: 30 de Junho de 2010

Hora: 9h

Local: Escola do entrevistado

Género: Masculino

Idade: 33 anos

Habilitação académica: Licenciatura em Ensino da Música

Formação profissional: Licenciatura em Ensino da Música

Tempo de serviço: 10 anos

Situação profissional: Professor vinculado

Outras experiências profissionais: Ensino Artístico – Formação musical e instrumento

E: Bom dia P2. Cá estamos, depois do trabalho que eu já dei, a dar um bocadinho mais. Uma das coisas que eu gostava de saber, porque na altura eu não pude escolher muitas coisas que têm a ver com a amostra, qual a razão da escolha da turma X e da Y. Digamos, que caracterização faria de uma e da outra?

P2: Na altura tínhamos falado apenas de turmas do 6.º ano. Eu só tenho três turmas de 6.º ano, tenho a X, a Y e a A. A X e a A são turmas com algumas semelhanças, têm alunos de facto muito bons e têm três ou quatro alunos mais fraquinhos. O caso da A como era uma turma só de vinte alunos, até na altura já estava só com dezoito alunos, ficou logo posta de parte, portanto, teoricamente sobravam estas duas turmas. A Y, em termos de caracterização, é uma turma que em termos de resultados escolares até tem bons resultados, mas o problema ali passa muito pelo comportamento deles. São alunos que desafiam constantemente a autoridade do professor e isso em termos de resultados, depois acaba por convergir para resultados maus comparativamente com outras turmas. Porque inicialmente, em termos de diagnóstico, a Y era francamente melhor que qualquer uma das outras turmas e neste momento, se formos a avaliar os resultados escolares das três turmas que eu tinha do 6.º ano, de certo modo a Y acaba por ser a turma com resultados mais fracos em relação àquilo que eu esperava.

E: E o que influencia esses resultados são questões de comportamento...

P2: Sem dúvida.

E: E em todas as disciplinas, não são específicas de Educação Musical?

P2: Não, não, não.

E: Embora eu não tenha ido à aula, fui apenas aplicar um questionário, senti que havia disciplina e organização e uma certa prática de começar rapidamente a trabalhar...

P2: Sim.

E: O ambiente era descontraído. A sala estava disposta de maneira a que facilmente se tinha acesso aos instrumentos, que é uma questão também de hábito, não é?

P2: É. Eu tenho algumas... É assim, às vezes o espaço físico também não ajuda... o espaço físico, é assim, eu, se calhar, queixo-me comparativamente com outras pessoas em relação ao que não tenho, porque nós, neste momento, nós temos instrumentos suficientes para uma turma trabalhar, o problema é que muitas vezes temos duas turmas em simultâneo, porque são duas salas. Nós entramos naquele *hall* de entrada e depois temos duas salas, uma para cada lado. Os instrumentos geralmente estão mais guardados dentro duma sala do que noutra, também pelo espaço físico, pelos armários que lá estão. Regra geral, quando eu preciso tento combinar com os meus colegas para saber se eles precisam ou não e depois levo tudo para a sala onde eu trabalho, que geralmente... geralmente não, no meu caso é sempre aquela sala, há colegas meus que rodam entre as duas. Eu, por exemplo, na escola onde trabalhava anteriormente, cheguei até a ter mesmo a arrecadação fora da sala e acho que as coisas funcionavam melhor, porque os miúdos... enquanto eu estava a tirar os instrumentos eles próprios iam buscar.

E: Ou seja, eles também colaboravam...

P2: Colaboram muito. Eles aqui também colaboram...

E: Alguns professores queixam-se da agitação que isso gera, não é? Quando os alunos têm que ir buscar, e nós próprios, e os outros ficam à espera...

P2: Mas, lá está, essa situação a mim agradava-me e não sei se é, às vezes se é pelos próprios alunos. Que era, enquanto eu estava a fazer isso os alunos estavam a tocar flauta e quando eu digo a tocar, regra geral, muitas vezes a brincar, mas nem era, nem era aquela coisa de estar a apitar aos ouvidos. Não, estavam mesmo a trabalhar, estavam a trabalhar alguma coisa. E isso reflectiu-se depois muito na parte instrumental.

E: Era uma oportunidade para fazer trabalho de naipes, enquanto uns iam buscar os seus instrumentos, os outros iam fazendo um trabalho com a flauta?

P2: Precisamente, precisamente. Eu gosto disso, gosto disso. Porque... provavelmente os inquéritos mostram um bocado disso, eu gosto muito da parte instrumental.

E: Esta conversa é mais importante para mim que quaisquer dados que nós tenhamos aqui...

P2: Claro. Não, mas eu acho que isso reflecte, porque o tipo de perguntas que estavam feitas reflecte depois um pouco o trabalho que é feito e ficamos com uma ideia do que é que se faz...

E: Sim, a ideia é essa.

P2: E eu, no meu caso, privilegio essencialmente a parte instrumental. E tento depois partir a parte instrumental, para não ser sempre, sempre tocar, senão também eles ficavam fartos, tento partir isso depois com situações de audição, com outro tipo de actividades, mas privilegio essencialmente o tocar. Em que flauta é uma regra. Todas as aulas eles tocam flauta. Porque é o instrumento a que eles têm acesso, é o instrumento que eles levam para casa, é o instrumento que está dentro da mala. E isso depois acaba por, por criar um gosto na flauta. Porque eu tenho... ainda há pouco tempo estive numa formação com colegas nossos e, de facto, fico um bocado... um bocado, nem sei se é triste se é escandalizado, quando eles dizem, “eh pá, a flauta...”, quando é a flauta que eles trabalham todos os dias. Eu pessoalmente gosto de flauta e gosto, gosto que os miúdos gostem de flauta.

E: Embora aqui já me tenha falado de alguns aspectos muito importantes que têm a ver com a interpretação e com a maneira como isto tudo se articula, mas já lá vamos a coisas um bocadinho mais específicas...

P2: Hum, hum.

E: Pronto, este trabalho tem, digamos, um chapéu que é o currículo, como está organizado, a noção de competência, esta ideia de que devemos ter presentes na nossa acção, as várias áreas de competências do currículo, aliás não é novo, esta audição, composição, interpretação. Depois, aspectos da teoria musical e a questão das experiências de aprendizagem que é uma área que aparece no currículo com uma importância grande e que é tudo aquilo que podemos propiciar aos alunos a partir da escola e que pode ser preparado a partir da aula, a partir do trabalho do professor, mas que tem um bocadinho mais de relação com a escola. Todas estas áreas do currículo, e especialmente o conceito de competência, criaram algum problema na sua leccionação?

P2: Não.

E: Esta mudança, digamos assim, de óptica. Menos centrada em objectivos...

P2: Eu, eu... Eu acho que é assim, eu, se calhar, estou a dizer uma grande asneira. Mas, eu nunca senti grande diferença entre o que eram objectivos e competências. E, se calhar, isso é um grande... pode ser um problema meu. Mas o que é um facto é que nós quando trabalhávamos com objectivos, nós dizíamos assim, eu quero que o aluno faça isto. E aquilo que eu agora entendo como competência acaba quase por ser a mesma coisa, eu quero que o aluno faça isto mas a nível geral, no final do ano eu quero que ele faça isto. Mas eu penso que depois na realidade, em termos de funcionamento, acaba por ser exactamente igual, é apenas, é apenas uma questão de interpretação de português e tudo, porque é assim, eu não sinto que a questão de competência ou a situação de objectivo tenha alterado em qualquer coisa o meu funcionamento dentro da sala de aula e mesmo aquilo que eu pretendo que os alunos aprendam.

E: Competência tem a ver com o aluno, é qualquer coisa que queremos ver desenvolver no aluno e às vezes o objectivo ficava muito do lado do professor ...

P2: É. E depois é a tal história, porque é assim, nós não estamos propriamente a trabalhar caixinhas estáticas.

E: Hum, hum.

P2: E ao não trabalharmos caixas estáticas, quer dizer, o objectivo é que no final do ano se consigam fazer uma série de coisas... e aqui, se calhar, já não será um objectivo é uma competência, podemos chamar-lhe competência.

E: Pois, a ideia também é mudar a terminologia para pôr mais o foco, se calhar, naquilo que o aluno...

P2: Exactamente. Mas eu penso que a nossa disciplina já privilegiava isso, porque, lá está, não são factores estáticos, não são caixinhas arrumadas... porque depois está tudo interligado, quando queiramos que alguém toque uma melodia encaixamos ali praticamente um currículo todo, em termos de música.

E: Bom, estas divisões são sempre um pouco artificiais.

P2: Exactamente.

E: Muito bem. Quanto à gestão curricular por parte da escola... Por exemplo, a Educação Musical tem um bloco e meio por semana, não é?

P2: No 6.º ano, sim. No caso do 5.º tem apenas 90 minutos, um bloco.

E: Portanto, vocês utilizaram aquele tempo de gestão da escola, que é uma mudança deste currículo nacional, e atribuíram-no à Educação Musical no 6.º ano?

P2: Eu por acaso não sei exactamente qual foi o... como é que isso foi feito, porque quando cá cheguei, cheguei este ano, não é? Este é o meu primeiro ano cá...

E: Portanto, estas turmas não eram suas.

P2: Não, não, não. Nenhuma delas. E depois é curioso que até mesmo, não desfazendo no trabalho que foi feito, porque acho que foi feito um bom trabalho em relação às turmas do 6.º ano, mas eles acabam... esse tempo a mais acaba por incutir-lhes um maior gosto. E aqui também estou a falar por... por uma situação de conhecimento próprio porque de onde venho tinha 90 mais 45, quer no 6.º ano quer no 5.º, e o trabalho final era completamente diferente, e aqui falo principalmente no 5.º ano, esses 45 minutos fazem com que haja uma maior quantidade de aprendizagens, que haja uma maior dinâmica e depois isso também faz com que eles gostem mais, muito mais.

E: Hum, hum. Porque têm uma relação mais regular?

P2: É. É isso mesmo.

E: Ora bem. Eu vou só explicar o que isto é. Aqui está o gráfico das suas respostas, não é? Portanto, aqui a turma pior. Esta é a X, a melhor. Professor, alunos. O questionário tinha estas afirmações assim salteadas...

P2: Hum, hum.

E: Portanto, interpretação, mas depois aqui já é composição... de propósito para não viciar as respostas, estarem agrupadas...

P2: Sim, sim, sim, sim.

E: Pronto. E tinha uma escala de 1 a 4. Se tivesse respondido tudo 1 estávamos aqui no 7. Se tivesse respondido tudo 2, 14. Depois se tivesse respondido tudo 3 seria aqui, 21. Porquê? Porque são 7 questões de cada área. Portanto, 7 vezes 1, 7, todas 1. 7 vezes 2, 14...

P2: 14, 21, 28.

E: O que realça aqui é a diferença que há entre a percepção dos alunos e a percepção do professor. E depois também há outro factor especial aqui nesta escola, nas suas turmas, que é o facto de nós só termos conseguido fazer os questionários a cerca de 12 alunos em cada turma, não é? Apenas metade dos alunos preencheram, por falta de autorização dos encarregados de educação dos restantes. Portanto, esta diferença, neste caso, pode ter a ver com isso. Pronto, vamos aqui... às questões do professor. Portanto, um grande enfoque na interpretação... flauta e instrumentos de percussão Orff.

P2: Hum, hum.

E: A sua formação é uma formação genérica ou há um peso maior nalguma metodologia?

P2: Não, é genérica. É genérica.

E: Embora aqui esta coisa... Orff e tal...

P2: Não, às vezes também tem a ver um bocado com a nossa forma de estar e com a nossa forma de... e aquilo que achamos melhor para os miúdos e tudo. Eu sempre privilegiei a parte instrumental. Porque... porque acho que ser músico é tocar, não é estar a decorar teoria... acho que é mesmo tocar, acho que é o melhor que se pode fazer nestas aulas. E só não faço mais às vezes também por uma questão de... em termos de programa, de certo modo, porque há determinadas coisas que têm que ser abordadas.

E: E essa é uma preocupação que existe.

P2: Sim e às vezes também damos as voltas...

E: Vocês, por exemplo, têm uma organização por grupo, toda a gente faz o mesmo teste...

P2: Não. Não, não.

E: Trabalham com uma programação individual, fazem as vossas...

P2: Portanto, há... nós, por acaso, nós temos reuniões semanais. Em termos de organização acaba por ser bom porque... porque permite-nos também estar a par do que é feito. Mas existe grande liberdade para cada um depois poder fazer aquilo que bem entende. Por exemplo, temos um colega nosso que tem um método bastante diferente do nosso, mais normal digamos assim, que ele privilegia por exemplo composição, muito, muito composição. Ele trabalha... enquanto eu dou um grande foco na parte de interpretação ele dá na parte de composição.

E: Em relação ainda à interpretação. Quais os problemas maiores que se põem à interpretação... Às vezes há entraves na aula?

P2: Da parte dos alunos?

E: Da parte dos alunos, da parte das circunstâncias, do... material, o material tem que ser revisto?...

P2: Não. Eu acho que temos... eu tento adaptar-me àquilo que tenho, quer dizer, acho que não vale a pena estar-me a queixar do que não tenho. Tento aproveitar aquilo que tenho e fazer o melhor possível. Se tiver menos instrumental Orff, faço mais flauta ou faço mais outro tipo de percussão...

E: Portanto, não é por ter pouco material para usar...

P2: Obviamente que se tiver outro tipo de material farei outro tipo de trabalho, não é?

E: Em relação aos alunos, o que é que pode criar entraves à interpretação?

P2: Não. Eu acho que é exactamente ao contrário, o maior entrave que eu lhes posso dar é não os deixar fazer isso.

E: Em relação à composição. Porque é que esta é a área com menos peso aqui no conjunto das actividades? É uma questão de hábito? É uma questão de estilo?

P2: Hum, hum. Eu acho que é tudo junto. Eu, é tudo junto. Porque é que não faço composição e confesso que aí será talvez aquilo que me podem apontar como negativo.

E: (faz um gesto de negação).

P2: Não, quando estou a dizer isto... não é isto que nós estamos à procura, mas eu... A composição... a composição... eu tenho alguns problemas de composição. Primeiro, composição vai-me sempre provocar distúrbio em termos de espaço de sala de aula. Porque, regra geral, é um trabalho feito em grupo, pode ou não ser, mas que logo em si vai destabilizar um pouco mais. São situações que vão demorar muito tempo, comparativamente, por exemplo, com a preparação de alguma coisa para tocar, uma peça. E como eu faço muito isso, eu praticamente numa aula de 90 minutos consigo pôr uma melodia em flauta, e às vezes até com alguma dificuldade, tocada. Enquanto uma composição vai... depois também é por uma questão de gestão de tempo, a composição vai-me preencher muito tempo com resultados em termos auditivos, portanto, eu sei que, lá está, sei que é difícil compor e não podemos esperar os mesmos resultados de alguma coisa que já foi feita. Mas os resultados que vão surgir dali, perante os olhos dos miúdos, eu considero sempre que é um resultado fraco comparativamente com uma interpretação e por isso depois acabo sempre por fugir um bocadinho à composição.

E: A satisfação que se retira da interpretação é muito mais imediata e a composição demora muito mais tempo...

P2: E depois para ter bons resultados de composição é um trabalho que requer ser feito muitas vezes e com muita regularidade. E isso depois acaba-me por tirar depois, na outra parte que eu considero que é o meu forte e aquilo que eu acho... Porque eu olho para os miúdos a tocar e vejo que gostam de fazer o que estão a fazer. A tocar, a ouvir uma música... ou ensino-lhes uma música e vejo que eles gostam e tenho a certeza que se não apostasse tanto nisso, apostasse mais, por exemplo, numa divisão entre isso e a composição eu sairia a perder, quer eu como professor, quer os alunos em termos de

gosto e de prazer do que fazem, por isso acabo sempre por não privilegiar tanto a composição.

E: Hum, hum. Bom, em relação à audição. A audição aparece como uma área autónoma: ouvir uma música, analisá-la elementarmente, instrumentos, a forma... ou decorre destas outras áreas...

P2: Eu, regra geral, eu utilizo muito a audição para fazer abordagem mais àqueles temas teóricos.

E: Hum, hum.

P2: Utilizo muito a audição, de facto, para o encaixe das situações teóricas. Porque falar, muitas vezes, explicar-lhes, sei lá, explicar-lhes o que é uma forma não é fácil. No caso, se ouvirem uma música e explicar-lhes “olhem, aqui vocês aqui têm isto, depois têm esta parte aqui que é completamente diferente...”, é mais fácil de explicar. E utilizo muito a audição para isso. E depois na parte de instrumentos, como falamos muito de instrumentos, no caso do 5.º ano, na parte dos instrumentos da orquestra, na parte do instrumental Orff. No 6.º ano, o caso dos instrumentos tradicionais. Acabo sempre por mostrar muita música, muitos exemplos. E agora com o facto de ter projector de vídeo na sala, coloco muitos vídeos também que mostram esses instrumentos e acaba por ser mais fácil ensinar-lhes essas coisas também.

E: Digamos que a audição está ligada à teoria?

P2: Hum, hum.

E: A teoria tem aqui também um peso importante, ou seja, os conteúdos que lá estão no programa são dados, é?

P2: São.

E: É isso que significa este peso aqui na teoria?

P2: Sim. Eu tento, eu tento aligeirar o máximo possível para os alunos.

E: Face ao que nós temos estado a falar e quando eu vejo, apesar de tudo, esta área grande de teoria, eu não consigo evitar de pensar que estas três áreas, a interpretação, a audição e a teoria estarão bastante interligadas. Faz sentido o que eu estou a dizer?

P2: Faz. É mesmo isso. É isso. As músicas, por exemplo, que eu ensino têm sempre algo de novo e algo propositado, ou seja... e por acaso nesse aspecto acho que, gabando o meu trabalho, nesse aspecto acho que as coisas são muito bem encadeadas. É. Aqueles segmentos, aquela, a espiral que existe para ensinar determinada coisa eu, regra geral, eu tenho sempre, lá está, muito, muito na parte da interpretação, tenho as coisas sempre

interligadas. Não há uma música que caia ali de pára-quedas, onde não exista algo de novo que eu quero, que eu quero explicar e, claro, isso depois vai-se reflectir na parte teórica. Porque em termos de teoria passada no caderno dos alunos não é muito. Não é... são apenas, às vezes, aqueles conceitos que eu sei que são complicados de se perceber e peço para eles escreverem que é para mais tarde revoltar. Mas não há... a teoria escrita mesmo, não passo aulas a dar textos. Não. Passamos as aulas a tocar e depois falo num...

E: E às vezes registam?

P2: Quando é necessário... Quando eu sei que não vão memorizar... E depois eu como faço um teste por período, faço questão que eles acertem isso.

E: Hum, hum. Há outra questão que foi o facto de ter preenchido um único questionário e de me ter dito que fazia a mesma coisa numa turma e noutra. Embora as duas turmas sejam diferentes, faz o mesmo tipo de trabalho com uns e com outros. Mesmo quanto ao repertório... é muito parecido nas duas turmas?

P2: São, são, são... É praticamente idêntico. Eu não, eu... Uma coisa é aligeirar, é adaptar às pequenas situações, agora a base em termos de trabalho é exactamente igual. Só habitualmente no final dos períodos é que poderei fazer alguma diversificação quando vejo que a coisa está a correr bem demais ou não está a correr, para... sei lá... para, às vezes para colmatar alguma situação, geralmente na parte tocar. Aí poderei fazer alguma diversificação, mas a base é igualzinha com as pequenas adaptações dentro do espaço da sala de aula. Porque aí depois estaria mesmo, automaticamente, a fazer uma diferenciação que não sei depois às vezes onde é que vai parar.

E: Hum, hum. Experiências de aprendizagem. É uma área que engloba muitas actividades, desde o sair da escola para ir ver um espectáculo, ou virem coisas à escola, a fazer trabalhos de investigação sobre um tema, trabalhos que abranjam mais que uma disciplina... São experiências que vêm consolidar as aprendizagens. Este triângulo diz respeito a quê?

P2: No caso, por exemplo, com as turmas que tinha Área de Projecto...

E: Peço desculpa, os professores de música estão em Área de Projecto?

P2: Não, não, não. Eu, por exemplo, no caso de uma das turmas que tinha Área de Projecto fizeram um trabalho ligado à música, na altura, naquela situação de articulação. No 2.º período estava a falar de instrumentos de orquestra a música e, uma vez que tinha a faca e o queijo na mão, fizeram um trabalho... de pesquisa sobre orquestras. No caso

de saídas fora para ver concertos, fazem. Habitualmente, depende depois do que é feito, se for mais à base de música tradicional levo o 6.º ano, se for mais à base de música ligada à orquestra, levo o 5.º, também por uma questão de programa. Faço questão que todas as turmas façam apresentações musicais, nem que seja para perceberem o que é feito numa apresentação.

E: Todos?

P2: Todos. Os 6.ºs fizeram no Natal, depois voltaram a repetir no fim do ano, os 5.ºs anos também...

E: E qual é o formato? Flauta, instrumentos...

P2: O que fizeram na aula, o que fizeram na aula. Portanto, não há uma preparação... uma preparação especial. Há assim, “olha, vamos pegar em duas ou três músicas que nós gostamos e que tocamos e vamos lá fora apresentar”. Obviamente depois passamos duas aulas ali a dar um bocadinho mais duro nessas músicas, mas... essencialmente é isso...

E: E eles estudam, finalmente...

P2: Ah, não, não, não. Não noto. Não porque... eu uma coisa que eu faço, por exemplo, também, principalmente na parte de flauta, é ouvi-los. “Olha, hoje vou-te ouvir.” E isto para mim é um teste, é como se fosse um teste. E eles têm alguma responsabilidade depois disso, porque percebem “eh pá, isto hoje não correu bem para a próxima vez tem de correr melhor”. E isso depois acaba por inculcar alguma responsabilidade nisso.

E: Pronto. Vamos só olhar rapidamente para os mais e para os menos. Aqui na interpretação, as coisas que aparecem como feitas mais vezes são “Tocam instrumentos da sala de aula”, “Cantam e tocam música de diferentes tipos”. “Cantam individualmente” é o que aparece menos. Tanto para o professor como para os alunos. Eles não gostam tanto de cantar individualmente?

P2: Não. Ainda não percebi se é um problema meu, se é mesmo uma questão... mas é engraçado há uma ou outra música que eles conhecem que anda por aí, uma pessoa está a tocar e eles colocam-se a cantar, alguns cantam outros nem tanto. E às vezes, não é bem assim que acontece mas é quase, “ok, vamos cantar” e até aqueles que estavam a cantar desaparecem. Às vezes acontece isso mesmo, que é, o simples facto de poderem fazer as coisas informalmente eles fazem sem problemas nenhuns, a partir do momento em que nós dizemos “isto agora é para fazer”, eles retraem-se. Eu sinto isso nalguns. Há

uma ou outra música... que eu não faço questão... também às vezes, talvez já por ter esta experiência também, já não, já não carrego tanto...

E: São tímidos a cantar?

P2: É, é, é. Há muita timidez. Também concordo com isso.

E: Está bem. “Tocam flauta de bisel” aparece muitas vezes nos trabalhos da aula, confere com aquilo que nós dissemos.

P2: Hum, hum.

E: Depois aqui na composição, “Compõem música”, de maneira geral, todos responderam muito pouco. E “Acompanham livremente uma música gravada, com a voz ou com instrumentos” é uma coisa que eles fazem mais vezes. É?

P2: Sim, os *karaokes*.

E: Audição. Ouvir música, ouvir música de vários tipos e esta audição e análise elementar da música. É o que os alunos também dizem, principalmente “Ouvem música” e “Ouvem música de vários tipos”. Aqui, “Trazem música para partilhar com a turma”, eles dizem que fazem menos.

P2: Sim. Mas corresponde completamente à realidade.

E: Pronto, depois a teoria. “Realizam actividades de leitura musical”, é uma coisa que serve a interpretação que vem a seguir?

P2: Regra geral... nunca faço músicas de cor. Mesmo aquela questão quando eles dizem “ah, já sei de cor”. “Ótimo, quer dizer que já tocaste isso muitas vezes, mas não faço questão que feches o livro ou que escondas a música. Se chegar aqui alguém e olhar para ti a tocar de cor, diz que tu decoraste, se tiveres um papel à frente e conseguires interpretar o papel, para além de saber tocar, estás a saber interpretar todos esses sinais que aí estão, o que é uma mais-valia que depois te serve para outras músicas sem ter que decorar.”

E: E o registar, o registar? “Copiam músicas para o caderno diário”... é uma coisa que fazem em função daquilo que vão tocar?

P2: Tento diversificar, ou seja, se acho que tenho tempo ou há ali coisas que em termos de escrita que eu quero que eles aprendam, peço para eles passarem. E muitas vezes também por uma questão de poupança de fotocópias, etc., porque se eu andar a tirar fotocópias cada vez que vou ensinar uma música, mais cedo ou mais tarde tenho alguém provavelmente a chamar-me à atenção.

E: Segue um manual?

P2: Eu adoptei o manual, no caso do 5.º ano, o manual acho que é um manual agradável, com músicas engraçadas que muitas vezes acompanham melodias principais e depois tento alternar com isso... O 5.º ano acho que é um livro agradável para os miúdos, com boas actividades. Depois o 6.º ano. O 6.º ano tem algumas actividades que são boas e depois acho que tem algumas que são muito complicadas... E vou-me adaptando, ou seja, eu tenho o manual mas não sigo propriamente, vou tirando... O do 5.º ano sigo um bocadinho mais, o 6.º já não tanto. Era muito confortável seguir o manual e o do 5.º dava perfeitamente para o fazer, mas não... acho que depois acaba por ser, até para mim acaba por ser pouco motivante.

E: Esta escrita surge, como disse no princípio, em função ou de alguma aprendizagem que precisa de ser consolidada e depois pode ser testada?

P2: É mesmo prática de escrita.

E: Pronto. Os alunos têm posições um bocadinho diferentes, mas de qualquer maneira onde o professor diz mais eles também dizem mais. “Fazem exercícios de caligrafia musical”, dizem que fazem menos...

P2: Hum, hum.

E: E depois temos as experiências de aprendizagem. Aqui, “Ajudam a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola”, eles envolvem-se na própria preparação?

P2: Hum, hum.

E: Actuações musicais, já vimos, nas festas e comemorações. Eles falam mais que “Realizam trabalhos e projectos com a intervenção da música” e “Assistem a espectáculos musicais fora da escola”, que também fizeram... Pequenos desencontros de opinião, mas....

P2: Pequenas *nuances*, sim.

E: Só mais uma coisa. O que é que corre realmente bem na aula? Aquilo que lhe dá mesmo satisfação...

P2: Satisfação. É encontrar o... é o gosto deles na aula.

E: O gosto deles na aula...

P2: Acho que sim. Eu acho que isso é importante. E são poucos aqueles que me dizem “não gosto”. E isso para mim é importante porque dá-me alguma satisfação em termos de trabalho, saber que estou a trabalhar com alguém que quer estar ali comigo. Que gosta.

E: E o que é que corre mesmo mal?

P2: Eu acho que o grande, o grande problema da educação em geral é mesmo a postura dos alunos, é o comportamento deles. Não tenho... não considero que tenha graves problemas de comportamento dentro da minha aula, porque também não permito que isso aconteça. Se calhar porque me posso dar a esse luxo, se calhar, se estivesse numa escola mais complicada, que remédio tinha eu que... que conter essa situação de outras formas. Eu acho que o grande problema passa sempre pela postura, pelo saber estar. Às vezes não é que eles não queiram estar ali, porque sinto que sim. Mas às vezes é... nós pedirmos uma coisa e eles não ouvirem e muitas vezes nem é por mal é mesmo, não ouvem. Também passa muito pela própria educação que eles têm habitualmente em que as pessoas quando lhes dizem uma coisa uma vez, isso não chega, tem que ser três ou quatro e isso depois reflecte-se também no espaço de trabalho. Porque dizerem “não faças isso, se faz favor”, não chega, só quando se levanta a voz ou quando se diz três ou quatro é que eles “ah, ok já percebi”.

E: Hum, hum. E a relação que se cria com os alunos é importante?

P2: É, é. Eu acho... Eu considero-me relativamente exigente, ao ponto, por exemplo, de ter encontrado, não há muito tempo, um colega meu que trabalhou comigo nos últimos três anos, que não era de música, que fazia parte dos meus conselhos de turma, e ele perguntou como é que as coisas estavam a correr, como é que eu me estava a dar com os miúdos, “sim está a correr bem”. E ele disse, “eles gostam das pessoas que lhes exigem e que são duras com eles”. E nesse aspecto eu encaixo-me um bocado nesse perfil que é... com exigência com rigor, com alguma justiça, porque também é importante, e que depois as coisas ao longo do tempo... inicialmente eles olham para nós como uns tipos que estão ali a ser muito chatos porque estão a mandá-los e não os estão a deixar fazer aquilo que eles querem, mas, eles percebendo o sistema como as coisas funcionam e percebendo para onde é que podem ir e como podem fazer as coisas eu acho... e que é fácil, é fácil de perceber desde que seja bem explicado, as coisas correm relativamente bem. Eu não me posso queixar, nesse aspecto.

E: P2, vamos parar. Obrigadíssima.

P2: De nada.

3.3 Professor 3 (P3)

Data: 21 de Junho de 2010

Hora: 15h

Local: Escola do entrevistado

Género: Feminino

Idade: 34 anos

Habilitação académica: Licenciatura – Professores de Educação Musical do Ensino Básico

Formação profissional: Curso complementar de Clarinete (Conservatório); Licenciatura em Ensino da Música

Tempo de serviço: 15 anos

Situação profissional: Professor vinculado

Outras experiências profissionais: Formadora de Expressão Musical para Auxiliares de Educação em Jardim de Infância; Ensaíadora e executante de grupos de música tradicional portuguesa

E: Olha, nós já fizemos este trabalho uma vez, vamos fazer segunda vez, porque tivemos um grande azar, uma coisa inesperada, desapareceu-nos a gravação.

P3: Melhoria de nota (risos).

E: Como enquadramento para este trabalho, falei-te da existência de vários planos de decisão curricular: a política curricular central, depois a gestão a nível de escola e depois as decisões mais finas que se fazem na sala de aula, e o meu trabalho é sobre essas opções. Acerca destas áreas de competência que estão presentes no currículo nacional que existe neste momento, tu tiveste algum problema com essa linguagem?

P3: Linguagem em que aspecto?

E: Essa linguagem nova que aparece em termos de currículo, o próprio conceito de competência, tiveste problema com a sua aplicação?

P3: Não. Há alguns pontos que eu não concordei muito bem com eles, mas pronto.

E: Há algumas divergências?... são pontuais ou são de fundo?

P3: Tornam-se um bocado mais pontuais... Não é assim nada de extraordinário.

E: Mas tem a ver com a actual organização...

P3: Organização?

E: Sim, a organização por competências, por áreas de competência, em concreto na música. Há os conteúdos que estão ligados aos grandes conceitos em relação aos quais, antes, se definiam objectivo em vez das actuais competências...

P3: Eu continuo a trabalhar dessa maneira.

E: Continuas a trabalhar dessa maneira. Portanto, com base nos objectivos estabelecidos para a leccionação dos conteúdos...

P3: Nos conteúdos e depois na prática.

E: E na prática.

P3: Sempre, sempre.

E: O que estamos aqui a fazer é justamente tentar isolar essas áreas e pensar sobre elas. Quando estás a trabalhar não pensas muito nestas separações, é isso que estás a dizer?

P3: Para mim está tudo interligado, porque eu para tocar uma peça tenho que utilizar as propriedades do som, tenho que saber teoria, tenho que saber prática, tenho que saber interligar tudo, senão não consigo tocar uma peça, não consigo executar coisíssima nenhuma, não é?

E: Portanto, tu trabalhas um bocadinho na tua própria lógica, mais do que estares preocupada com o que...

P3: O programa tem que ser cumprido, obviamente. Isto... é... ponto de honra, cumprir o programa. Consigo sempre cumprir o programa. Só que depois posso é fazer algumas... não sei como é que eu vou dizer... adaptações, também depende um bocado das turmas, dos miúdos, daquilo que eles dão, que não dão, do ambiente escolar.

E: Ah, tu falaste-me nas diferenças, nas razões da tua escolha, da turma melhor e da turma pior e disseste-me que era uma questão de...

P3: Contexto familiar, económico.

E: E são alunos globalmente com mais dificuldades de aprendizagem?

P3: Os da turma Y são.

E: E isso reflecte-se no trabalho?

P3: Sim, sim, sim. Apesar de eu trabalhar sempre, o programa é sempre o mesmo. Se formos ver os sumários de uma turma e da outra é sempre a mesma coisa. Posso é perder, perder que nunca é perder, é ganhar, vá, posso estar é meia hora, quarenta minutos a fazer uma peça com a turma X e provavelmente com a Y não consigo porque eles não me dão rendimento e acaba por não dar um bocado gosto, portanto, acabo por

optar por fazer coisas mais simples. O objectivo é irmos todos para o mesmo lado, não é?, mais devagar ou mais rápido, chegarmos lá, ao nível da execução. Mas faço peças um bocadinho mais simples para a turma Y do que para a turma X, apesar de também ter alunos na X que também têm algumas dificuldades.

E: Muito bem. Agora, em relação a estas áreas de competência. A interpretação é uma área a que dás muito peso, nas duas turmas. Aliás, é quase o mesmo, não é? Embora, como dizes, possas escolher repertório mais simples, para a turma mais fraca, ou fazer as coisas num grau de menor complexidade. Porque é que esta área é importante?

P3: Acho que a prática é uma coisa que tem muito mais valor, muito mais interesse para os miúdos, apesar de estar sempre tudo muito interligado, a teoria com a prática. Tenho sempre tudo interligado.

E: Portanto, o facto de teres realmente aqui um peso muito grande na teoria, até um bocadinho maior que na interpretação, é porque tu, na tua prática, estás sempre a chamar aspectos teóricos para ajudar à interpretação?

P3: Exactamente. Não chego e digo, “blá, blá, blá, blá”. Não. Nós chegamos e é “blá, blá” mas depois exemplos auditivos, coisas práticas que é para estar sempre tudo interligado. Eu para tocar uma peça tenho que saber teoria, tenho que saber o compasso, o andamento, o valor das figuras, o nome das notas... portanto, está tudo interligado, não é?

E: E tu trabalhas com o suporte escrito, portanto, estas duas áreas estão necessariamente interligadas.

P3: Sim. Eu entendo dessa forma, não é?

E: Hum, hum. Na interpretação tu cantas, usas flauta e instrumentos da sala de aula.

P3: Instrumentos da sala de aula, flauta, canções e suporte áudio, ou gravado ou tocado. Tenho sempre.

E: Que depois vai ser enriquecido com a parte deles?

P3: Sim.

E: Pronto, eu não sei se queres dizer mais alguma coisa sobre a interpretação?

P3: É necessário dizer mais alguma coisa? Eu também não tenho muito jeito para estas coisas (ri-se abertamente).

E: Não faz mal, não te preocupes. Tens. Não interessa se dizes mais ou se dizes menos. A composição é uma área menos...

P3: Menos explorada.

E: Menos explorada. Há aqui uma grande diferença entre o que tu consegues ou o que tu exploras na turma melhor e na turma pior. Na turma melhor consegues trabalhar mais...

P3: Sim, são meninos mais... com mais ideias, vá. Mais imaginativos. Enquanto a Y é um bocadinho mais é para fazer desta maneira e desta e daquela. Puxarem pela imaginação não dá e quando algum tenta dizer assim uma coisa qualquer é logo a turma toda a rir, portanto, acabam por perder assim um bocado de tempo, para depois acalmarem os ânimos, não é? Portanto, não incido muito.

E: A composição implica um clima de aula mais ordeiro?

P3: Sim. Saber respeitar, ao nível de regras... os meninos entendem que uma pessoa se está a inventar pronto, já está a brincar e alguns acabam por ultrapassar um bocado o que seria aceitável, não é?, então é preferível...

E: Hum, hum. Os alunos da turma pior dizem que fazem mais do que tu, composição. Aliás, estes também acham que fazem um bocadinho mais. E eu pensei que talvez, quando se pergunta “Acompanham livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos”, que aqui está visto numa perspectiva da composição, por causa do livremente. Eles podem ter visto isto como o que eles fizeram no ano passado, percebes? O acompanhar para eles foi um momento de criação livre, provavelmente, até pela diversidade dos instrumentos, por não serem os convencionais.

P3: Sim, sim. É possível que tenha acontecido isso.

E: O que é que tu achas?

P3: Quando foi do inquérito que eles estavam a perguntar coisas que eram óbvias e eles estavam com dúvidas sem perceber bem o que é que lá estava a ser perguntado. O português ainda continua a ser assim um bocado...

E: Sim, sim. Eu sei que pode haver dificuldades de interpretação do questionário. Mas as pessoas interpretam à sua maneira, portanto.

P3: Exactamente. É capaz de ser, é capaz de ser por aí.

E: Faz algum sentido, faz algum sentido. Mas podemos reter que a composição é uma área que tu trabalhas menos...

P3: Aquela questão que nós tínhamos falado, muitos alunos, não dá bem para trabalharmos em pequenos grupos porque depois os outros começam logo a dispersar, não é? Então tem que se tentar fazer uma coisa mais global e talvez por aí eles associem a composição porque estamos a fazer... só se for quando às vezes fazemos jogos

rítmicos em que eu peço aos alunos todos para fazerem um ritmo e os outros reproduzirem, pode ser por aí a questão da...

E: Pode ser por aí, o livremente.

P3: O livremente, é capaz de ser por aí. Porque às vezes fazemos isso nas aulas.

E: Aqui pensas que eles não perceberam bem, porque tu achas que fizeste muito pouco.

P3: É mais prático dar... É como se fosse um jogo, temos que dar as regras e nem sempre eles cumprem as regras a nível da composição, portanto, acabo por praticar mais coisas já estudadas por mim, obviamente, depois estudadas por eles e depois é executar, pronto.

E: E consegues pô-los a trabalhar numa perspectiva prática?

P3: Sim, sim.

E: Depois a audição. Tu dizes que fazes bastante audição.

P3: Sim.

E: Utilizas a audição para... para ouvir as coisas que eles vão interpretar?

P3: Sim. Sempre, sempre.

E: E falaste que levas exemplos musicais que têm a ver com as aprendizagens que os alunos estão a fazer...

P3: Sempre, sempre, sempre. Não me cinto só ao que está no manual, trago sempre mais CD, mais livros, ando sempre carregada, que é para eles... Porque há muitos manuais que têm aquela música, vamos chamar, grosso modo não é?, música clássica, que os miúdos normalmente torcem o nariz e não têm interesse. Pesquiso sempre músicas que tenham mais a ver com eles, com batidas, que é para eles... acabam por se interessar mais.

E: Quando tens uma música para ilustrar um determinado conteúdo, se tu não gostas muito, se achas que eles não vão gostar, procuras outra, para a mesma coisa?

P3: Sim. Sim, senão é a velha máquina, “eh, música clássica que chata” e não sei quê... então é tentar.

E: O teu enfoque na... eles ouvem vários estilos de música, mas qual o enfoque maior na música que ouvem?

P3: Eu ouço de tudo um pouco.

E: E também música clássica?

P3: Sim, sim, sim, sim, sim. Quando falamos no adágio é falar no iogurte Adagio, como é que aparece, em que a senhora mexe muito devagarinho o iogurte, eles associam logo

então se mexe devagarinho, adágio, portanto, é uma coisa que é lenta, portanto... Eu recorro muito às coisas práticas, da televisão e assim do dia-a-dia. Foi o que eu disse, por causa da pulsação. Eles quando não conseguem marcar a pulsação de uma coisa certa, é falar na bicicleta que tem os pedais e aquilo é sempre certo, não anda uma mais depressa do que a outra, não é? Assim acabam por associar um bocadinho mais, perceber melhor o que é que é a pulsação. Porque para eles a pulsação é uma coisa que só usam em Educação Física, já tínhamos falado não é? Que é o correr e depois vão ver quantas pulsações têm por minuto, mas não conseguem depois transpor para a música, portanto, depois tem que ser explicada a coisa... eu recorro mais a exemplos, às vezes, de coisas práticas do dia-a-dia deles para tentar que eles percebam melhor os conceitos, não é?, que é mesmo assim.

E: Hum, hum. Depois, a dimensão da teoria, já falámos disso. Ela é grande, curiosamente os alunos acham que fazem um bocadinho menos. Tu dás um peso grande, porque, como disseste, há uma interligação fortíssima entre a interpretação e a teoria...

P3: Para mim, sim.

E: Então, para ti, a teoria está sempre ligada à prática.

P3: Para mim, sim. Para mim, sim. Há os exemplos e depois os conceitos, não é?

E: Dizes aqui que “Fazem testes escritos”, não dizes que fazes muitos, nem os alunos...

P3: Sim. É um por período. Mas é mais por questão, porque eu acho que numa aula prática nós conseguimos saber o que é que eles conseguem ou não conseguem fazer.

E: E isso é uma decisão de escola?

P3: Não, não, não, não. É uma decisão minha. Porque às vezes há pais que questionam como é que o filho tem aquela nota se não há um teste, se não há uma coisa palpável, quando nós temos as coisas todas... Como é uma disciplina prática, que é mesmo assim, não é? Eles quando estão a tocar têm de aplicar a teoria daquilo que estão a fazer mas não é uma coisa que os pais vejam, não é? Eu faço sempre um teste.

E: Para teres alguns dados mais objectivos em termos de avaliação...

P3: Exactamente, exactamente. Apesar de que quando fazemos avaliações na flauta eles levam sempre um recado na caderneta, primeiro que vão ter o teste de flauta no dia tal e depois levam na caderneta novamente se tiveram o teste e que a nota foi x, que é para haver um controlo, porque, quer queiramos quer não, os pais estão sempre a pôr questões, porque que é que é isto? Porque que é que é aquilo? Porque é que aquele fez

aquela música? Porque é que aquele tem... Se não há uma coisa escrita, se não há um teste, como é que se justifica ter essa nota, não é?

E: Há aqui outra coisa que eu gostava de... Tu, mais do que referires “Copiam músicas para as pautas do caderno diário”, que é o que os alunos dizem mais... e isso é uma actividade que justificaste por razões de contenção, porque não há dinheiro para fotocópias para todos, portanto, eles têm que copiar. Tens aparelhagem para projectar?

P3: Sim, tenho muitas coisas que projecto.

E: Projectas e eles copiam?

P3: Hum, hum.

E: Mas tu dizes, “Fazem exercícios de caligrafia musical”. Tu querias dizer estas cópias ou é mesmo... tu fazes muito...

P3: Faço exercícios por causa de fazer as figuras como deve ser, porque muitos deles têm a mania de pôr as hastes todas tortas. Quando são as colcheias, duas colcheias fazem “M” e com uns pezinhos... eu costumo dizer “vocês como é que andam com os pés? Andam com os pés tipo à Charlot ou andam com os pezinhos... como é que termina a vossa perna?” Eles olham, “Estão a ver como é o vosso pé, a vossa perna?” Que é para eles perceberem mais ou menos.

E: Portanto, tu fazes mesmo bastante treino do grafismo musical...

P3: Até ao nível de ouvido para eles poderem tocar e estudarem em casa, se não tiverem as coisas bem escritas também não conseguem estudar as coisas como deve ser, porque é mesmo assim. Porque acontece muitas vezes, eu ponho-lhes as coisas para fazerem ou fazem mesmo fichas para copiar e verificas que muitas vezes eles estão a pôr à toa. Portanto, dás indicações que é a nota sol ou mi ou o que for, eles estão a copiar mas copiam como calha, pronto. Ou não fecham as figuras ou metem as figuras num sítio qualquer.

E: E tu achas que isso é eficaz? Eles repetem uma série de vezes e aquilo fica integrado?

P3: Depende, há uns que aprendem à primeira, outros nem por isso, mas isso acho que é como tudo.

E: Está bem. Agora, as experiências de aprendizagem. Eu gostava que me falasses um bocadinho das actividades que se fazem aqui na escola, como fizeram no ano passado... “À descoberta do Olimpo”?

P3: Sim.

E: Que foi um espectáculo que envolveu a escola inteira. Cada professor participou em determinadas partes do espectáculo...

P3: Nós fizemos a selecção musical e ensaiámos, umas tocadas na flauta, outras... havia uma com aqueles tubinhos e eu recorri a instrumentos alternativos, vou-lhe chamar assim, porque aquilo não são instrumentos efectivamente. Foi com latas das azeitonas, de metal, para fazermos ostinatos. Ouvi a música previamente, obviamente, não é? E estive a tentar perceber e encaixar lá ostinatos, depois ensaiei com os miúdos. Os pais também colaboraram a nível de arranjar essas latas, porque havia miúdos que não conseguiam arranjar e outros arranjaram três e quatro. Depois colaboraram também a fazer as baquetas, porque a escola não podia fornecer baquetas aos alunos todos, não é? Todas as turmas do 5.º e do 6.º ano é uma massa muito grande.

E: Um pauzinho só?

P3: Não, fizeram mesmo com bolinhas de... uns fizeram com bolas de ténis, outros fizeram só com linhas, outros com tecido. Portanto, os pais ajudaram também bastante na execução dessas baquetas. Utilizei só uma baqueta para cada um, porque coordenação com duas seria mais complicado, eles também precisavam de segurar os instrumentos, vamos-lhes chamar assim, que não são instrumentos, não é? E acho que o resultado final foi bastante giro, pelo menos toda a gente gostou.

E: E é engraçado que essas actividades são aquelas que chamam mais os pais, não só porque eles vêm assistir como muitas vezes são convidados a participar...

P3: Digamos que não havia lugar para toda a gente. Sentados não havia, foi uma confusão para arrumar toda a gente. Foi mesmo agreste., a festa era para começar às 9h30, só começou às 10h, para conseguirmos arrumar os pais todos e os alunos todos... porque era feita nesta parte cá em baixo. Foi assim uma coisa muito em grande. No final o saldo foi bastante positivo, eu acho que sim. Pelo menos, toda a gente gostou, toda a gente deu os parabéns.

E: Essas experiências de aprendizagem, uma parte delas, dizem também respeito a coisas que se podem fazer dentro da sala de aula, o trabalho de projecto, de investigação. Os trabalhos feitos interdisciplinarmente... A Educação Musical também está, às vezes, na Área de Projecto?

P3: Depende. Este ano eu trabalhei isso com uma turma de 5.º ano, que estamos na comemoração do centenário da implantação da República, e com uma turma de 5.º ano foi ensaiado. Ainda não está perfeitamente, não é? Mas como isto vai até ao final do ano

civil e nós ainda vamos ter o início do ano lectivo, nós vamos ter continuidade pedagógica com as turmas, em que estivemos a ensaiar o hino nacional. Já está bastante avançado, com excepção do fá sustenido e não sei quê, mas também são 5.os anos. Para o ano já deve de estar quase de certeza absoluta. Depois vamos gravar e colocar numa página, num blog que a turma está a fazer em Área de Projecto.

E: A Área de Projecto não tem disciplinas específicas? Porque há algumas escolas que decidem “a Área de Projecto este ano será dada por...”

P3: Normalmente são os professores de expressões é que ficam com a Área de Projecto.

E: Portanto, acontece também algumas vezes ser a música.

P3: Sim, sim, sim.

E: Falaste-me dos trabalhos de pesquisa sobre música...

P3: A nível de pesquisa eles fazem, mas nunca há um saldo positivo.

E: Tu pedes-lhes que façam trabalhos e...

P3: Peço, mas já sei à partida que a maior parte deles o que vai fazer é, vai à Internet, vai ao Google, põe o nome do tema e imprime. Nem sequer se dão ao trabalho de ler se o site é português se é brasileiro. São poucos os trabalhos, que eu até te cheguei a mostrar aquele trabalho do acordeão da miúda, aquele impecável, e outros que eram cópia completa do que tinham ido buscar à Internet. Portanto, apesar de eu ter pedido aos professores de Estudo Acompanhado para darem uma ajuda nos trabalhos, porque os primeiros trabalhos que eu recebi... (faz uma expressão de desagrado) e depois tive que entregar à professora de Estudo Acompanhado, professora de Português, se não se importava, na aula de Estudo Acompanhado, de orientar a nível de, como é que se faz um trabalho, de ler e analisar e fazer resumos que é aquilo que eu estou farta de dizer. Até dou-lhes exemplos, “vocês vêem os Morangos com Açúcar, não é?”, e se eu lhes perguntar o que é que aconteceu, “vocês não vão dizer tudo tim tim por tim tim, fazem um apanhado global daquilo que é o mais importante”. E o objectivo dos trabalhos também é esse, não é?, fazer um apanhado, que é o mais importante, origem, a data, para que é que servia, para que é que não servia, não é?, e fazer isso. Mas não estão bem ainda, portanto, falando nas competências, ainda não têm competências.

E: Não têm ainda competências de pesquisa, de reflexão e de organização?

P3: Não, não, não. Para eles fazer um trabalho é ir à Internet, imprimir e está o assunto arrumado, pronto.

E: E obviamente eles têm até já alguma experiência deste tipo de trabalhos, mas continuam a fazer dessa maneira. Ou fazem isso por ser em música?

P3: Não.

E: Como é que foi com as obras? Complicaram a vida da escola a nível destas experiências?

P3: Complicou bastante. Nós éramos para fazer uma festa no final do ano a englobar novamente as turmas do 5.º e 6.º para ser feita aqui, assim não dá.

E: Pronto. Muito bem. Mais alguma coisa que tu aches importante sobre estas experiências de aprendizagem?

P3: Sinceramente, não sei. Eu faço aquilo que sei e o melhor que sei e tento ir também um bocado de encontro ao que os alunos gostam. Porque eu falo por mim, pessoalmente nunca gostei muito de estar a tocar peças que não me diziam nada, portanto, tento procurar sempre coisas que acabem por dizer, até podem ter o mesmo grau de dificuldade ou até ser mais difíceis que alguns exemplos mais corriqueiros que se ouvem nas escolas todas, tipo Titanic, não é? E eu não sou adepta disso, peço imensa desculpa mas não sou. Quando os miúdos me pedem, não. “É a música que vocês quiserem”... Tocam sempre a mesma coisa, há coisas tão giras, pá. E eu ando sempre à procura disso. Eu estou farta de gastar dinheiro a comprar livros, tirar cópias e CD. Tenho um livro que é o Flute Machine, não sei se tu conheces, são quatro livros, em que tem uma música de Beethoven, o começo é música de Beethoven mas depois começa tchipum, tchipum, tchipum... É isso e o Convite à Música, isso tem músicas tradicionais, músicas de Natal, músicas não sei das quantas. Eu também recorro muito a isso para cantarem. Um dia se quiseres vir com mais tempo posso-te mostrar os livros que eu tenho, porque eu ando sempre em busca.

E: Está bem, está bem.

P3: Ando sempre à procura de coisas, outros dias vou buscar à Internet. Trabalho com o Finale. Faço as gravações e depois arranjamos as músicas, coisas simples. O Audacity também é porreiro para essas coisas.

E: O que é que tu fazes? Melodia e um arranjo como uma base para trabalharem?

P3: É uma base, mas com um determinado andamento, não é? Muitas vezes trago o computador, ligo as colunas para eles também ouvirem. Outras vezes vou buscar coisas à Internet. E depois é a questão que muitos miúdos não têm manuais, não é? Tem que se tentar arranjar sempre mais alguma coisa para cativar os miúdos. Acho que a obrigação

principal é cativar os miúdos para a disciplina, para as coisas que se fazem, porque, música... As expressões... ainda continuamos a ser o parente pobre, não é? Música, se ele sabe cantar tem que ter positiva; EVT, se ele sabe desenhar tem que ter positiva; Educação Física, se ele sabe jogar à bola também tem positiva. Mas quando nós chegamos ao final do ano e apresentamos as festas, os colegas aí acabam por dar outro valor.

E: É nos momentos de apresentação dos trabalhos que se vê o que nós andámos a fazer?

P3: Exactamente. Mas eu não me importo de pegar nas coisas dos miúdos. Aqui há uns anos estive na escola A, em que a maior parte são miúdos africanos, não é? Então andava na moda o Kuduru, então eu fui aprender a dançar Kuduru para dançar com eles, por causa da questão... e também dá para trabalhar, dá para trabalhar a pulsação, o andamento, fizemos a coreografia... Portanto, eu fui aprender para depois trabalharmos todos, depois falámos também do andamento, da pulsação... Portanto, é uma coisa prática que é o mundo deles. Tento pegar nas coisas que mais cativam os miúdos para fazer. Eu estou sempre aberta a novas coisas que apareçam, não me choca nada usar outra coisa menos convencional para chegar aos meus objectivos. Acho que seguir manuais à rígida, a mim mete-me confusão como é que há pessoas que conseguem fazer isso, eu não sou capaz. Admito que não.

E: Pois, tu já me tinhas dito isso, procuras sempre outros materiais. Olha e diz-me uma coisa, tu segues alguma metodologia específica?

P3: Não. Especificamente não. Eu recorro àquilo que acho que se torna mais interessante para os miúdos, para os cativar, sempre. Porque há coisas que se tornam assim um bocado chatas para eles e até para nós.

E: Tu não tens preocupação de usar uma metodologia, usarás provavelmente coisas que vêm de várias...

P3: Tenho várias metodologias.

E: Na tua formação, trabalhaste metodologias?...

P3: Dei.

E: E reconheceste algumas coisas que tu fazias...

P3: É assim, eu quando tirei o curso, quando fui fazer a Licenciatura eu já estava a dar aulas, porque tenho o Conservatório, que na altura dava habilitação própria para dar aulas e, portanto, eu era o chamado trabalhador estudante, na altura. E infelizmente os professores que eu tive nas práticas pedagógicas era maravilhas e eu dava-me vontade

de rir porque havia muitas coisas que eles achavam que nós devíamos fazer, de aplicar determinadas metodologias e não sei das quantas, que na prática, efectivamente, quem estava no terreno, que era o meu caso, acabava por me rir porque aquilo não era, não era viável, não é? Portanto, são professores que já não dão aulas no ensino regular já há muitos anos e já perderam um bocado a bagagem, não é que não sejam excelentes professores...

E: Hum, hum.

P3: Mas há coisas que não dá para trazer para a prática, que é mesmo assim. Na teórica funciona tudo bem, mas depois chegas à prática e, esquece, não é viável, não é.

E: Quando estes alunos falam das actividades que eles viveram, falam muito em relação a ti porque te tiveram nos dois anos?

P3: Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim.

E: Pronto, agora vamos só, muito rapidamente, ver as zonas mais e menos. Isto são as questões todas...

P3: Hum, hum. Eu tento fazer sempre as coisas de igual forma. Se forem ver os meus sumários das turmas, é sempre, quase sempre a mesma coisa. Porque apesar de ser boa ou ser má eu tento fazer.

E: Pronto, tu tens aqui um enfoque nos instrumentos, e isso confere com aquilo que tu foste dizendo, “Cantam em grupo” e “Tocam flauta de bisel”. Os alunos realçam a flauta de bisel. Fazes bastante flauta porque eles têm essa percepção.

P3: Hum, hum.

E: “Cantam em grupo”, tu cantas, se calhar, a mesma coisa...

P3: Sim, sim. Eu acabo por fazer a mesma coisa nas duas turmas. Individualmente é que é aquela questão que eles não gostam de cantar porque também estão naquela fase, alguns já estão na mudança de voz, e não querem cantar e têm vergonha porque depois os outros riem-se e não sei quê e depois é assim um bocado mais, é mais complicado.

E: Hum, hum. Depois, na parte da composição, tu dizes que “Inventam ritmos para acompanhar músicas” é o que tu fazes mais. Eles dizem “Acompanham livremente uma música gravada, com a voz ou com instrumentos”. Tu dizes que não fizeste isso... Talvez fosse por causa dessas actividades que vocês fazem...

P3: Sim, sim. Provavelmente.

E: Não sei, não sei. Na audição. Ouvem muita música, porque eles dizem que ouvem. Tu tens isto muito espalhado por várias coisas, embora digas muito “Ouvem música”,

“Ouvem música de vários tipos”, já disseste atrás. E que “Ouvem e identificam instrumentos na música”, no caso da turma melhor.

P3: Sim.

E: Na teoria. Tu realças isto (aponta para o item “Copiam músicas para as pautas do caderno diário”), porque eles fazem isto muitas vezes, já me disseste, quando começam a estudar uma peça, ou uma canção, para cantar ou para tocar, tu fazes esse trabalho.

P3: Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim.

E: “Realizam actividades de leitura musical” também dizes que fazes bastante. Os alunos acham que fazem um bocadinho menos ...

P3: Mas aqui tem a ver com a questão da aprendizagem das músicas. A música está lá, vamos primeiro ver o compasso, o ritmo... primeiro fazemos com os vocábulos, não é, tá, ti-ti tá, depois é que metemos o nome das notas, depois fazemos com os valores... Portanto, eles, se calhar, não interpretam isso dessa maneira, não é?

E: Hum, hum.

P3: A leitura não é só pegar e fazer um ensaio rítmico ou uma leitura rítmica. Não. Eu entendo que está tudo interligado, eles para tocar uma música têm que saber ler os tempos do que está ali escrito. Eu interpreto dessa maneira, se calhar para eles não é bem isso.

E: Tu dizes que fazes um pouco de tudo, em quantidade...

P3: Sim, sim, sim, sim.

E: ... e eles centraram-se aqui mais nestas coisas de copiar.

P3: Como eu já disse há pouco, eu não uso só as músicas que estão nos livros. Eu ando sempre à procura de outros livros com outras músicas. E então, isso aí, como estamos em contenção, não podemos tirar fotocópias das músicas todas para os meninos todos, portanto, a gente acaba por ter que projectar e eles copiarem para o caderno diário para terem material depois para estudarem em casa também, não é?

E: E aqui, só para terminarmos, eles dizem que “Participam em actuações musicais nas comemorações e festa da escola”, tu também dás valor máximo a essa área. Dizem que fazem menos, e tu também dizes, particularmente nesta turma pior, “Assistir a espectáculos musicais fora da escola”.

P3: Sim. Para já, não há muito por fora. Porque, lá está, como isto é uma escola assim um bocado... o poder económico é um bocado complicado e tudo implica custos, não é, e os miúdos nem sempre conseguem ter as verbas.

E: Vocês evitam as saídas que implicam deslocação, pagamento de uma entrada...

P3: Pois, é assim um bocadinho mais complicado. Apesar de se tentar ir, mesmo aquela parte de instrumentos... vamos a pé até lá, mas depois tem que se pagar os 3 euros. Para nós não é muito, mas para alguns pais aqueles 3 euros já lhes vão fazer um bocado de diferença. Mas depois é aquela coisa disparatada em que nós vemos os miúdos com telemóveis topo de gama, melhores que os nossos, e depois não têm dinheiro para determinadas coisas essenciais.

E: Aqui, nas experiências de aprendizagem, “Assistem a espectáculos musicais na escola”...

P3: A nível de espectáculos é igual. Aqui, se calhar, tem a ver com espectáculos musicais na escola mas é os espectáculos que eles fazem, porque espectáculos virem cá à escola, não. Isso é o que eles participam.

E: E também na turma pior?

P3: Quando há espectáculos todos eles participam nos espectáculos da escola, não é?

E: Hum, hum. Foi muito interessante analisar estas respostas. Isto, parecendo que não, dá-nos uma ideia sobre o que se faz, das dificuldades existentes, das práticas do professor e também um bocadinho da vivência da escola. Para terminar, nas tuas aulas, o que é achas que corre realmente bem?

P3: O que é que corre realmente bem? Quando eu, às vezes, dou uma música e eles gostam da música e na aula a seguir querem fazer aquilo. Eu quero pôr outra música, “não, queremos fazer aquela música da aula passada” e querem cantar e tocar, às vezes acaba por se ceder um bocadinho aos pedidos deles.

E: Acontece eles gostarem do que fizeram e quererem repetir?

P3: Sim, sim, sim. E as turmas do 6.º ano aprendem músicas do 5.º ano e às vezes pedem-me “ó professora vamos cantar aquela música que aprendemos no 5.º ano”, o Guantanamo e essas coisas. É isso.

E: E coisas difíceis, coisas que na aula te dificultem o trabalho, que te aborreçam e que te façam, às vezes, desanimar um pouco?... O que é que é difícil dentro da sala de aula?

P3: É o comportamento de alguns alunos que conseguem, um ou dois miúdos conseguem infernizar uma turma completa. Aí é respirar fundo.

E: E tentar resolver a situação usando dos mecanismos disciplinares que tens à mão?

P3: Eu é raro pôr miúdos na rua. É muito raro. Eu costumo pegar neles, saio da sala, fica a porta aberta, obviamente, para tomar conta da turma, estou mesmo ali assim e falo

individualmente com o aluno com mau comportamento, o que é que está a fazer, são problemas que têm em casa ou andaram à porrada com um colega e querem resolver a questão dentro da sala de aula. Eu tento puxá-los um bocado à razão, se é aquilo que eles querem mesmo, se os pais não vão ficar tristes... e depois passado um bocadinho “vá agora queres ficar aqui um bocadinho ou vamos para a sala?”. Alguns querem ficar mais 1 minuto lá fora. Eu entro para a sala, a porta está aberta, depois ele entra... ele, quando eu digo ele não é só os meninos, porque as meninas também são bastante conflituosas. Mas, pá, é raro mandar algum miúdo para a rua, para mandar algum miúdo para a rua é preciso estar mesmo nos últimos dos últimos.

E: Tu resolves o problema assim, na relação individual com o aluno, tentando cativá-lo para que ele perceba a necessidade de estar sossegado...

P3: Exactamente.

E: Mais do que agir disciplinarmente, pôr na rua.

P3: Eu acho que isso não resolve nada, eles acabam por ficar mais revoltados. Pelo menos é a minha opinião, se calhar estou errada, não sei... Mas estar a pô-los na rua... Eles já sabem que vão ser penalizados e acabam por ficar um bocado mais revoltados, “ah, esta ou aquela outra pôs-me na rua e agora eu vou ser castigado”. Não. Gosto de chamá-los à razão. Evito ao máximo que colegas oiçam a conversa que é para... porque às vezes acaba por tocar um bocado na questão familiar, muitos problemas deles vêm de casa, não é? Então é preferível sair um bocadinho e depois voltam e, por norma, resulta sempre. É que é mesmo muito raro pôr alguém na rua.

E: Se tivesses que identificar um problema principal que impeça as tuas aulas de correrem sobre rodas...

P3: Isso era tirar alguns elementos conflituosos da turma (olha para o relógio)... Mais alguma coisa?

E: Não. Obrigada, foi ótima a nossa conversa.

3.4 Professor 4 (P4)

Data: 30 de Junho de 2010

Hora: 15h

Local: Escola do entrevistado

Género: Masculino

Idade: 45

Habilitação académica: Licenciatura em Direcção Coral – Escola Superior de Música de Lisboa

Formação profissional: Profissionalização no 2.º ciclo

Tempo de serviço: 16 anos

Situação profissional: Professor vinculado

Outras experiências profissionais: Educação Musical no 1.º Ciclo; Formação na área da Expressão Musical

E: Este meu trabalho tem como componente central, as competências essenciais que foram elaboradas há quase dez anos, parecendo que não, no contexto da reorganização curricular do ensino básico. Depois, uma dimensão de gestão de escola, e nesta escola a música é importante no projecto curricular, e, por fim, uma decisão ao nível da sala de aula. Nós vamos falar, principalmente, sobre essa decisão, que é, o que é que eu faço, o que é que eu posso fazer, o que é que eu consigo fazer, que diz muito respeito ao professor. Tu viveste esta mudança, esta passagem de uma lógica, e de uma terminologia, de objectivos para competências... Sentiste alguma dificuldade ou alguma resistência a esta mudança de perspectiva, ou não?...

P4: Sabes que eu já apanhei tantas terminologias... Eu venho do ensino particular também, estive muitos anos no ensino particular, portanto, as terminologias mudam sempre de um sector para outro sector... Tu trabalhas numa escola, agora as escolas já estão a aproximar-se mais umas das outras, mas há 15 ou 20 anos atrás se estivesses no ensino particular a terminologia era completamente diferente, falava-se mais em objectivos, fala-se sempre em objectivos. Mas o facto de se deixar de falar em objectivos e se falar em competências não me faz confusão nenhuma, é uma questão de adequação a uma linguagem nova. E a competência tem a ver com o total daquilo que o

aluno é capaz de arcar, o objectivo é capaz de ser até um bocadinho mais limitador do que a palavra competência, porque a palavra competência engloba um ciclo e a palavra objectivo engloba só uma determinada tarefa que tem um objectivo para se fazer. Eu acho que a palavra competência não está assim tão desadequada como isso.

E: É mais ampla?

P4: É mais ampla.

E: Põe o foco mesmo no aluno, a competência é dele, não é o meu objectivo...

P4: Sim, sim, é para dar competência. A competência pode ser focalizada no aluno ou pode ser focalizada numa turma, percebes?, e o objectivo não é tanto assim... porque a gente quando trabalhava com objectivos era mais um objectivo de turma. O que é que se ia trabalhar?, ia-se trabalhar este determinado conteúdo para se adquirir este objectivo, o aluno no final do ano tinha chegado a este objectivo, que era efectuar esta resolução deste problema, por exemplo, e agora não é tanto isso. A competência é a capacidade com que o aluno aprende a resolver aquele problema, até pode não ter conseguido chegar lá, mas conseguiu desenvolver uma competência processual em que desenvolve um processo para chegar, ainda não consegue obter o resultado mas já consegue fazer o caminho para lá chegar. Eu acho que a competência até não é assim tão... Depois, essas coisas, as mudanças é sempre complicado, não é?

E: Sem dúvida. Outra coisa que quero aproveitar para esclarecer, eu sei que tens mais turmas de 6.º ano, escolheste estas duas porquê?

P4: Não, escolhi estas duas até por uma razão mais de logística do que outra coisa, não teve nada a ver... até podia ter sido a outra, mas escolhi estas duas porque calhavam no mesmo dia da semana, logo no período da manhã, e dentro do que eu podia escolher era uma turma com mais dificuldades e uma turma com menos dificuldades. Não houve assim um critério de decisão, foi mesmo por coincidência logística... e uma era mais fraca que a outra. A turma Y é uma turma muito complicada, uma turma com crianças em abandono escolar.

E: Eu senti um ambiente muito ordeiro, muito disciplinado.

P4: Não, mas eles não eram miúdos desordeiros, eram miúdos que, obviamente, se pudessem criar um ambiente um bocadinho mais desordeiro na aula, criavam, a gente é que não deixava, obviamente, não é? Mas eram miúdos que gostavam de fazer as coisas e trabalhar, tinham é muitas dificuldades... são miúdos que têm, socialmente, problemas graves. A outra, a X, não. A X é o que se chama uma turma praticamente

ideal, são miúdos que lêem muito, estudam muito, são miúdos que no intervalo são capazes de ir à biblioteca, portanto, são miúdos que faziam trabalhos excepcionais, apresentavam trabalhos excepcionais. Eles fizeram um trabalho final, à escolha deles, sobre diferentes estilos musicais, foi espantoso o trabalho que eles fizeram, quer em computador, quer... apresentavam tudo oralmente, percebes? Faziam powerpoint e depois apresentavam oralmente, traziam exemplos... A outra turma nem a metade chegou.

E: E também são assim nas outras disciplinas, ou é só em Educação Musical?

P4: Sim, sim, são muito aplicados.

E: Pegando nos nossos resultados, eu tenho aqui a quantidade de trabalho feito em interpretação, composição, audição, teoria e experiências de aprendizagem. Tínhamos uma escala de 1 a 4. Se tivesses respondido a tudo 1, estarias aqui no 7; se tivesses respondido tudo 2 estarias aqui no número 14; tudo 3 aqui no 21 e tudo 4 no 28. Este é o teu questionário, esta é a turma melhor e esta é a pior. Há aqui uma questão que salta à vista, que é, aparentemente tu fizeste mais trabalho com a turma pior do que com a turma melhor. Tens uma explicação para isso?

P4: É assim, tu apanhas uma turma X que vem com uma preparação excelente do 5.º ano, muitos alunos da turma X são músicos, estão a estudar música em conservatórios, portanto, tens uma data de miúdos que... O trabalho que eu fiz com eles foi um trabalho muito diferente do que com a Y, porque com a turma Y os miúdos praticamente vinham a zero, aliás, a colega que esteve com eles no 5.º ano disse-me “olha, esta turma vai ser muito complicado”, porque foi uma turma que ainda deu muitos problemas de comportamento no 5.º ano, no 6.º ano já se conseguiu agarrar um bocadinho mais a turma, mas no 5.º ano praticamente não tinham dado nada, tinham dado muito pouco do programa, e, como é normal aqui, tiveram de fazer prova de aferição, uma prova de aferição aqui interna, uma prova que depois é afixada, e então eu tive de puxar um bocadinho mais por eles.

E: Em todas as turmas se fazem essas provas?

P4: Todas as turmas fazem provas de aferição, 5.º e 6.º ano e 7.os, 8.os e 9.os anos. Toda a gente faz prova de aferição, em todas as disciplinas. E então tive de puxar um bocadinho mais por essa turma, porque estava a ver as provas de aferição deles a irem abaixo. Enquanto com a outra turma não tive muita preocupação, porque logo no teste diagnóstico que eu fiz, praticamente o teste diagnóstico foi 100%. E na turma X, e na

turma Y também fiz um bocadinho, mas na X eles tinham-me pedido que gostavam de explorar outras coisas a nível de música, gostavam de ver outras coisas, e eu também trouxe alguns filmes para explorarmos. Eles exploravam os filmes e comentavam os filmes e depois até fizemos interpretações de algumas músicas de filmes, mas viram uma data de filmes que eles nunca tinham pensado em ver, nem conheciam, filmes muito interessantes que há, nomeadamente, A Lenda de 1900, coisas assim do género... Viram os CD todos dos Stomp, enfim... Trabalhei um bocado pela experiência que eles não tinham tido ainda, dado que eles vinham muito bem preparados a nível de conteúdos, portanto, não me preocupei muito com os conteúdos. Aliás, aqui na escola há a preocupação mais da vivência e da experiência, por exemplo trabalhei muito com este grupo (aponta para a turma X), já com a turma Y não consegui fazer isso, precisamente por causa das capacidades serem muito diferentes. Esses miúdos (aponta para a turma X) conseguiram fazer... eu trabalho muito em informática, com o Audacity, conseguiram fazer gravações, eles gravavam e regravavam e apresentavam aos colegas, percebes?

E: Fizeste também muitas coisas que, se calhar, não estavam aqui tão explícitas.

P4: Sim, fiz muita coisa de informática, faço muita coisa de informática com os miúdos, eu trabalhei com software musical, trabalhei o Sibelius e alguns programas de software musical que eles acharam muito interessantes, porque eu tenho muita coisa a nível informático e depois, como temos os quadros interactivos, podem trabalhar interactivamente... Chegam ao quadro e eles escrevem, põem as notinhas, põem tudo. E então com essa turma X trabalhei numa outra área, numa área um bocadinho mais visual, apesar de, não sei se tu reparaste... ah, tu não chegaste a ver... todos os dias eles faziam vitamina rítmica, ou seja, todos os dias eles preparavam a vitamina rítmica para os colegas, todas as turmas de 6.º ano, e as do 5.º ano sou eu que faço. No 5.º ano sou eu que faço e só no 3.º período é que eles começam a fazer já para os colegas, e no 6.º ano são eles que fazem. É um aluno que faz para todos os alunos.

E: Os alunos sabem que naquele dia são eles que fazem?

P4: Naquele dia são eles que fazem. Por ordem, que é muito mais fácil. Sim. Se há algum que, por alguma razão, se esqueceu, tem mais uma oportunidade para fazer na próxima aula.

E: Eles preparam e pensam...

P4: Eles preparam e escrevem. Preparam e escrevem a vitamina rítmica. No 6.º ano preparam e eles escrevem ritmicamente o que é que fazem, qual é a vitamina total, qual é o ritmo total que vão ouvir e depois dividem, pelas várias partes do corpo... às vezes eles pedem para se juntarem em dois e fazem coisas espantosas.

E: Fazem ritmos corporais?...

P4: Eles fazem sempre isso, o ano todo. Com o 6.º ano faço sempre o ano todo, eles preparam e trazem, e digo-te que às vezes aparecem coisas... por exemplo na turma Y... é engraçado... esta turma (aponta para a turma X), o facto de ser uma turma muito boa, mas teve mais dificuldade na vitamina rítmica, porque têm mais dificuldade em exteriorizar, são miúdos que são muito cognitivos, percebes? São miúdos que têm mais dificuldade em exteriorizar do que estes miúdos (aponta para a turma Y) que com grande facilidade... são miúdos mais de rua, ritmicamente estão à vontade, traziam vitaminas rítmicas espantosas, percebes? Enfim, esses miúdos eu rapidamente percebi, logo no 1.º período, que a teoria teria que ser... tudo o que era dos conteúdos... tinham de ser muito bem equacionados e muito bem orientados, porque senão não ficava lá nada. E eu, aqui nos conteúdos, preocupei-me com aquilo que era realmente essencial para eles saberem.

E: Mas P4, na teoria... há uma quantidade de teoria maior, na turma mais fraca. O que tu queres dizer com isto é que passaste mais tempo a ensinar teoria?

P4: Não, a teoria foi porque tive de preparar a prova de aferição...

E: Mas, na turma boa, a ideia, a impressão é que fizeste menos coisas...

P4: Não. Repara, os miúdos da turma Y para fixarem uma coisa simples, por exemplo, uma escala de dó, foi complicado... Os miúdos não tinham qualquer noção do que era uma escala, estes miúdos nem sequer sabiam o que era a escala pentatónica, ouviram falar pela primeira vez este ano... portanto, eram miúdos que, ou as aulas eram muito práticas... porque aqui na escola a nossa preocupação é que as aulas sejam muito práticas... Atendendo aos recursos que nós temos, que são poucos, eu recorri muito ao trabalho corporal, ao trabalho da flauta, ao trabalho do computador.

E: Era justamente isso que eu te ia perguntar, a interpretação. Agora, gostava de falar um bocadinho de cada uma das áreas. Como se desenvolve o trabalho de interpretação musical, as condições da sala também, o material, os instrumentos...

P4: A interpretação aqui nas turmas, deixa ver se eu te sei explicar... não é só as condições dos instrumentos, eu, quer com uma turma quer com outra, há uma coisa que

eu faço constantemente que é, gravo. Aliás, gravei várias vezes, quer de uma turma quer da outra, gravei trabalhos de interpretação de pequenos grupos, portanto, eles fazem avaliações a flauta, fizeram muitas avaliações, várias avaliações a flauta, com duas flautas, duas melodias, duas vozes, três vozes, com instrumentos musicais, portanto, eu faço muita interpretação nesse sentido. Agora, com esta turma (turma X) não tive, como é que eu hei-de dizer, tanta necessidade de fazer tanta interpretação como fiz com esta (turma Y), porque estes miúdos (turma X) também não eram miúdos que gostassem muito de se expor, não eram miúdos fáceis de se expor, estes miúdos tinham muito mais vergonha de se expor do que estes (turma Y). Estes miúdos (turma X) tinham muita vergonha de se expor, são miúdos que, na grande maioria, eram excelentes a outras disciplinas, mesmo muito bons, só um ou outro com mais dificuldade, esta turma tinha dois miúdos de NEE, com necessidades educativas especiais, mas, fora esses dois miúdos, estes eram miúdos que preferiam estar sentados, preferiam estar a trabalhar no livro ou a trabalhar conteúdos do que propriamente só a fazer actividades. Portanto, com esta turma, com a turma X, foi uma luta um bocadinho grande, apesar de ser uma turma muito melhor do que esta (turma Y), porque conseguir abri-los para eles expressivamente trabalharem, foi complicado, não foi nada fácil, e não foi totalmente conseguido, porque eu tinha miúdos, nesta turma X, que não conseguiam fazer e não faziam, simplesmente.

E: A vossa aula é em anfiteatro...

P4: Pois, eu não estou de acordo. Eu não gosto desta sala, nós devíamos ter outra sala. Nós aqui na escola, no 3.º período, falámos com a directora e tentámos... a directora deu a sugestão de fazer a sala em “U”. Bom, eu pessoalmente adoro a sala em “U”, é a sala com que eu trabalhei toda a vida, mas aqui na escola foi muito mal visto nos últimos conselhos de turma.

E: Porquê?

P4: As pessoas não gostam, os miúdos estão sempre a falar, sempre a olhar uns para os outros... Enfim, ninguém gostou, os grupos não gostaram e então vai ser retirada a sala. Os professores preferiam a sala tradicional, porque depois eles estão sempre a olhar uns para os outros... Eu, por mim, como comecei a trabalhar na sala em “U”, aqui na escola... Porque nós não temos as aulas todas ali, nós temos aulas nas salas normais, onde nem sequer temos instrumentos, nem aparelhagem, nem nada, aquela é a única sala de música. Atenção, que nós temos uma condicionante muito grande aqui, porque

repara, a minha turma A não teve nenhuma aula na sala de música, tinha na sala 18, que é uma sala normal, e tinha aula de música na sala de EVT, aí é que devias ver o que é que era ter aula de música na sala de EVT, era um caos, porque é uma sala muito grande e muito alta e as mesas estavam em blocos de quatro alunos, “o que é que eu faço aqui?, o que é que eu não faço aqui?”. No primeiro período aquilo foi um bocado complicado dar aulas assim. Bem, eu, a partir de uma certa altura, comecei a dizer aos alunos, eu prefiro perder 10 minutos da aula em que os alunos arrumem a sala em “U” no início e, no final, tornam a ordenar. Olha, foi a solução ideal, a partir dali passei a ter a turma toda na mão, porque eu controlava tudo, via tudo, e os miúdos deixaram de conversar como conversavam, se eles estavam os quatro virados uns para os outros só dá para conversar. Agora, nós aqui na escola, como tu reparas, nós estamos muito limitados, eu digo-te, nesta escola faz-se milagres, tendo aulas na sala normal.

E: E, diz-me uma coisa, vocês têm um bloco de 90 mais 45 minutos, no 5.º e no 6.º ano. Portanto, a escola atribuiu aqueles 45 minutos, meio bloco, à Educação Musical...

P4: Foi o Pedagógico que decidiu.

E: Ótimo. Olha, agora temos aqui a análise das actividades mais e menos realizadas em cada área de competência. Em relação à interpretação, tu dizes que o que fazem menos é cantar individualmente, nas duas turmas. Os alunos também acham o mesmo. Depois, poucas vezes “Tocam instrumentos da sala de aula”, na turma melhor. E, na turma pior, “Cantam” menos. Portanto, todos “Tocam instrumentos da sala de aula”, “Cantam em grupo”, mais ou menos, “Tocam flauta de bisel”, talvez um pouco menos que os instrumentos musicais?...

P4: Não...

E: Mas foi o que tu disseste, 3.

P4: 3, pois.

E: É por isso que eu te estou a perguntar, porque... os dados que eu tenho são estes...

P4: Sim, sim.

E: Por exemplo, dizes que cantaste menos com a turma menos boa. E eles também.

P4: Ah, detestavam cantar esses miúdos.

E: E, por outro lado, que tocaste menos instrumentos da sala de aula com a turma melhor...

P4: Pois... Não, e esta turma não gostava.

E: Pois, a turma não gostava... Cantar individualmente é uma actividade que se faz muito pouco, dizes tu e os alunos também.

P4: Não, pois, não... Sim.

E: O que os alunos dizem que fizeram mais foi tocar flauta de bisel.

P4: É, fizeram muito flauta de bisel. Eu não pus 4, porque achei que, repara, eu não pus ali 4 porque eu acho que o grupo 4, eu considerei este 4... Muitas vezes, nem todas as aulas tocávamos, percebes? Eu considero o 4, sempre, no sentido de tocar em todas as aulas, ser um bocadinho todas as aulas, e havia aulas em que eu não tocava porque havia outras coisas para fazer, se era uma aula em que ia ver um filme não ia tocar flauta, percebes?, ou se era uma aula em que ia trabalhar ritmicamente outras coisas não tocava flauta.

E: Mas, de qualquer maneira, os alunos acham que tocaram mais flauta do qualquer outro instrumento, no conjunto dos dois anos.

P4: Sim, sim, mas aqui na escola é... repara, aquela questão... Mas repara, o facto de nós tocarmos muita flauta com eles é a única hipótese de a gente poder trabalhar numa sala que não é a sala de música, os instrumentos devem ser para aí... nem aparelhagem temos. Eu é que trazia o meu computador e trazia a minha aparelhagem, porque a escola não tem mais material.

E: E os quadros interactivos não são suficientes para dinamizar outro tipo de...

P4: Não, não. Lá em cima temos, na sala de música temos, não é?, mas depois nas outras salas eu tinha de levar o meu computador e umas colunas para pôr lá para trabalhar com os miúdos, percebes? Não havia hipótese, eu andava sempre carregado. Eu tive de comprar umas colunas porque a escola não tinha, a escola tinha para aí uns gravadores que estavam velhotes, estavam estragados, depois têm que ser pedidos, depois não havia... Este ano já se está a pedir, porque todos sentimos as mesmas dificuldades, vamos pedir uns gravadores novos para nós termos, mas nós precisávamos obrigatoriamente. Repara, seis professores, nos horários era necessário uma sala por cada dois professores, uma sala e uma sala devidamente equipada, só que não há, a escola não tem hipótese... Agora, quando foram as matrículas, a escola excluiu muitos alunos para o 7.º ano, porque a escola não tem capacidade para mais alunos. Repara, de nove turmas de 6.º ano ficam quatro turmas de 7.º ano, é a quantidade de alunos que se vai embora. Portanto, a flauta é muito valorizada aqui na escola.

E: Bem, o questionário é sobre o 5.º e o 6.º ano deles, e aqui falámos na tua prática enquanto professor. Pronto, em termos de interpretação já falámos bastante, é uma área que tem peso. Tem aqui quase uma igualdade entre teoria e interpretação, aliás é igual, a turma pior até tem um bocadinho mais aqui (aponta para teoria). Faz-te sentido isso que estávamos a falar ainda agora de se ir chamar... quando estamos a trabalhar na área da interpretação chamamos a atenção “olhem esta figura, olhem esta célula”...

P4: Mas eu trabalho assim, eu não dou aulas teóricas... A teoria aparece... Aparece, nesse momento aproveito e falo.

E: E como a turma mais fraca tem menos bases, se calhar falaste bastante?

P4: Ah sim, sim.

E: Pronto. Portanto, vamos à composição, agora. Queres dizer mais alguma coisa sobre o trabalho que fazes na área da teoria?

P4: Não.

E: A composição é uma área que aparece com menos expressão e também as experiências de aprendizagem. Quais são as dificuldades com a composição? Quais são as tuas estratégias para os trabalhos de composição na aula?

P4: Praticamente, a composição que eles fizeram comigo foi vitamina rítmica, os da turma X ainda fizeram trabalhos de gravação, ainda fizeram composição com flauta e instrumentos e pediram-me para fazer algumas coisas, não muito, mas fizeram. Mas, repara, eu quando estava na outra escola tinha uma sala devidamente equipada e fazia muita composição, os miúdos tinham a oportunidade de trabalhar com instrumentos percebes? nós tínhamos até tambores, os tambores dos *Tocá rufar*, mas era uma sala muito equipada, aquilo era uma salinha que era ali um nicho de música que nós tínhamos.

E: Então, aqui na composição a dificuldade é o facto de teres pouco material disponível?

P4: É, é, É, porque repara, a composição corporal eu pude fazer, a composição rítmica corporal eu pude fazer. Não fiz a composição vocal, não fiz, mas a composição corporal pude fazer e a instrumental fui fazendo, com a flauta e com aquilo que... eles muitas vezes compunham em casa com os instrumentos que tinham.

E: Por exemplo, “Inventar ritmos para acompanhar músicas”...

P4: Isso eu fazia... eu fazia... Quando eles tinham temas para trabalhar nos livros... Sabes que estes livros também são uns livros... Estes livros que eu trabalho este ano,

são uns livros novos, eu nunca trabalhei o livro B, eu não gosto muito do livro B do 5.º ano, pessoalmente não... pelo menos até ver ainda não criei nenhuma empatia com o 5.º ano, o que me foi difícil para o 5.º ano porque tive de alterar completamente, fiz montes de fichas para o 5.º ano, percebes?, porque não... É engraçado, agora estou a começar a absorver mais, cheguei aqui à escola, apanhei aqueles manuais e acho que aqueles manuais é preciso já ter alguma experiência com os manuais, conhecer bem os manuais. O 6.º ano é um manual de que eu gosto pessoalmente, porque também tem o caderno de actividades, eles trabalham muito com o caderno de actividades, o caderno de actividades do 6.º ano está muito bem organizado e é um trabalho muito prático, é muito engraçado o que eles fizeram, tem muito trabalho de exploração sonora, tem muito trabalho de corte e colagem, de audição, tem muito trabalho de audição, de visualização e audição dos DVD que ele traz, para... pronto, para já, para desenvolver o sentido estético, o sentido de auto-crítica.

E: Portanto, reconheces que a composição é uma área que se trabalha menos?

P4: É uma área que tenho de trabalhar mais com eles, percebes? Mas temos que dar uma volta a isto, esta escola tem que...

E: Os nossos colegas falam da necessidade de os alunos poderem experimentar sem perturbarem os colegas, também a fazerem trabalho de grupo, que também têm que experimentar... e, às vezes, isso faz com que se gere uma certa confusão...

P4: E faz, às vezes faz confusão. Repara que, estas duas turmas que tu foste ver... viste o tamanho delas? Agora eu, por exemplo, fazia com o professor C, fazíamos numa turma de 26... não, de 24 alunos, em que gravámos composições, gravámos imensas coisas com os miúdos, porque era Área de Projecto e como somos os dois de música.

E: Este ano tiveste?

P4: Eu tenho Área de Projecto. Eu e o professor C, como somos os dois de música, fizemos um projecto sobre o som e a imagem, e vamos continuar no 6.º ano... e então, uma das coisas foi eles desenharem imagens e musicarem essas imagens, depois fizemos gravação, fizemos gravação disso. Foi uma complicação todos os miúdos dentro de uma sala, aquela sala, grupos com instrumentos, depois gravar, aquilo foi gravado e foi documentado... Oh, a gente faz muita coisa na Área de Projecto...

E: E a Área de Projecto é distribuída como?, qual é o critério?

P4: Não faço a mínima ideia.

E: Mas não está destinada a grupos, a determinados grupos disciplinares?

P4: Não, habitualmente a música está sempre. Sabes que eu acho que música e EVT estão sempre... Há sempre alguém de EVT e há sempre alguém de música ou, às vezes, são os dois. No meu caso éramos os dois de música, mas, por exemplo, o professor C estava com outra turma que era ele e uma colega de EVT, que foi excelente por causa do trabalho técnico de dramatização, porque depois levou ali duas vertentes excelentes, não é? E nós, na área da música, tivemos de encaminhar as coisas um bocadinho na área que nós estamos à vontade, mas também tinha de ser algo que... porque em Área de Projecto os miúdos aprendem a organizar informações, trabalhar em grupo, e tivemos que organizar o que é que vamos trabalhar esteticamente, qualquer coisa com eles... E falámos com eles, eles apresentaram vários temas e depois surgiu o tema de trabalharmos o som e a imagem, e é um projecto a que se vai dar continuidade, até porque, depois, queríamos tirar fotografias a vários pontos de Lisboa que eles achem interessantes e musicar isso, e criar... Eles escrevem coisas giríssimas, musicalmente... Foram eles que criaram as músicas e fizeram coisas giríssimas, nós estávamos espantados, eles fizeram os cartazes com os desenhos que criaram, com corte, colagem e desenho, e depois transpuseram isso para a música.

E: Muito bem. Quanto à audição. As actividades de audição partem muito do manual, já percebi que usas o manual.

P4: Sim, uso. Eu não fiz o manual todo, fui fazendo, claro, fui saltando conforme as necessidades.

E: Mas, “Ouvem música”, os alunos também dizem que ouvem bastante. Uma área que falas que se faz menos, “Trazem música para a aula para partilhar com a turma” e eles também dizem que se faz menos. E, de resto... dá-me a impressão que “Fazem ditados de sons” e “Fazem ditados rítmicos” foram actividades menos feitas?...

P4: Sim, não sou... aliás eles acabam por fazer ditados rítmicos porque as vitaminas rítmicas que eles fazem, todos os dias, eles fazem um ditado rítmico todos os dias, porque a vitamina rítmica que eles fazem eles depois têm que a escrever, todos, e só depois é que o colega mostra o que é que escreveu. E depois a gente corrige, compara o que é que está mal e o que é que está bem... eles vão fazendo. Eles juntam-se em grupo, saem da mesa e estão em roda, ao colega apresentam a sua...

E: A turma inteira?

P4: A turma inteira, eu estou ali na situação de aluno.

E: Pois, tu tens espaço naquela sala...

P4: Naquela, mas na outra sala não tenho hipótese de fazer isso. Então eles estão em roda, ali, e há um que traz a vitamina preparada, um, ou, às vezes, pedem-me para serem dois, mas se forem dois a complexidade da vitamina aumenta.

E: E tu dizes quantos compassos queres?

P4: Não, não, não, são eles que criam, são eles que criam, pronto. E eles fazem um ritmo, criam um ritmo corporal que pode ser depois dividido em duas partes... podem fazer em casa, alguns fizeram em casa ou... enfim, depois eles criam conforme entenderem. Entretanto, logo no início do ano, eu faço o visionamento de alguns vídeos com miúdos da idade deles que fazem vitaminas rítmicas espantosas, para eles verem que realmente é possível fazer. Então eles depois apresentam, apresentam cada um, às vezes há uns que apresentam um bocadinho mais elaborado e há outros que apresentam um bocadinho mais simples, pronto, mas vão apresentando.

E: Com o ritmo inteiro...

P4: Ele faz, não eles primeiro experimentam, ele faz e toda a gente imita. Portanto, ele faz, toda a gente faz e ele repara que há alguém que está a fazer mal. Se ele vir que no contexto toda a gente fez bem, tudo bem, se ele vir que há alguém que está a fazer mal ele vai repetir novamente e vai ver o que é que está mal. Ele tem que corrigir, ele está na situação de professor naquele momento. Portanto, ele faz e depois distribui a vitamina e faz o que quer com a vitamina. No início há uns que chegam, no início, e fazem (bate palmas exemplificando um ritmo simples), pronto e chega. Claro que eu depois quero muito mais do que isso, isso não chega, depois entra a noção do obstinado, depois entra aquela noção do padrão rítmico, e não sei quê mais... depois estas noções teóricas vão todas entrar. E depois, no final de fazerem esta vivência, esta experiência, então sentam-se no lugar e agora vamos escrever os ritmos que o vosso colega vos ensinou.

E: E como estes miúdos da turma menos boa, digamos assim, são melhores ritmicamente, acabaste até por fazer mais este trabalho de registo, de eles escreverem os ritmos...

P4: Sim, sim.

E: Normalmente tu... esta coisa “Ouvem músicas de vários tipos”, socorres-te muito de audições que trazes de casa?

P4: Ah sim, tanta coisa, eu ando sempre com uma data de CD na minha pasta, e repara que hoje em dia é assim, a gente tem Internet (ri-se). Nós temos Internet na sala, e temos o quadro interactivo e temos os projectores, eu de repente, no contexto da aula, os

alunos falam de uma coisa ou fazem-me uma pergunta, hoje em dia realmente nós temos este recurso que é excelente, “e agora vou-vos já mostrar, vou-vos já mostrar”, percebes? É num instante, eu gosto de começar por ir ao Youtube, vê-se num instante, “oh professor vi aquele instrumento que era assim, não sei como é que é”, tudo bem, vou ali demonstrar na Internet. Bem, e depois é assim, é a possibilidade de eles ouvirem instrumentos que muitas vezes tu ouves mas não vês, o que é um bocadinho complicado a gente ouvir e não ver. Eles queriam, por exemplo, ver um didgeridoo; olha, na Internet tens montes de didgeridoos, e é uma facilidade enorme, percebes? Porque tu hoje com a Internet os miúdos visualizam, vêem, ouvem.

E: Falámos já bastante da teoria e da maneira como ela aparece. Ela tem bastante expressão aqui nos teus questionários, mas a explicação...

P4: É, a teoria está diluída aqui.

E: Portanto, a teoria aparece diluída principalmente na interpretação, é isso?

P4: Sim, sim.

E: Portanto, eu acho que não vamos perder mais tempo com isso. “Fazem testes escritos”, é uma coisa que fazes com as duas turmas...

P4: Então, temos que fazer, não é? Faz parte do grupo e faz parte da escola. Nós temos, no mínimo, que fazer o teste do período, no mínimo, no mínimo o teste do período, pode ir até dois, três, o que quisermos.

E: Isso é feito pelo grupo?

P4: É, é feito pelo grupo. Portanto, isto é o teste escrito que é feito pelo grupo, depois é os pequenos testes que nós fazemos, as avaliações na flauta, muitas avaliações, mas isso são pequenos testes que a gente faz na aula, percebes?, são os testes formativos que a gente faz, mas os testes sumativos no mínimo deves fazer um por período, fora a prova de aferição...

E: Que é uma política de escola?

P4: É, isso é de escola.

E: As experiências de aprendizagem, que é uma área nova que aparece neste desenho curricular e que chama a atenção para tudo aquilo que se passa, dentro ou fora da escola, e que traz benefícios artísticos e gerais para os alunos. Eu, sabendo que esta escola tem esta dinâmica musical, esperaria que esta área fosse um bocadinho maior...

P4: Porque estas turmas não foi... Com outras, por exemplo, foi. A turma D, os meus 5.os anos todos fizeram espectáculos, estas duas turmas não foi... e... por acaso esta

turma não foi, a Y, porque era uma turma muito envolvida nas danças sociais da escola, esta turma estava muito ocupada com as danças sociais.

E: As danças...?

P4: Danças sociais. É uma colega que dá dança, que dá danças sociais, danças de salão, e esta turma estava constantemente ocupada com as danças, portanto, esta turma fez vários espectáculos de dança, e estavam sempre envolvidos, tudo o que eles tinham de horas de... por exemplo, eles foram convidados para ir para os clubes de música e nenhum deles foi, nem desta nem daquela... Estes não iam de certeza, estes miúdos aqui da X é escola, é ir às aulas e mais nada, tudo académico. De resto, fora disso, nem os pais, nem muitos dos pais autorizavam que os miúdos participassem em nada, muitos deles, não estavam em clubes nem nada, só estavam no clube da matemática, enfim estes clubes um bocadinho mais... não tão práticos. Estes aqui (turma Y) estes miúdos já estão envolvidos porque já vinham do 5.º ano, com a professora, estavam envolvidos nas danças sociais, os que estavam envolvidos, porque havia aqui miúdos que não se envolviam em absolutamente nada, fora o desporto. Portanto, a Y era uma turma que estava envolvida, isto era uma turma que estava envolvida no desporto escolar, muito no desporto escolar e nas danças sociais, raparigas nas danças sociais, e é engraçado, esta turma, muitos miúdos desta turma, havia 3 ou 4, talvez 5 miúdos desta turma, que estavam nos musicais, portanto, iam aos musicais... Mas é engraçado que com estas turmas não foi... porque se fosse, por exemplo, com a turma D seria completamente diferente, porque foi uma turma que participou e fez espectáculos e fez coisas.

E: “Assistem a espectáculos musicais na escola”, foi o que tu dizes que fizeram mais.

P4: Foi, foi. Sim.

E: Depois há “Realizam trabalhos de pesquisa sobre música”, fizeram algumas coisas, e também “Assistem a espectáculos musicais fora da escola”, coisas programadas...

P4: É porque também coincidiu com os horários, percebes? Isto também tem a ver um bocado com os horários, eu tive possibilidade com a turma X de ir e com a turma Y não tive essa possibilidade.

E: Portanto, às vezes é possível sair da escola e organizar coisas...

P4: Pois é que esta coisa de sair da escola eu, eu... sair da escola... a experiência não é, infelizmente... é positiva e não positiva também, porque eu gosto de levar os miúdos a todos os lados mas eu gosto de levar os miúdos quando há possibilidade de ser um autocarro a pôr aqui à porta e a levar os miúdos ao sítio, porque eu já tive,

inclusivamente, uma experiência em que um miúdo se perdeu, percebes?, e foi um caos. Imagina os miúdos num estado, numa ansiedade, uma coisa tremenda... Felizmente depois apanhámos o miúdo, mas foi?... Imagina que este miúdo de repente desaparece como é que a gente ficava? E eu com os miúdos nunca mais faço isto, isto já foi noutra escola mas nunca mais faço isto. Ou vou a pé com os miúdos, por exemplo, na escola E nós íamos muito para Belém e ao Centro Cultural de Belém mas era a pé, íamos um grupo de professores. Eu, a partir daquele momento, ou fretava autocarros à Carris e a Carris pára aqui, leva os miúdos e depois trá-los para cá, ou então de autocarro alugado, o que muitas vezes não é possível. Por exemplo, nesta turma não era possível porque os miúdos não tinham muito dinheiro, eu na Área de Projecto, mais a minha colega, tentámos levar esta turma ao Jardim Zoológico, porque eles fizeram na Área de Projecto, um projecto sobre os animais, um tema que eles escolheram que era os animais portugueses, e não conseguimos ir ao Jardim Zoológico, porque os autocarros eram caríssimos e eles não tinham dinheiro para pagar, eles tinham de pagar 12 a 15 euros para ir daqui ao Jardim Zoológico mais o bilhete do Jardim Zoológico, não foi possível...

E: Olha, nós já conversámos tanto, é sinal que havia muita coisa para dizer... Ah, diz-me só uma coisa, tu não respondeste aqui a este item, mas deve ter sido por esquecimento, “Copiam músicas para as pautas do caderno diário”, na turma boa.

P4: Não respondi? Passou, porque eles fazem cópia... Podes pôr perfeitamente 3, porque eles para estudarem flauta tinham de copiar tudo, podes pôr um 3. Estranho... estranho porque eles, antes de estudarem a melodia, passam à mão primeiro.

E: Tu saltaste um item, naturalmente.

P4: Pois, devo ter saltado, devo ter saltado.

E: Diz-me agora só uma coisa final assim muito geral, que é, quando saís contente de uma turma, quando as coisas correm bem nas tuas aulas, o que é que corre bem? Quer dizer, quando saís muito contente da aula normalmente é porquê? O que é que te dá realmente alegria e satisfação?

P4: Olha, o que me dá alegria é quando saio e quando vejo que os miúdos gostaram de lá estar, é quando vejo que os miúdos no final da aula não querem sair da aula, e vão para ao pé de mim, porque querem fazer coisas e querem fazer mais, percebes?, e fico muito contente. E é engraçado porque nesta escola aconteceu isso, na escola E não acontecia tanto isso, talvez por causa dos miúdos, não sei... havia uma ou outra turma

mas no geral não acontecia, quando chegava a saída os miúdos queriam sair, e aqui não. Eu aqui noto que os miúdos, nesta escola, ficam na sala, ficam na sala, querem ficar na sala, e eu fico muito contente quando os miúdos no final da aula, não ficavam todos obviamente, mas fico contente que um grande grupo de miúdos fica na sala. Fica, quer experimentar mais, “posso tocar ali?”, “olhe, mas toque outra vez isto que há bocado fez”, “mas quando é que faz isto?”, “ó stôr, como é que fez isto na flauta?”, percebes? Isto dá-me satisfação pessoal porque vejo que fui ao encontro deles, mostrei-lhe alguma coisa que é novidade para eles, alguma coisa que os despertou para a música, para a facilidade musical, para a estética, enfim. Isso é que me dá um certo prazer.

E: E a parte má? Quando corre mal?...

P4: É, quando os miúdos saem pá, olha, pronto, já se foram embora, estão à espera percebes?, estão à espera do toque para se irem embora. Não quer dizer que seja sempre, que seja pelo facto do professor não ter ido ao encontro dos alunos ou não, mas quer dizer que alguma coisa houve ali que não deu o clique para eles estarem satisfeitos, não é? Porque isto provavelmente passava-se em todas as disciplinas... há disciplinas, se calhar, com mais dificuldade. Se for uma disciplina cognitiva, se calhar, eles querem sair mais depressa do que numa disciplina prática, se estiverem numa aula de EVT e estiverem a realizar um trabalho que estão a gostar, ou uma aula de Educação Física, há alguns que não gostam de Educação Física, um é capaz de estar desejoso que aquilo termine, não é? Há sempre miúdos que estão desejosos de sair, mas há outros miúdos que não, gostam sempre de estar ali e eu fico contente quando os miúdos no final... Eu, às vezes sou eu que os tenho de empurrar da aula percebes, eu frequentemente, ainda por cima a nossa sala é lá no cimo e eu quero ir à sala de professores... Olha, depois da turma X, eu nunca vinha ao intervalo, porque a X era à quarta-feira, quando tu estiveste lá, e eu a seguir tinha duas horas de substituição, portanto, eu nunca vinha à sala porque eles depois queriam lá ficar, queriam perguntar mais isto, perguntar como é que se faz isto, como é que se faz aquilo e eu acabava por ficar o intervalo de 20 minutos ali e depois tinha de voltar muito rápido para dar as duas horas. Isso satisfaz-me, percebes?, chegar ao final da aula e ver que os alunos... aliás, eu acho que se nota, eu acho que se nota na forma como os alunos até se despedem de nós, percebes?, nota-se se eles gostaram da aula, se não gostaram da aula, nota-se perfeitamente. Não quer dizer que... ouve lá, muitos miúdos o que mais querem é sair da aula e ir jogar à bola, a aula já acabou, é perfeitamente natural, não é? Mas de qualquer maneira são sinais que dá para

a gente observar e se aperceber do que se vai passando, percebes? E eu regra geral, olha que eu regra geral, salvo uma ou outra exceção, mas regra geral nunca consegui sair da sala... há sempre um grupinho de miúdos que fica sempre a perguntar coisas e quer experimentar, então na sala de música...

E: A questão relacional, é uma questão muito falada pelos professores...

P4: Eu acho que... eu nunca senti esse problema, salvo um miúdo ou outro que são casos muito problemáticos, mas por exemplo eu tinha miúdos que faltavam a outras disciplinas e não faltavam à minha.

E: Portanto, nem sequer tens de te preocupar muito com isso.

P4: Não, não me preocupava muito.

E: Porque achas que é uma característica que tu tens, que consegues criar uma boa relação com os alunos...

P4: Eh pá, sabes?, eu também trabalhei 6 anos num estabelecimento prisional, percebes? Como eu me consigo relacionar com presos e não me consigo relacionar com estes miúdos, mal seria, não é? Eu trabalhei com criminosos, percebes?, com criminosos, assassinos, com miúdos assassinos que aos 16 anos eram assassinos, portanto, estavam presos e eu tinha a vertente musical. O estabelecimento prisional, o estabelecimento prisional F, era um estabelecimento, na altura, portanto, isto foi para aí anos 80, era o estabelecimento prisional modelo, foi dos primeiros estabelecimentos que criou um modelo em Portugal para fazer actividades, música, bateria, carpintaria... e então na música criei um grupo de música que era o grupo de música popular portuguesa. Foi giríssimo, eles saíam de fora da cadeia para fazer espectáculos, percebes? Isto foi uma conquista, mas não foi fácil, eu já era para aí o sexto ou sétimo professor de música que lá estava, não foi trabalho fácil, mas foi um bom trabalho.

E: Bem, penso que está tudo. Há alguma coisa que tu faças, que queiras acrescentar?

P4: Bem, eu faço as coisas que gosto e pronto.

E: Então muito obrigada, P4.

P4: De nada, de nada.

3.5 Professor 5 (P5)

Data: 21 de Junho de 2010

Hora: 15h

Local: Escola do entrevistado

Género: Feminino

Idade: 45 anos

Habilitação académica: 12.º ano; Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico

Formação profissional: Curso Geral de Composição.

Tempo de serviço: 28 anos

Situação profissional: Professor vinculado.

Outras experiências profissionais: Professor de Iniciação Musical no Conservatório Regional do Algarve; Responsável pelo Coro do Instituto Militar dos Pupilos do Exército.

E: Estávamos a falar do teu trabalho de mestrado, o já me ajudou a perceber que valorizares bastante a *performance*, como dizes, não é?

P5: Sim. Eu acho que é através da *performance*, da parte da *performance* na Educação Musical que tu consegues desenvolver mais competências, ou seja, porque ali não podes estar parado à espera, não é? Aquilo tudo é em tempo real, portanto, tu tens que aprender a desenrascar-te no momento.

E: Hum, hum. Mas vamos, primeiro que tudo, olhar aqui para os resultados do trabalho que eu fiz na tua sala, a aplicação de um questionário, ao professor e aos alunos. Este trabalho, obviamente, tem uma dimensão a nível das políticas educativas, existe um currículo, existem áreas de desenvolvimento de competências identificadas. Depois existe o contexto da escola, que também é muito importante.

P5: Há um contexto que leva, pois claro, evidente.

E: E depois, o que acontece na sala de aula. O meu trabalho é sobre o que se passa na sala de aula, mas também tenta perceber, um bocadinho, o que se passa ao nível do ambiente da escola.

P5: Sim.

E: Os gráficos que resultaram da análise. Vou só explicar-te, rapidamente, o que representam. Aqui estão as áreas de competência que eu identifiquei, interpretação, composição, audição, teoria e as experiências de aprendizagem. Este é o teu gráfico, este é o dos alunos. Nós aplicámos, no teu caso, só a uma turma porque só tinhas uma turma do 6.º ano.

P5: Sim.

E: Mas como era a melhor, era interessante ver uma boa turma de uma escola com alguma dinâmica... Olhando para aqui, percebe-se perfeitamente que a área das experiências tem uma grande importância, assim como a interpretação.

P5: Sim.

E: Porque eram 5 áreas e 7 questões, ou itens, para cada área. Se tivesses respondido 1 a todos os itens, estarias aqui no 7. 14, seria 7 vezes 2, ou seja, se tivesses respondido 2 a tudo. O 3, era 21, não é? 3 vezes 7 questões. E 4, 28.

P5: Hum, hum.

E: Portanto, por exemplo, nas experiências de aprendizagem estás na zona do 24. Ou seja, tu fazes muitas, não só estas actividades que se fazem a nível de escola, mas dentro da aula ... Porque é que tu achas que há esta...

P5: Eu, eu, eu... Nós fazemos, eu trabalho muito... não é, não é para cada um, é... há sempre uma parte de, tem um bocado a ver com a história da *performance* também (ri), que é o expor aos outros mas dentro do grupo, dentro do pequeno grupo, nem que seja um grupo de um para dois. Portanto, há sempre uma interpretação mais individualizada... para os outros. Portanto, há sempre uma parte mais... mais pessoal, mais individualizada.

E: Pões sempre um grande enfoque nesta área?

P5: Sim, sim.

E: E os alunos respondem? Há adesão?...

P5: Sim. Há sempre... Porque a capacidade deles de, de... não é bem... Às vezes baralham as coisas. Por exemplo, eu estou olhando aí para a composição e vejo que eles não percebem o que é... Nós não dizemos, “agora vamos fazer uma actividade de...”.

E: Exacto, exacto. Mas, se calhar, devíamos dizer, não?

P5: Não sei se isso seria importante. Porque, não sei... Quando eles compõem... quando há uma parte de composição, por exemplo, com ritmo, nem que seja a coisa

mais simples de bater palmas, na pergunta-resposta, por exemplo, que é uma actividade de composição, não deixa de o ser.

E: Sem dúvida.

P5: Para eles... Para eles composição é muito mais que isso. Composição é uma coisa mais global em que não é para eles, que é para os músicos, para os... Pronto. Portanto... eles às vezes não percebem bem o... o conceito em si das coisas. Não sei se terão que perceber ou não, não sei. Têm é que vivê-las.

E: Esta área (aponta para as experiências de aprendizagem) é muito importante, mas também se cruza muito, provavelmente, aqui com a área de interpretação, não é?

P5: Pois.

E: Ou seja, muito do que vocês fazem em interpretação dá azo a uma pequena apresentação, mesmo que seja no contexto da aula. É isso que tu me estás a dizer?

P5: Sim. É essa a ideia, sim. Estamos de acordo.

E: E portanto, estas duas áreas são muito...

P5: Não. Eu acho que isto também tem um bocado a ver com as nossas capacidades, não é? As nossas competências e... se calhar é por onde me sinto mais à vontade, portanto, é óbvio que as exploro mais.

E: Claro. Os alunos também têm a percepção, que é bastante parecida com a tua, da dimensão maior destas duas áreas. Depois, a composição. Aqui, na área de composição, o que é que eles fazem?

P5: Nunca trabalho a partir do nada. Trabalho sempre, ou com indutores de... sei lá, ou de histórias, ou de... sonorização de histórias, que eu acho que é o primeiro passo quando eles começam. Ou então sobre, sobre músicas que já existam, ritmos para acompanhar, ou palavra para acompanhar. Portanto... composição de construção harmónica não faço muita, não, não faço muita... eu sei, eu sei...

E: E melódica?

P5: E melódica... melódica, mais na pergunta-resposta também, não é? Porque é uma coisa óbvia. É uma coisa que... eles não podem ter, eles não podem mostrar insucesso, percebes Isabel?, e quando eles não têm essa preparação... Porque a composição, não há dúvida alguma que tem a ver também com vivências anteriores. Eu entendo que eles não devem sentir insucesso naquilo que apresentam, ou vergonha naquilo que apresentam... e não se sentem tão à vontade... É difícil. E a idade, eu já cheguei a essa conclusão, que esta idade é uma idade inibidora da criatividade. É quando eles

começam a recolher a criatividade, no meu entender. Achrom que não são suficientemente bons... É mais um sentido crítico também individual, para eles, autocrítico. Na escola primária os miúdos não têm qualquer tipo de inibição de fazer qualquer coisa, seja o que for... Quando chega aqui, o 5.º ano ainda começam, mas o 6.º ano então é... então as miúdas, no 6.º ano...

E: É uma idade de grande mudança, de grande transformação física, mental...

P5: É, é, é, é. É cogumelo. É, é. Por exemplo, a parte, que é uma coisa que é relativamente fácil, que era de eles o ano passado terem que fazer, criar a coreografia para, para, para... uma parte escrita que estava feita, portanto, não tinham que fugir além daquilo. Os marinheiros no barco, por exemplo, é muito fácil, tu rapidamente imaginas alguém a remar ou... e eles até nisso têm dificuldade de expor o corpo, de expor o movimento. Uma coisa mesmo... Nem é o tocar afinado ou desafinado, não é nada disso, é só mesmo... o remar, por exemplo, até nisso eles têm dificuldade, é tudo teso, é tudo contido, é tudo...

E: Mas isso, provavelmente, também mostra que a criatividade e a livre expressão, têm pouco peso na escola. Não estou a falar especificamente da aula de música...

P5: Eu acho que têm muito pouco peso na escola. Têm, têm. Têm, têm. Só nos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, nas composições... Eles só estão habituados... Criatividade, para eles, é escrever os textos para as composições de Português, mais nada.

E: A questão da falta de tradição de criatividade na escola, é pertinente?

P5: Sim. E eu acho que o 1.º ciclo não está, não está. Não está atento a isso também, não... Vais ver as festinhas de final de ano... Eu não, eu não, não... Eu acho que o que é importante é fazer-se, independentemente das limitações que se tenha ou não, mas... as festinhas de final de ano das escolas... Ainda há muitas escolas do 1.º ciclo com... para mim isso não me diz nada, que é já aquilo para os pais, de cantar uma cantiguinha para os pais ou... Porque era tão mais fácil fazer, e tão mais interessante, fazer... Porque é que aquela turma do 1.º ano não se junta, não tem uma relação com a turma do 5.º que vai a seguir, ou com a 4.ª? É tão fácil sair daquele protótipo de apresentação familiar quase, fechada, sem... Não tenho já essa... Acho que é mais enriquecedor para todos e isso nota-se aqui nas, nas... nos espectáculos aqui da escola, porque os miúdos valorizam muito. E isso está lá no meu trabalho, o importante para eles... miúdos que têm insucesso escolar, e que dizem que o importante para eles era participar numa festa

de escola. Portanto, o sair da turma, o sair daquele grupinho, o fazer para a escola inteira, mesmo que cada um tenha a sua parte, o fazer para a escola, aquela identidade de escola que se cria, não é preciso ser uma coisa muito ambiciosa, pode ser uma coisa muito simples até... acho que é importante, acho que é muito, muito importante.

E: Essas questões da composição põem ainda alguns problemas, mas tu tentas fazer?

P5: Tento. Mas é também limitação minha, confesso.

E: Depois, a audição. É engraçado que os alunos e tu, têm uma percepção muito parecida. Portanto, faz-se audição regularmente. Trabalhas a audição de forma sistemática ou ouvem aquilo que vem a propósito?... Como é?

P5: Há muita coisa que vem a propósito, há muita coisa que vem a propósito. Às vezes vem a propósito de um aluno, não é?, que naquele momento... então vamos, “já ouviu esta música?”. Então vamos ouvir com mais cuidado, vamos aqui extrair qualquer coisa, seja que estilo for. Eu não, isso não... É evidente que, por meu lado, acabo por dar mais a parte clássica, mas isso é porque, porque sei que é a parte que lhes falha também mais a eles, não é? Ou a tradicional. Porque é o que lhes falha, o que não têm tanto ao lado, ou no dia-a-dia. Mas pode vir a propósito de qualquer coisa.

E: E eles reagem bem a essas linguagens musicais?

P5: “Ah, afinal isto aqui é... então afinal até gosto. Ah isto é da orquestra, afinal até gosto”. Nós costumamos ir ver ali a Orquestra Metropolitana a tocar... os *ateliers* que eles fazem no princípio do ano para apresentar os instrumentos e a partir daí é muito fácil. Realmente, é quase impossível gostar de uma coisa que não se conhece, não é?... Portanto.

E: Essas idas à Metropolitana, são regulares?

P5: Faz-se às vezes, não se faz sempre, mas faz-se com alguma regularidade. Quando não é na Metropolitana temos na... na Musicoteca, que eles têm de, de... de pequenos agrupamentos ou de cordas, ou de sopros, ou de...

E: Estavas a falar da audição e da maneira como tu trabalhas...

P5: Normalmente vem a propósito. Sim, sim. Não é a talhe de foice, é muito, muito a propósito.

E: Mas, aqui na audição, como é que fazes?...

P5: A audição só por si também não existe, só existe com execução de ritmos, ou de palavras, ou de... Portanto, ouvir por ouvir, não. É sempre para descobrir qualquer coisa. Aliás, acho que nós também temos essa... nós, sei lá, pessoas que têm um

bocadinho de formação musical, quando vão... estamos sempre para lá de outros pormenores... Às vezes, se calhar, até nem somos os apreciadores, os melhores apreciadores, não é? Porque estamos atentos a outros pormenores, agora muda de compasso ou agora muda de tonalidade... Acabamos por estar, às vezes, atentos a coisas e perder a globalidade, a pormenores e perder a globalidade. Mas isso faz parte da formação.

E: Está bem. Quanto à teoria. É a área a que dás menos importância, menos peso. Eles também não dão grande peso. Porque é que é tão pequenina para ti?

P5: Para já, a teoria só vem agarrada a uma prática, não é? Se um miúdo chega ao final do ano, eu não me interessa se ele sabe a clave de sol, ou se sabe a armação de clave, ou se sabe a tonalidade, interessa-me é que ele olhe para uma pequena partitura, uma partitura simples a uma voz, e que a saiba executar no instrumento. Portanto, quando ele a sabe executar, automaticamente quer dizer que ele tem os conceitos todos adquiridos, não é verdade? Porque... pode não saber explicar, às vezes, mas sabe o que é que tem que fazer quando aquilo aparece. Quando aparece um sustenido, ele sabe o que é que tem a fazer e sabe que aquilo muda o som, mas não percebe a parte da teoria exactamente, o que é que é o sustenido ali no meio ou que tenha a ver com a tonalidade... Eu acho que um miúdo do 5.º e 6.º que não estude música lá fora, não tem essa consciência.

E: E tu não estás preocupada que ele perceba...

P5: Não. Não. Ele percebe que se a nota não tiver o sustenido soa mal ali. Portanto, o que é que há aqui, o que é que altera aqui, não é? O facto de eles reconhecerem o sustenido, para eles é uma... reconhecerem visualmente ou reconhecerem auditiva, já é um elemento de teoria adquirido. Não é a teoria como... pá, eu tenho formação de Conservatório, não é? Para mim, teoria é muito mais do que olhar para lá e ver que ali toca na nota preta ou toca noutra posição da flauta, não é?

E: Claro, claro.

P5: O que é que me interessa saber que é meio-tom? Isso não... Interessa é que aquele som ali não combina, portanto, têm que fazer qualquer coisa para entrar ali um som que fique mais harmonioso, não é?, e que aquela nota tem que ser alterada. Agora se é meio-tom... Eu acabo por explicar, mas são as ditas curiosidades. Mas são as curiosidades. Sabes que eu utilizo muito o sector de curiosidades... ou porque é que... por exemplo, os sustenidos e os bemóis é sempre por causa da tecla preta do piano... Porque é que há

teclas brancas e teclas pretas, não é? Por mais que tu faças o teclado e que digas que o som daqui aqui é mais pequeno, o intervalo de som, que... auditivamente eles não têm esse treino, portanto, não conseguem identificar. Conseguem identificar visualmente e conseguem identificar que é preciso pôr ali qualquer coisa para aquilo mudar, aquele som. Mas não conseguem auditivamente ver qual é a diferença entre meio-tom ou um tom. Não têm esse treino nem... e julgo que nem precisam dele no... se a experiência musical deles forem só estes dois anos, não precisam disso, precisam de sentir que soa melhor e que fica... Agora se é meio-tom ou um tom... Portanto. Agora isso para eles é... provavelmente é uma aprendizagem de um conceito, uma teoria que fica... até porque há sempre a parte do... “Se vocês puserem isto em frente aos vossos pais eles não conseguem ler”, portanto.

E: Digamos que a teoria não te aparece nunca, ou poucas vezes, isolada de uma actividade ...

P5: Não aparece nunca.

E: E está muitas vezes associada a uma destas actividades (aponta para as áreas da interpretação e da audição).

P5: Vai influenciar essas é evidente, principalmente na interpretação.

E: Hum, hum. Eu acho que já percebi, acho que fiz as perguntas todas para clarificar melhor a leitura destes gráficos. Este quadro que aqui está vai a questões mais específicas. Este é o teu, o pêzinho és tu. Aqui, são os alunos. Estas são as questões, que estão em cada área, agrupadas. E aqui... eu só tenho os valores máximos e mínimos... Isto é tudo a que deste 4, neste caso deste 4. E a questão a que deste menos pontuação foi esta, "Cantam individualmente".

P5: Cantar individualmente (acena afirmativamente com a cabeça).

E: Os alunos, também muito parecido contigo. Eles salientam a flauta, e tu reconheces que “Tocam flauta de bisel” bastante. Faz sentido eles dizerem isto?

P5: Eu toco flauta de bisel, bastante. Super prático, super... qualquer um tem, não é verdade? Portanto, todos podem e descobrem rapidamente de ouvido... Eu odiava ao princípio e quando comecei a dar flauta, tive que aprender sozinha, não é? Depois descobri que realmente hoje em dia os miúdos gostam mesmo. Nós temos aqui miúdos que faltam, que não trazem material nenhum para as aulas, mas trazem-me a flauta. A flauta não tem tantos problemas de afinação como as pessoas dizem, não tem tantos. A

flauta, esta de bisel agora, tudo igual, não tem tantos. É uma afinação... é fácil aprenderem a controlar.

E: Na área da composição, o que dizes fazer mais é “Inventam ritmos para acompanhar músicas”, “Contribuem com ideias pessoais para a construção de uma música” e “Acompanham livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos”. Eles referem “Acompanham livremente música gravada com a voz ou com instrumentos”, como aquilo que fazem mais, seguido de “Inventam ritmos para acompanhar músicas”. As coisas que fazes menos estão pulverizadas, no teu caso. Os alunos falam de “Compõem música”, genericamente, e “Criam letras para músicas existentes ou inventam músicas para novos textos”. Alguma questão aqui?

P5: Não. Fico contente de acompanhar livremente música gravada com voz... Acompanhar livremente, eles perceberem o que é que é acompanhar livremente.

E: Mas como vês há bastante encontro... Depois, “Ouvem música”, é muito importante. Vocês ouvem música na aula e eles também dizem aqui que ouvem música. Depois, “Ouvem música de vários tipos” está logo a seguir.

P5: Eles percebem a diferença entre uma e outra?...

E: Parece que sim. Quanto ao que fazem menos, a turma refere “Trazem música para a aula para partilhar com a turma” e tu falas em “Fazem ditados rítmicos” e “Fazem ditados de sons”.

P5: Hum, hum.

E: Depois, aqui, a teoria. O que eles sentem que fazem mais é “Copiam músicas para a pauta do caderno diário”. Tu tens isto aqui na zona do 2...

P5: Para já, a música é feita no quadro, portanto, eles têm que passar para o caderno se querem estudar em casa, não vão tocar a peça toda de ouvido que não vão conseguir. Portanto, há sempre ali um trabalho de, de... que tem que ficar um registo no caderno para... Por outro lado também, depois de, de, de... mesmo utilizando o livro, ou depois de a saberem, às vezes já sabem muito bem a música e têm que... O facto de copiar é um exercício de... os miúdos têm muita dificuldade, eles tanto lhes faz pôr na primeira linha ou na segunda linha para eles é igual, ou uma bola só nas duas linhas, portanto, é igual, não é? Mas eles têm de perceber que há ali uma diferença, há uma... e requer rigor... que só lendo não vais lá. Tens que a fazer, com dificuldade em fazer a bolinha, mas tens que a fazer. Tem a ver um bocado com rigor, não tem a ver... Eles não gostam

nada. Eles não gostam é por isso que eles aparecem aí com sempre... Mas é uma questão de rigor, não é... não tem outro objectivo senão rigor mesmo.

E: Mas, no entanto, tu até dás mais valor às actividades de leitura musical, mas a escrita também aparece aqui. Pronto, a escrita musical, o registo, tem uma importância grande tanto para ti como para os alunos.

P5: Aliás, se tu disseres para eles escreverem uma, uma... um ritmo. Estamos a fazer, a criar um ritmo para qualquer coisa e agora vamos escrevê-lo, depois de toda a gente já o saber fazer, vamos escrever no quadro. É muito difícil, principalmente a parte rítmica, é uma coisa que é muito difícil de escrever para eles ou de entender deles. Dizem muitas vezes, “vou estudar esta música, professora. Vou tocar esta música, mas eu não sei o ritmo.” E não sabem efectivamente. Eles conseguem ler a nota e sabem que a nota é naquela posição, agora o ritmo eles não conseguem... É muito difícil. Eu nunca tive consciência disso, por acaso é engraçado. Só depois de começar a dar aulas, e já lá vão muitos anos, que o ritmo... Eu quando aprendi música não tive essa... pelo contrário, tinha mais dificuldade na afinação, a cantar, sei lá, no Conservatório que nós fazíamos aquelas provas orais. Agora, os ditados rítmicos sempre me saíram muito melhor, sempre achei que era uma coisa muito mais óbvia. Os miúdos, pá, é uma dificuldade brutal escrever um ritmo. Mesmo que o estejam a fazer, só às vezes com semínimas e colcheias, uma coisa simples, é extremamente difícil. E depois utilizamos a tal, eu não uso muito o ti-ti tá, mas utilizo o um, meio, meio, um, a verbalização do valor. Mas, efectivamente, houve uma altura que andava aí a querer perceber o que era bem o ti-ti tá e que usei com, com frequência, para treinar-me a mim também própria com os miúdos e... É muito mais fácil realmente, é muito mais fácil, não há dúvida alguma. Mas não é isso também que me interessa. Interessa também... com o ti-ti tá, tu não tens a relação com as outras. Tens o tempo da sílaba mas não tens a relação com as outras. Pronto, e... mas é... é tramado, essa parte é uma parte muito difícil para eles. Testes escritos, está quieto, não faço.

E: Pronto. Não fazes e eles também dizem que não fazem.

P5: Estás a ver, eles distinguem a caligrafia musical do copiar músicas para o caderno. Eles percebem que não é uma questão só de, de... não é escrever por escrever, não é para ficar bonito, é uma música que tem uma relação com eles.

E: Sim, sim. Depois esta questão das experiências de aprendizagem. Aqui, mais uma vez, há uma relativa concordância entre ti e os alunos. A área que eles acham que é

menos forte é “Assistem a espectáculos musicais fora da escola”, e tu também... Por outro lado, “Realizam trabalhos de pesquisa sobre música”, os alunos valorizam muito.

P5: Sim. Eles todos os períodos têm um trabalho para fazer. Individual. Vão fazendo. No princípio do período é-lhes apresentado qual é o trabalho, dividido por subtemas e cada um trabalha o seu subtema e têm no final do período de o entregar, pronto.

E: E vão pedindo ajuda?

P5: Vão. A turma X não, porque esta turma tem uma capacidade grande e tem muito acompanhamento em casa, portanto, os próprios pais acabam por vir e dizer “ó professora, eu não fazia ideia que existia uma coisa, no clarinete, que havia o clarinete alto”. Portanto, os pais acabam por vir também com aprendizagens à custa disto. Seja de instrumentos, faço muito com trabalho tradicional, porque... Eh pá, se eu me vou dedicar à tradicional é um ano inteiro, praticamente, para mim. Portanto, divido um bocado o que trabalho na aula e o que eles podem trazer de, de, de... investigação. Sim, porque acho que é importante voltarem a pesquisar a música tradicional portuguesa, porque... Eles fazem e aprendem com isso, sem dúvida alguma. E gostam de fazer. O que é que me interessa estar a falar de Mozart se eles não forem ver e ouvir. Eles quando fazem, por exemplo, pesquisas sobre compositores, também é outro dos temas, compositores, instrumentos de orquestra, instrumentos tradicionais, fazem... ouvem. Engraçado que os miúdos, estes miúdos, estes, já tenho tido turmas diferentes.

E: Ou seja, isso leva-os a ouvir música autonomamente...

P5: Acabam por ouvir. Não é só ir ver qual é o texto que lá está, ouvem efectivamente. E alguns até põem no trabalho, “enquanto escrevi este texto estive a ouvir a sonata não sei quê”. Pelo menos ouviu uma sonata, identificou aquela... nunca mais se vai esquecer para o resto da vida o que é que é aquela sonata, porque a ouviu numa altura que... Por outro lado, há aqui outra parte também de formação como indivíduo e como pessoa que eu acho que é importantíssimo que é a parte de pesquisa e saber utilizar o que se recolhe ... o que é que é importante e o que é que é, pronto, aleatório.

E: Esta área das experiências de aprendizagem é uma área transversal no currículo...

P5: Por acaso tenho pena que eles não ponham aqui de realizar projectos em colaboração com outras disciplinas, porque o fazemos. Entre 2 e 3,5 também não dá grande margem.

E: Diz-me o número que eu tenho que ir ver...

P5: Por exemplo, o 5.

E: Então, o 5, “Ajudam a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola”, tem 2,8.

P5: Tem quase 3, pois. Gostava que isto fosse das coisas marcantes para eles (ri).

E: Eu trouxe aqui o resultado de todos os itens do questionário para, caso tivesses interesse em saber mais sobre cada actividade específica, eu poder dizer... mas os valores mais e menos ajudam para não nos dispersarmos demasiado. Mas é importante para eles, essa área, sim.

P5: Eu sou professora de música, efectivamente eu sou professora de música, mas acima de tudo eu trabalho com miúdos que estão a formar a sua personalidade. Portanto, isso é que eu acho que é mais importante, formar indivíduos através da música. Também há... o (nome de um professor do mestrado) também me bateria se eu falasse nisso mesmo... e muitos outros que acham que realmente... que a música não deve ser só... Nem direi nunca que é só. Mas acho que há uma parte muito da formação do indivíduo através da música que... até porque a música é uma, por si só, tem todo o caminho para se trabalhar em conjunto, para se integrar, para cada um ter a sua tarefa, coisas que eu acho importantíssimas. Através da música, cada um toca a sua parte, cada um toca a sua melodia, o ouvir os outros, o comentar, o espírito crítico... Eu acho que é extremamente importante e se posso fazê-lo através da música é o ideal. Também há a versão do ter que ser músico para ser professor de música. Eu acho que tens que ter uma... tens que saber do que falas, porque não é uma coisa que seja... não é como a Matemática, em que 2 vezes 2 são 4 e acabou, não é? Portanto, é mais do que isso, não é, sai para fora do 2 vezes 2. Mas não tens que ser músico, acho eu, para ser professor de música, tens que ter uma grande capacidade para conseguir englobar uma série de coisas e fazer com que os miúdos aprendam através da música, eu isso é que eu acho que é fundamental... Eu nunca seria instrumentista, nem compositora, nem... A qualidade também é importante, não é? Tudo isto é difícil, tudo isto é... A qualidade é essencial, não é? Pronto. Mas a experiência, o aprender através da música também é que é o mais importante no meio disto tudo. E tudo o que isto engloba, porque se nós quisermos tudo isto aqui sai para fora, isto depois tudo transborda para outras coisas, tudo transborda.

E: Olha P5, já falámos bastante e foi uma conversa muito rica, está a ser. Eu vou só fazer umas perguntas finais, rapidamente. O que é que corre bem na tua aula, nas tuas aulas, normalmente?

P5: O que corre melhor?

E: Sim. Aquilo que te faz ficar feliz e ir para casa toda contente.

P5: Muito sinceramente é a relação que se cria entre os miúdos e eu e os miúdos entre eles. A relação de... Eu diria que são aulas felizes em que os miúdos estão bem, não... poderão alguns fazer frete, às vezes, mas que... que o que fazem, fazem com gosto, com empenho. São interessados, empenham-se. Empenho mesmo, empenho é a palavra-chave, talvez. Felizes, bem... seguros.

E: Mas, por outro lado, ouve-se dizer que os alunos não se empenham em Educação Musical...

P5: Não é a experiência que eu tenho, felizmente. Nem é a experiência que eu tenho aqui na escola. Esta escola foi das primeiras, quando houve o desenho curricular, que teve, sempre teve 90 mais 45. Não foi dado por Educação... não foi Educação Musical que pediu. Houve aqui vários critérios, um é que as disciplinas, nenhuma tenha só uma vez por semana, não é? Portanto. E 90 minutos limita-se a uma vez por semana, 45-45 não tens tempo para fazer nada, portanto. Esse é um dos critérios de base da divisão curricular aqui da escola. Mas, porque as outras áreas reconhecem que a Educação Musical tem importância no currículo dos miúdos. E nós sempre tivemos, desde que... sempre tivemos 90 mais 45 aqui. Desde que à escola foi permitido desenhar... fazer o desenho curricular. E eu acho que isso é importante.

E: As opções curriculares são muito importantes?...

P5: As opções curriculares são muito importantes. A escola é difícil, a escola tem umas pessoas muito... de ano para ano é uma... O grupo de expressões nesta escola, e isto já vem desde o (nome do primeiro director/mentor da escola), a arte, as artes combinadas com o (nome do primeiro director/mentor da escola) já vêm... Não sei se é o espírito que está aqui incutido nas paredes, mas a escola sempre foi muito virada... sempre valorizou muito as expressões. E os professores respondem à altura, eu acho que sim, temos tido sorte. Esta escola tem uma história de arte efectivamente que, que... incorporada... mesmo quando os miúdos vão entrando. Mesmo as peças, sei lá, peças de arte que temos aí que foram buscadas mesmo à escola de belas artes, pelo (nome do primeiro director/mentor da escola), no tempo em que fundou a escola e que se mantém. Eu acho que os miúdos não são indiferentes. Eles não estão habituados a ver estátuas fora dos jardins e agora convivem com elas, lado a lado com a sua secretária, não é? Esta escola tem... vive um bocado da, da, da... tem um espírito artístico que se

incorpora nas pessoas, nos alunos e nos professores que vêm. E é muito valorizada efectivamente, a Educação Musical e não só.

E: E agora, o que é que corre mal? O que é que é difícil, o que é que sentes que emperra o teu trabalho?

P5: Olha, às vezes emperram o meu trabalho, todas as burocracias que são exigidas... Há coisas que não têm que ser e, e, e na parte das expressões, eu não quero falar das outras porque não domino bem, mas da Educação Musical... Às vezes tanta coisa de teres que especificar tantos critérios, tanta... de avaliação, ou porque é que escolheste aquilo, ou adequações curriculares para este ou para aquele. São coisas que normalmente empancam-me o serviço. Eu acho que na música há lugar para toda a gente. Para os que têm mais capacidade, para os que têm menos capacidade ou para os que não têm nenhuma, há sempre lugar. Se não consegue executar pode virar a página, ou pode ir lá pôr os instrumentos, sei lá. Há sempre uma actividade para fazer, exacto, há sempre. E às vezes quando se tenta tornar as coisas demasiado académicas, não me consigo... Eu dou aulas há 27 anos e nunca, essa é uma parte que nunca... Relação com os miúdos, para mim é fundamental. É por isso que eu sou professora. É uma coisa linda de se ver, de sentir (ri) quando tu chegas ao final, então de um 6.º ano que já estás a trabalhar com ele há dois anos, e tu não precisas de dizer nada, de fazer nada, basta tu respirares para eles saberem quando é que têm que entrar ou quando é que têm... É impressionante.

E: Eu senti muita disciplina na tua turma. Achei que havia muita disciplina, muita correcção, mas desconstracção também.

P5: Sim muito à-vontade. Sim, sim. Não, há muita brincadeira, muita brincadeira, mas é uma relação de cumplicidade que se cria.

E: Não precisaste de levantar a voz, nem de chamar a atenção. Eles foram muito cordatos e muito colaboradores.

P5: Não, com algum espírito de humor até, se têm que fazer alguma coisa. É.

E: E olha P5, uma das questões que se fala muito é a questão da disciplina ou indisciplina...

P5: Nós temos muitos problemas de disciplina aqui. Muitos, muitos, muitos. Mas eu, na música, até acho que continuamos a ser uma área privilegiada para resolver isso. Sinto mais... a questão das Necessidades Educativas Especiais, por exemplo, para mim é

muito mais difícil de lidar do que a indisciplina... Os miúdos com autismo, com trissomia 21, para mim é um entrave também enorme, enorme.

E: Vocês têm muitos alunos com necessidades educativas especiais aqui na escola?

P5: Temos, porque nós temos unidades aqui mesmo de autismo, de paralisia cerebral, temos várias unidades aqui. E isso para mim é um grande entrave. Eu não... estás a ver? Pois, na música há lugar para todos, mas para esses para mim é muito mais difícil. Mas pronto também tem a ver com o meu perfil, que, que... Dêem-me os ciganos.

E: Porque te perturba eles estarem... precisavam de outro acompanhamento?

P5: Eu acho, mais individualizado. Eu acho que se perde em tudo por estar na generalidade. Porque não consegues... é demasiado divergente o que tens que... Cá na escola, tínhamos uma oficina de música em que o (nome de um professor da escola) esteve a trabalhar com miúdos com autismo, até foi a tese de mestrado dele. Juntámos os miúdos todos. E foi... era aqui nesta sala, com colchões no chão. O objectivo daquela oficina era só aumentar a comunicação verbal entre eles. Não era bem... através da música. Não era nenhuma musicoterapia, porque nem eu percebo nem queremos fazer terapia nenhuma... mas a comunicação e a interacção entre eles, através da música. Mas se os puseres dentro da turma eu, isso para mim é um constrangimento que eu não consigo... O ano passado tinha um miúdo com asperger que andava no piano e conseguíamos que ele tocasse sempre, porque tínhamos um piano aqui nas salas. E ele fazia sempre a sua parte no piano, às vezes, com acompanhante só da tónica, dominante, tónica, nem que fosse só com uma tecla. Outras vezes, as músicas que ele aprendia nas aulas de piano lá com a professora, trazia e nós... eu construía uma pequena harmonia para os colegas fazerem com a flauta... Mas eles também gostam... eles gostam de ser actores principais. E não acho que seja vantajoso, numa turma, torná-los actores principais. Acho que eles têm que ser iguais aos outros, porque isso de alguma forma vai limitar o trabalho dos outros. E aí eu sinto grandes dificuldades e, curiosamente, não sinto grande vontade de aprender. Se me disseses assim, “ah, mas vai a acções de formação”, não sinto grande vontade de aprender. Com os ciganos não me importo, com a indisciplina não me importo, porque... Mas acho que tem a ver com o meu, com o meu... com a minha maneira de ser, com o meu perfil. As pessoas não têm que ser todas iguais, fala-se tanto no perfil. Há pessoas que têm perfil para tudo, outros só têm para algumas coisas, infelizmente.

E: Não tens problemas de indisciplina nas tuas aulas?

P5: Tenho, também tenho. É evidente que tenho. Mas eu acho, eu considero que tenho uma excelente relação com os miúdos, mesmo com os que não são meus. Exigência mas com muitas palmadas nas costas. Portanto, em caso de necessidade, eles sabem a quem recorrer, portanto... Eu tenho as portas sempre abertas, normalmente entram-me miúdos que não estão... quando é da parte da tarde... entram várias vezes miúdos que não estão a ter aulas, miúdos com dificuldades nas outras disciplinas a nível da indisciplina e entram-me e estão lá dentro a fazer com os outros. Cria-se uma relaç... uma cumplicidade, julgo eu que é assim, que é a palavra certa. Eu ralho muito, eles sabem disso, mas também sou a primeira a ir jogar à bola logo a seguir, se for preciso, ou a brincar, ou a contar uma anedota, portanto... Esse para mim é o meu ponto forte, mas isso não tem a ver com música essencialmente, tem a ver com o feitio, com... ajuda o meu papel de professor dentro de uma turma, seja de que disciplina for.

E: Olha P5, eu acho que nós já percorremos aqui estes aspectos todos.

P5: Eu cá por mim, não é, posso ficar a conversar até à noite...

E: Ótimo. Obrigada.

3.6 Professor 6 (P6)

Data: 18 de Junho de 2010

Hora: 10h

Local: Escola do entrevistado

Género: Feminino

Idade: 49 anos

Habilitação académica: Conservatório e Licenciatura em Ensino da Música

Formação profissional: Licenciatura em Ensino da Música

Tempo de serviço: 17 anos

Situação profissional: Professor contratado

Outras experiências profissionais: Pós-Graduação em Dança em Contextos Educativos.

E: O meu trabalho é sobre as competências que envolvem a Educação Musical, as grandes áreas de desenvolvimento de conhecimento musical, de aprendizagem musical, que são áreas de competência, como seja, interpretação, composição, audição... as experiências de aprendizagem... que estão identificadas desde 2001 no Currículo...

P6: É literatura.

E: Também será... Bem, de qualquer modo, o meu trabalho é uma mistura entre algumas coisas que me interessa perceber e aquilo que o currículo identifica como as grandes áreas de aprendizagem musical. Eu apliquei um questionário, a professores e alunos, o mesmo questionário, que tentava ser exaustivo em relação às possibilidades de actividade em cada área. O resultado da análise do teu questionário está aqui e este é o dos alunos. Deu uns gráficos com este aspecto. Cada área destas, por exemplo a interpretação, tinha 7 afirmações e uma escala de 1 a 4. Portanto, se se atribuísse 1 ponto a cada uma, estaríamos aqui no 7, se déssemos 2 pontos, estaríamos aqui no 14, se tivesses dado 3 pontos estarias no 21, se tivesses dado 4 estarias aqui no 28, 4 vezes 7, 28. Estes são os resultados. Este é o teu gráfico e este é o dos alunos. Esta é a turma melhor (turma X), esta é a turma pior (turma Y). Só para confirmar que não há nada de errado. Bem, para já, olhando assim, o que é que tu achas?

P6: Eu acho que não difere muito.

E: Não difere muito, em termos da forma, não é?

P6: Sim, sim, sim, sim.

E: Pois, é engraçado que há muita... há concordância, por vezes, não só nas áreas mais trabalhadas como na quantidade de trabalho. Há alguma concordância, é interessante.

P6: Mesmo aqui (aponta para a turma Y), mesmo aqui também não há muita diferença.

E: Pois. Eu comecei por dizer que este trabalho tem uma dimensão política, há uma mudança curricular e um conceito unificador do currículo, as competências. Depois, tudo isto tem de ser equacionado na escola e depois na sala de aula. Portanto, o ambiente da escola e a maneira como a escola encara a música, também têm muito a ver com tudo isto, com a maneira como os alunos percebem a disciplina e como os professores realizam o seu trabalho. Mas agora, na dimensão sala de aula, os resultados que nós temos em relação a ti e às tuas turmas são estes. Claro que eu pedi aos meninos, se bem te lembras, que eles pensassem no 5.º e no 6.º ano.

P6: Pois.

E: Não só deste ano. Mas é claro que eles têm muito mais a referência deste ano.

P6: Recordam mais... Pois é, exactamente.

E: Portanto, o que é que tens a dizer sobre este... sobre o peso, o tamanho que ocupam estas áreas, naquilo que seria, digamos, o tempo total de actividade?

P6: Bem, quer dizer... Pronto, para comparar com o ideal eu não faço ideia, não, não... A noção que eu tenho é que não foi, para mim, para aquilo que eu costumo fazer, não foi um ano que eu me sinta assim, estou realizada.

E: Pouco satisfeita com o teu trabalho?...

P6: Não é com o meu trabalho... mas... o que eu noto sempre, todos os anos tenho mais dificuldade, é nesta parte da composição, acho que trabalho pouco, tenho que trabalhar mais. Trabalho muito a parte da interpretação, a audição também, teoria, experiências vão experimentando e vão treinando... A composição para mim é sempre uma coisa que fica aquém daquilo que eu quero fazer, tenho muita vontade de trabalhar... Agora não sei, não sei se dentro destes padrões... quer dizer, o máximo é 28, não é? O ideal era ter o máximo a tudo.

E: Seria o ideal que estas, estas...

P6: Vá lá, entre 21, vá lá...

E: ... estas áreas estivessem todas cobertas, mas isso tinha de correr tudo sobre rodas, entrarmos na aula e de não fazermos mais nada...

P6: Pois.

E: Realmente aqui a área da composição é quase sempre mais problemática e porquê?

P6: Hum, se calhar, é mais hum... eu por mim acho que é uma área que faz, que... depende, para gerir essa aula, essas actividades de composição há sempre mais perturbação e têm de estar muito bem pensadas para resultar, eu acho que é difícil fazer essas coisas logo assim no início.

E: Tu achas que é preciso já algum tempo, só depois de algum tempo é que se...

P6: Eu acho que é preciso eles terem um bocado de conhecimento também, para fazerem alguma coisa também construtiva e com jeito, não é? Não basta pôr uns instrumentos na mão para fazerem alguma coisa, acho que eles têm que ter noção e perceber, por isso é que eu tento sempre, tenho muito a preocupação de que eles percebam, porque chateia-me imenso se eles têm, por exemplo, que ler em inglês, que aprender o alfabeto para ler português e não sei quê, porque é que a linguagem musical eles... gostam sempre de pôr as notas por baixo, gostam de fazer não sei quê, e eu não quero isso, acho que é uma linguagem que eles têm que aprender, se eles não a sabem então a disciplina não, não está correcta. E eu batalho muito nesta parte de eles compreenderem os símbolos, de eles compreenderem, olharem para uma pauta e saberem o que lá está, e depois, se calhar, partir-se para essa parte da composição. Se calhar sou eu que estou errada ou precisava, se calhar, de trabalhar mais nessa parte, eu na faculdade fiz bastantes actividades que se podem aplicar, mas uma coisa é uma pessoa adulta fazer, outra coisa é uma criança fazer, não sei... mas é, é, dessas cinco é a parte que eu tenho mais dificuldade em aplicar.

E: É, tu ainda agora falaste numa certa confusão que se gera porque...

P6: Mas é uma turma muito grande, é difícil fazer... Para fazer coisas em grupo é preciso que eles também saibam... trabalhar em grupo, não é? Eu, por exemplo, eu fiz uma coisa no final do ano que era, tive a passar, até tinha a ver com... que era os sons corporais e eles inventarem, e tive a passar uns filmes, eles adoraram, o que é que eles podiam fazer com a boca, os sons e não sei quê e então ficaram em grupo a trabalhar para depois apresentar. Foi engraçado só que era preciso estar sempre ali a controlar, eu acho que é uma coisa chata eles estarem no máximo da criação deles e uma pessoa ter que dizer “olha não faças tanto barulho que estás a perturbar”, é muito complicado... Uma das coisas, olha na escola A em 1999, onde eu tinha uma sala de música, tinha umas salas lá em cima, quer dizer, era horrível porque tinha de andar com os

instrumentos às costas, porque não havia sala de música, mas as salas eram tão grandes lá em cima que tínhamos as mesas e depois tínhamos outro tanto espaço que eu fazia danças, sentava-me com eles no chão em roda que cria um clima completamente diferente, dava para aplicar coisas girríssimas, aqui o espaço é muito pouco e está tudo atabalhado...

E: Há uma questão que eu te queria perguntar no início e me esqueci, que é, qual foi o teu critério para a escolha da turma melhor e da pior. Quer dizer, quando tu dizes que esta turma é melhor o que é que queres dizer?

P6: Não, é assim, eu, eu, por acaso esta até melhorou, a pior é a B que era... mas esta (turma X) consegue-se trabalhar bem, acho que até davam mais e há ambiente para se poder explorar. Esta (turma Y), se calhar, não conseguia explorar tantas coisas. Os resultados finais, se calhar, não vão ser tão diferentes.

E: Eu achei as duas turmas bastantes agitadas...

P6: Sim, pois. Talvez porque eu vim de, eu vim de... já estive em escolas muito complicadas e tive estes três últimos anos na escola C, e talvez por ter estado na escola C, apanhei alunos, quer dizer, estas turmas para mim... Não as considero tão difíceis como aquelas que eu já apanhei, percebes, se calhar por isso.

E: Eram alunos dentro da idade normal, mas muito agitados, muito agitados.

P6: Muito complicado. Turmas enormes. Acho que se as turmas fossem divididas também em música que, se calhar, se conseguia fazer coisas muito mais interessantes. Tu teres, por exemplo, 15 alunos ou teres 20 e tal é diferente... Por exemplo, eu não tive as dificuldades que tive... no teatro consegui criar uma relação mais próxima com eles que é muito importante para se fazer o que a gente tem... e o programa de música é muito extenso, é enorme, não se consegue dar tudo...

E: O programa de Educação Musical?...

P6: Sim, essas planificações, as coisas que é para dar... Os conteúdos... Sim, sim, a parte... uma pessoa está preocupada com isso também para cumprir e, e... porque tínhamos o bloco de 90 e mais um de 45, depois tiraram-nos o bloco de 45, depois apanha-se feriado...

E: P6, ainda voltando à reorganização curricular, falaste do programa, da dificuldade em cumprir o programa, tiveste dificuldades em fazer conciliar os conteúdos que estão no programa com a lógica de competências...

P6: Não porque acho que, acho que... quer dizer, eu também tive a sorte de quando estava a tirar o meu curso foi quando houve aquela transição para as competências, portanto.

E: Ah, fizeste agora há relativamente pouco tempo...

P6: Fiz. Acabei em 2003. Eu dava aulas no conservatório com habilitação suficiente, e depois própria, mas depois fiz o curso mesmo. Resultado, apanhei aquela transição para as competências e trabalhei muito nas planificações na área das competências. Portanto, acho que até nem... às vezes nem aplico, porque acho que, que uma pessoa pode abordar esses assuntos todos com base nisso e arranjarmos, por exemplo, um tema que consigamos trabalhar essas coisas todas.

E: Trabalhas por temas, por temáticas...

P6: Atrapalhou-me um bocadinho o livro este ano, porque eu estava, já estou muito calhada com o (nome de um manual) e este livro era novo para mim, atrapalhou-me um bocadinho... acho que a nível de exemplos, por exemplo, a nível dos instrumentos tinha pouco, tive que ir buscar coisas a outros livros, por exemplo, daqueles instrumentos do mundo e não sei quê, acho que o outro tem os exemplos, eles estão a ver as fotografias dos instrumentos que estão a ouvir e é importante também, não é só verem aquilo, mas pronto. E é a tal coisa, uma pessoa está mais calhada com um livro, teres que ir buscar exemplos a outro lado... mas pronto, é assim, eu tenho a preocupação que eles utilizem o livro, não vão comprar um livro e depois não utilizar, não é? Mas, pronto.

E: P6, já percebi que tu este ano tiveste algumas dificuldades, mas sentes que, apesar de tudo, e olhando para aqui, a tua actuação foi entendida dum maneira bastante semelhante pelos alunos?

P6: Pois.

E: Portanto, nós temos aqui duas áreas que são claramente mais trabalhadas no teu caso, que é a interpretação e as questões teóricas.

P6: E é verdade... (risos).

E: Pronto, exacto.

P6: Eu tenho muita tendência para isso.

E: Ainda agora mostraste a preocupação que a parte da audição esteja articulada com a teoria... Também é uma área que desenvolves?...

P6: Gosto e eles gostam também.

E: Eles gostam... e no teu trabalho, é uma dimensão importante?

P6: É, muito importante, muito importante, e ajuda muito nos conteúdos quando estamos a explicar, porque é um apoio e uma ajuda, porque estar só a dizer olha é este instrumento ou é esta não sei quê...

E: Hum, hum...

P6: Dar exemplos... Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim.

E: No sentido de uma cultura musical auditiva?... compreender o que estão a ouvir, que instrumento é este, o que é que esta música tem...

P6: É, porque eles percebem, gostam e aderem muito a essas actividades.

E: Hum, hum. Depois, quais são as dificuldades maiores que sentes, por exemplo, nas experiências de aprendizagem?... Já me falaste da dificuldade da composição e eu percebi que tu me dizias que é difícil criar um clima de aula que permita fazer trabalhos de composição... e nas experiências de aprendizagem?

P6: Sim, pois, é, pois. As experiências também é a tal coisa, cria muita agitação, não é, porque, quer dizer, podes tentar coisas, se calhar...

E: Estas experiências de aprendizagem, desculpa, são aqueles aspectos que estão no currículo, desde levar os alunos a um espectáculo, virem coisas à escola, tu fazeres, por exemplo, trabalhos de investigação na aula, está-se a falar disso, não é?

P6: Sim, mas, mas este ano tive parada nisso, não, não... Era giro eles terem ido assistir, sei lá, a concertos ou outras coisas... É assim, foi a tal coisa, fui apanhada aqui um bocado de... e é difícil uma pessoa não ter... com um professor que esteja do ano passado, que haja uma referência, há uma ajuda, há um apoio, a pessoa sente-se diferente... Enfim, depois aquele primeiro mês, depois eu estava preocupada em que, como me tinha atrasado por causa daquele mês que estive de atestado, em trabalhar com eles, resultado dediquei-me aos outros aspectos e, se calhar, podia ter preparado... É, porque é mais fácil para uma pessoa que conheça a escola saber como é que pode fazer, mas se, se, se, se ficar cá para o ano vou-me preocupar com isso. Até porque quero levar os do teatro também, também falhei isso, mas isso não foi só culpa minha, foi porque a professora de Língua Portuguesa esteve a falar sempre que ia levá-los a ver aquela do Almeida Garrett, e depois acabou por não levar e eu então estava naquela, olha e pronto, e não se... É preciso e é bom, é bom... Eu ia, em geral, era àquele ao Alto dos Moinhos, ao Museu da Música, quando estava a dar os instrumentos, as famílias, não sei quê, era giro e eles gostavam. Eu com os da escola C não fui, como os meus alunos eram muito complicados havia muito poucas saídas ali... e pronto. Mas eu acho que com estes

consegue-se bem e há abertura para visitas de estudo até ao final do ano, que noutras escolas, no terceiro período, por exemplo, não deixam fazer. Mas vou estar mais atenta a isso e trabalhar mais com eles.

E: Portanto, estas experiências de que falas aqui, são mais do domínio de pequenos trabalhos de investigação sobre um tema?

P6: Eles fizeram, sim, eles fizeram, por exemplo, a pedido da professora de Língua Portuguesa um trabalho de pesquisa sobre o Mozart. Eu depois até comprei o filme, que eu tinha mas era em VHS. Eles adoraram ver, eles adoraram ver. Como o filme é muito grande tive a passar aos bocadinhos...

E: Eles falaram nisso quando eu lá fui... (risos).

P6: Mas adoraram ver. E depois queriam ver era outras partes e não sei quê, porque aquilo tem lá algumas coisinhas que se passa para a frente (ri), e eles “ah, mas porque é que a gente não pode ver?”, mas as outras turmas que não tinham visto já vinham à espera de ver isso, era engraçado... Mas, pronto, viram e pediram-me para ver até ao fim e grande parte gostou, gostou de ver e estavam curiosos de ver, e depois eu aproveitava para ir comentando, e não sei quê. É uma parte que se pode explorar e que eles podem também fazer, em conjunto com a Área de Projecto, aquela parte do computador, de pesquisa, que depois trazem para a aula, porque é muito pouco tempo, um bloco por semana é muito pouco...

E: Portanto, um dos problemas que tu sentes para poder trabalhar todas as áreas de uma maneira mais equilibrada e, se calhar, mais profunda, é o tempo?

P6: É o tempo.

E: E os materiais? Quais são as dificuldades?

P6: É, é porque há muito poucos. Eu, nas escolas por onde andei, tinha armários recheados de tudo e mais alguma coisa, e, se calhar, é aquela comparação, estás a perceber? Também da parte deles também, porque é assim, pronto, a escola optou, para ser mais acessível, pela flauta, não é, pronto, é normal, pronto. Resultado, às vezes nem isso trazem, e basta uma pessoa estar a fazer uma actividade e ficam logo ali se for preciso 5 ou 6 ou até mais que não têm, resultado depois perturbam, e depois também não evoluem, e depois se não conseguem ficam frustrados e depois eles não têm, eles acham que só têm de pegar na flauta quando vêm para a aula, em casa não têm que estudar... Eu acho que isto é muito pouco tempo para eles poderem... eu dizia, “eh pá, dediquem meia hora por dia, não é nada, é um bocadinho”, mas eles não percebem

então só pegavam na flauta para vir para a aula. Resultado, depois às vezes não conseguiam tocar, ficavam frustrados, e até choravam. Choravam, e acaba por não se aproveitar tanto por causa disso, pronto, 90 minutos passam a voar, porque eles entram, sentar...

E: Então, achas que há uma grande perda de tempo que tem a ver com o facto de eles não estudarem em casa?...

P6: Ah, sim, sim. Claro, não podem ter sucesso se eles não treinarem, não é, é o que eu digo, não pensam que é só por pegar na flauta que vão, olha, que vão logo tocar...

E: Em relação à flauta, como é que tu... há muitas posturas em relação à flauta ...

P6: É assim, é assim... eles gostam, gostam. Gostam e mesmo a nível da avaliação individual gostam, gostam, gostam.

E: Por exemplo, têm dificuldade em cantar individualmente, mas são capazes de tocar...

P6: Uma coisa que eu, por exemplo, fiz este ano muitas vezes e eles até gostavam, antes de tocar cantávamos muitas músicas com as notas e eles gostavam, portanto, fazíamos sempre primeiro essa aprendizagem, quando eles pegavam na flauta era muito, muito mais... e pronto serve para tudo, para eles lerem, para tocarem, para trabalhar o ritmo, para essas coisas todas, pronto.

E: Bom, falámos de aspectos mais gerais do teu trabalho e acho que cumprimos todos os aspectos... se por acaso houver alguma coisa que me tenha esquecido de perguntar eu ligo-te um dia... e tu aturas-me...

P6: Claro (ri).

E: Pronto, depois das áreas de competência musical que têm mais peso, vamos ver, de cada uma delas, quais as actividades que se fazem mais e menos. Por exemplo, na interpretação, as coisas que tu sentes que fazes menos, só para confirmar, é “Cantar individualmente” e “Tocar instrumentos da sala de aula”...

P6: É porque eles também, eles também não, não, não cantam, cantam mais em grupo, porque eles recusam-se, ficam logo muito aflitos e não sei quê, não é que eu não peça, mas eles aderem muito mais ao em grupo.

E: E “Tocar instrumentos musicais”, também foi complicado?...

P6: Foi, foi, foi.

E: Porquê?

P6: Porque foi o início, porque andei à procura dos instrumentos e só muito mais tarde é que os... mas na altura em que tu lá foste ainda não estavam lá. Professores, aí do ensino... como é que se diz? Que estão aí, uns colegas de música...

E: Ah, do articulado...

P6: Do articulado, trabalham imenso com isto... trabalham imenso com isto.

E: Pois, há pouco material. Existe o teclado que é novo...

P6: Pois. Não sei, ele apareceu lá, não sei como é que... Isso usava, isso usava. Agora gostava muito de ter, gostava muito de ter um espacinho onde os instrumentos estivessem já montados, estás a perceber. Aquela salinha, por exemplo, a 9A, viste a sala 9A, era a pequenina, a 9 que é a de música e a 9A é onde eu dou teatro, ficarem logo montados...

E: Onde pudessem ensaiar um naípe, onde se pudesse fazer um trabalho de composição sem estar a perturbar os outros, poder experimentar coisas...

P6: Era diferente... mas eu acho que aquela sala, mas vou pôr... eu acho que aquela sala era interessante passarem para ali, pôr-se em “U” ...

E: Portanto, os alunos também referem essa questão de tocarem poucos instrumentos...

P6: Sim.

E: E depois, as áreas que coincidem com as tuas, apesar de só teres preenchido um questionário para as duas turmas...

P6: Não, mas é igual.

E: Aqui, na composição há uma quase total coincidência. Pronto, aqui e ali muda, “Criam letras para músicas existentes ou inventam músicas novas para textos”, tanto tu como os alunos dizem que fizeram muito pouco...

P6: Pois.

E: Portanto, este é o teu problema maior, já falámos sobre ele, e há coisas mais fáceis de fazer do que outras, por exemplo “Inventar ritmos para acompanhar músicas” é uma coisa que, se calhar, se faz mais vezes... mas não aparece aqui...

P6: Pois, é a tal coisa... Mas fizemos.

E: Mas fizeram... E depois, nestes aspectos, “Ouvem música de vários tipos” e também “Fazem ditados rítmicos” e “Fazem ditados de sons”...

P6: É, e fizeram, e fizeram...

E: Na teoria, tu dizes que fazes bastante, fazes muitas vezes, eles referem, e vê lá se achas que eles estão certos, que “Copiam músicas para as pautas do caderno diário”...

P6: Sim, todas as músicas de flauta eram passadas para o caderno, para treinar a escrita.

E: Costumas escrevê-las no quadro?

P6: Sim, eu escrevo.

E: Mas também podes projectar?

P6: Podemos projectar, mas por acaso não digitalizei, mas é bom para projectar porque é... sim.

E: Pronto, os valores são altos aqui na teoria, como vês, e as tuas respostas e as dos alunos também coincidem muito, nos mais e menos...

P6: Pois (sorri).

E: Tu dizes que “Assistir a espectáculos musicais na escola” e “Assistir a espectáculos musicais fora da escola”, foram coisas que fizeste pouco, ainda agora disseste que é uma área que podias ter trabalhado mais.

P6: Sim, sim, sim. Foi, eles cantaram na festa de Natal, mas foi muito difícil. Cantaram uma cançãozinha... Foi o (nome de um elemento da direcção da escola), à última da hora, “ah, não sei quê, porque é a Associação de Pais... então foram cantar uma canção de Natal. Mas foi muito difícil porque eles fugiram todos e só consegui arranjar 11 alunos das 4 turmas...

E: Bom... Mas o que eles acham que fazem menos é “Realizar trabalhos de pesquisa sobre música” e “Ajudar a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola”, ou seja, ter um papel activo na preparação de actividades. Achas que eles têm alguma razão?

P6: Têm. Têm, porque também não houve muito esse tipo de actividades.

E: Finalmente, o que é que achas que corre realmente bem na tua aula? E mal?

P6: (risos) O que é que corre... Hum, eu acho que a minha primeira preocupação, e tanto faz ser na disciplina de Educação Musical como noutra disciplina qualquer, primeiro temos que ganhar e conquistar os alunos, e como é uma disciplina que é muito prática, que tem muito a vertente prática, tem que haver um bom clima, uma boa empatia, para aquilo poder funcionar. Quando isso não acontece, as coisas correm mal. Acho que sim, que é essa parte que corre bem, embora não seja em todas as turmas e há alunos que gostam mais que outros, mas mesmo até a nível de assiduidade e tudo, há alunos que faltam, por exemplo, a outras disciplinas e na minha não tenho assim problemas desses... hummm... e até pelos resultados que eu tenho nos testes e nessas coisas, vejo que fica lá qualquer coisa e que fica... e há alunos que até continuam a

estudar e são motivados para continuar o estudo da música. E eu, a minha principal preocupação, é que eles gostem de ouvir música e... não podem ser todos executantes, não podem ser todos músicos, mas que gostem de ouvir e não possam dizer assim “eu gosto de um estilo e não quero aquele, ai, ai, não sei quê”; não, faço questão que eles... Mas porque é que não se pode ouvir aquele estilo? Podemos apreciar, há uns que gostamos mais do que outros, mas sabemos dizer porque é que não gosto, não é? Há muita coisa que eu também não gosto, mas eu para dizer que não gosto tenho que ouvir ou tenho que experimentar, é mais criar ouvintes e eles poderem ir assistir a espectáculos musicais e saberem que há coisas para além da aula e que a música continua, e eu acho que isso... não estou a dizer... Se calhar, este ano pode não ter acontecido muito, mas tenho muitos alunos que seguiram, se calhar, a carreira musical muito influenciados. Agora, há alturas da vida em que uma pessoa está melhor, pior, e, se calhar, as coisas não funcionam a 100%. Eu, este ano, tenho a noção que, sim senhor, eles deram as coisas, trabalhámos, fizeram... mas eu sei aquilo que consigo fazer, e eu sei que posso ser melhor. Há anos que correm melhor, este por vários aspectos, se calhar, podia ter corrido melhor, não quer dizer que tenha corrido mal, mas pronto mas acho que há coisas, há aspectos que eu podia ter trabalhado mais, se calhar, pronto, senti-me um bocadinho... Foi muito complicado, foi complicado... Porque acho que uma pessoa calhar numa escola e haver pontos de referência, haver um colega a dizer “olha está aqui, olha ali, olha não sei quê não sei que mais”, de repente era tudo... era o coordenador, nem havia um colega do ano passado, estás a perceber, e então o que é que acontece, foi complicado... porque cada escola tem a sua maneira de funcionar e eu vinha de uma que vinha habituada... estive na escola C com o professor D, e foram 3 anos, foram anos engraçados, porque havia ali uma base e uma pessoa, qualquer dúvida, sentia-se apoiada. Foi a minha principal dificuldade, para eu conseguir ganhar bases para depois apoiar o meu colega, o que veio depois. Pronto, dei-lhe todo o apoio possível e ajudei-o e essas coisas todas, só que cada escola tem uma orgânica e uma pessoa anda muito aflita com o que é que é preciso apresentar, que tipo de papéis, que tipo de... e às vezes deixa o mais importante, que são os miúdos e as coisas... Mas, pronto, de qualquer das maneiras tive alunos muito bons que vinham com muito boas bases e outros que se motivaram, tive alunos que não tocavam nada flauta e acabaram a tocar no fim do ano. E há uma coisa engraçada que é, arranjei pares de alunos, alunos com mais dificuldades ficaram com alunos melhores... e responsabilizei, tipo tutorias, e

então foi engraçado, umas funcionaram e até... sentiam-se responsáveis pelo que o colega conseguisse tocar e era trabalho feito fora da aula. Responsabilizá-los funciona sempre bem. Eu costumo fazer isso nas outras escolas e leva os miúdos até a juntarem-se... Aqui não vi, mas nas outras escolas costumo ver até grupinhos no recreio a estudarem a coisa... Mas acho que, acho que estão criadas bases para as coisas correrem melhor, estão criadas bases e pronto.

E: Sem dúvida.

P6: É um dia de cada vez (risos).

E: Queres dizer mais alguma coisa?

P6: Não (ri-se e abana as mãos negativamente).

E: Muito obrigada.

3.7 Professor 7 (P7)

Data: 23 Junho de 2010

Hora: 11h

Local: Escola do entrevistado

Género: Feminino

Idade: 50 anos

Habilitação académica: Mestrado em Performance Artística – Dança

Formação profissional: Professor de Educação Musical – 2.º e 3.º ciclos

Tempo de serviço: 25 anos

Situação profissional: Professor vinculado

Outras experiências profissionais: Ensino Superior – Escola Maria Ulrich – Formador de Educadores de Infância

E: O trabalho que eu fiz aqui contigo, na escola, foi a aplicação de um questionário sobre as competências essenciais que estão definidas no currículo e sobre a maneira como tu as trabalhas na aula. É uma mudança curricular, é uma outra linguagem que aparece. Depois há uma dimensão da escola, de gestão a nível de escola. A escola tem alguma capacidade de gerir o currículo. Aqui, a Educação Musical foi uma das disciplinas que aproveitou esse espaço curricular, indo buscar aquele tempo a gerir pela escola e destinando-o à Educação Musical, não foi? Vocês têm um bloco e meio?

P7: Sim, no 5.º ano.

E: E no 6.º ano têm...

P7: Um bloco. E este ano estamos a tentar readquirir os três quartos de hora que já tínhamos tido antes. E perdemos, a favor das TIC, e agora queremos recuperar. Sim, porque a opção de música nós aqui na escola temos, como tu sabes, ou não?

E: No 3.º ciclo. Sim, já me tinhas dito.

P7: E eu gostava de conquistar mais os alunos, porque 90 minutos não é nada, não é?

E: Portanto, isso para a escola também faz sentido. Porque obviamente tem que ser uma decisão tomada em Conselho Pedagógico...

P7: Esses 45 minutos foram levados aos grupos, para discussão, e eu depois dei os meus argumentos e deixei em acta e agora vai para Pedagógico. Vamos lá ver o que é que eles decidem.

E: Mas, de qualquer maneira, o nosso trabalho foi ao nível da aula, onde se fazem vários tipos de decisões e de escolhas, muitas vezes em tempo real, porque o professor tem que as tomar ali na aula, por mais que se prepare, a realidade nunca é exactamente linear. E o meu trabalho é sobre o que é que se faz, sobre as áreas de actividade musical que são mais e menos trabalhadas. E, fizemos um questionário para cada turma... Eu pedi-te que encontrasses, de entre as turmas que tinhas, uma melhor (turma X) e outra pior (turma Y). Procuraste mesmo a melhor e a pior? Quais foram os critérios...

P7: Sim, tentei, não é (sorri)?

E: Tentaste. E a pior, é pior porquê?

P7: Os miúdos têm falta de interesse total. Os interesses deles não passam pela escola, passam por outras... lá fora. E música não é a primeira escolha deles, muito embora até sejam uns miúdos que dentro da música até participam, mas é preciso uma grande atenção da minha parte, percebes? Ter vários olhos a controlá-los e não os deixar despistar e conversar.

E: Eu achei que eles eram um bocadinho agitados...

P7: É isso, é isso.

E: Mas que estavam...

P7: Mas eles gostam.

E: ... que tinham respeito por ti. Que havia ali disciplina, algumas regras.

P7: Porque eles sabem que eu também estou muito em cima, não é?

E: Eu reparei que tu, à entrada da aula, introduziste logo alguma ordem e disciplina...

P7: Começa a acalmar logo a partir do momento que entram na aula. É isso.

E: E a turma melhor é uma turma com menos problemas?... Esta também tem problemas de aprendizagem, a pior?

P7: Hum, hum. Houve imensas reprovações.

E: Mas, principalmente os problemas disciplinares?

P7: Sim.

E: A turma melhor, é melhor porque...

P7: Têm um nível cultural mais alto, percebes? Agora em termos de indisciplina também é um bocadinho difícil. São muito infantis, muito infantis.

E: Também me pareceu que eles tinham as idades mais próximas das idades ditas normais?

P7: Sim, nesta fase.

E: Eu transformei os resultados do questionário em simples gráficos com os totais de cada área (explicação dos gráficos de análise das resposta aos questionários). Há áreas com maior peso do que outras. Nós vemos aqui a interpretação, vamos começar por ela. É a área a que tu dás mais peso na turma pior, juntamente com a audição e a teoria.

P7: Menos audição.

E: Um bocadinho menos de audição. Mas, pensando na interpretação, deste o mesmo peso de interpretação para a turma melhor e para a pior. Explica-me lá, tu consegues fazer, em termos da quantidade de interpretação, mais ou menos a mesma coisa em ambas as turmas?

P7: À partida a base é sempre a mesma, não é? E depois, conforme eles me dão a resposta e vão trabalhando aquilo que eu lhes peço, se rapidamente atingirem os objectivos que eu quero, abandono e passo para outra fase, não é?, senão vou trabalhando mais a fundo.

E: Se calhar, o que tu dizes aqui é que a interpretação tem muito peso nas tuas actividades e tu tentas que tenha peso também na turma que é menos boa...

P7: Porque eles gostam. Gostam de trabalhos práticos, não é? Cantar e tocar e... Isso vai mais ao encontro dos interesses deles.

E: E achas que consegues, por exemplo, fazer mais repertório aqui na turma melhor?

P7: Consigo, quer dizer, o tempo rende-me mais nessa turma melhor, não é? Portanto, aproveito para fazer mais. Agora, na outra turma interrompo muitas vezes. Mas aqui nesta turma (turma X) tenho uns elementos que deliram com música, não é? E esses elementos puxam muito, porque esta turma é um bocadinho irregular, não é?

E: Diz-me, o que é que costumavas fazer em interpretação?

P7: Mas a nível do quê?

E: Por exemplo, a nível de ensinares uma canção, ou de ensinares uma peça para flauta. Usas o suporte do quadro, pões a música escrita....

P7: Ponho a música escrita, às vezes, conforme. Se tiverem livro... Eu trabalho muito o livro, não é? Este ano como nós adoptámos o livro da (nome da autora) e tiveram lá um problema qualquer e o livro não está à venda. Aí, usando o livro dela, tive que passar as músicas para o quadro, porque uns tinham livro, onde tinham as músicas escritas, outros

não, e, portanto, tive que passar, até porque gosto que eles também se exercitem a copiar, não é, a escrita musical. E depois não ensino tudo de uma vez, é isso que tu queres saber?

E: Pois, como é que tu fazes?

P7: Ensino por partes. Primeiro faço leitura rítmica, dentro da canção, não é? Primeiro faço a leitura rítmica, depois faço leitura de notas, era isso que querias saber?

E: Sim, que me vás falando dos teus processos de trabalho. Como é que costumavas trabalhar.

P7: Mas trabalho assim. E depois a parte melódica, a parte melódica apresento o todo, eu, e depois trabalhamos por partes, por frases melódicas, normalmente é mais por frases melódicas.

E: E eles reagem bem a esse trabalho?

P7: Sim. Acho que eles estão muito habituados a trabalhar comigo assim.

E: E eles estudam em casa?

P7: Eles em casa só estudam quando eu digo que é para avaliação, porque de resto é uma das coisas ingratas... Eu aproveito para fazer avaliações na flauta. Agora acho que tenho que trabalhar muito na aula, muito, muito.

E: Interpretação e audição, estão tão ligadas porquê?

P7: Porque este livro que nós adoptámos... Estou a falar do 6.º ano, porque...

E: Sim, sim, 6.º ano. E diz-me uma coisa, estas turmas já eram tuas no ano anterior?

P7: Não, a boa não. Era de um colega meu que não está cá. Esta aqui, veio com misturas de várias turmas, a pior. É que este livro parte muito da audição. E, portanto, eles trabalham, por exemplo, o ritmo. Ouve-se esse ritmo numa melodia qualquer, por exemplo, o galope rápido (canta) “Gosto muito de você leãozinho”. E, portanto, partimos primeiro da audição. Depois cantam, batem ritmos com instrumentos, esse ritmo, o galope, e depois, só depois é que trabalham músicas na flauta ou nos instrumentos Orff, não é, com esse ritmo. Portanto, eu parto da audição porque é sugestão também do livro.

E: Porque é que achas que fazes menos audição aqui com a turma melhor?

P7: Hum, uma boa pergunta essa. Não sei. Olha, não sei responder a isso, mas se difere aí não devia de diferir, pronto.

E: Às vezes, com o tempo que passa entre uma aplicação e outra, enfim...

P7: Não, mas acho que faço as coisas muito semelhantes até.

E: Acontece, às vezes, a pessoa não se reconhecer nos resultados...

P7: Pois, porque é bom a gente depois ver as coisas escritas, não é?

E: Exacto, e tu achas que aqui esta área de audição, na turma melhor, seria mais parecida com a da turma pior?

P7: Sim. Agora, talvez porque isto seja mais rápido aqui, será? Não, de qualquer forma, essa aplicação é sempre feita.

E: Mais rápida como?

P7: Em termos de tempo. Aqui, na turma X, trabalho muito mais depressa, chego ao livro muito mais depressa... Mas aí ainda devia ser mais porque ouço mais coisas, não é? Não sei... Não, mas é que estes miúdos (aponta para a turma Y) também, muitas vezes, fazem fuga ao trabalho, muitas vezes “ó professora ponha lá outra vez”. Enquanto na turma X querem logo passar para o activo, a Y, muitas vezes... às vezes para escrever o sumário, “ó professora ponha lá aquela música”.

E: Mas eu acho que pode ter sido uma avaliação tua menos justa à realidade.

P7: Talvez, talvez.

E: Porque quando eu olho para aqui eu vejo que os meninos da turma melhor dizem que fazem bastante...

P7: Não, mas tens razão. Hum, hum.

E: Ora bem, tu segues muito a metodologia que o livro propõe?

P7: Eu própria identifico-me imenso com aquele livro. Porque aquele livro trabalha música dos vários continentes e depois tem uma secção só de Portugal e os instrumentos tradicionais portugueses, tem sempre os instrumentos tradicionais de cada sítio. E acho isso muito interessante. E os miúdos que já aprenderam muitas bases no 5.º ano, viajam um bocadinho a nível musical. Eu acho giro o livro, acho muito giro.

E: Aqui, a teoria. Como é que trabalhas estes aspectos?

P7: É assim, eu primeiro vivo corporalmente e só depois é que passo para os instrumentos.

E: Fazes os ritmos, por exemplo, no corpo?

P7: No corpo, sim. E depois passo para os instrumentos para depois passar então... ou para a flauta... Trabalho assim.

E: E como é que a teoria entra aqui, nesse teu trabalho?

P7: Eu faço sempre primeiro a vivência. Depois escrevo no quadro, apesar de também estar escrito no livro deles, mando abrir o livro, mas passo sempre para eles...

E: E é nesse momento em que tu relembras, ou ensinas pela primeira vez, uma célula rítmica que aparece, ou uma nota musical... É assim que trabalhas a teoria?

P7: Sim.

E: É neste contexto da prática.

P7: Sim. Não, primeiro prática, depois a parte visual já, para... E, às vezes, depois faço, por exemplo, compassos sem nada e eles têm que preencher os compassos. Isso, este ano trabalhei muito isso.

E: A teoria tem um peso grande aqui. Vês? Na turma melhor tens ainda mais teoria...

P7: Pois tenho, porque eu com esses da turma X avanço mais.

E: Avanças mais, portanto, eles têm mais conhecimentos de música?

P7: Sim e porque são miúdos que querem sempre mais, eu posso dar mais. Aliás, há alunos que têm música lá fora, portanto.

E: A escola tem turmas de ensino articulado?

P7: Sim, mas tenho ideia que nenhum destes alunos... Esses alunos têm dispensa de aulas, não é? Mas, este ano aqui não tenho nenhum desses alunos. Não sei se eles estão em ensino particular...

E: O que eu estava a tentar perceber é como é que tu fazes este trabalho da teoria. Como é que ensinas as notas? Como é que ensinas os ritmos, as figuras rítmicas...

P7: Primeiro é sempre a partir da audição e da prática. Sempre. Porque eu, francamente, acho um bocadinho seca ser ao contrário, para os miúdos. Nós aprendemos assim, não é? Mas preferíamos ter tido uma escola diferente, não é? A minha teoria não é melhor do que a dos outros, é a minha.

E: Sim, é a tua. Faz parte da tua vivência. E é única, ainda por cima. Por falar nisso, tu tens alguma metodologia de que gostes especialmente?

P7: Com que me identifique? Sim. Com a metodologia Orff.

E: Orff. É uma metodologia em que houve, numa certa altura, muita formação.

P7: Ainda há aí. O Wuytack vem cá todos os anos. E outros que vieram antes deles. Eu estive em Salzburg. Estive lá a fazer um curso de Verão e isso marcou-me imenso, imenso. Ele era tudo a partir da vivência tudo, tudo, tudo. Não tenho ideia de ver uma pauta à minha frente. Tudo muito trabalhado, muito vivido, à exaustão. A gente saía daquele curso estoirados.

E: Pois, eu fiz os 3 anos do curso Wuytack... E o Pierre van Hauwe, não sei se sabes quem é?

P7: Sei. Também já fiz.

E: Tens essa matriz que te ajuda a estruturar o teu trabalho.

P7: E o Willems também me ajuda um bocadinho. O Willems. Mas menos, muito menos.

E: Mas tens essas duas metodologias bastante presentes no teu trabalho?

P7: Não. Willems, muito menos. Que é aquela parte da leitura e não sei quê.

E: Falámos, no princípio, da gestão do currículo na própria escola. Estas experiências de aprendizagem, muitas vezes, espelham muito o projecto educativo da escola, o projecto curricular, os planos curriculares de turma e também o plano de actividades. É assim que aparecem as actividades de Educação Musical?

P7: Também. Mas, quer dizer, há umas que são grandes directrizes, por exemplo, o Natal, uma marca muito forte. E os professores cá da escola estão habituados a que nós participemos na festa. Desde que eu estou aqui, não me lembro de não entrar.

E: E é uma coisa em que muitos professores participam ou fica um bocado assim...

P7: Participamos nós de música, este ano até fui eu sozinha (sorri), e depois participam, às vezes, os professores de teatro. Teatro, quer dizer, professores do... como é que se chama?

E: Oficina de teatro que existe no 3.º ciclo?

P7: Não. Não temos teatro cá na escola. Projecto... Área de Projecto. E este ano participaram. Também participou o 4.º ano, participou há 2 anos, este ano não participaram.

E: O 4.º ano, porque vocês têm...

P7: Do agrupamento. Também não me importe nada porque estava sozinha e organizar aquilo... depois os níveis eram muito diferentes.

E: De uns grupos para os outros, de umas turmas para as outras.

P7: Da apresentação. Eu achei que pequeninas turmas não resultava, não temos condições acústicas. Então, faço tudo igual para todos e apresentam. E o resultado é muito melhor.

E: Mas eu reparo que há muita tendência para escolher os melhores...

P7: Também já fiz isso. Também já seleccionei as melhores vozes, os melhores a interpretarem a música. Já fiz isso. Mas também não me apetece marginalizar os outros, coitadinhos. Agora a minha exclusão é por comportamento (sorri).

E: Há uma planificação e há um pedido específico aos professores de Educação Musical para colaborarem, ou vocês colaboram porque é natural?

P7: Em termos de projecto anual? Eu acho que nós já também... Eu já trabalho aqui há muitos anos e já sei um bocadinho o que é que a casa gasta e já faço eu a proposta, não é? Mas depois, por exemplo, Dia Mundial da Música, peguei numa turma que é do 9.º ano e fui dinamizar a biblioteca, pronto. Depois houve... Isso fiz. Ao longo do ano vão surgindo assim situações que eu pego, aí pego nos meus melhores alunos. Porque eles estão mais à vontade e depois ensino mais rápido... que normalmente já é opção, já é o 3.º ciclo. E com eles pego e faço um bocadinho aquilo que eu quero. Que é ótimo.

E: Este ano, por exemplo, houve alguma actividade de encerramento?

P7: Houve. No final do ano houve um *peddy-paper*, organizado a nível de várias disciplinas e a nossa também estava incluída e de facto só entraram alunos de 5.º e 6.º ano. Mas, mesmo a abertura da festa foi feita pelos meus alunos de opção do 9.º ano. Como era um bocado a despedida deles, fizeram um trabalho com latas, assim tipo aquele trabalho dos Stomp. Ritmos feitos com latas e depois fizeram um trabalho com violas, guitarras electrónicas, eléctricas...

E: Existem guitarras eléctricas aqui na escola?

P7: Não, eles é que têm. E eu aproveito o facto de eles terem. E acordeão, também. Portanto, faço peças onde sei que eles podem tocar... Eu não sei ensiná-los, não é? Aproveito um bocadinho os conhecimentos de cada um, não é? O que cada um sabe. E é esses alunos que eu também estava a dizer, não em relação ao 6.º alguns que eu sei que têm aulas particulares, mas estes também têm aulas, de viola, lá fora. Porque, ao mesmo tempo, tu dizes que é... os miúdos têm uma parte criativa, não é?

E: Isso é a composição, era mesmo disso que eu precisava de falar agora, ainda bem que falaste. Que é a pouca quantidade de composição. Fala-me sobre isso.

P7: É assim, eu tenho pena de não fazer mais isso. O que acontece é que normalmente quando é a parte criativa eles precisam... eu não faço em grande grupo, faço em grupos de cinco, máximo. E então tenho que os pôr fora da aula, normalmente, para poder trabalhar. Eu sou das professoras que mais trabalha, apesar de trabalhar pouco, sou a pessoa que mais trabalha em termos de criatividade aqui na escola. E ponho-os lá fora a trabalhar muito, na rua. Quer dizer, eu também vou para a rua, mas isso também não é grave, e vou dando umas dicas a cada grupo, orientações, e... Agora, este ano também

não foi um ano muito bom, eles diziam, “ó professora mas hoje não vamos para a rua?”, “hoje não dá que está a chover”.

E: Foi um ano chuvoso.

P7: Foi um ano muito mau. Não, e... por exemplo, temos grandes instrumentos de pele, que tu já viste ali na sala. Mas, por exemplo, este ano, telefonaram-nos para a escola porque nós estávamos a fazer muito barulho e não sei quê, e tivemos que ir para outro lado. Portanto, quer dizer, também temos algumas condicionantes. Mas, quer dizer, não é isso que me empata muito, não é? Agora, às vezes também já não dá mais espaço, sempre. Criatividade só com instrumentos de altura indefinida, depois definida-madeiras e indefinida-madeiras e depois... é mesmo com metal. Pronto, para eles trabalharem... até porque como o livro trabalha várias áreas do mundo, vários países. Portanto, África, vão para a rua e trabalham madeiras, xilofone, percussão, peles, não é? Ou, por exemplo, hoje vamos para a Indonésia, que é tudo com metais e não sei quê. Pronto, também trabalham a partir da sugestão do livro, não é? Depois fiz construção de instrumentos, em turmas em que eu não consegui fazer mesmo quase nada. Mesmo assim, este caso da turma pior, mesmo assim, ainda consigo puxar por eles. Mas havia umas turmas que aquilo foi mesmo...

E: A construção de instrumentos é uma actividade que os envolve, eles sentem aquilo como uma coisa sua...

P7: Sim, mas instrumentos é duro, trabalhar isso dentro da sala de aula. Não é que eles não estivessem entusiasmados, mas eu também entusiasmei-os muito. É um trabalho que eu faço num curso superior e resulta imenso e aqui a este nível...

E: Fazes num curso superior como? Trabalhas...

P7: Na Maria Ulrich. Futuras educadoras de infância.

E: Formação inicial de educadores. E, portanto, sentes que essa é realmente uma...

P7: Se calhar tinha que trabalhar mais. Mas isso também rouba muitas aulas, rouba muitas aulas... E eu nunca consigo acabar a matéria até ao fim do ano, nunca. Nunca, nunca, nunca consigo.

E: Tu falaste de ires para a rua com os alunos... Para eles poderem experimentar, quando estão a trabalhar em pequenos grupos, o que, na aula, seria difícil?

P7: Mas eu não consigo trabalhar isso na aula, por isso é que eles trabalham fora da aula. Mas depois na aula fazem a apresentação aos outros grupos.

E: Então, tu aproveitas eles poderem sair para o exterior para experimentarem. Tens essa possibilidade.

P7: Hum, hum.

E: Portanto, na composição, apesar de tudo, até tens alguns recursos que aproveitas.

P7: Faço algumas... mas, quer dizer, proporcional aos outros itens não faço.

E: Pois. Olha, os alunos até acham que fazem mais composição do que tu indicas...

P7: Fazem, fazem. Foste a um congresso que houve na Gulbenkian, este ano, de projectos de várias escolas?

E: Não.

P7: Foi um trabalho giríssimo... eu acho que é opção, que fogem um bocado ao programa e que se focalizam, por exemplo, só música tradicional, ou só música trabalhada a partir de objectos recicláveis.

E: Este desenho curricular permite algumas liberdades... o programa está lá à mesma com os conteúdos, mas tu podes...

P7: Trabalho um bocadinho também sobre os meus dons (sorri). Cantar, também não sei como é que vem aqui o item cantar, vamos ver. Mas o cantar, vejo que cantam mas não cantam tanto como eu gostaria. Até porque eu acho que na idade deles já têm um bocadinho de vergonha de cantar, alguns deles.

E: Aliás, o que eles dizem que fazem menos é “Cantam individualmente”...

P7: O individualmente não gostam... Tu não me dás, tens uma folhinha destas?

E: Dou, dou.

P7: Não precisa de ser dos resultados. Só dos itens que eu acho giro. Está tão bem feito. Não é para copiar, é mesmo só para também relembrar um bocadinho a...

E: Pode ser para o que tu quiseres. Tu é que sabes. Queres o questionário também, o teu e o dos alunos?

P7: Queria.

E: Então vá. E se quiseres levar isto também podes.

P7: Não. Não sei se tu depois...

E: Olha, posso deixar os gráficos e envio-te depois este quadro por e-mail, porque esta folha tem umas notas à mão, mas não há problema nenhum. Aqui está o conjunto das afirmações para cada área, são vários itens, às vezes muito parecidos. Eles estão salpicados, aqui no original, não é? Para não viciar as respostas, como poderia acontecer agrupando os itens da mesma área. Aqui, para nós analisarmos, já juntei todos,

interpretação, que é a 1, a 6, a 11... tal como estavam numeradas no questionário. Se não perceberes alguma coisa, diz. Agora, e é a parte final da nossa entrevista, os aspectos mais e menos dentro de cada área de competência.

P7: Isto é giro porque é um estudo que compara realmente.

E: Sim, a ideia é mesmo comparar. Podes olhar para o teu trabalho e reflectir sobre ele e há uma expressão do teu trabalho nas respostas dos alunos, porque é o que têm mais próximo, mas eles foram convidados a responder sobre os dois anos e alguns não são só dois, são três ou quatro anos, no caso dos repetentes.

P7: Pois. Olha, por exemplo, isto é verdade, estes foram meus alunos do ano passado e eu toco muito instrumentos e o meu colega tocava muito menos, se calhar, não sei... Eles não têm nada aqui?

E: Têm, têm 3. Eu aqui só pus os valores extremos. Por exemplo, “Cantam individualmente” é o que eles fazem menos.

P7: Ah, sim.

E: Portanto, “Cantam individualmente” é o que se faz menos, e há concordância entre ti e os alunos, porque?...

P7: Eles não gostam, eles não gostam. No 5.º ano consigo, o 6.º ano já nem abrem a boca. Mas tenho alunos que gostam de se evidenciar e que me pedem para ir para o microfone cantar.

E: Depende da personalidade de cada um?

P7: Eu tenho uma aluna numa destas turmas que canta Fado lá no restaurante dos pais e não canta aqui, não quer cantar. Podia fazer uma demonstração aos colegas e não faz.

E: “Cantam em grupo” é uma área que tu trabalhas muito...

P7: Hum, hum.

E: “Tocam instrumentos musicais”, fazes muitas vezes, não é? “Cantam e tocam músicas de diferentes tipos”, realças esse aspecto e ainda agora disseste que o próprio livro tem muita variedade de estilos e géneros. Também usas bastante a flauta. A turma pior assinala aqui “Tocam flauta de bisel” como aquilo que faz mais. A turma melhor assinala “Tocam instrumentos da sala de aula” e logo a seguir “Tocam flauta de bisel”. Queres comentar?

P7: Não, porque estes (aponta para a turma X) apanham mais rapidamente. Não preciso de estar tanto tempo com eles a trabalhar a flauta e são miúdos com muita alegria, não é? Eles têm alegria em tudo e, portanto, tenho tempo para rapidamente, passo a flauta e

posso passar para os instrumentos. Estes (aponta para a turma Y) para tocarem, uns, o suporte de flauta e outros a tocar instrumentos, às vezes demora imenso tempo. Às vezes consigo em 15 minutos pôr isto na turma X e na turma Y é 45. Mas porquê, porque eles não sabem o nome das notas ainda. Quer dizer, um trabalho que eu faço imenso, no 1.º período faço trabalho... Ainda não percebi, há aqui uma falha qualquer que os miúdos têm... aquilo da escala na pauta e... quer dizer eu obriguei-os a decorar isso, fazer tipo ladainha. Abaixo do sol o que é que é? Acima do sol o que é que é? Não é, têm que fazer isso.

E: Ora bem, concordas então com aquilo que os alunos dizem, faz-te sentido?

P7: Sim.

E: Estas perguntas todas tentavam cobrir grande parte das possibilidades de trabalho de cada área de competência. Na composição...

P7: Isso deve estar tudo fraquíssimo.

E: A minha dúvida aqui, no teu caso, é esta diferença que há entre a resposta...

P7: Da X e da Y?

E: Sim.

P7: Do 1 e do 4, é isso?

E: Pois, o 1 e o 4, que dás na turma pior e na melhor, respectivamente, no item "Acompanham livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos". Eu fiquei com vontade de conversar contigo sobre esta diferença. Será uma diferença real?

P7: Esta é a X?

E: Esta é a X e esta é a Y. Portanto, esta é a melhor, esta é a pior.

P7: Pois. Exacto. Porque na turma Y não posso fazer isto com tanta liberdade, acompanhar livremente, desatam num... despistam-se completamente e em vez de fazer... começam a fazer cada um o seu ritmo e, às tantas, é um caos na aula que não dá. É o caos na aula.

E: Mas, curiosamente, os alunos acham que fazem.

P7: Mas fazem alguma coisa.

E: Fazem alguma coisa. Mas é daquilo que eles acham que até fazem mais.

P7: Pois, mas não é. Na realidade não é.

E: Não é. Pronto, mas está explicado aqui, este aspecto da criação espontânea, se não há um conjunto de regras e alguma ordem...

P7: Viram-me a aula de pantanas.

E: Eles dizem também que “Inventam ritmos para acompanhar músicas”.

P7: Sim. Mas é os tais trabalhos que fazem lá fora, não é?

E: Sim, exacto.

P7: Agora, com música gravada é diferente.

E: Aí já depende de um suporte musical, como no caso de “Acompanham livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos”.

P7: Exacto. Aí têm que estar na sala.

E: Hum, hum. “Ouvem música”. Já me falaste que o livro ajuda a organizar as actividades de audição, porque ele próprio as propõe e até são o ponto de partida do trabalho.

P7: Hum, hum.

E: Dizes, tal como os alunos, aqui há uma concordância bastante grande, que “Ouvem música” e “Ouvem música de vários tipos”. Achas que está certo, faz-te sentido isto?

P7: Sim, sim.

E: Este aspecto “Trazem música para a aula para partilhar com a turma” é uma coisa que todos dizem que se faz menos.

P7: No início do ano faço logo. Para saber um bocadinho o que é que eles ouvem. Eu faço sempre isso no início do ano lectivo. Dá-lhes um bocadinho o sentido crítico da música e também muito para reconhecimento de instrumentos.

E: Pronto. Teoria. Leitura. As actividades de leitura são aquelas que tu realças aqui mais, “Fazem exercícios de leitura de ritmos”, “Fazem exercícios de leitura de notas musicais”. Eles dizem que “Fazem exercícios de caligrafia musical”, menos.

P7: Porque eles nem todos copiam. Como eu te disse, alguns têm a música já feita no livro. Alguns não precisam de copiar e outros têm que copiar, os que não têm esse livrinho.

E: Mas de qualquer maneira é o que eles dizem que fazem menos.

P7: E fazem pouco.

E: “Realizam testes escritos”, tu dizes que fazes pouco...

P7: Fazem dois por ano, portanto, não faço muito. Quer dizer, faço assim umas coisinhas pequeninas durante o ano, mas não é... e depois vou ver ao caderno, mas não é um teste para os pais terem conhecimento. Não, isso faço dois. Acho que faço até de menos, por acaso.

E: Porque é que os alunos dizem, em particular os da turma melhor, que fazem muito?

P7: Que fazem muito?

E: Sim.

P7: Talvez por causa do professor do ano passado, não sei. Isto abrange os dois, é?

E: Exactamente. E são os alunos da turma melhor, da turma que tu não tinhas, justamente, que estão aqui.

P7: Ele talvez fizesse mais do que eu. Ele era muito certinho. Mas, por exemplo, não era de ir para a rua trabalhar com os miúdos, não era desse género.

E: E agora as experiências de aprendizagem, só para terminarmos. O aspecto que os alunos valorizam mais aqui é “Participam em actuações musicais nas comemorações e festas da escola”.

P7: Nem sei o que é que eu respondi...

E: Tu respondeste também, nas duas turmas, “Participam em actuações musicais nas comemorações e festas da escola”. Depois, “Ajudam a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola”, na turma X, e “Assistem a espectáculos musicais na escola”, na Y.

P7: Sim.

E: Os alunos da turma melhor participaram mais na preparação de actividades musicais, os da turma pior assistiram mais a espectáculos musicais na escola...

P7: Ai, a turma Y eu tive de os castigar. Foram proibidos de... porque o comportamento deles era...

E: Então se estes foram os que não participaram, só assistiram.

P7: Sim, sim. Não, eles são obrigados a ir, agora não participam para não desestabilizar o resto do grupo.

E: Pronto. P7, olha deixa-me só fazer-te uma pergunta final. O que é que achas que corre realmente bem nas tuas aulas? Que te dá satisfação, que te anima...

P7: Que a mim me dá satisfação?

E: Sim.

P7: Ou a mim e a eles?

E: Ah, a ti e a eles.

P7: Eu acho que é tocarem. Quando têm as peças musicais prontas é o que lhes dá mais satisfação, é tocarem. A mim também. É assim, muito francamente, dá-me imenso trabalho porque eu tenho que preparar as madeiras, tenho que preparar as peles. E todos fazem sempre tudo, não é? Mas como há sempre uns que querem fazer o que o outro

está a fazer, dá-me um bocado de trabalho, organizar isso. Mas o resultado para mim dá-me imenso gosto. Chegam a convidar outras pessoas para irem assistir ao trabalho deles. É o que me dá mais gosto.

E: E o que é que corre mal? O que é que te aborrece, que te faz desmoralizar?

P7: Eu acho que há duas coisas. É quando eles começam a tocar e aquilo e em vez de ser sol começa a ser barulho, porque eles estão todos... não respeitam o trabalho da orquestra, não é? Há partes que têm que ser por naipes, outras não. Quando estão nessa fase é difícilimo. E outra coisa que me põe fora de mim é eu já ter trabalhado a pauta, as notas, bem, e no final do ano, de repente, eles não sabem... Eu não estou a acreditar nisto, dá-me imenso trabalho isto. E ainda não percebi se tenho que trabalhar mais, novamente, os exercícios que faço imenso no 1.º período, imenso. Depois quero um bocado partir para a criatividade, senão uma pessoa fica sempre colada ao papel e à linha da pauta, não é? Isso aí também fico triste.

E: Como é que respondes a isso?

P7: Ah, questiono-me imenso se o problema não é meu. Ah, sim, sim. Porque tem que haver aqui uma falha. Como eles é muita vivência, muita vivência, às tantas começo a estar farta do papel e do não sei quê, quero é partir para o trabalho prático, não é? Eu acho que a grande vontade deles é partirem logo para a música, não é?, tocarem. Mas se não têm uma base não dá, não é? Em termos musicais... não falando nas conversas despropositadas.

E: E qual o valor que dás à relação com os alunos?

P7: Ah, isso dou imenso. Ainda hoje estava a comentar isso com uma colega minha, que eu acho que os alunos dão tanto mais a nós professores, quanto mais gostam de nós e, portanto, isso também parte de nós, não é? Conseguir conquistá-los e aproximarmo-nos deles e incentivá-los. Eu acho. Se eles gostarem de música, eu digo logo, “se vocês gostarem de música são miúdos felizes aqui na minha aula”. E agora parte de mim fazê-los gostar da música, não é? Se eu for para lá só fazer solfejo, como fiz no primeiro ano que eu dei aulas, no final do ano tinha as mesas todas viradas ao contrário, textualmente. E nunca mais me aconteceu isso, quando eu depois fiz o meu estágio, porque eu dei aulas a estes miúdos como eu aprendi no conservatório, não pode ser. Também aprendemos, não é? A experiência vai-nos dando calo. E pronto.

E: P7, vou deixar-te ir arrumar a sala, finalmente. Muito obrigada.

P7: De nada. Foi um prazer.

3.8 Professor 8 (P8)

Data: 24 Junho de 2010

Hora: 14h

Local: Escola do entrevistado

Género: Masculino

Idade: 31 anos

Habilitação académica: Licenciatura Professores do Ensino Básico – Educação Musical

Formação profissional: Professor do Ensino Básico – Educação Musical

Tempo de serviço: 6 anos

Situação profissional: Professor contratado

Outras experiências profissionais: Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF)

E: Eu pedi a tua colaboração para este meu trabalho de investigação, para aplicar um questionário. Na altura pedi-te que me indicasses duas turmas, de 6.º ano, uma que considerasses boa, ou melhor, e outra pior. Agora pergunto-te a diferença entre a turma melhor e a turma pior, o que é que as distingue?

P8: O que é que as distingue? O aproveitamento acima de tudo. A turma X... a X é uma turma que tem problemas de comportamento, no entanto é uma turma que consegue ter resultados. A turma Y é uma turma que tem casos muito específicos e a nível de comportamento são excelentes, no entanto, a nível de aproveitamento, não conseguem atingir com muita facilidade, uma pessoa tem que insistir, insistir, insistir, insistir... estratégias variadas... e mesmo assim, para conseguirmos alguma coisa é muito complicado.

E: Não tem a ver com a Educação Musical, é um problema comum às outras disciplinas?

P8: Sim, sim, sim.

E: O foco principal do meu trabalho é o estudo das práticas lectivas, a gestão do currículo a nível da aula de Educação Musical. E, como te disse no princípio, tem um chapéu que é do domínio político da decisão curricular, ou seja, a maneira como neste

momento o currículo está organizado, através de competências, desta visão por competências. Tens esta questão presente na tua prática?

P8: Não, não.

E: Bom, eu parti do que está estipulado oficialmente. Depois, também me interessa a gestão ao nível da escola. Há, por exemplo, aquele tempo de gestão da escola, aqueles 45 minutos que, em muitos casos, foram atribuídos à Educação Musical. Aqui não aconteceu isso?

P8: Aqui, temos um bloco de 90. No 5.º ano, que não faz parte da amostra, temos 90 mais 45.

E: Mas isso é importante. Portanto, fizeram essa opção curricular.

P8: Quando cheguei cá já estava, já estava isto. Portanto, foi uma opção e eu concordo plenamente, especialmente nos 5.os anos eu trabalho uma coisa fabulosa com eles.

E: Isso mostra que a escola sente que a Educação Musical é importante na resolução dos problemas e na motivação das crianças?

P8: Sim. A escola dá importância à parte artística, neste caso à Educação Musical, no entanto se nós formos analisar o contexto escolar, em que temos os pais, aí já é diferente. É uma disciplina secundária, que não é importante, em que o menino obrigatoriamente, como me foi dito várias vezes: “a Educação Musical ninguém tira negativa”. É uma coisa que uma pessoa fica: “como?”. É uma disciplina curricular, a escola dá esta importância, no 2.º ciclo, à Educação Musical que tem mais 45 minutos, coisa que eu nunca trabalhei, só trabalhei aqui nos 5.os anos, a escola dá importância à arte... as pessoas, os pais não dão tanto.

E: Achas que a sociedade vê a Educação Musical como...

P8: Continua como uma disciplina secundária. Quando falam comigo, “ah, é professor de música”. “Não, não sou professor de música, sou professor de Educação Musical. Música é outra coisa”. Ainda confundem muito... Depois vêm-me sempre com o Canto Coral, em que cantavam na primeira voz, segunda, terceira, quarta e o que cantava mal, cantava na quarta. Como se a quarta fosse menos importante que a primeira...

E: Mas a escola valoriza a presença da Educação Musical.

P8: Valoriza sim, sim.

E: E tem opção no 3.º ciclo?

P8: Não, não tem, não tem. No 3.º ciclo, se uma pessoa for ver o currículo, o currículo do 3.º ciclo é História, é uma disciplina de História. Uma pessoa pega num livro do 3.º

ciclo, num manual, é história da música. Começamos na pré-história, depois vai por ali fora.

E: Eu estou a trabalhar, a observar, a pensar sobre o que é que se faz, o que é que não se faz, o que é que se faz mais, o que é que faço menos e este é o resultado da aplicação do questionário. Este gráfico és tu, e estes são os alunos da turma X, a melhor. Aqui...

P8: Sou eu novamente.

E: És tu novamente, na turma pior, e aqui são os alunos, também na turma pior. Ora bem, olhando para aqui há logo um aspecto... vê-se que consegues fazer mais trabalho na turma melhor do que na pior, mais quantidade de trabalho, não é?

P8: Sim, muito mais.

E: Digamos que o desenho é mais ou menos parecido, só que aqui está...

P8: Encurtado.

E: Pronto, nota-se uma menor quantidade de trabalho na turma pior. Os alunos até acham que fazem mais trabalho do que tu dizes, mas tu sentes que fazes muito pouco...

P8: O trabalho não é muito produtivo, é preciso repetir muita vez, muita vez, muita vez, muita vez. Ou seja, ou posso variar de estratégia, que vario de estratégia, em que eu sei que estou a trabalhar exactamente a mesma coisa mas eles pensam que será outra coisa diferente... Às vezes acontece, “oh professor não consigo fazer isto”. “Não consegues fazer o quê?” e a pessoa faz. “Então não consegues fazer e fizeste?”. Temos é que às vezes contornar. E a estratégia que hoje resultou para a semana já não resulta, não tem nada a ver. É mediante, não sei, estados de espírito, possivelmente. Eles são agitados por natureza. Estes miúdos são muito, muito agitados. Houve reuniões para discutirmos com os pais, estratégias para melhorar o comportamento deles.

E: Deixa-me dizer-te uma coisa, eu senti que o ambiente disciplinar era muito parecido numa turma e na outra, não senti grande diferença. Ou seja, eles estavam mais ou menos sossegados, depois iam conversando um pouco... Achei parecido.

P8: Sim, sim, mas acontece o seguinte, tu foste à sala no 3.º período. Estes miúdos, entre aspas, eram insuportáveis no 1.º e 2.º período. Era do género, se trouxesses uma actividade prática a indisciplina era de tal ordem, porque eles já são indisciplinados, uma actividade prática ainda pede mais por eles, para eles mexerem. Era impensável trazer uma actividade prática para estes miúdos. As actividades práticas que foram vindo, foi depois de se ter trabalhado a turma com calma, era do género: “vocês não gostam disto mas têm um comportamento adequado, então têm que fazer aquilo que é

para podermos leccionar, temos que cumprir um programa”. E se eles assim estão calados e quietos é uma disciplina teórica... Eles se tiverem a passar do quadro estão bem, então, passam do quadro.

E: Tu achas que os alunos reagem bem a isso e acalmam-se, porque coincide mais com a imagem tradicional que eles têm de escola, o aluno sentado a escrever?

P8: Se calhar, se calhar.

E: É o facto de ser um trabalho prático que faz com que haja mais agitação na aula ou mais indisciplina?

P8: A isso o que posso dizer foi uma experiência de trabalho que tive há uns anos atrás com o PIEF, então nós fazíamos muitas actividades práticas. Os miúdos chegaram ao pé de nós uma altura, “tratem-nos como alunos normais”. E estes miúdos eram super agitados, era uma coisa insuportável, era no corredor antes de entrarem, era durante... Estes aqui já estão muito mais calmos.

E: Então, o que eu vi já foi fruto de uma evolução.

P8: Sim, sim. Mas eles tinham uma coisa, também foram lá, uma altura, por causa do Plano Nacional de Leitura, isto no início do 2.º período, e ficaram com uma impressão maravilhosa da turma. Eu também, as primeiras duas, três aulas que lhes dei fiquei com uma impressão maravilhosa da turma. Não conheciam a pessoa...

E: Está bem. Vamos olhar aqui para esta distribuição. No questionário havia uma série de itens que estavam misturados, para não viciar as respostas, agora já estão agrupados nas respectivas áreas.

P8: Exactamente.

E: Na interpretação, por exemplo, se tivesses respondido 1 a todos os itens estarias aqui no 7, se tivesses respondido 2 a tudo, estarias aqui no 14, 3 a tudo no 21 e 4 a tudo no 28. Está bem?

P8: Sim, ok. Já estou a perceber. E então uma pessoa ora põe 1 ora põe 2 e tu fazes a média?

E: Aqui não é uma média porque tu só preencheste um questionário. Aqui sim, é a média das respostas dos alunos em cada questão. Assim sendo, tu estás aqui, na interpretação disseste que fazias 21 num máximo de 28, estás aqui no 3. Fazes muitas vezes interpretação. O que é que fazes?

P8: O que é que faço? A nível da interpretação de peças? É isso?

E: Sim, interpretação de peças, de canções... Como é que trabalhas?

P8: Dividi o trabalho em fases. Quando uma pessoa está a trabalhar a voz, trabalhamos a voz, quando trabalhamos instrumentos, trabalhamos instrumentos. Especializar. Quando eles começam a ter algum à-vontade, mudar? Não. Começámos com peças instrumentais, entretanto apareceu o Natal e nós trabalhámos a parte coral em que eles, cada um queria-se ouvir a si, só a si. Não houve essa disciplina de interpretação e depois “aqui, o que é que a peça pede aqui?”, “ah, a peça aqui está a tocar piano”. Fazê-los perceber que a música não é toda uma linha em termos de intensidade sonora, em que há nuances e fazê-los perceber isso. Depois na parte instrumental é o mesmo trabalho, entre aspas, para o instrumento. Eles tinham o hábito de pegar no instrumento e aquilo era “ai meu Deus”, saía dali com uma dor de cabeça. E eu, “olhe, flauta, piano”. Levantar desafios, agora vamos fazer piano, depois mediante a peça, aquilo que a peça pede, “aqui, se calhar, é mais forte, há um crescendo depois há um diminuendo”. Vamos à interpretação da peça nesse sentido e quais são as ideias, por exemplo, a interpretação das peças a nível auditivo, fazer a análise estética muito simples. Qual é a ideia do compositor? Costumo-lhes apresentar o 4.º andamento da 6.ª de Beethoven, A tempestade. Sem eles saberem que é a tempestade, primeiro de nada. Em que eles começam-me a dizer coisas e eu começo a escrever no quadro, o fogo, animais a fugir, a água e tal. Depois no fim vamos tentar perceber o que é aquilo, uma tempestade. Depois ouvem mais uma vez com a minha explicação, aqui ouvimos isto, agora damos atenção a isto, depois damos atenção àquilo. Eles geralmente gostam, gostam disso. Gostam dessa actividade e pedem-me novamente essa actividade.

E: Falaste de várias coisas, inclusivamente da audição, mas em interpretação tu fazes trabalho instrumental, trabalho vocal... a turma melhor acha que fazem um bocadinho menos do que tu dizes...

P8: Eles é um pouco mais o número de peças que aprenderam, “ah, só aprendemos duas”, “mas aprenderam como”?

E: Enquanto tu tens a noção de que o trabalho de interpretação foi feito a vários níveis?

P8: Sim, desde cantar o hino. Cantámos o hino. E cantar o hino, eles querem cantar o hino como num estádio de futebol. Não pode ser como num estádio de futebol, eles têm de perceber que não pode ser como num estádio de futebol. Uma coisa é uma pessoa repetir, na música é assim, é a repetição, a repetição. Podemos mudar de estratégia, podemos mudar de peça mas estamos a repetir, estamos a repetir, até eles perceberem, chegarem, serem capazes de. E é isso que se calhar eles não percebem, que uma pessoa

por repetir acaba por trabalhar menos número, no entanto, trabalhou aquela peça melhor.

E: Aqui na composição. Faz-se mais composição na turma melhor do que na pior, porquê?

P8: Em primeiro lugar, porque têm mais à-vontade. Porque eu se peço para fazerem... repara eu não tenho instrumental Orff.

E: Portanto, uma das coisas que te põe problemas é teres poucos instrumentos.

P8: Não tenho. Não tenho. Eu tenho-os ali incompletos. Roubaram-me um há dias, pronto, essas coisas todas. Eu não tenho instrumentos, portanto, para variar, como? Tenho que variar dentro do mesmo.

E: Tanto que fizeste instrumentos, construíram instrumentos, eu lembro-me disso, que foi uma maneira de tu obviarem esse problema?

P8: Também, também, em parceria com EVT. E aqui a nível de composição, quando uma pessoa tem instrumental Orff eles têm essa noção. Uma pessoa põe a escala pentatónica e eles começam a explorar e eu “ora ouçam, ora reparem” e eles tentam imitar. Eu aqui não tinha esse tipo de trabalho, tinha o quê? Tinha um instrumento, tinha o corpo e uma pessoa vai trabalhando. Nesta turma há miúdos que não... Eles já estão tão habituados a errar, “faz, não tenhas medo, faz”. Não. E é uma estratégia, é uma actividade que se calhar nesta turma (aponta para a turma X) faz um delírio e nas turmas mais fracas... Na turma X faz sucesso, aqui na Y é um martírio para eles, acaba por ser um martírio e uma pessoa também...

E: Eles próprios não estão confortáveis com a actividade? Porque não têm bases, porque não a compreendem?...

P8: A nível de bases, posso-te dizer, a nível de bases tanto uma como a outra estavam mais ou menos a mesma coisa, muito por baixo, entre aspas.

E: Pois. Quando fazes alguma actividade de composição, o que é que fazes, normalmente?

P8: O que é que eu faço? Olha, com esta turma (aponta para a turma X) a última actividade que fiz foi uma técnica de composição... fazer deles um compositor. Aproveitei a classificação de intervalos para darmos a retrógrada, a inversão... e isso eles custou-lhes a perceber... pus no quadro expliquei-lhes como é que se fazia e depois eles tinham que criar uma peça deles, uma melodiazinha, notas à sorte, em que depois tinham que fazer tudo isso. E depois davam-me a peça a mim, eu passava no Sibelius,

na sala passava no Sibelius e era a peça da turma. Tinham que fazer a peça, a retrógrada, a retrógrada invertida, tinham de fazer os quatro, o eixo do x e do y. Fizemos um exercício. Eles gostavam era de fazer o espelho, porque a outra têm que fazer contas, não é?, “eh pá, isto é uma 4.^a descendente, agora aqui é ascendente”. Pronto, às vezes enganavam-se, normal, perfeitamente normal, em que eu depois corrigia. E depois eles ouviam e era curioso o silêncio absoluto que essa turma fazia para ouvir a peça, “esta é a minha, esta é a minha, esta é a minha” (ri). Por acaso foi engraçado. Aqui não resultou muito bem, porque em primeiro lugar tinham que fazer a classificação de intervalos, que eles já tinham dific... havia dois ou três miúdos que fazem aquilo impecavelmente, são miúdos excelentes. Mas turma, falar na turma, miúdos que têm dificuldade em somar meio mais meio, mais meio. Em que, eu punha-lhes no quadro, eu metia-lhe aquilo tudo, as alterações, o dó, dó sustentado, ré, ré sustentado, tudo, meio mais meio, mais meio, segundas, terceiras, segundas maiores, segundas menores, terceiras maiores, tantos tons, tantos tons, tudo... É certo que aqui (aponta para a turma X) há três ou quatro que não conseguem, aqui (aponta para a turma Y) há três ou quatro que conseguem. Se aqui desce aqui tem que subir, “ah mas... aqui desce e ali tem de subir?”; “É invertido, é o invertido. Se aqui sobe ali tem que descer”. Este tipo de coisa eles têm dificuldade, enquanto estes (aponta para a turma X) conseguiram resolver o problema, muito bem. Na altura do Natal. Na altura do Natal foi composição, não foi bem composição. Eu dei-lhes a peça, uma peça de quem? Uma peça de Natal, agora não me perguntes que são tantas. Em que eles tinham que fazer uma coreografia. Também um tipo de composição. E eles também gostaram. Também gostaram daquilo.

E: Tiveram que ter atenção aos tempos, ao ritmo. A parte da dança...

P8: Sim, Sim. Mas não era dançar, era uma coreografia, um braço para aqui, um braço para ali... Coisas simples, feito por eles, não feito por mim (ri). Isso aí é que é a composição deles, senão era minha, não é?

E: Aqui, audição. Tu tens na tua aula condições para fazer audição, melhores do que o resto, ou não?

P8: É assim, as condições para fazer audição...

E: Tens aqueles quadros...

P8: Mas se tiveres uma aparelhagem é muito melhor. Porque aquilo tem uma... aquilo tem uma aparelhagem, parece uma aparelhagem, “ah, temos o quadro interactivo, aquilo

tem som.” Pronto, entretanto o quadro interactivo começa a funcionar e eu começo a utilizar aquilo. Aquilo é o seguinte, os miúdos... Aquilo não tem qualidade de som.

E: Como um computador, precisa de ter as colunas?...

P8: É. Precisas de umas colunas para teres uma qualidade de som. Aquilo, por exemplo, a nível de graves é muito limitado. Ouves muito bem é os agudos, isso, maravilha. E uma pessoa... eu praticamente todas as aulas trazia peças para eles ouvirem. Praticamente todas... mas trazia. Pronto. E geralmente a peça que nós trabalhávamos, que estávamos a ouvir, havia sempre alguma parte prática, ou acompanhar com ritmo ou acompanhar com a flauta... É aqui. Também para eles terem a noção de espaço e tempo, que no início foi muito complicado porque não tinham esse tipo de noção.

E: Uma participação activa na escuta de música gravada, é isso?

P8: Sim, a nível de audição. E ouvir o professor a executar uma peça. Por exemplo, há uma coisa na articulação do instrumento que a mim irrita-me solenemente, é fazer a articulação na flauta, em que eles fazem a articulação com os dedos. “É pá, ó pessoal, isto é com o sopro, é a língua que faz isto assim” e tal. Primeiro que uma pessoa consiga isso eles têm que ouvir muitas vezes e tentar imitar. É ouvir e imitar, ouvir e imitar. Mas ouviram bastantes peças, isso ouviram, muito.

E: E o facto de eles ouvirem alguém tocar e repetirem e tentarem fazer igual, é importante?

P8: Exacto. Eu não sei se é muito pedagógico se não, às vezes imito-os. Pego, “olhem, vocês estão a tocar assim”, e toco. Eles ficam (expressão de desagrado). “Agora reparem, qual é que gostam mais?” “Ah, realmente assim é melhor”. “Então imitem, tentem fazer igual.”

E: Diz-me uma coisa, tu segues um manual, tens um manual adoptado?

P8: O manual é muito fraco. O manual, eu tentei segui-lo mas era... É assim, não podemos chamar àquilo manual. Quem escolheu aquele manual não era professor de Educação Musical. E escolheu o do 5.º e do 6.º. O do 5.º é um manual de História. Só tem História, História de Portugal. Um manual de História. É muito fraco, muito fraco.

E: Pois. Não te sentes muito identificado com o manual.

P8: Com o manual, não. Não, não.

E: Portanto, fazes um trabalho que tu vais programando... coisas que já conheces, que tu pesquisas...

P8: Sim, com outros manuais, com outras ideias, troca de impressões com colegas meus, com a mulher que também é professora de Educação Musical.

E: Ah, que giro. E consegues ter noção do que estás a ensinar, fazendo a tua própria programação?

P8: Eu tenho a noção do programa, tenho a noção do programa de ciclo e... do programa de ano. De início faço-lhes uma avaliação diagnóstica, sei o ponto em que eles estão e trabalhamos a partir daí. O que é certo, é que tenho que dar muita matéria que devia ter sido dada no 5.º ano... instrumento, leitura, teoria musical. A nível prático fizeram muita coisa, pois não sei, não sei... Mas foi um trabalho aguado, especialmente aqui (aponta para a área da teoria, no gráfico). A nível teórico, a nível teórico, porque... a teoria... Mas uma coisa é “eu sei fazer isto, mas isto é assim porquê?”. E terem a capacidade de “tens agora isto aqui e és capaz de fazer sozinho, autónomo”, pronto. E este trabalho foi conseguido já no fim. É autónomo, pronto “pessoal, têm aqui esta peça, próxima aula.”

E: “Na vida, tu vais poder interpretar uma peça”, é esse o objectivo?

P8: Nem é para a vida. Não. Não é esse o objectivo. O objectivo é que eles percebam... Porque eles não vão ser músicos... Cultura geral. E aquilo que eu digo muitas vezes, quer aos pais quer aos alunos, é isto está de tal maneira facilitado que se à pequena dificuldade, porque isto é uma língua nova, à pequena dificuldade se nós facilitamos, nós professores, eles baldam-se. E isto é um ensinamento para a vida. À primeira dificuldade que eles vão ter, vão desistir. Porque, actualmente, eles têm Português, têm Matemática é preciso estudar, só que ainda está num nível em que não é necessário estudar muito. Não há método de trabalho. É preciso fazer os trabalhos e tal, não é preciso aquele método. E eu digo-lhes “eu preciso de 10 a 15 minutos por dia”. É o que eu digo a todos. “De início vocês vão falhar, certamente, mas depois vão começar a tomar o gosto e conseguem”. E os miúdos, aqueles que fazem isso, há muitos que fazem, chegam, é uma evolução muito grande e os outros não conseguem. E tem acontecido, e aconteceu este ano também com estas turmas, em que houve uns que fizeram a receita, outros não. Agora eles estão na aula, conseguem fazer uma coisa, vão para casa, eu digo para estudarem isto daqui até ali e tal e chegam na aula seguinte abaixo daquilo que saíram é sinal que não fizeram nada. Mas com aqueles miúdos que estudam nota-se, há um... pode haver ali um defeito, uma respiração...

E: Há colegas que usam tutorias...

P8: Eu não faço tutorias, não chamo tutorias, chamo trabalho de grupo. Em que, por exemplo, o último trabalho de grupo que fiz com eles, foi no 5.º ano. Foi o último trabalho de grupo. Foi com uma peça do Rei Leão, *The lion sleeps tonight*, ti-ri-ri-ri... (trauteia)... a duas vozes e há miúdos que têm dificuldade, há miúdos que não têm.

E: E tu fazes isso com o quê? Tens um playback e eles cantam por cima.

P8: Não, não. Só instrumentos, só instrumental.

E: Instrumentos...

P8: Só flautas. Só flautas. Só com flautas.

E: Só flautas. A duas vozes nas flautas?

P8: Exactamente. Queria pôr a terceira mas entretanto acabou o ano lectivo, pronto, e tivemos aí umas actividades e não deu para introduzir a terceira voz. E então eram grupos de quatro, em que havia dois para a primeira voz, dois para a segunda. Trabalho de grupo, em que o importante não é a prestação individual, é servir a prestação do grupo. Em que a nota de grupo é igual para todos. E então o que é que eles fazem? Eles já se ajudavam uns aos outros, ajudaram-se ainda mais. Porque eu não deixava ter miúdos, alunos que tivessem 5, 5, 5, 5. Não, tinha que haver, por exemplo, ali havia dois cincos tinha de haver dois três. E tentar fazer rapazes e raparigas, senão era só grupos de meninas e grupos de meninos. Não. Era uma espécie de tutoria também.

E: Hum, hum... E depois, as experiências de aprendizagem. Que são as idas a espectáculos, os trabalhos de projecto, as festas de escola...

P8: Sim.

E: Dizes que se fazem poucas vezes, este tipo de actividades. São só as festas, ou há saídas, projectos?

P8: A nível dessa parte, das experiências, estamos a falar de festas?

E: De festas, de assistência a espectáculos musicais, de trabalhos que que saiam um bocadinho fora do que está no programa, realizar um projecto, outras experiências...

P8: É o seguinte, se formos ver isto assim, de todas as festas que há, aquelas que eu participei, participei em todas. Agora a nível de número é insignificante. Foi a festa de Natal, foi aquela com os materiais reciclados... Foi, foi essa. E houve uma... ah, não foi com esses, foi com o 5.º ano. É muito pouco.

E: Pois, é aquilo que aparece, as situações que se propiciam...

P8: Aparece. "P8, queres?" "Quero." Participamos.

E: E aquelas outras coisas, tipo, ir ver um espectáculo ou trazer alguma coisa à escola também acontece?

P8: Acontece. Aconteceu, aconteceu. Veio cá um senhor, como é que ele se chamava? Ai. Era um senhor, ele veio aí com um cavaquinho e esteve a tocar e esteve a falar com os meninos sobre música... O senhor saiu daqui com os cabelos em pé.

E: Foi difícil?

P8: O senhor desistiu, desistiu, chegou uma altura, desistiu.

E: Foste tu que organiz...?

P8: Não. Foi através de Educação Musical, com EVT, Área de Projecto, que veio cá o senhor. Que ele era conhecido da professora de Área de Projecto e de EVT.

E: Mas era construtor de instrumentos?

P8: Sim. Constrói, faz a manutenção e toca. E veio cá falar com os meninos e tal... o senhor chegou uma altura desistiu. Ele foi militar...

E: José Lúcio.

P8: Exactamente, José Lúcio. E o senhor saiu daqui com os cabelos em pé. Ele depois esteve a falar connosco e disse, “olhe, é a última vez que vou a uma escola”. Saiu frustr... Foi mesmo frustrante, para ele, para nós professores...

E: Porque os alunos estavam muito agitados?...

P8: Muito, muito, muito agitados.

E: Embora, na situação em que eu estive, não tenha sentido muito essa agitação. Acho que estavas bem com eles, senti que eles respeitavam a tua autoridade e que havia uma certa descontração.

P8: Na fase final, na fase final e depois eu no final do ano até lhes disse, que foi uma turma difícil, foi. Foi uma turma muito difícil, esta turma X.

E: A melhor em termos de aproveitamento mas que te deu mais problemas...

P8: (acena afirmativamente com a cabeça) Eu, a falar com os pais, classifiquei-os de animais, portanto...

E: Olha, eu acho que aqui já falámos um bocado de tudo. Há alguma coisa que tu queiras dizer, alguma destas áreas que tu faças, ou que faças de uma maneira especial, ou de alguma relação especial que haja entre áreas, ou... qualquer coisa mais que te ocorra sobre estas questões?

P8: Não sei. Olha, não sei, faz perguntas e eu respondo.

E: Na turma pior tu achas que fizeste muito pouco, mas eles acham que fizeram mais...

P8: Pois. É. Sabes que uma pessoa é impossível não ter termo de comparação e o termo de comparação entre estas duas, não é? É aquela situação que eu te digo, em que uma pessoa está a trabalhar exactamente a mesma coisa, está a trabalhar as semínimas, imagina, estás a trabalhar as semínimas a bater nas pernas e entretanto não está a dar resultado e viras-te para as mãos e se calhar já dá. Trabalhaste exactamente a mesma coisa, mudaste foi de estratégia. E é isso que se calhar eles... Tendo em conta a turma, tendo em conta a turma fez-se muita coisa, muita, muita coisa, visto que todo o programa que eu leccionei aqui, leccionei aqui (aponta para as duas turmas X e Y), exactamente a mesma coisa. Agora aqui (turma Y) repeti muito mais... aqui (turma X) cheguei a uma altura, tinha a matéria leccionada, fizemos actividades, foi um reviver. Enquanto aqui continuei.

E: Ou seja, na turma melhor, mais repertório e mais actividades, enquanto...

P8: Aqui (aponta a turma Y) foi mais à base da repetição. Porquê? Porque eles estudam daqui até aqui e repetem e daqui até aqui... Coisa que consegui depois, no final do ano, ter miúdos que não conseguiam tocar a nota si na flauta e conseguiram tocar o Hino da Alegria. Eh pá. Não sabiam o que era a nota sol na clave, na pauta e fizeram a leitura. Portanto, conseguiu-se, mas foi à base do repete, repete, repete, repete... Eh pá, isto tem que entrar a bem ou a mal (ri). Mas foi um bocado... esgotante.

E: Imagina que isto era o conjunto do tempo lectivo. Digamos que havia aqui muito espaço em que, aparentemente, não acontecia nada. É significativo o tempo que se perde antes de se começar a fazer música com os alunos?

P8: Mas na aula?

E: Na aula, na aula.

P8: Na aula. Às vezes, pronto... Às vezes, pronto, às vezes aconteciam aqui umas coisas nesta escola. Era, por exemplo, eu tinha o projecto da multimédia para ter som, não havia comando. Como não há comando não se consegue ligar, porque não tem botãozinho. Eu como não tinha mais nada para... Preparei a aula para uma coisa, tinha que dar outra. Depois era o comportamento dos miúdos, era um bocado chato, era um bocado chato... Mantê-los com atenção, pronto, são muito inquietos e parou e torna a parar, e torna a parar, e torna a parar. Chamá-los à atenção, recomeçar... Aqui era a repetição, repetição, repetição, pronto, ou seja, a repetição só de uma coisa... (ri).

E: Bom. Todos preencheram o questionário em que tinham que se posicionar numa escala de 1 a 4, portanto, uma frequência maior ou menor de actividades em cada uma

destas áreas, que depois todas juntas, constituem estes gráficos. Agora vamos ver as áreas mais e as menos. Isto és tu, turma X, turma Y, são as tuas respostas. Estas são as respostas dos alunos, em médias.

P8: Ah, sim. Vamos à primeira para eu depois perceber o mecanismo.

E: Exacto. Na parte de interpretação, o que tu disseste que fazias mais foi “Tocam instrumentos musicais”, na turma X, e “Cantam em grupo” e “Tocam flauta de bisel”, em ambas.

P8: Sim. É o que tenho (ri).

E: É o que tens. Raramente tocas instrumentos com a turma pior?

P8: Sim.

E: “Cantam em grupo”, mas um pouco menos.

P8: Sim.

E: E “Tocam flauta de bisel”, mas um pouco menos.

P8: Exactamente.

E: Os alunos acham, tanto numa turma como na outra, que o que fazem mais é “Tocam flauta de bisel”.

P8: É o instrumento que temos. Sabes porquê, porque eu considero o cantar fazer uma leitura entoada, em que eles têm que fazer a leitura entoada e tal... para eles isso não é cantar. Certo?

E: Portanto, se calhar, foram pôr isso mais aqui na teoria?

P8: Sim.

E: E depois o que eles acham que fazem menos é o “Tocam instrumentos da sala de aula”, xilofones... que é também o que tu dizes.

P8: Não é quase nunca, é mesmo nunca (ri).

E: É mesmo nunca, está bem, está bem. Tu dizes aqui uma coisa que é um bocadinho, digamos, contraditória. E é por isso que nós estamos aqui a conversar. Aqui na turma pior, tu dizes que “Tocam flauta de bisel” muitas vezes, mas depois “Tocam instrumentos musicais”, tens 1... Esta pergunta é de propósito assim, instrumentos musicais são todos, estás a ver?

P8: Sim, mas na altura, tocar flauta de bisel, tocar instrumentos...

E: Então o que é que seria, aqui?

P8: Nesta turma Y, muitas vezes. Percebi mal, não sei. Eu na altura fiquei assim um bocado baralhado.

E: Está bem, vou deixar aqui essa anotação para o caso de ser necessário. Depois, “Cantam individualmente”, faz-se pouco.

P8: Cantar individualmente... É.

E: Mas na turma melhor eles gostam mais de se expor e até fazem, às vezes?

P8: Sim. Fazem, fazem.

E: Alguma coisa mais?...

P8: Não.

E: Composição. Na área da composição, tu dizes que o que fazes mais é “Inventam ritmos para acompanhar músicas” e “Inventam músicas em grupo”. Os meninos da turma melhor também dizem que “Inventam ritmos para acompanhar músicas”. Na turma pior, é o “Acompanham livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos”.

P8: Sim, era uma forma que eu tinha de conseguir também chegar lá. Eu trazia a peça, líamos a peça e depois havia sempre alguma coisa, ou um ritmo para uma pessoa conseguir, por exemplo, trabalhar as síncopas, é um bocado chato... então, era uma música dos Scorpions, Hurricane. É que aquilo é muito sincopado e eles faziam o ritmo, pronto.

E: Nestas áreas que eles dizem que fazem mais, tu também dizes que fazem, poucas vezes, mas fazem?

P8: Sim, sim, sim, sim. A composição tem um bocado... como não tinha instrumental Orff e tal, é um bocado complicado.

E: Eu também gosto que os professores olhem para as respostas dos alunos e vejam se faz sentido, faz algum sentido?

P8: É, é, faz.

E: Hum, hum... Audição. Concordância completa, eles “Ouvem música”. E, depois, se nós formos ver, a seguir também há muitas coisas... “Ouvem música de vários tipos”... Mas eu aqui tive mesmo que eleger os extremos.

P8: Sim, exacto.

E: E “Trazem música para a aula para partilhar com a turma”, tu também dizes que, pelo menos na turma pior, se faz menos. Na melhor tens um 2, digamos que não é uma coisa que se faça muito...

P8: Tive que começar a cortar porque, de vez em quando... certas músicas em que, por exemplo, a letra não é muito recomendada para uma sala de aula. Eu utilizo também, às

vezes, o Youtube. Mostro-lhes as coisas, mostro-lhes as coisas... Só que, depois “Oh professor eu vi isto”. Pois é, e eu, pronto, quadro interactivo... roubaram-me o cabo, portanto, não posso ver eu primeiro, tem que ser logo para o quadro interactivo... Bem, aquilo era para maiores de 18, quando eu comecei a ver aquilo... eh, não dá. Uma pessoa nunca sabe o que vem...

E: Pois, é preciso ter um bocado de cuidado... Depois, na teoria, estes quatro aspectos são os mais referidos, tanto por ti como pelos alunos. “Realizam actividades de leitura musical”, “Realizam actividades de escrita musical”, “Fazem exercícios de leitura de notas musicais” e “Copiam músicas para a pauta do caderno diário”...

P8: Todas as peças que nós trabalhámos eles copiaram.

E: Era uma maneira de treinar a escrita musical?...

P8: Exactamente.

E: “Fazem exercícios de leitura de notas musicais”, também?

P8: Sim.

E: E depois estes aspectos são menos trabalhados, “Fazem exercícios de caligrafia musical” e “Fazem testes escritos”.

P8: O que eu fazia com esta turma, com esta (aponta para a turma X) era o seguinte, dava uma matéria fazia uma avaliação, dava uma matéria fazia uma avaliação, para não deixar acumular. Podia ser uma avaliação escrita ou oral, pronto.

E: Hum, hum...

P8: Exercícios de caligrafia musical é o seguinte... Está aqui (aponta para “Copiam músicas para a pauta do caderno diário”). Porque destinado a... passar alguma coisa para treinar a caligrafia, não faço. Isto, eles ao passarem, ao copiarem as músicas, estão a fazer isto. Eu tento... eu dou uma actividade para treinar o canto, o instrumento, a escrita. Pronto, é certo que, se calhar, procuro dar mais importância ao canto. Mas vamos tocar, tocamos e depois temos que passar e conseguimos fazer isto, conseguimos fazer aquilo. Pronto, é aproveitar, é tipo a transdisciplinaridade, depois o professor vai trabalhando um bocadinho de tudo, explorando ao máximo.

E: Depois, nas experiências de aprendizagem também já falámos antes. Digamos que não dão muito peso a esta área, nem os alunos nem tu.

P8: Porque há muito pouco. Se houvesse, por exemplo, uma a meio do período, do 1.º período, outra no final. Por exemplo, a festa de Natal tivemos de sair da escola em que só foram os alunos e meia dúzia de pais. Não foi dentro da escola, se fosse dentro da

escola tinha mais sucesso. É muito pouco, não poder haver festa nenhuma, no final do ano não há festa nenhuma.

E: E estas actividades, como trabalhos de pesquisa, trabalhos interdisciplinares?

P8: Quando me pedem, quando me pedem alguma coisa, pronto. Agora, sei lá, uma pessoa já vem calejada. Quando o professor de música vai pedir alguma coisa ao de Matemática ele manda-me dar uma volta, já não era a primeira vez, “ah, tenho lá tempo para estar em brincadeiras”. “ok, amigo”, para não criar certos atritos... Ajudar a preparar actividades, eu, por exemplo, digo 3, eles dizem 1,9, mas eu tenho muito mais trabalho do que eles, não é (ri)?

E: Pois.

P8: Porque para ir para eles, já é diferente.

E: A Educação Musical está na Área de Projecto, aqui na escola?

P8: Esteve com os instrumentos, a construção de instrumentos.

E: Tens Área de Projecto, então?

P8: Não, não tenho. Não foi comigo.

E: Aqui na escola, os professores de Educação Musical costumam leccionar Área de Projecto?

P8: Aqui não. Aqui tenho as turmas todas do 2.º ciclo e não tenho Estudo Acompanhado, nem Área de Projecto. Tenho uma função, sim, sou director de turma.

E: Tu és o único professor, nesta escola?

P8: Sou o único aqui. Sou. Tenho oito turmas. Temos uma turma do 5.º ano no ensino articulado que não tem Educação Musical.

E: Bom, penso que já falámos o suficiente, tanto na primeira parte, em que analisámos os gráficos, como na segunda, sobre estes aspectos mais e menos trabalhados. Só uma pergunta final. O que é que corre bem nas tuas aulas? Quando é que saís da aula contente?

P8: Olha, quando tens um objectivo para uma aula e o consegues... e consegues, ou de uma maneira ou de outra, com mais dificuldade ou menos, pronto, deves sair... uma pessoa sai satisfeita. Eu fico satisfeito é ao longo do tempo, com o tempo... e feliz por ter alunos em que estudam praticamente todos os dias, em que gostam da disciplina, em que vão para a disciplina 15 minutos antes da aula. É a relação que uma pessoa cria e a parte afectiva, não se pode esquecer esse tipo de actividades, porque é uma parte... faz parte. O ensino também tem essa parte, embora, a gente não é pai nem mãe...

E: Achas que é muito importante a questão relacional?

P8: É, é, é. E isso é perfeitamente normal, quando nós fomos alunos havia professores que não nos diziam absolutamente nada e era um castigo ir à aula.

E: Portanto, para ti, parte do trabalho do professor...

P8: É a parte humana. É a conquista da pessoa, do aluno em si. Em que não é só ele dar, eu também tenho que dar... Quando é preciso chamá-los à atenção, é preciso ser forte, é preciso estar lá, é preciso ser firme, estou lá. Mas quando é preciso uma palavra amiga também estou lá... não, não.... E foi muito mais simples no 5.º do que no 6.º ano. Quando uma pessoa apanha um 6.º ano é muito mais complicado conseguir ir buscar... porque não sei qual é a experiência do ano anterior em termos da disciplina... depende também daquilo que o outro professor dava importância, há uns que se adaptaram... a mudança é sempre uma resistência, sempre. Quando há uma mudança há sempre resistentes. Do 5.º para o 6.º é uma diferença abismal. Uma pessoa conhece a turma do 5.º e vai para o 6.º... Mas, se já os conheces é continuar o trabalho, pronto, uma pessoa vai-se adaptando de novo a eles e eles a nós novamente, pronto. Agora quando uma pessoa chega, quando uma pessoa chega... e eles estão habituados a um género de aula, a um tipo de pessoa, há sempre resistência à mudança, mas isso é em tudo, não é?

E: Isso é em tudo. Todos nós, crescidos ou...

P8: E a parte humana é conquistá-los.

E: Perguntei-te o que é que corria bem, agora vou perguntar o que é que corre mal?

P8: O que corre mal é, tens um... passaste uma hora, duas horas, três horas a preparar a aula, a preparar os materiais e estava a pensar “ora, vou fazer assim, vou fazer assim, vou desta forma, daquela”. Preparo os materiais, preparo a aula, os objectivos que queres atingir, lembras-te dos miúdos que têm dificuldades, que têm problemas de aprendizagem e quais são as estratégias para eles, o que é que vais fazer, o que é que não vais. E chegas, chegas à sala e vais por uma estratégia, não resulta, vais por outra, não resulta, vais por outra, não resulta, vais por outra, vais por outra, vais por outra... e chegas ao final cansado, os miúdos já estão fartos de te ouvir, porque também não estão a conseguir, porque depois há aqueles que já atingiram há... e agora uma pessoa, pronto é... Como é que eu faço? Continuo? E, se eu insisto, perco os outros.

E: E como é que costumavas resolver esse problema?

P8: Depende da peça, mas, por exemplo, se for uma peça instrumental, se for uma peça instrumental, imagina que estou a trabalhar uma peça, em que eu quero dar ali meia

dúzia de conteúdos, entre aspas, não é? E houve já quem atingiu e houve quem não, quem ainda está... É certo que para quem ainda não atingiu, uma pessoa está ali e agora vamos ver daqui até ali, agora vamos ver daqui para ali, agora vamos ver daqui para acolá. Às vezes resulta, resulta bem, também depende das turmas, a competição. Fazer um jogo, fazer um jogo em que vão sendo eliminados. E, às vezes, a confiança aqui é matreira. Eu já sei e facilitam... e perdem. E aquele que até tinha dificuldade até conseguiu passar, vai ganhando moral, vai ganhando moral e até vai conseguindo, até que chega uma altura que perde, pronto, tudo bem. Criar uma competição saudável no meio deles, fazer os tais trabalhos de grupo, em que há um colega que vai ajudar, em que ele já está à vontade e que vai ajudar. Há alunos em que fazem resistência, fazem uma resistência tremenda, há outros que, infelizmente, não conseguem. Há outros que por mais que tente, por mais que tente... Pronto, é a repetição, a repetição, a repetição. Até que eles comecem a perceber o mecanismo da coisa e consigam apanhar o barco e continuar. Mas não é fácil. Olha quando tens uma turma tipo esta, em que tens alunos excelentes e tens alunos muito fracos, gerir o meio termo aqui, às vezes, é... por exemplo, estamos a ver uma peça instrumental, “vamos ver isto um bocadinho mais rápido”. Que é também para quem já está bem perceber que, se calhar, não está tão bem assim e tenho que me dedicar mais um pouco, pronto, e perceber que é do lento para rápido e não ao contrário e perceber este tipo de jogo. Mas é complicado, uma pessoa chega a uma altura, “O que é que eu vou fazer agora? Vou abrir um bar” (riem-se).

E: Mas antes disso, queres acrescentar alguma coisa?

P8: Não, não (ri-se).

E: Muito obrigada, P8.

3.9 Professor 9 (P9)

Data: 24 de Junho de 2010

Hora: 10h

Local: Escola do entrevistado

Género: Feminino

Idade: 44 anos

Habilitação académica: Professor do Ensino Básico – variante de Educação Musical

Formação profissional: Professor do Ensino Básico – variante de Educação Musical

Tempo de serviço: 19 anos

Situação profissional: Professor efectivo

Outras experiências profissionais: Formação académica incompleta em cursos de Educadores de Infância, Teologia e Psicologia

E: Quando escolheste as duas turmas, a pior e a melhor, quais foram os teus critérios? A turma Y, é má, entre aspas, é pior que a X, porquê?

P9: Não há turmas más. Há turmas mais trabalhosas e menos trabalhosas. Aquela é uma turma própria, tem características próprias e de acordo com elas trabalha-se.

E: Mas tu identificaste-a como pior que a outra...

P9: Não, eu seleccionei, estás a perceber? Porque, ao fim e ao cabo, eu atinjo os objectivos com ambas as turmas, com metodologias de trabalho diferentes.

E: Mas seleccionaste uma turma mais complicada que a outra, de trabalhar.

P9: Tu pediste-me, não é?

E: Pois, pois.

P9: Claro.

E: Foi isso que eu te pedi. E eu estou a perguntar sobre o teu critério de escolha, porque eu não tive nenhuma influência. Se eu pudesse escolher dizia assim, “dêem-me os dados das turmas”...

P9: Se calhar é por causa do comportamento, mais nada. É mais trabalhosa, mais nada.

E: Mais trabalhosa em termos de comportamento?

P9: Sim, sim.

E: As duas turmas eram um bocado agitadas, mas havia depois algumas diferenças na maneira de trabalhar...

P9: Oscilações de comportamento.

E: Oscilações de comportamento. Mas só gostava de referir e de perceber a tua postura em relação à maneira como... eles iam entrando ao longo da aula... O que tu queres na verdade é que eles venham à aula?

P9: O que eu quero é que eles participem e que gostem da disciplina e respeito o ritmo de trabalho deles, percebes? São turmas que são trabalhadas com apoio psicológico, com o apoio social da escola, e a escola tem que ser tolerante com os que estamos a integrar. E eles a conseguir ser integrados, o sucesso está a aumentar com eles, porquê? Porque há um trabalho de várias áreas, de várias fontes, todo o trabalho é... tem um fim. Todos os fundos trabalham para que esse aluno consiga o sucesso e que faça o processo escolar com sucesso.

E: Especialmente nesta turma pior, digamos assim, existem muitas situações dessas?

P9: Existiam. Foram superadas, com o trabalho de equipa de psicólogos, assistentes sociais, professores de ensino especial.

E: Tu entendes que foram superadas.

P9: Superadas. Sim, sim, foram superadas.

E: Aqueles problemas daqueles alunos...

P9: Tiveram sucesso escolar.

E: Mas um sucesso...

P9: Mas foram superados. Porque respeitámos o ritmo deles, percebes? Nós caminhamos de acordo com o seu crescimento. E fomos caminhando.

E: E tu sabes qual é... o que é que eles vão fazer a seguir?

P9: Não.

E: Mas entendes que eles conseguiram atingir aquilo que era possível, dentro das dificuldades...

P9: Com o acompanhamento psicológico.

E: Está bem. Pronto, mas não é sobre isso a nossa conversa, é só para perceber... Na altura, falámos e eu percebi que tu tinhas com eles uma relação muito afectiva...

P9: Claro, tinha que os cativar.

E: Mas, também para perceber melhor, são alunos com problemas...

P9: Sociais, aqui deste bairro.

E: Pronto. Este trabalho baseia-se nas áreas da prática musical que estão aqui, interpretação, composição, audição, teoria e experiências de aprendizagem. São aspectos que estão no currículo nacional. Portanto, este trabalho tem este primeiro chapéu que é de natureza política, do domínio curricular nacional. E depois desce...

P9: À realidade escolar, claro.

E: À escola, primeiro, e depois à sala de aula. Em relação aos aspectos em que escola pode gerir o currículo, há alguma coisa que queiras realçar, no que respeita à Educação Musical? Por exemplo, vocês têm um bloco por semana, não é?

P9: Que é pena e é pouco. Muito pouco.

E: Mas foi essa a decisão tomada a nível de escola...

P9: Não foi a nível de escola, foi o que me foi dado.

E: Foi a nível de escola, com certeza... Por exemplo, as escolas que têm um bloco e meio em Educação Musical, foram buscar aqueles 45 minutos de gestão da escola...

P9: Tiraram-nos e eu tenho muita pena.

E: Sentes que precisas de mais tempo?

P9: (acena afirmativamente com a cabeça).

E: Olhando aqui para estes resultados, que dizem respeito àquilo que se passa na sala de aula, às decisões que se tomam na sala de aula, essa coisa mais fina de, o que é que se faz, o que é que não se faz. Este é o teu gráfico do questionário que tu preenchestes (explicação dos gráficos de análise das respostas aos questionários). A interpretação está aqui numa zona da pontuação 3, "Muitas vezes"... Mais na turma melhor. Na pior, provavelmente, poderias fazer mais coisas se a turma não fosse...

P9: Não tem a ver com isso, tem a ver com o tipo de alunos, tem a ver com a forma como eles estão. Eu trabalho muito... eu vou sempre ao encontro do aluno. Sempre. E tento... cumpro o programa de acordo com os interesses dos alunos.

E: Sim, mas uma coisa é tu ires ao encontro do aluno, outra coisa é o que tu consegues fazer no contexto da disciplina de Educação Musical, da turma, no contexto de um ano.

P9: Sim, sim.

E: Na área da interpretação, como é que tu trabalhas? O que é que fazes mais? O que é que fazes menos? Quais as tuas dificuldades específicas na área de interpretação?

P9: Tenho mais facilidade da parte prática, a teórica para eles cansa-os muito. E eu não os vou saturar com a parte teórica. Tento dar tudo em termos práticos,

progressivamente, muito devagar, para que eles consigam ir fazendo uma evolução progressiva. Nunca dou logo aquela matéria teórica... e eles vão fazendo um trabalho...

E: Mas olha, por exemplo, aqui na turma pior, este triângulo aqui é interpretação, composição é este mais pequeno, audição é este. E esta é a teoria. É quase a mesma coisa em termos...

P9: Hum, hum.

E: Porque que é que tu estás a dizer que não fazes muito teoria e vais para as coisas mais práticas?

P9: Porque as aulas são práticas.

E: Sim, mas há aqui um peso praticamente igual, que tu deste na área teórica e na área da interpretação...

P9: Então há um equilíbrio entre as duas, poderei dizer isso, é?

E: Sim. E porque será? Se tu dizes que não dás muito peso à teoria...

P9: Não sei. Tu é que... aí é que tens que me dizer. Eu não sei. Eu dou mais... eu começo pela teoria.

E: Isto é a resposta a um questionário que está aqui. Foi o que tu respondeste.

P9: Hum, hum.

E: Eu não te posso explicar. Eu estou aqui para conversar contigo.

P9: Pronto, o que eu te posso dizer é que eles fazem a parte prática, estás a ver, e a teoria deve ser uma articulação com aquilo que eles fazem, a vivência.

E: Pronto, então, daquilo que tu me estás a dizer, quando trabalhas interpretação é quando aproveitas para trabalhar a teoria.

P9: Teórico-prático.

E: Muito disto está sempre interligado, é isso?

P9: Sempre, mas procuro trabalhar mais... Não os saturar, estás a ver? Quer dizer, quando eu começo a vê-los muito cansados... varia de aula para aula. Por isso é que eu te disse, eu trabalho muito percussões... percussões, mov... aulas de batimentos corporais, estás a ver? Vocais.

E: É disso mesmo que eu quero que me fales...

P9: Mas, estás a perceber, é mais isso.

E: Pronto. Tu tentas fazer um trabalho muito prático, usas instrumentos de percussão, flauta, percussão corporal, eles cantam... Por exemplo, na turma melhor, tens mais interpretação e menos teoria. Porquê?

P9: Como é uma turma... é menos indisciplinada, estás a ver?, menos indisciplinada, por vezes há mais hipótese de fazer outro tipo de actividades, estás a ver?

E: E, por isso, a turma melhor acaba por ter mais prática?...

P9: Mais prática, sim. Mas eles (turma Y) também a têm, só que estes é outro género de... Porque eu faço sempre questão, sempre questão, que o programa que nos é proposto... sempre de... o programa que nos é apresentado, eu trabalho-o sempre, já to tinha dito, sempre. Eu faço questão de cumprir integralmente.

E: Tu cumpres o progr...

P9: Sim, sim, sim.

E: Tiveste algum problema com esta lógica de competências?... Com estas alterações curriculares e o trabalhar por competências?

P9: Não. Eu tive uma formação de uma Escola Superior de Educação e de uma equipa de professores que conseguiu articular... professores de ciências da educação, com outra filosofia.

E: Formaste-te onde?

P9: No Conservatório e na Escola Superior de Educação de Santarém. Professores muito, muito bons mesmo, de Lisboa. Percebes? E que traziam essa bagagem toda e nunca houve problemas com o programa.

E: Quando é que fizeste a tua licenciatura?

P9: Há 15.

E: De qualquer maneira esta reorganização curricular é de 2001 e tu já estavas independente nessa altura, mas não tiveste problemas porque tinhas essa formação?

P9: Tinha essa formação. E acho que foi muito bem feita.

E: E tu, em termos metodológicos, segues alguma metodologia de ensino da música?

P9: Eu sigo uma metodologia articulada à área da psicologia. Sempre. Dentro da musicoterapia, dentro de tudo aquilo, eu vou vendo o aluno e vou sempre trabalhando de uma forma individual e pequeno grupo. Sempre. Porque os alunos problemáticos, nós temos que trabalhar em função deles, sempre.

E: E como é que tu resolves aquele problema, que muitas vezes acontece, a dificuldade em individualizar... enquanto tu dás atenção a um aluno...

P9: Eu começo a trabalhar a turma no início do ano, eu chego ao meio do ano, quando não chego a um, há sempre três, quatro, cinco elementos da turma que me ajudam a chegar aos outros.

E: Usas também os outros e a rel...

P9: Tenho uma relação muito boa com os meus alunos. E quando eu estou triste ou tenho algum problema com algum aluno, os outros equilibram-se todos. Isso é muito bom. Funcionamos como família.

E: Tu disseste-me, a primeira vez que conversámos, que o enfoque maior que davas, era na relação. Era o criares uma relação com os alunos...

P9: Sim, sim. Eu quero a alegria dos meus alunos.

E: E falaste da ideia de uma relação maternal, em que podes falar com eles e às vezes até substituir um pouco...

P9: Posso-te dizer que eu sou das poucas professoras, senão a única, que nunca mando um aluno para o Programa Educativo Individual. Nunca fiz... Raramente, este ano não me lembro de fazer nenhuma participação de nenhum aluno. Trabalho muito, estás a perceber? E como é a música eu agarro-me a tudo, percebes? Começo logo no primeiro dia a trabalhar com os meus alunos. Cada aluno é um companheiro que ali tenho para trabalhar, percebes? E dou-lhe a liberdade para mexer nos instrumentos, para... Aquilo é deles. E como é deles... Porque os instrumentos são deles, fazem parte do ambiente deles, percebes?... E depois temos um presidente muito bom que ajuda muito a equipa de trabalho, percebes? Nunca me lembro de ele me ter repreendido em alguma coisa que eu fizesse, ou levantar a voz ou acarinhar um aluno.

E: Sentes-te apoiada na tua estratégia.

P9: Respeita sempre as pessoas, isso é muito bom num presidente, percebes?

E: Hum, hum. Composição. Menos composição aqui na turma pior. Porquê?

P9: Eles fazem também composição, talvez menos, mas fazem, porque eles acabam por fazer jogos... acabam por fazer.

E: Com criatividade, improvisação?

P9: Sim, sim, sim, sim, sim. Só que tem que ser tudo muito lento. Muito lento. Porque são meninos, foram meninos muito problemáticos, que estavam perdidos, mas hoje já estão encaminhados, que era a nossa preocupação.

E: Hum, hum. Depois, a audição. Fazes bastantes actividades de audição. Como é que...

P9: Aí tento diversificar. Às vezes faço-as eu na sala mesmo. Tento improvisar e quando eles percebem, fazem eles. "Perceberam, então vamos fazer todos". Pegamos nos instrumentos de percussão, pegamos nas flautas e isto e aquilo e reproduzem aquilo

mesmo que eu dei, para eu ver se eles conseguiram lá chegar. É as ditas aprendizagens em novas situações.

E: Quando tu falas de audição, aqui audição é eles reproduzirem uma coisa de ouvido?

P9: Dou o conteúdo, falamos, vivenciamos e eles depois aplicam em novas situações.

E: Hum, hum. Mas aqui, estas actividades de audição...

P9: Faço, mas faço muito poucas. Não faço sempre.

E: Tipo, ouvir música? Que é o que está aqui, não é?...

P9: Sim, sim, sim, sim. Sim.

E: “Ouvem música”, “Ouvem música de vários tipos”, “Ouvem e analisam músicas”. Tens aqui um triângulo, digamos...

P9: Essa actividade eu só fiz no 3.º, 2.º e 3.º período, estás a ver? No 1.º eu tive outros objectivos em trabalhar. Mas claro que fizeram, mas vou trabalhando isso à medida que o ano vai decorrendo... e aumentando.

E: Como é que fazes? Como é que surge a audição na aula? Trazes uma música para eles ouvirem, para analisarem. Ou estão a estudar uma música e tu aproveitas...

P9: Eles usam muito os instrumentos Orff, percebes? Eu vou fazendo, vou reproduzindo, vou desenvolvendo a conversa, até chegarmos ao conhecimento, estás a ver? E depois vamos fazendo uma articulação e eles por último apresentam também.

E: Mas sobre as actividades de audição, concretamente... como é que as desenvolves?

P9: Sim, audição também fazem, estás a ver? Mas mais... pelo menos um bocado de gravador, o teclado... uso muito isso também.

E: Mas então esta resposta aqui parece-me um bocadinho exagerada, ou seja, em relação ao ouvir e analisar o que estão a ouvir e perceber o que está envolvido numa música...

P9: Exagerada como?

E: Pelo que tu me estás a dizer não achas que faças tanta audição assim.

P9: Não, faço, faço, faço. Dentro dos noventa minutos eu faço 50% de audições práticas. Muita actividade prática.

E: Hum, hum. Ok. Tocas uma coisa e eles vêem se é agudo se é grave, se é...

P9: Sim, e depois vou-lhes dando a noção das características, das propriedades da matéria, estás a ver? Para que eles possam assimilar... Eles têm que vivenciar sempre, percebes? Mas também não te vou dizer que sou a super mulher que conseguem atingir os 100%. Deus me livre.

E: Pois, claro. Depois, experiências de aprendizagem. Ajudar a preparar actividades, participar em festas, assistir a espectáculos, na escola ou fora, realizar...

P9: Eles preparados são. Más ou boas, melhores ou piores, todos são preparados para. Agora, nem sempre o 6.º ano com 15, 16 anos gostam, alguns, de apresentarem o trabalho.

E: Sim, mas nem todos têm essa idade...

P9: E eu respeito-os sempre, estás a perceber? Eu respeito-os sempre. Mas eles para... não gostam.

E: E os mais novos?

P9: Apresentam, apresentam. Mesmo agora na festa de final do ano apresentaram.

E: Vocês fizeram uma festa?

P9: Sim, uma grande festa.

E: O que é que fizeram?

P9: Danças, coreografias, instrumentais Orff, cantaram... Uma dramatização. Dramatizações, dança... muita coisa. É uma escola que tem estado empenhada em... não só na parte académica mas com a diversão, com a ocupação dos tempos livres dos alunos. O tempo que eles estão aqui, a escola tem estado muito preocupada que eles estejam bem e felizes, percebes? Sempre ocupados. Que é uma escola grande.

E: E estes alunos fizeram o quê? Tocaram instrumentos Orff?

P9: Danças, coreografia.

E: Coreografia. Eles estavam a fazer uma coisa quando eu fui lá à aula, lembras-te?

P9: Mas ultrapassaram. Depois quiseram dançar Hip-hop.

E: Era giro, eles traziam uma música gravada e depois...

P9: Fizeram Hip-hop.

E: Pronto. Eu até achei piada porque eles é que traziam a música, tinha um bocado a ver com esta coisa aqui de "Trazem música para a aula para partilhar com a turma"...

P9: Ah, isso fazem todos. Mas isso fazem todos, todos, todos, todos. E os alunos problemáticos é uma das áreas que eu trabalho mais isso, percebes? Para trabalhar a concentração, a atenção, a coordenação, tudo... Fazem muito, muito, e os alunos problemáticos eu prefiro investir mais na parte prática, estás a ver, dando os conceitos, as teorias todas, mas, cá está, há outros aspectos que também me preocupa trabalhar fora da disciplina... concentração, a atenção, saber estar, o respeito pelo trabalho em grupo... Tudo isso eu procuro.

E: Outros aspectos mais transversais... que não só as coisas da música?

P9: Porque depois vai trabalhar com as outras disciplinas, está a perceber? Percebes? Às vezes muita articulação com a Educação Física também, com todas as disciplinas.

E: Se tivesses que eleger uma preocupação principal no desenvolvimento do trabalho com os teus alunos, seria qual?

P9: Se tivesse que?...

E: Que destacar a preocupação principal que tens com os teus alunos?

P9: Prepará-los para o amanhã. E esse deve... eu preocupo-me muito com o saber ser pessoa, no amanhã. Prepará-los para a vida, para o exterior. A escola tem que cada vez estar mais virada para fora, para o mundo lá fora, percebes? Eles não podem sentir rupturas. E eu acho que todos nós podemos contribuir para isso. Eu gosto muito de ver os meus alunos hoje bem na vida, percebes?

E: Muito bem. Pronto, nós já falámos um bocado de todas as áreas, de maneira geral...

P9: Claro. E preocupo-me muito com o professor. Sempre me preocupei com o professor (sorri). É muito importante o professor saber ser professor. Não ter só a preocupação do conhecimento. Não penses que eu dou uma matéria se o meu aluno estiver mal. Primeiro eu quero que o aluno esteja sempre bem, para depois então irmos à parte da matéria. Se eu vejo um aluno chorar eu não começo a minha aula. Mas desde sempre. Não passo ao lado, não ignoro. Eu faço questão... Não é nesta escola, é da minha formação pessoal, da minha formação académica. Mas claro que o nosso presidente, a equipa é... é uma escola muito preocupada nisso. Mas eu própria nunca dou uma aula, em que área for, se o meu aluno não estiver bem. Porque ele não vai ouvir nada.

E: Hum, hum.

P9: E tu sabes que eu consigo, sabes que os meus alunos...

E: Eu não sei, porque só fui à tua aula um dia...

P9: Não me faltam às aulas, mas não me faltam às aulas.

E: Mas eu assisti, pelo menos, à tua disponibilidade para... para o estilo deles.

P9: Exactamente.

E: Era assim que eles se comportavam, mas se eles, apesar de tudo, vinham... Isso eu senti imenso... na altura.

P9: Eles estarem aí perdidos para mim é muito mau.

E: Falaste muito da prática. Para essa prática há alguma coisa que te falte, ou alguma dificuldade? Por exemplo, para a prática instrumental... tens falta de instrumentos?...

P9: Não, não tenho. Carga horária, carga horária. Acho que é muito pouco tempo, é o único problema que tenho.

E: A carga horária da disciplina.

P9: Acho que me prejudica muito.

E: Os problemas disciplinares, apesar de existirem, vão sendo resolvidos. Como?

P9: Não tenho.

E: Não, tu tens porque tu...

P9: Controlo-os sempre na sala de aula.

E: Acabas por chegar lá, mas os problemas existem, não é?

P9: É o problema das famílias. As famílias estão a sofrer grandes problemas sociais e depois isso tem consequências nos miúdos. Uma mãe ausente é um filho perdido. Cada vez vejo mais a importância de ser mãe para perceber o que é ser uma professora. É muito bom ter mãe e pai (sorri).

E: Olha, eu não te quero roubar muito tempo. Então, não é um problema de instrumentos, ou de certos alunos da turma...

P9: Não, não tenho. Não, não, não.

E: Nenhum problema?

P9: Não. O único problema é que eu gostava de ter mais horas.

E: Deixa-me só voltar aqui um bocadinho a estas experiências de aprendizagem que vocês fizeram este ano, foram trabalhos de pesquisa?...

P9: Não. Mais práticas.

E: Em festas... Sair da escola?

P9: Saíram todos da escola. Sim, isso é muito bom. Nós temos sempre preocupação em levar fora da escola, percebes? Fazemos sempre articulações com museus, com juntas de freguesia, inter-escolas... tudo isso. Isso é um dos parâmetros que é importante, até para eles conhecerem outras realidades.

E: Pronto. Agora aqui, muito rapidamente, são as áreas mais e as áreas menos, digamos. Aqui na interpretação...

P9: Onde é que é a interpretação?

E: Interpretação, aqui.

P9: Ah, sim.

E: Achas que o que se faz mais é cantar em grupo e tocar músicas com instrumentos...

P9: Não se faz. Faz-se de tudo um pouco, se calhar isso deu valores equilibrados e próximos, estás a ver?

E: Se calhar, “Cantam individualmente” fazes menos do que “Cantam em grupo”.

P9: Não. Só faço quando o aluno solicita.

E: Então, estás a ver, então, se calhar, fazes mesmo menos...

P9: Mas, se o aluno mostrar... ou em pequenos grupos. Ou pequenos grupos. Um, dois.

E: Aliás, era o que ia acontecer naquela aula...

P9: Sim, sim. Os pequenos grupos fazem.

E: Mas fazes, se calhar, menos, ao longo de um ano inteiro?

P9: Não. No ano inteiro os últimos dez minutos, quase sempre, eu destino a eles fazerem aquilo que quiserem. É outra forma de trabalhar.

E: Pronto, mas eles cantam ou fazem outra coisa qualquer... ou contam uma história...

P9: É escolhida por eles.

E: É escolhida por eles. Na turma pior tu dizes, “Cantam”, 2. Mas depois, “Cantam em grupo”, 3.

P9: Hum, hum. É 3.

E: A tua resposta seria o 3, no item “Cantam”?

P9: Sim, sim, sim, sim.

E: Bem, eu vou ter isto em conta na entrevista e vou pôr aqui para não me esquecer.

P9: Sim, sim, sim. Como é que te eu hei-de dizer? Por exemplo a turma melhor é nível 4, estás a ver? Eles cantam imenso. Só que é assim... eles cantar, cantam, só que eu espero a iniciativa do aluno.

E: Tu, na turma melhor, respondeste sempre 3. E depois 4 em “Tocam flauta de bisel” e “Tocam instrumentos da sala de aula”. Logo, um peso maior à parte instrumental.

P9: Sim, sim, sim, sim. Muitas vezes, sim. Não, eles cantam muito... um pouco menos que na parte prática. Porque isto começa no 1.º período, logo. E, no 2.º, 3.º, então é uma articulação conjunta de tudo, estás a ver? Corpo, voz e instrumentos.

E: Os alunos, os melhores, realçam “Tocam instrumentos musicais” e “Tocam flauta de bisel”. Isto confere com aquilo que dizes aqui. (P9 acena afirmativamente com a cabeça). Quanto à composição. Tu dizes que o que fazes mais é “Acompanham livremente uma música gravada, com a voz ou com instrumentos” na turma melhor.

P9: Hum, hum.

E: Esta área mesmo de compor de raiz é aquilo que se torna, talvez, mais difícil. Os alunos também dizem que é o que fazem menos, compor música, genericamente. E depois, na turma melhor disseram fazer mais actividades em que: “Acompanham livremente uma música gravada, com a voz ou com instrumentos” e “Contribuem com ideias pessoais para a construção de uma música” e fazem menos “Criam letras para músicas existentes ou inventam músicas novas para textos” e “Compõem música”. Na turma pior, o que acham que fazem mais é “Criam música livremente, com a voz ou com instrumentos” e “Compõem música” é o que fazem menos.

P9: Quem?

E: Os alunos. É o que eles dizem, em média, como é natural.

P9: Sim, mas eles fazem muito, muito. Muitas actividades práticas.

E: Fazem muita composição?

P9: Na... (aponta para a turma X)

E: Nesta turma melhor?

P9: Sim, sim.

E: Mas eles aqui também referem que fazem.

P9: Ah, pronto.

E: Na turma pior dizem que fazem alguma coisa, mas pouco.

P9: Sim, sim, sim. Mais no 3.º período então, fizeram que foi uma loucura. Foi só actividades práticas.

E: Estamos a falar de composição.

P9: Composição. Criaram, reproduziram, improvisaram...

E: Pronto. Na audição. Nas duas turmas, os alunos dizem que “Ouvem música” e “Ouvem música de vários tipos”. “Trazem música para a aula para partilhar com a turma” é o que eles dizem que fazem menos. Mas tu aqui na turma melhor dizes que fazes bastante. E também parece que fazes mais audição na turma pior do que na melhor...

P9: Hum, hum.

E: No âmbito geral, há algumas contradições entre ti e os alunos.

P9: Hum, hum.

E: Que têm que ser evidenciadas. Mas temos que considerar uma coisa muito importante, que até eu me esqueço, estes alunos foram teus nos dois anos ou só num?

P9: Um.

E: Muito do que está aqui expresso diz respeito ao conjunto do 5.º e do 6.º ano... e lembrás-te que eu chamei bem a atenção para que os alunos pensassem nos dois anos, ao responderem. É claro que eles se relacionam muito com o professor mais próximo.

P9: Claro.

E: Depois, na parte de teoria, o que os alunos dizem fazer mais é “Copiam músicas para as pautas do caderno diário” e “Fazem testes escritos”. E menos, “Fazem exercícios de caligrafia musical”. Tu posicionas-te no “Poucas vezes”, algumas coisas “Muitas vezes”, em concreto na leitura musical, rítmica e de sons, e na cópia de músicas.

P9: Sim.

E: Eles dizem que fazem mais, como tu, nas duas turmas, “Copiam músicas para o caderno diário”. Como é que isto é feito?

P9: O quê?

E: “Copiam músicas para o caderno diário”.

P9: Eles só fazem isso numa fase posterior. Inicialmente dão as figuras, a vivência das figuras.

E: Mas isto deve ser tu teres uma música para ensinar, pões no quadro e eles copiam...

P9: Sim, sim. Eu faço mesmo questão de eles escreverem, mesmo. Não quero, não gosto muito das fotocópias. Eu quero que eles façam exercitação.

E: Porque aí eles treinam a escrita?

P9: Sim.

E: É isso que eu quero que tu me expliques, que é para eu perceber...

P9: Era mais fácil dar fotocópias mas eu não quero (ri-se sonoramente).

E: Sim. Depois, tens aqui uma série de coisas, “Fazem exercícios de leitura das notas musicais”, “Fazem exercícios de leitura de ritmos” e “Fazem exercícios de caligrafia musical” também. Este último aspecto estará relacionado com a tal cópia?

P9: Está. Sim, sim.

E: Os alunos dizem que pouco “Fazem exercícios de caligrafia musical”, mas dizem que “Fazem testes escritos” bastante, tanto como “Copiam músicas para a pauta do caderno diário”. Tu fazes testes escritos durante o ano?

P9: (ri) Um por período.

E: Um por período.

P9: Agora o que eu faço é avaliação aula a aula. Eu tenho uma avaliação contínua, de registo.

E: Eles acham que fazem. Fazem e tu também dizes que fazes...

P9: Sim, mas eu vou fazer sempre um teste por período. Eu tenho que ter elementos de registo. É um suporte... E os outros também faço, os outros registos aula a aula.

E: E para os alunos, achas que o teste tem importância, também?

P9: Acho que sim. Até para solidificar a matéria. Eles fazem, tudo bem, mas o teste dá-lhes a possibilidade de terem... e até porque é um teste prático. Eles já viveram tanto, tanto, tanto, que eu digo sempre que não é preciso estudar para o teste.

E: É como que um ponto da situação que tu fazes?

P9: Para eles mesmos, também. E a avaliação nunca é má, percebes? Porque às vezes é no local da avaliação que eu apanho coisas que até aí desconhecia, estás a ver? E é muito importante. Quando eu vejo que eles estão atrasados na leitura de partituras, na identificação de notas, das figuras... E é aí que eu vou trabalhar com o aluno. Para mim é benéfico. E até porque eles sabem que o teste é um elemento da avaliação, não é todos.

E: Usas o teste para te ajudar no diagnóstico dos problemas e para os resolver?

P9: Sim, sim, sim. Mas eu quero que eles conheçam. Eu quero que eles vejam uma semínima, a visualizem e identifiquem. Estás a perceber?

E: Ou seja, que eles percebam um bocadinho daquele código tão fabuloso que é a escrita musical...

P9: Faz parte da cultura geral deles, musical, estás a ver? É universal.

E: Ora bem. Depois aqui temos as experiências de aprendizagem. Nas experiências de aprendizagem, os alunos acham que o que fazem mais é “Assistem a espectáculos musicais na escola”. Tu, por acaso, aqui foi um 2 que deste. Achas de devia haver mais espectáculos na escola?

P9: Não sei. Acho que não. Dei, se calhar, erradamente. Porque eles fazem tantas actividades... Podia ter sido 3, porque eles fazem tanta coisa, tanta coisa, tanta coisa... Temos intercâmbios com o 1.º ciclo, que eu acho que é muito, muito bom. O pré-escolar... envolvemos todos os alunos.

E: Então, se tu tivesses que responder outra vez, nesta questão concreta, o que é que tu responderias?

P9: 3, 4. 3 e aqui 4. Sim. A turma X, 4. Eles participam muito. O ano passado foi um trabalho lindíssimo, este ano também, envolveu-se sempre... tanto quanto possível nós fazemos.

E: E os outros professores da escola colaboram, ou não? Há mais professores de Educação Musical? Eu nem te perguntei...

P9: (acena afirmativamente com a cabeça)

E: Está bem.

P9: Colaboram sim, porque nós como professoras também nos damos muito bem, estás a perceber? Também nos damos muito bem umas com as outras e por isso colaboramos umas com as outras. Olha, o ano passado fizemos uma festa tão grande, tão grande, que eu trouxe sete paletes de bolos, quatrocentos bolos, da fábrica, quatrocentos. Só música. Percebes? Fomos ao Museu de Macau, fizemos uma festa grande, grande, grande para os pais, para as turmas, para os alunos. Quer dizer, os próprios alunos carregaram as paletes todas dos bolos, as mães cortavam e decoravam as mesas e é isso que eu acho que é muito importante.

E: E foram fora?

P9: Fomos fora, no Museu de Macau.

E: E fizeram também actividades...

P9: Apresentações, coreografias, dramatizações.

E: E como é que vocês conseguiram?

P9: Com os nossos carros particulares.

E: Mas para ser no Museu de Macau, é preciso...

P9: Em qualquer museu é possível. É preciso é pedires. Este ano foi nas juntas de freguesia das câmaras. E envolvemo-nos todas com as colegas. Uma arrasta, vamos todas atrás. E, por exemplo, há alguma necessidade de alguma coisa, quer dizer... Eu acho que é uma boa equipa de trabalho, as pessoas ajudam-se muito umas às outras. E isso é muito gratificante.

E: É mesmo. Olha, eu não te quero roubar muito mais tempo...

P9: Diz.

E: Pergunto-te, por fim, o que é que achas que corre realmente bem, na tua aula? Nas tuas aulas com os teus alunos, o que é que, em termos musicais, te dá mesmo satisfação e alegria, de maneira geral...

P9: Quando há um bom clima, não é? (sorri).

E: Quando há um bom clima.

P9: (ri) Um bom ambiente. Que a pessoa consiga, de ambos os lados, vivenciar aquele momento. Eu acho que é muito bom. E acho que todos nós conseguimos, uns mais

outros menos. Até aqueles meninos que, às vezes, foram problemáticos eu penso que chegámos ao fim e conseguimos pôr um pouco mais do que aquilo que havia, percebes? E é importante que esse semear continue. Esta escola tem essa preocupação.

E: E agora vou fazer a pergunta ao contrário, o que é que corre mesmo mal? Aquilo que te faz sair da aula com um peso e com um sensação de...

P9: Nada. Nada, nada, nada.

E: Nada?

P9: Não, não, não.

E: Não te deixas abater?

P9: Não, não, não. Eu gosto muito desta escola, gosto muito dos alunos, dos meus colegas, gosto de tudo.

E: Então nada corre mal, na aula?

P9: Se calhar, o que possa correr mal é quando eles coitadinhos vêm tristes e desamparados. Mas esta escola tem muito a preocupação de ter os seus alunos bem, percebes? E há sempre um adulto onde encostar o ombro. E eles têm. E sabem onde nós estamos a trabalhar, vêm-nos visitar, percebes? Eles vêm-nos visitar à escola, a escola está aberta para eles, sempre.

E: E a escola, neste caso, faz...

P9: O possível e o imaginário. Tudo, tudo, tudo. Há dois anos foi necessário fazer um enxoval para um bebé, de uma jovem que cá estava, e todas as professoras fizeram. Eu, como fui mãe há cinco anos, trouxe tudo do meu filho. É muito importante saber ser pessoa e solidário.

E: Achas que esse é o valor primeiro?

P9: Ah, claro. Quando bom adulto, boa pessoa.

E: E as questões da música são secundárias em relação...

P9: Não é secundárias, é um complemento para todos, é a formação.

E: Queres dizer que se não souberem ser pessoas não vão conseguir apreciar música...

P9: Para mim não. Ser bom profissional tem que estar paralelo ao ser boa pessoa. Porque se não houver uma boa formação, dificilmente há ali um equilíbrio.

E: Está bem. Vamos parar?

P9: (acena afirmativamente com a cabeça e sorri).

3.10 Professor 10 (P10)

Data: 22 de Junho de 2010

Hora: 9h

Local: Escola de entrevistado

Género: Feminino

Idade: 54 anos

Habilitação académica: Curso Superior de Piano; Curso Superior de Filosofia

Formação profissional: Profissionalização em Educação Musical no 2.º ciclo

Tempo de serviço: 33 anos

Situação profissional: Professor vinculado

Outras experiências profissionais: Professora de História e de Piano

E: Está a gravar.

P10: Ótimo. Sim, Isabel, fique à vontade, eu não me incomodo nada. Pronto, o que eu estava a dizer em relação à turma X é que, primeiro que tudo, eles realmente são muito agitados, mas isso eu penso que é uma consequência... nós aqui na escola sempre achámos que as turmas que vinham ali da escola que eram melhores, ou seja... E são... a nível de aproveitamento...

E: Da escola do 1.º ciclo, que faz parte do agrupamento?...

P10: Que faz parte do agrupamento. Portanto, nós temos a Escola A e temos também a Escola B. Temos uma pequenina, que é a Escola C e tínhamos a Escola D que era a escola das Irmãs, que agora está com o Agrupamento E. E esta turma ainda veio da Escola D, ainda era nossa, pronto. E realmente são miúdos a nível de querer aprender realmente fantásticos, que se destacam das outras turmas, mas a nível de regras realmente muito problemáticos e depois, como vêm juntos, conhecem-se todos muito bem, pronto, com tudo aquilo que isso tem de positivo e tudo aquilo que tem de negativo.

E: Têm muitos assuntos para conversar...

P10: E os pais, que entre eles também se conversam e depois é, é... Isto para dizer, logo a seguir à aplicação do teste, eles próprios deram-se conta que havia aqueles dois

aspectos que realmente nós trabalhávamos menos... a composição nunca tínhamos trabalhado.

E: E conversaram sobre isso?

P10: Sim, sim. Logo a seguir. Porque a aula é de 90 minutos, não é? Eles disseram logo... Lá está, é uma turma que, que... as coisas não caem em saco roto, percebe? Eles quiseram perceber o que é que tinha acontecido, porque é que era... e eu achei que era melhor aproveitar e reflectir com eles. E então, logo nessa aula, nós começámos... fizemos um trabalho de grupo, eles ficaram divididos em grupos, escolheram os grupos e começaram a compor uma canção. Não era necessariamente uma canção, era fazer, compor qualquer coisa musical, que podia ser só ritmos, podia ser letra e música, podia ser só música, podia ser aquilo que eles quisessem. Muito engraçado. Eles começaram logo naquela aula a fazer, depois na aula seguinte concluímos e depois apresentaram os trabalhos. Até depois acabaram por apresentar também à directora de turma e assim... mas foi muito engraçado, muito engraçado.

E: Que giro, P10, que bom. Porque isto também, digamos que também vos suscitou um bocadinho... Ora vamos lá ver...

P10: Não, foi bom, foi bom. Vamos lá ver, sim. Exactamente, foi muito bom.

E: E foram eles próprios que quiseram experimentar aquela área?...

P10: Experimentar, pronto, porque deram-se mesmo conta.

E: Mas também às vezes há coisa que nós não reparamos que têm uma dimensão de composição, que nós fazemos, mas que têm. Por isso é que eu pus muitos aspectos...

P10: Sim Isabel, mas ali concretamente, fazer... É evidente que nós podemos fazer uma improvisação e dentro da improvisação é evidente que eles estão a compor, entre aspas, não é? Pronto. É um aspecto, sim. Mas directamente fazer uma canção, ou fazer outra peça musical, realmente não aconteceu...

E: Ou simplesmente um ritmo que...

P10: Sim, os ritmos é mais fácil. Isso aí trabalha-se mais, basta ser um a fazer e os outros repetirem, pronto, de certa maneira estão a criar qualquer coisa. E realmente o resultado depois foi engraçado, porque os grupos depois também foram diversificados, não é? Houve um grupo que quis fazer só ritmos. Pronto fez só ritmos corporais, com uma lógica, com uma ordem, com uma ordenação, fez só ritmos. O outro grupo dos rapazes também foi mais para o Rap, mas pronto, mas criaram, fizeram a letra, fizeram.

E: Fizeram uma coisa nova, não é...

P10: Exactamente. Houve um grupo que fez com dança. Portanto, fez a canção, compôs a canção e coreografou. E... e os outros dois grupos foram só canções. Fizeram duas canções e cantaram e tudo. Mas foi muito engraçado, muito engraçado mesmo, foi bom. Claro que com a outra turma...

E: Pois, a outra turma era mesmo muito complicada. Aliás, o início da minha conversa era exactamente o critério de escolha das duas turmas. Já percebi que a turma melhor tinha características de funcionamento e motivação para trabalhar, vontade de participar e de fazer coisas novas. A turma pior era realmente muito indisciplinada, com alguns elementos perturbadores...

P10: Mesmo muito perturbadores. Que estão ali só para perturbar.

E: Com uma grande resistência à autoridade do professor.

P10: Sim, sim, sim, sim.

E: Houve um aluno que não preencheu nada. Eu insisti para não porem o nome...

P10: E ele a única coisa que pôs foi o nome (sorri).

E: Era uma turma com menos alunos, mas isso às vezes não quer dizer nada, não é?

P10: Não.

E: Esta turma pior tinha vários alunos mais velhos... tinham mau aproveitamento?

P10: Sim, esta turma é complicado estar a falar dela porque realmente, primeiro que tudo ela foi constituída já se sabendo à partida que era uma turma muito complicada. Não era de currículos alternativos, mas recebeu muitos alunos que vinham de currículos alternativos ou então repetentes. Ou seja, os alunos que lá estavam sem repetir eram muito poucos. Depois, com grande falta de assiduidade não só nos rapazes como também nas raparigas. Inclusivamente esse aluno que, lembra-se, que pôs o nome ostensivamente, esteve praticamente o período todo sempre a faltar.

E: Que estava, digamos, de volta à escola.

P10: Exactamente. De volta à escola no 3.º período.

E: E depois manteve-se?

P10: Depois manteve-se... com, pronto, muitos altos e baixos. Pronto, é uma turma realmente muito complicada. Agora, Isabel, é assim, a minha questão de escolha não tinha alternativa porque eu só tinha, só tenho estas duas turmas.

E: Que por acaso era uma...

P10: Uma boa, porque a X era a turma melhor do 6.º ano. É a melhor turma a nível de resultados de todas as disciplinas. Também eu acho que isso é significativo, a directora

de turma é coordenadora dos directores de turma. Não é pelo cargo que ela tem, é porque também é uma pessoa que, que embora seja muito compreensiva com os miúdos, mas também tem uma rédea muito curta. Porque se eles não tivessem também esse tipo de rédea curta, não é? Crianças como eles são, porque eles têm a idade normal, enquanto, por exemplo, a Y tem a idade, de um modo geral, que não é normal... Portanto, teria sido muito difícil também trabalhar com esta turma. Aliás, nenhuma das turmas era minha, o ano passado. Portanto, no caso da turma X, era do professor F. E a Y foi uma junção de várias turmas e de várias experiências e, portanto, e miúdos com muitas repetências no passado. A Y... Eu não sei se devo dizer isto, mas estranhamente depois, realmente, até se calhar passaram mais alunos do que aqueles que nós pensaríamos que iriam passar, dadas as notas todas ao longo do ano. Mas isto não tem a ver com... isto tem a ver, infelizmente com a conjuntura que nós temos.

E: Pois, e a escola ter consciência que tem poucas respostas para estes alunos.

P10: Enfim, Isabel.

E: Bom, foi uma boa descrição sobre a escolha das turmas e as dificuldades existentes. O meu trabalho tem um grande chapéu que é as competências essenciais que estão no currículo nacional. Depois, interessa-me o ambiente da escola e aquilo que, às vezes, não se consegue fazer na aula mas que há outros contextos onde até funciona e, mais do que tudo, as práticas pedagógicas na disciplina de Educação Musical. Portanto, tem três dimensões de gestão curricular, a da política central, a da escola e a da aula. E hoje vamos falar da aula, embora, provavelmente, se propicie falarmos também do ambiente da escola e do currículo estabelecido superiormente.

P10: Sim, sim.

E: E em relação ao currículo, foi difícil transformar as planificações, as programações, e adaptá-las a esta lógica de competências?

P10: Não. Quer dizer, é assim, nós aqui nesta escola incidimos muito sobre o trabalho prático. Isto é inegável. Ao longo dos anos nós temos vindo a concluir que, mesmo os mais velhos do 3.º ciclo, aquilo que eles gostam mesmo de fazer é a parte prática. Eles gostam de tocar. E, portanto, ao longo deste tempo todo nós acabamos sempre, e eu tenho consciência disso, por deixar de lado, por exemplo, o incidir, sei lá, na leitura, o rebater muito, sei lá, as figuras rítmicas. Quer dizer, eu tenho consciência disso, que nós incidimos muito mais sobre a parte prática.

E: Baseado na imitação, na memória, mais do que no registo escrito.

P10: Exactamente... do que no registo escrito. E o que é certo é que eles assim aderem. E, portanto, nós normalmente não temos tido grandes dificuldades na resposta à Educação Musical, mesmo no 3.º ciclo. Os miúdos gostam.

E: Às vezes há aquela ideia de que os alunos desrespeitam a disciplina...

P10: Não, aliás eu acho que muitas... aqui nesta escola pelo menos, normalmente há muito mais problemas nas disciplinas teóricas do que propriamente nas práticas.

E: E por isso o enfoque do projecto educativo também nestas áreas?

P10: Exactamente. Porque tanto... por exemplo a turma X, ao longo deste ano, participou sempre nas festas, por exemplo. Foi uma das turmas que no Natal se apresentou e que cantou, que fez batimentos, portanto... Não só, não só a X, não é?, mas também. Mas, por exemplo, na festa final, aqueles miúdos que tocaram jogos de sinos foi da turma X. E que no fundo sabiam que iam estar perante a comunidade educativa e que iam tocar jogos de sinos. E não se importaram nada, pelo contrário, gostaram de fazer e gostaram de participar... Portanto, quer dizer, esta dimensão realmente da prática musical, eu acho que é... fundamental... aqui neste contexto. Isto para dizer que toda a parte programática e do currículo, quer dizer, eu deixei de me preocupar... Portanto, se dou as síncopas ou se dou as tercinas, eles sabem lá... o que me interessa é que eles vivenciem e que tenham prazer na vivência que eles fazem disto.

E: Muito bem, vamos olhar aqui para...

P10: Os resultados.... Agora, pronto, é um parêntesis, a nossa experiência vem dizendo que todos os professores que passam por aqui e que acentuam muito, por exemplo, o caderno diário... por exemplo, a cópia, o registo das cópias, o registo... acabam por ter dificuldades com as turmas. Mesmo professores novinhos, porque nós às vezes pensamos que os professores novos têm outra maneira de lidar com os alunos, e têm, no sentido que têm normalmente um bom relacionamento, mas depois os resultados práticos não são bons. Ou seja, acabam por não cativar as turmas, exactamente porquê, porque puseram a tónica numa parte mais tradicional do ensino da música e os miúdos aqui realmente não aderem. Não aderem, porque não têm... primeiro que tudo é uma linguagem que não lhes diz nada e que não lhes vai servir para o futuro. Não funciona.

E: Ah, existe também o ensino articulado, não é?

P10: Este ano nós tivemos uma turma de articulado, que acabou por funcionar bem. No entanto, Isabel, houve também uma grande tentativa de articulação e de estar por perto e de seguir e de tentar resolver as coisas, percebe? Porque, por exemplo, eles tiveram

imensas dificuldades no canto coral. O cantar... pronto. E eu acho que realmente funcionou bem a nível de formação musical e depois da classe de conjunto, porque a professora foi muito de rédea curta com eles, não é, e conseguiu impor-lhes regras e conseguiu... Percebe, porque à partida... Não foi fácil. E se tivesse sido outro tipo de professora que tivesse, ou ficado com receio ou... as coisas não teriam resultado.

E: Pronto. P10, vamos olhar aqui para estas áreas. O questionário tinha 7 afirmações em cada área... (explicação dos gráficos de análise das respostas aos questionários). E vemos aqui, assim a olho nu, que há uma incidência muito grande, como tem estado a dizer e a justificar, na área da interpretação. Tem um total de 25, que está muito próximo do pleno. Depois, a comparação entre professor e alunos. Os alunos apresentam gráficos mais equilibrados, em relação ao conjunto das áreas de competência, do que os seus. No seu caso, na turma pior, as áreas da teoria e experiências de aprendizagem são quase inexistentes. Os alunos têm uma percepção da realidade diferente da sua.

P10: Interessante.

E: A audição... também fazem, mas não é uma coisa a que dediquem muito tempo. A área da composição também é pouco valorizada. Teoria, como disse, fazem pouco, embora os alunos achem que fazem um pouco mais. Mas, faz-se muita interpretação na aula, aqui há uma relativa concordância entre professor e turmas. Interpretação, como?... Flauta, instrumentos musicais da sala de aula?...

P10: Sim. E voz. Cantamos muito.

E: E quais as dificuldades que se põem ao trabalho de interpretação na escola, na aula?

P10: O mais difícil é eles interiorizarem, por exemplo, as regras. Ou seja, eles só podem tocar, por exemplo, quando se distribuí os instrumentos, o ter de reagir na utilização dos instrumentos, primeiro que eles interiorizem é muito complicado, porque eles não estão habituados a ter regras. E, portanto, este trabalho de, é preciso ouvir, é preciso esperar, é preciso começar na altura devida, não se pode tocar sem ser a altura exacta... Esse trabalho é o fundamental. É difícil conseguir. Quando se consegue que eles já tenham interiorizado isso, depois é muito mais fácil, de aula a aula, começar... Mas no início perde-se muito tempo. E depois, como nós só temos aula de semana a semana, temos os 90 minutos semanais, entre uma aula e outra... é complicado.

E: Pois é.

P10: Depois, outra coisa engraçada é o tipo de músicas que nós temos que interpretar e que trabalhar. Embora, é evidente que eles também façam música, por exemplo, música clássica, às vezes, pedacinhos, pedaços e tudo... Mas cada vez mais nos sentimos a enveredar a passar música ligeira, melodias que eles conheçam. Portanto, quando estás a fazer a interpretação, adaptar os instrumentos todos, mas a melodias que eles conheçam, músicas que andam aí, na moda, pronto... na rádio.

E: Como vocês, aliás, fazem com as bandas de garagem.

P10: Sim. Porque, por exemplo, música portuguesa antiga, eles gostam, aderem muito bem, é engraçado. Pronto, tem que se ir por aí, porque senão eles... mesmo na turma X, que é uma turma boa, eles acabam por... por desmotivar um bocadinho.

E: Está bem. O material. O material é um entrave?

P10: É assim, nós, apesar de tudo, aqui na escola eu acho que ainda temos bastantes instrumentos Orff. Embora, por exemplo, com a turma X eu nunca experimentei a ir à sala das bandas. Portanto, com as outras turmas do 3.º ciclo com que se trabalhou também na sala das bandas, com a guitarra, com a bateria, com o baixo, com o teclado... Pronto, só que a turma X era muito grande, era impraticável.

E: Pois.

P10: Portanto, o material de interpretação que eles têm é a flauta e os instrumentos Orff da sala de aula. Mas ainda conseguimos trabalhar bem, nós ainda temos.

E: O problema maior são as questões de indisciplina e a relação com os instrumentos?

P10: Exactamente. E esta turma, apesar de tudo, é uma turma que obedece, entre aspas, e que percebe, porque, por exemplo, há outras turmas que o desgaste de baquetas, o desgaste de material que nós temos ao longo do ano...

E: Exacto. E, P10, o facto de os instrumentos estarem guardados, como é comum em quase todas as escolas, e termos sempre que os ir buscar e depois voltar a arrumar...

P10: Ah, isso aí é um problema.

E: Cria uma relação distante entre as crianças e os instrumentos...

P10: Sim, mas eu, é uma das coisa que eu... É assim, Isabel, eu praticamente em todas as aulas faço sempre uma parte prática. Praticamente todas, portanto, não há aquele distanciamento.

E: Mas se os instrumentos estivessem mais acessíveis...

P10: Mas não é possível. Não é possível. Aqui, eu não sei se noutras escolas é possível, porque nós temos que ter os instrumentos guardados no armário, portanto, há sempre...

E depois, lá está, eu adoptei um sistema que é, um dia começamos pelo número 1, depois no número 2, o primeiro a escolher um instrumento. Porque eu acho que eles devem escolher o instrumento que querem trabalhar. Ora, pronto, isto facilita por um lado, mas por outro lado também demora um bocadinho mais a entrega dos instrumentos. Mas também se é sempre aleatório da minha parte, “olha, ficas com este”... Eu acho que eles têm que ter oportunidade de escolher... de experimentar outros instrumentos. E muitas vezes rodamos, portanto, agora vamos mudar os instrumentos com aqueles que estão lá agora. Tudo isto, apesar de criar uma dinâmica e de eles gostarem acaba por atrasar muito o ritmo da aula.

E: Pronto, em relação à composição. Realmente fizeram pouco, fizeram agora no final do ano essas actividades, mas...

P10: É assim, com esta turma X, mesmo a nível melódico, eu não tive grandes dificuldades porque eles são muito criativos. E depois são miúdos que ouvem muita música. Por exemplo, as canções, as melodias, eles inventaram, e tinham piada, quer dizer, eram coisas lógicas, não era... que tinham sentido. Mas eu acho que é exactamente por isso, porque eles também estão muito habituados a ouvir, e na aula também trabalham, não é? Portanto, não tive... eu acho que não foi difícil.

E: Não foi difícil.

P10: Como digo, com a turma X, eles tiveram que preparar a festa de Natal, não é? Depois tiveram que preparar também algumas coisas no final do ano. Quer dizer, portanto, a gente acaba por canalizar um bocadinho aquilo que é... o trabalho a fazer.

E: E em relação à audição. Usa a audição como?

P10: A audição é... eu uso a audição para eles poderem ouvir alguma música clássica porque, senão, a música clássica é coisa que... Por exemplo, aproveitei o Dia do Mar, por exemplo, para... o Debussy e outros compositores que fui encontrando... Portanto, tentar aproveitar essas circunstâncias para os fazer ouvir música clássica, ou, pelo menos, não aquela que eles estão habituados. Por exemplo, o José Afonso, por exemplo, outro tipo de compositores nossos, portugueses, que eles acham que aquilo é tudo... quer dizer, não têm noção. Por exemplo, quando foi o 25 de Abril também trabalharam um bocadinho as músicas do 25 de Abril, contextualizar, porque eles não estão habituados a ouvir. Por exemplo, o Grândola para eles, se não for contextualizado, eles detestam ouvir aquilo, acham que aquilo não tem piada nenhuma, aquilo é uma

trapalhada pegada. Mesmo o José Afonso que tem coisas tão bonitas e outro tipo de compositores nossos, portugueses. Eles, quer dizer, não...

E: Pois, pois, não aderem à primeira, mas depois quando compreendem...

P10: E aderem, quer dizer, depois fazem, não é? Mas a audição é essencialmente orientada para eles poderem ouvir outro tipo de música.

E: Outro tipo de música. Para ampliar um pouco o campo de audição musical dos alunos, que se restringe muito à música *Pop* que passa na rádio, na televisão...

P10: E depois, na prática Isabel, nós na aula acabamos também por ir muito por aí, para os cativar, portanto, como eu disse há bocadinho.

E: Exacto. É preciso também...

P10: Dar a outra faceta. Mas eles depois gostam. Porque, por exemplo, normalmente quando se faz a audição, não é?, faz-se depois também a parte prática, não é?, o tema A, o tema B... e eles depois gostam e de tocar e tudo. Eles gostam de fazer, agora o problema é dar aquele passo, percebe? Apresentar a coisa de uma maneira atractiva. E como digo, com a turma X, fiz. Agora, com a turma Y também tentei... e fiz. Eu também fiz, só que a reacção...

E: Aliás, diz que fez um bocadinho mais de audição na turma Y. Mais audição na turma pior?...

P10: Sim. Na parte da audição, sim. Sim, por exemplo, com esta turma (aponta para a turma Y) eu vi, por exemplo, mais filmes musicais do que com a outra, com a outra praticamente não vi nenhum filme musical, portanto, eu tive que passar com esta turma... Para os cativar. Bom, e para que eles ouvissem outro tipo de coisas através da imagem, porque, quer dizer, aguentar estes meninos...

E: Depois...

P10: Que engraçado, eles dizem que fizeram teoria eu achei que não tinha feito nenhuma (ri).

E: Mas é engraçado, a percepção...

P10: Porque é que eu acho que nunca fiz teoria com estes? Porque, por exemplo, quando eu escrevo qualquer coisa no quadro para eles interpretarem, para eles lerem, porque eles têm que ler para tocarem, não é? Eu ponho, normalmente, sempre, por exemplo, o nome das notas e a parte rítmica e eles vão de ouvido. Para eles isso já é teoria. Mas é engraçado e eu acho que não fiz teoria nenhuma, quer dizer, realmente tradicional, a teoria tradicional não foi feita com eles. Ou seja, foi o indispensável.

E: Foram confrontados com o grafismo musical, escrito no quadro, e eles acham que...

P10: Que aquilo já é. Por exemplo, com a turma X, sei lá, as dinâmicas, o forte e o fraco, é linguagem que... que para eles é normal. Com a Y, não.

(interrupção para cantar os parabéns a uma colega aniversariante)

P10: Por exemplo, uma das coisas que nós também fizemos, porque uma das coisas que eles disseram... e depois é que eu me lembrei que tinha vindo a propósito, que era o assistir a espectáculos musicais fora da escola. Foi uma... a primeira coisa que eles todos disseram que queriam fazer, não é? Antes da composição, como é evidente, que era sair da escola e ir passear (ri). E então nós fomos à Fonoteca, àquela sessão de música e república. Normalmente, vamos sempre aos ensembles instrumentais, cordas, metais. Mas elas têm feito também uma tónica mais teórica. Nós fomos no início do ano com uma turma do 8.º, era “Entre Portugal e o Brasil, músicas mil”, que era o relacionamento musical, mas que tinha uma tónica mais teórica, embora também tivesse uma parte prática, depois havia instrumentos que eles depois podiam acompanhar mas... E eu tinha algum receio que, como era “Música e 1.ª República”, e também sabia que iria ser um bocadinho mais teórico, tinha algum receio da reacção dos miúdos, mas como naquela altura era a única oportunidade que a gente tinha para sair da escola ainda, no aspecto musical, nós fomos. Reagiram optimamente, portaram-se como anjos.

E: Só foram os da turma X?

P10: A turma X. Ó Isabel, portaram-se super bem e gostaram imenso. As pessoas, as senhoras lá na Fonoteca acharam que eles tinham sido exemplares e participaram. E realmente toda a parte musical, quer dizer, de Portugal, de compositores de Portugal que eles nunca tinham ouvido falar nem de perto nem de longe. Mas realmente conseguiram relacionamento, porque eles a nível, lá está, aquele desejo de saber é uma turma que tem... gosta de saber. Contextualiza as coisas. Aquela época de música foi muito importante, eles gostaram e conseguiram captar, conseguiram perceber o relacionamento. Foi muito engraçado.

E: Que bom, que bom. Fico contente, porque às vezes há coisas que nos estimulam...

P10: Foi mesmo, Isabel. É que foi mesmo estimulante.

E: Isso é óptimo.

P10: Foi mesmo engraçado.

E: Pronto. Portanto... Estávamos a falar aqui das experiências de aprendizagem...

P10: Pois, que engraçado, eles, por exemplo, aqui (aponta para as experiências de aprendizagem) não puseram nada. Ah, eu é que não pus.

E: Pois foi.

P10: Por exemplo, eu agora vinha pelo caminho e estava a pensar, por exemplo, a nível de composição de um trabalho diferente eu, por exemplo, fiz com eles uma coisa que não fiz com a turma X. Eu fiz com eles um trabalho de música e imagem. Primeiro a partir de imagem mesmo, de desenhos, portanto, eles tinham que compor música para aqueles desenhos e depois... Desenhos animados, tirava-lhes o som e eles tinham que fazer toda a banda sonora para aquele desenho animado. E fiz isto com a turma Y, porque eles eram poucos. E com a turma X, por exemplo, não fiz, nem sequer me passou pela cabeça porque eles eram muitos, era impraticável, quer dizer, estar a fazer...

E: E como conseguem fazer outras coisas, não é?

P10: Exactamente. E que eles não sentiam a necessidade... Realmente aqui é natural que eles tenham falado das experiências, realmente.

E: Das experiências e da composição.

P10: E da composição, que é engraçado. Aqui, a nível de experiências, realmente pus um leque muito mais restrito, não é? É engraçado. Eu não me lembrava. Por acaso tem piada porque, por exemplo, eu, agora vendo, eu fiz com eles (aponta para a turma Y) muito mais coisas... Por exemplo, eu fiz com esta turma Y, por exemplo, o jogo das cadeiras, é evidente que não fiz com a turma X. É tão selectivo aquilo que consigo mesmo fazer com eles (aponta para a turma Y), que nem me lembrei...

E: Há a tendência para desvalorizar um pouco coisas que até já conseguimos fazer.

P10: Que já fiz, exacto. É engraçado. Mas eu não me tinha apercebido disso, percebe? Porque realmente, olhando para aqui, como é que é possível que com uma turma destas eu não tenha feito experiência, é impossível, quer dizer... E realmente, vendo agora, há muito mais coisas que eu fiz com eles (aponta para a turma Y), diferentes, do que com estes (turma X), é engraçado. Quer dizer, eu tentei ser objectiva e tentei ser verdadeira, percebe?

E: Se repetíssemos o questionário agora, provavelmente estas áreas aumentariam (aponta para experiências de aprendizagem e composição), entretanto, fizeram actividades do âmbito das experiências de aprendizagem e da composição.

P10: Sim, agora sim. Neste caso concreto (aponta para a turma X), sim. Neste último período.

E: Com a saída que fizeram, que também está aqui no domínio das experiências...

P10: Sim, e eles praticaram. Havia também a parte dos instrumentos. Eles fazem sempre assim, já da outra vez... Eles seleccionam uma música, era do António... Eu não me lembro se era do António Fragoso se era do Vianna da Mota, olhe, a minha memória está... Não interessa, mas era uma música qualquer. Os miúdos tinham que identificar o tema e, no tema, eles faziam um determinado batimento rítmico e depois tinham, eu acho que era no desenvolvimento, depois tinham uma outra frase qualquer que eles faziam...

E: Eles reconheciam o tema e reagiam?

P10: Reagiam e depois tocavam mesmo, faziam ritmicamente e com instrumentos. E havia todos de percussão. Portanto, eles depois também tinham que reagir nos determinados temas. Já na outra experiência também tinham feito.

E: Uma audição activa, não é?

P10: Afinal, as audições com eles são sempre assim. Porque, tem que ter uma componente prática, percebe, seja ela qual seja, porque senão não funciona.

(A entrevista foi interrompida porque a professora teve de se ausentar da escola por algum tempo)

E: Nós íamos ver as áreas mais e as áreas menos.

P10: Exactamente.

E: Aqui, na interpretação... O “Cantam individualmente” é o que eles fazem menos...

P10: Por exemplo, na turma Y nunca os pus a cantar individualmente. Nenhum. Pronto, mas na X eles próprios gostam de cantar. Mas, lá está, quem é que canta? Cantam duas ou três miúdas que têm boa voz e que gostam de cantar e uma delas depois faz parte das bandas. Ou seja... porque aqui (aponta para a Y) ia ser impensável pô-los em cheque. Eles não seriam capazes de assumir isso, percebe?

E: E depois tudo o resto eles fazem bastante. O “Tocam flauta de bisel”, 3 na turma X e 2 na turma Y?

P10: É engraçado, porque... realmente com a turma Y nós não tocámos porque não havia ninguém que gostasse de tocar flauta de bisel. Enquanto, na turma X, no 1.º período, nós ainda utilizámos bastante, bastante isto é, relativamente, a flauta de bisel. Mas aos poucos, como eles preferem muito mais tocar outro tipo de instrumentos, nós

fomos deixando. Quer dizer, eu não gosto de obrigar os miúdos que não gostam de tocar a tocar.

E: Claro. E realmente vê-se que é uma das áreas que a turma Y...

P10: Embora eles digam aqui que tenham feito.

E: Mas é do que fizeram menos... E na turma melhor dizem que o que fazem menos é “Cantam individualmente”.

P10: Engraçado.

E: Aqui, portanto, na interpretação há uma percepção relativamente parecida, especialmente na turma melhor, das coisas que fizeram mais e menos. “Tocam flauta de bisel”, normalmente é um dos aspectos muito acentuados, aqui digamos que fizeram, mas não foi o foco principal do vosso trabalho em interpretação.

P10: Não foi, não.

E: Pronto. Composição. “Inventam ritmos para acompanhar músicas”, foi o que disse que se fazia mais. E aqui, “Acompanham livremente uma música gravada, com a voz ou com instrumentos” na turma pior. Digamos que são coisas da mesma natureza, que é inventar livremente... coisas mais do domínio da improvisação. Os alunos dizem que o que fazem mais é justamente isto, “Acompanham livremente uma música gravada, com a voz ou com instrumentos”.

P10: Pois, eles têm essa consciência. Engraçado.

E: As áreas menos, “Compõem música”, ou seja, inventar música, genericamente. “Criam letras para músicas existentes ou inventam músicas para novos textos”. Inventar letras para músicas, os alunos também dizem que fizeram pouco.

P10: Lá está, na turma X, no 3.º período fizemos efectivamente, com a turma Y, não. Quer dizer, fizeram a música, não fizeram a letra, portanto, bate certo.

E: Bate certo?

P10: Bate certo.

E: Aqui, na audição também há muita concordância. Vários aspectos a que foi dada importância, “Ouvem música”, “Ouvem música de vários tipos” e “Ouvem e identificam instrumentos na música”.

P10: Porque eu acho que eles gostam de o fazer.

E: Esta situação aqui com a turma pior, que é essa tentativa, se calhar, de os pôr a ouvir... Portanto, aqui até aparece como uma área mais trabalhada...

P10: Mais, exactamente.

E: Na turma mais difícil, aparece este aspecto de “Trazem música para a aula para partilhar com a turma”... Portanto, para os cativar, para os pôr a ouvir?

P10: Exactamente. Enquanto na outra turma não havia necessidade porque eles acabam por aderir àquilo que se põe, não é?

E: Aqui, os ditados rítmicos e melódicos fazem muito pouco.

P10: Sim.

E: Depois, na teoria, as respostas são muito dispersas, mas parece que o que fazem mais é “Realizam actividades de leitura musical”.

P10: Sem dúvida.

E: E eles também acham, aqui a turma mais difícil acha que é o que fazem mais. E também “Fazem exercícios de caligrafia musical”.

P10: Que engraçado. Eu nunca... com eles, por exemplo, eu não me lembro de fazer exercícios de caligrafia musical com eles.

E: Mas eles copiaram as músicas para o caderno diário ou...

P10: Com a turma X, sim. Com a turma X, sim, com a Y não me lembro.

E: Mas nós estamos a focar-nos neste ano... e eu já percebi que só os teve este ano.

P10: Sim, isso é verdade.

E: Mas eu insisti muito que o questionário dizia respeito ao conjunto dos dois anos.

P10: Ah, não, não, não... é verdade Isabel.

E: Isso é importante. Embora eu saiba que eles se reportam muito ao último professor, acho que é muito possível que eles estejam realmente a...

P10: Sim, sim, porque, lá está. Mas ó Isabel, tinha-me esquecido. Não, mas é verdade. Até porque eles, na turma Y, têm muito mais probabilidades de terem feito escrita musical, porque eles... E depois, lá está Isabel, como eles eram uma turma que vinham de currículos alternativos... não todos, mas muitos, quer dizer, e vinham de outras turmas eles realmente apanharam outros professores que até nem eram da escola, nas repetências antigas. Até é muito provável que eles tenham feito. Eu tinha-me esquecido completamente, completamente.

E: Mas isso é importante, e eu acho que eles não se esqueceram.

P10: Não mas é verdade, porque isso assim faz sentido. Não, mas ó Isabel, não mas é verdade, eu tinha-me esquecido. Não, mas neste caso concreto, tinha-me esquecido completamente e é verdade. Eles, a turma Y, têm muito mais repetências do que a turma X, a X praticamente não tem repetências. Portanto, ou fizeram comigo ou fizeram com

o (nome do professor do 5.º ano), e eu sei qual é o trabalho que ele faz e, portanto, também sei que ele incide pouco na parte de caligrafia e a parte propriamente na escrita musical. Embora ele também faça, ponha as figuras e faça a leitura... Sim mas, quer dizer, não incide tanto...

E: Ambas as turmas dizem que “Copiam músicas para a pauta do caderno diário”...

P10: Eu estou a ver, concretamente de eles terem mesmo que escrever música eu penso que só aquelas que eles tiveram que fazer, por exemplo, no Natal, as partes concretas que eles tinham que tocar. Mas os da flauta, por exemplo, nem sequer era os... porque os dos xilofones isso então mesmo não tinham que escrever. Os da flauta, sim. Tinha um grupo de flauta e os outros faziam outras coisas, muito engraçadas.

E: Isso é natural nesta pergunta específica, porque ela chama para conhecimentos já adquiridos, a teoria...

P10: E depois a gente esquece-se... exactamente, exactamente.

E: Eu acho que o mais importante é esta conversa que nos ajuda a reflectir. Por exemplo, este foi um caso muito engraçado... em que o questionário, de alguma maneira, teve influência...

P10: Não, mas teve. Concretamente para mim, teve muita influência. Porque, com a turma X foi óptimo. Nós fizemos três coisas que, se calhar, não teríamos feito se não tivesse acontecido isto, percebe?

E: E o facto de eu ter feito o questionário logo no princípio do período também deu mais tempo.

P10: Também me proporcionou ter o período todo.

E: Ok. É importante reflectirmos sobre o que fazemos, vendo também o que é que os alunos pensam, o que é que nós pensamos, o que é que está em falta...

P10: Exactamente, exactamente. Não, mas foi muito importante, com a turma X foi mesmo bom.

E: Que bom, que bom.

P10: Com a turma Y infelizmente não. Assim que a Isabel se foi embora eu já nem sei o que é que fiz... mas devo ter feito logo qualquer coisa para os cativar, porque, quer dizer, aquilo era... E depois, Isabel, isto agora, só um parêntesis, mas que eu acho que teve muita importância ali na música, que nós estamos este ano, especificamente, sem funcionárias. E o facto de eles saberem que qualquer situação de indisciplina que aconteça eles vão para o pátio, eles nunca são encaminhados para a sala onde têm um

castigo. Ali no início da disciplina havia ali dois miúdos que estavam nitidamente nessa onda. Um deles, acabou mesmo por praticamente abandonar as aulas. O (nome do aluno), esse por acaso até, que era um dos miúdos mais pequenos, acabou por se aguentar mais dentro da sala de aula e acabou, até mudou um bocadinho a atitude, eu penso que ele ainda teve a esperança de conseguir passar, não é? Mas é engraçado, eu penso que isso também foi significativo, com a turma Y, com a X as coisas não chegam a esses extremos.

E: Pois. Em relação às experiências de aprendizagem, valorizou mais o “Participam em actuações musicais nas comemorações e festa da escola”. Os alunos, “Assistem a espectáculos musicais na escola”. Aqui, fala de participação e eles falam mais de assistência, porquê?

P10: Por exemplo, aqui a turma X... mas é engraçado... Assistir a espectáculos, sim. O assistir é o assistir, pronto. E o participar?... É engraçado, mas a turma X, por exemplo, não pôs... Mas é engraçado, porque foi esta turma, da turma X...

E: Pôs, pôs. A turma X é 2,5 e a Y é 2,7 em “Participam em actuações musicais nas comemorações e festa da escola”.

P10: Mas o que eu estava a achar estranho é que, por exemplo, aqui nesta turma Y eu tive uma miúda, uma só, que me pediu mesmo para participar na festa de Natal. Tanto que ela ia fazer os ensaios com as outras, com a turma X e com as outras turmas, para a festa de Natal. Enquanto a X foi uma das turmas que foi mesmo participar na festa, no aspecto de fazer, nós fizemos as músicas, alguns, para além disso, ainda cantaram.

E: Talvez haja aqui alguma confusão, por parte dos alunos, entre o participar e o assistir. Vamos reter que o que se faz mais é assistir a espectáculos e participar em espectáculos e menos “Realizam trabalhos de projecto sobre música”.

P10: Sim. Aqui na Área de Projecto, por exemplo, se calhar teria sido uma coisa que nós poderíamos ter feito mais com a turma Y, que era a turma difícil. Só que é tão difícil articular e arranjar um ponto comum. Por exemplo, nós tínhamos pensado que eles trabalhavam no 3.º período aquele livro... era Uma Aventura, acho que era, Na Quinta da Lágrimas, acho que era Na Quinta da Lágrimas. Inclusivamente eu tive o DVD que era para tirar a música e trabalhar a música depois com eles. Acabou por passar o 3.º período e nós não tivemos ocasião de o fazer, percebe? Mas, quer dizer, teria sido maneira de fazer um bocadinho a articulação. Na turma X eles trabalham muito bem, portanto, eles vão cumprindo mais o programa, quer dizer, não sentimos

necessidade talvez tanto de articular. Portanto, no 3.º ciclo fiz mais trabalho de conjunto do que propriamente com a turma X.

E: E também não tinha Área de Projecto?

P10: Não tenho Área de Projecto. Não tenho.

E: Aqui na escola a Área de Projecto não costuma ser entregue à Educação Musical?

P10: Não, o (nome de outro professor) tem Área de Projecto.

E: Às vezes há critérios, tipo aquela disciplina fica com...

P10: Normalmente tem sido dada a Área de Projecto, o Estudo Acompanhado não, às vezes falta de horários, para completar horários e assim.

E: Pois, pois, pois. Não há uma decisão de escola em relação a isso, pedagogicamente.

P10: Não. Agora, pontualmente, também há professores de Educação Musical com Área de Projecto. Eu pessoalmente não tenho.

E: Bem, P10, já conversámos muito. A nossa conversa foi muito atribulada, com muitas interrupções, mas a vida é assim mesmo. Queria só fazer duas perguntas finais. O que é que corre bem na sua aula? O que é que acha que acontece quando as aulas funcionam bem e se sente contente e eficaz na sua intervenção? Quando sai de uma aula e sente...

P10: Que valeu a pena?

E: Que valeu a pena.

P10: Eu acho que isso acontece quando eles participam com gosto na actividade que eu propus. E isso acontece muitas vezes. Por exemplo, eu com a turma X, principalmente, porque eles têm prazer em cantar, eles têm prazer em tocar. Eu acho que eles saem contentes exactamente porque tiveram essa experiência dentro da aula. E mesmo com a turma Y, também há aulas que correm bem, não posso dizer que corra sempre mal.

E: E quando corre bem é por causa dessa participação deles?

P10: É sempre a participação.

E: E o que é que corre mal? Aquilo que a faz desanimar?

P10: Na turma X, às vezes, é o perder muito tempo. Porque eles são muitos, portanto, e são agitados. E, portanto, perde-se tempo, às vezes. No caso da turma X eu acho que é um bocadinho isso. E depois também é uma turma muito grande, perdemos muito tempo, às vezes, a entregar os instrumentos, primeiro que a gente consiga que todos estejam a fazer tudo é mais complicado. Com a turma Y é notoriamente a falta de respeito. Alguns alunos ali, nós sentimos, é falta... nós sentimos... Quando encontramos alunos, ali no caso da Y havia vários, em que nós chamamos à atenção uma vez,

chamamos à atenção duas e é assim... como se não fosse nada, pronto. E como são alunos que têm... Por exemplo, ali também acontecia, dois ou três elementos, nós sentimos que eles foram só mesmo para brincar, para provocar, não sei. Sentam-se, depois ali estão. Vão dizendo umas bocas, pronto, a contrapor aquilo que se está a fazer, percebe?

E: Pois, estarem ali hora e meia sem fazer nada também não conseguem, naturalmente. Mas como também não estão disponíveis para colaborar...

P10: E depois, lá está, isso também, às vezes, não é bem verdade. Porque, por exemplo, como eu faço muito trabalho prático eles acabam por participar, quer dizer, os outros têm os instrumentos, eles também têm. Mas agora, imagine o que é, estamos a tentar fazer qualquer coisa, e há aquele que quer começar sempre a tocar o instrumento fora de tempo, quer dizer...

E: Sim. E percebe-se que não é por dificuldade...

P10: Não é por dificuldade nenhuma, ele está-me a provocar nitidamente. Eu entreguei-lhe o instrumento mas depois ele prejudica-me de outra maneira (ri). Mas olhe, temos que aturar, que é mesmo o termo.

E: Todos, não é?

P10: Todos. Não sou só eu. Eu e os outros miúdos, quer dizer, há sempre uma criatura... É evidente, eu percebo que não é por dificuldade, que quando olho directamente e o apanho em flagrante é evidente que... E isso é o que me incomoda.

E: O que é que poderia fazer para mudar essa situação?... É uma questão social, mais que tudo?

P10: Sim, social, e eu acho que nós realmente, a nível de escola, não temos mecanismos para controlar efectivamente muitas coisas.

E: Pois, é preciso encontrar soluções. Mas, por exemplo, esta coisa da turma pior ter muitos elementos repetentes e problemáticos...

P10: A gente tem que os pôr nalgum sítio. Porque é assim, se eles estão absolutamente dispersos acabam por complicar a vida de muitas turmas. O facto de eles estarem juntos tem uma coisa boa porque ao menos já sabemos que vamos tentar fazer coisas alternativas, com todos, percebe? E que o nível de exigência também vai ser muito baixo, porque é evidente que vai ser muito baixo, a nível de conhecimentos. Numa disciplina prática como a nossa, até é bom que nós possamos diversificar essas duas áreas e possamos, se calhar, fazer muitas coisas diferentes, não é? E eles até, de certa

maneira, podem ser mais beneficiados do que, por exemplo, a turma X que tem que ter uma coisa mais... Que têm que ter, no fundo, um ensino mais tradicional, porque eles correspondem a um ensino mais tradicional.

E: Exacto.

P10: Mas, numa outra disciplina, por exemplo, mais teórica, isto já não funciona assim. Porque, a pessoa, realmente, se eles têm que aprender Matemática, se eles têm que aprender Português, se têm que aprender aquele programa de História, não podem andar a inventar outra coisa...

E: Exacto, exacto.

P10: E pronto as coisas depois aí são complicadas. E aquilo que eu sinto é que realmente a escola... nós não temos mecanismos para impor regras. Porque o que eu acho é que não é só com a boa vontade, não é só com o diálogo, não é só passando a mão que se resolvem as coisas.

E: Portanto, acha que é um problema de escola, mais do que tudo, porque na relação individual nós vamos fazendo o que podemos?

P10: Vamos fazendo o que podemos. Mas eu acho, e nesta escola isso nota-se, eu acho que há muito o envolvimento humano de todos os professores, cada um com as suas características, mas há esta sensibilidade de que é preciso, primeiro que tudo, ter um relacionamento com o miúdo para depois se conseguir fazer o resto, não é? Agora o que eu sinto é que, realmente, nós não conseguimos fazer com que eles se sintam, por exemplo, castigados, quando fazem uma coisa que não devem fazer, quer dizer. E eles não sentem o castigo, não sentem, não os incomoda. E, portanto, continuam a fazer. E quanto mais fazem e quanto menos se sentem punidos, entre aspas, menos respeito depois têm, não só para com o professor mas com a própria instituição, com a própria autoridade.

E: Hum, hum. Bom, desligo?

P10: Sim, eu vou para a reunião (ri).

E: E está atrasada, se calhar...

P10: Não faz mal. E vou já, vou já.

E: A conversa foi ótima. Muito obrigada.

3.11 Professor 11 (P11)

Data: 24 de Junho de 2010

Hora: 12h

Local: Escola do entrevistado

Género: Masculino

Idade: 42 anos

Habilitação académica: Curso Geral de Composição

Formação profissional: Profissionalização em serviço

Tempo de serviço: 13 anos

Situação profissional: Professor efectivo

Outras experiências profissionais: Experiência ao nível do canto lírico

E: Para começar, este trabalho possui, naturalmente, uma dimensão de natureza política, o currículo, tal como está organizado neste momento, por áreas de competência. E são essas áreas de competências que estão a ser aqui pensadas por professores e alunos, no sentido das práticas musicais. Esta linguagem e a organização curricular puseram-te algum problema?... Trabalhar as diferentes áreas, de interpretação, composição, audição, etc., na perspectiva do desenvolvimento de competências musicais nos alunos. Tiveste problemas com essa lógica?

P11: Acho que não, porque eu socorro-me muito dos manuais e eu penso que isso já está pensado na organização do manual, portanto, em princípio... está tudo.

E: Portanto, segues o manual e confias na organização que ele propõe.

P11: Exacto.

E: Não estás preocupado em desenvolver mais uma competência, ou outra, porque os alunos necessitam mais... Vais fazendo o trabalho sugerido no manual.

P11: Sim. Agora, claro que se há turmas que têm feito para trás um trabalho na área da... sei lá, por exemplo, da interpretação, então eu aproveito isso e tento dar continuidade, seja a nível da flauta, seja a nível do canto, portanto... E eu acho que se nota nestes últimos anos o resultado desse trabalho que tem sido desenvolvido pelas AEC, portanto, acho que os miúdos vêm para o 5.º ano com uma experiência musical já mais desenvolvida.

E: Que facilita o trabalho do professor do 2.º ciclo?

P11: E dá para perceber que o feedback deles é maior, relativamente a outras turmas que nunca tiveram.

E: Hum, hum. Quanto à gestão curricular que é feita no âmbito da escola. Por exemplo, algumas escolas aproveitaram aquele tempo, que são 45 minutos, a gerir pela escola e atribuíram-no à Educação Musical, que passou a ter um bloco e meio, porque entenderam, de acordo com o seu projecto educativo, que a disciplina era importante para os alunos da escola. Mas não acontece isso aqui...

P11: Temos um bloco de 90 minutos para as turmas do 5.º e do 6.º, mais nada.

E: Isso significa que a Educação Musical não aparece como um elemento forte do projecto curricular da escola?

P11: Aparece, mas não... não com a correspondência em termos do tempo.

E: Eu pedi-te que seleccionasses, no conjunto das tuas turmas, uma onde trabalhasses bem e outra onde tivesses mais dificuldades. E apliquei os questionários em aulas de Área de Projecto, em que tu estavas com outros colegas. Não sei se é esse o clima da tua aula, mas os alunos pareceram-me bastante serenos e sossegados... também é diferente numa aula em que há dois professores...

P11: Mas relativamente a qual turma?

E: Às duas, às duas, achei-as bastante calmas, achei-as parecidas... Porque é que as distingues como uma melhor que a outra?

P11: Ah, quer dizer... isso justifica-se pela forma como eles participam na aula. A boa tem interiorizado uma série de regras para estar dentro da sala, e a outra não tem isso feito. Para além disso, há uma pressão relacionada com a aquisição que foi feita para trás, em anos anteriores. Uma delas acho que é muito superior em termos de resultados, teve resultados melhores do que a outra que tem uma série de... estou a falar de formação, de Educação Musical, mas não só, quer dizer, isso é comum a todas as outras disciplinas. E... portanto, é mais por isso, pelo que eles sabem e pela forma como se portam, que eu estabeleci essa diferença entre a boa e a má.

E: Já me disseste também que as turmas não eram tuas, anteriormente.

P11: Não, estou cá só este ano. São turmas do 6.º.

E: Muito bem. Este é o gráfico que resultou da análise do teu questionário e este é o gráfico da análise dos questionários dos alunos. O teu tem números inteiros, é só um questionário por turma, e este já é uma média das respostas dos alunos a cada item do

questionário. Resultou este desenho que mostra, para já, que existe uma percepção diferente da quantidade de trabalho feito na aula, em relação a professores e alunos. Tu achas que fizeste mais do que eles acham que fizeram. De qualquer maneira, as áreas de interpretação e audição, até particularmente a audição, no caso da turma melhor, são áreas que, provavelmente, se destacam no conjunto do teu trabalho.

P11: Hum, hum, é verdade.

E: Mas, concretamente na interpretação, tu funcionas como?

P11: É como estava a dizer à bocado, depende das turmas e depende do que eu apanho e das escolas, e de saber que eles têm um trabalho já consolidado a nível do instrumento, na flauta. Quando isso acontece, aproveito e continuo. Quando isso não acontece procuro mais a parte do canto.

E: Porque também é a área em que tens mais formação?

P11: Sim, a minha formação é de canto, e pronto, e tento... quando eu percebo que a turma também responde bem em termos auditivos a isso, exploro isso. Portanto, oscila sobretudo relativamente ao canto e à flauta, basicamente, portanto, em termos da interpretação.

E: Fazes mais uma coisa ou mais outra conforme as bases que vêm de trás.

P11: Sim, sim.

E: E achas que tens instrumentos suficientes, tens os recursos necessários na sala?

P11: Eu acho que aqui esse não é o problema, a nível do 2.º ciclo. A nível do 1.º talvez seja.

E: Ok. Quanto à audição... estava a pensar que talvez estas duas áreas estejam relacionadas... É costume ouvirem aquilo que vão interpretar ou...

P11: Sim, nalgumas coisas sim.

E: Mas também fazem muita audição pela audição.

P11: Audição pela audição. Audição pela audição.

E: Com vários estilos de música?

P11: Sim. Aquilo que o livro propõe e não só, quer dizer, e depois há... O livro propõe apenas o início, eu depois procuro aprofundar, pesquisando materiais e pesquisando exemplos e trazendo exemplos que não estão no livro indicados... e que lhes dou nas aulas. E nesta escola temos a possibilidade, este ano, de usar uma boa aparelhagem, um bom projector e a ligação à Internet o que permite explorar exemplos disponíveis na

Internet sobre aquilo que o livro traz, eles vêem e ouvem e têm... tento provocar essa experiência nos miúdos.

E: Esta melhoria nos equipamentos informáticos das escolas, em especial com os quadros interactivos, vai aproximar as novas tecnologias da aula de Educação Musical?

P11: Eu acho que isso é... Quer dizer, eu acho que isso está muito pouco explorado, muito pouco explorado e acho que nós em termos gerais estamos muito pouco preparados para saber, como utilizadores, mexer nisso. Porque há uma série de coisas que falham, quer dizer, nós queremos passar um determinado ficheiro, abrir um determinado ficheiro e o formato não está no computador, portanto, aquilo não lê, e nós não conseguimos resolver com a estrutura da escola, portanto, enfim, há uma série de coisas que vão quebrando esse funcionamento que devia estar bem oleado e que devia estar sempre pronto.

E: Ou seja, são materiais de uso diário, que implicam assistência técnica e, muitas vezes, existem, mas não estão operacionais?

P11: Exacto, exacto. Portanto, aqui, eu acho que uma das coisas importantes para a música, para quem está a dar aulas de Educação Musical, é tentar dar mais importância àquilo que as TIC permitem fazer a este nível, seja como audição, neste campo de audição, que é audição e visualização, são as duas coisas associadas, não é?, a nível da experiência. A nível da teoria também, porque há uma série de recursos que estão disponíveis on-line que complementam também aquilo que vem nos manuais e, portanto... E, é assim, e aquilo que eu posso fazer na aula e aquilo que eu posso explicar na aula, os miúdos que querem, em casa, e se tiverem condições para isso, porque há muitos que têm, podem continuar em casa, e pronto, e tentar, de alguma maneira, também, dar-lhes indicações para eles, por eles, irem procurar aquilo que querem fazer.

E: Hum, hum. Agora em relação à composição. Esta é a área que tu fazes menos, quais são os problemas principais que encontras?

P11: Eu acho que é a situação mais... talvez mais difícil de conseguir porque é aquela em que toda a agitação e indisciplina interferem muito com aquilo que se pretende, com o objectivo que se pretende e, portanto, facilmente aquilo que eu iria propor cai numa situação de mal-entendido relativamente aos miúdos, eles não vão conseguir compreender aquilo que... E nesse aspecto, quer dizer, não se chega lá, porque eles não conseguem perceber aquilo que estão a fazer. E lembrando a experiência de anos

anteriores, os miúdos mais avançados, mais sólidos, consegue-se isso e eles próprios conseguem ter o prazer de experimentar e descobrir coisas novas que partem deles. Mas é preciso já uma...

E: O problema, na área de composição, tem a ver também com questões de disciplina?

P11: Sim, eu acho que sim. A questão do trabalho em grupo nessas condições, claro que não dá para trabalhar como está o ensino organizado, não é? Uma turma de 28 alunos... Ainda para mais, este ano nós temos as aulas no anfiteatro, em que eles nem sequer têm uma coisa rija para poder escrever, portanto, não se podem organizar, não se podem juntar em grupos, quer dizer...

E: Mas é essa a vossa sala?

P11: É a nossa sala de Educação Musical, que foi destinada, é o anfiteatro.

E: Mas vocês não tiveram possibilidade de fazer propostas, aquando das obras?

P11: Fizemos propostas anteriormente, antes das obras, mas só que as coisas saíram todas trocadas, aquilo que foi pedido não foi respeitado.

E: Para esses pequenos grupos a vossa sala não tem condições nenhuma.

P11: Não, eles estão sentados como se estivessem num teatro, portanto, cadeiras corridas, não é?, para poder ouvir e ver...

E: E não há espaço livre?

P11: Não, não, não. Temos apenas uma coxia.

E: Propicia uma aula muito expositiva...

P11: Muito expositiva. Muito expositiva, exactamente.

E: Pronto, há mais alguma coisa sobre composição que me queiras dizer?

P11: Acho que não.

E: Sentes falta de formação nesta área?

P11: Em termos de formação sim, eu acho que isso, aliás nessa área... de todas as áreas, não temos nenhum tipo de oferta de acções de formação, seja em que área for.

E: Aqui na nossa zona pelo menos...

P11: Aqui na nossa zona e se calhar não sei que zona é que poderá haver, mas, quer dizer, também não posso ir para o Porto fazer uma acção de formação, nem para o Algarve. Aqui não há, e eu ando à procura de formação há anos, eu ando à procura há anos e não consigo encontrar.

E: Disseste que a teoria... Como é que tu trabalhas a teoria?

P11: Hum... exponho, quer dizer... sempre com base no manual, aquilo que eles dispõem porque podem levá-lo para casa, e explico aquilo que está no livro e depois na aula tento repetir vários exemplos dentro da, do... quer dizer, se vou explicar uma figura rítmica exercitamos depois aquilo que... quer dizer, se for por exemplo a questão da armação de clave, enfim, ou uma escala, uma escala a mesma coisa, quer dizer, eu tento repetir, também, quer dizer, não tenho muita forma de poder variar aquilo que vem no livro... porque, quer dizer, a teoria depois só faz sentido se eles forem utilizar depois na prática, com uma situação prática eles tentarem resolver o problema e surgir, portanto... e aí eles podem questionar-se a si próprios o que é que aquilo quer dizer, como é que se resolve aquilo...

E: Tu relacionas muito estas duas áreas, a teoria serve as actividades de interpretação que realizas, que estão no livro também?

P11: Eu acho que é assim, a forma como eu trabalho é explicar o que vem no livro, olharmos para o livro, vermos o manual, explicar o que é que vem e depois tentar repetir várias vezes aquilo dentro da... repetir, portanto... como é que eu te hei-de explicar...

E: Para que eles interiorizem...

P11: Sim, é na repetição que eles conseguem depois pronto, perceber e melhorar.

E: Quando falas em repetição...

P11: Sim, ditados rítmicos, por exemplo, com as várias figuras, portanto, temos de fazer vários, para ter a noção da duração das notas. E depois há coisas que eu trabalho mais e outras que passo um bocado mais por cima... pronto, porque as coisas que eu passo mais por cima são as coisas que eu percebo que lhes vão fazer menos falta e não interessa estar, se calhar, a... quer dizer, eles também não vão ter muita necessidade de saber isso, não é?, portanto, não perdemos muito tempo com isso.

E: Olha, agora as experiências de aprendizagem. Que são, à parte o ir assistir a um espectáculo ou virem espectáculos à escola, são as apresentações finais de ano que se fazem, são os trabalhos de projecto que saem um bocadinho do âmbito da aula, são um conjunto de experiências diversificadas que aparecem pela primeira vez como componentes do currículo.

P11: Há sempre festas, há pelo menos três festas por ano, pelo menos aqui nesta escola. Os meus miúdos participaram no Natal e participaram na Páscoa. Com canções.

E: Como é que fizeste, puseste-os a cantar uma canção?

P11: Eu acompanho-os à guitarra e eles cantam. Têm essa experiência, pronto. E eu, pronto, posso pensar em relação a este ano, mas nos outros anos anteriores e em anos em que eu acompanhei ou que trabalhei mais na parte desta interpretação, e é uma experiência que é muito engraçada e acho que eles ficam muito marcados com isso. Este ano encontrei um miúdo já grandalhão que me disse, encontrei-o na rua, “ah, fui seu aluno, ainda me lembro das canções que aprendi consigo” e pronto. Eu lembro-me que era um miúdo que não gostava de cantar, que não gostava da música, não gostava de música, quer dizer, enfim não tinha interesse... E nós não temos essa noção, que marca os miúdos, não é? Pronto, claro que há outros que, se calhar, nos vão esquecer e nunca se vão lembrar, mas enfim há outros que não, há outros que vão ficar...

E: Mas mais facilmente se lembram dessas coisas...

P11: Sim. Outro caso, outra miúda que encontrei no Continente a trabalhar, já com vinte e tal anos agora, que ainda se lembrava de mim por causa dos ti-tis e dos tá-tás e como não gostava nada dos ti-tis e dos tá-tás, nunca mais se esqueceu. Mas para ela aquilo que guardou foi isso, quer dizer, foi essa parte que não lhe serviu para nada.

E: Não, se calhar serviu...

P11: Pelo menos para se lembrar que não gostou de música.

E: Esta diferença de quantidade de trabalho entre ti e os alunos. Os alunos dizem que fazem pouquinho, porque é que será isto?

P11: O quê?

E: Porque é que eles acham que fazem tão pouco, queriam fazer mais?

P11: Em que aspecto é que eles fazem pouco?

E: Global, não é? Quer dizer, os gráficos dos alunos são muito mais reduzidos.

P11: Se calhar é natural, não é?, os miúdos têm que ter... tem que ser só a noção da experiência, da actividade que realizam, não é? Não estão a par daquilo que está para trás... Eu acho que, se calhar, a noção que eles têm de ter sido pouco é um bocado, quer dizer... Se calhar o tempo que nós dispomos é pouco também, quer dizer, não dá para fazer mais. Ainda para mais, este ano, quer dizer, tivemos a questão, do início até Fevereiro, com a história da gripe, enfim, tínhamos que cumprir uma série de procedimentos e de regras para podermos estar a funcionar. Enfim, isso tudo faz diminuir o tempo disponível. Portanto, é difícil depois podermos fazer mais coisas.

E: Hum, hum. Olha, vamos agora ver, em cada área de competência, quais os aspectos mais e menos trabalhados... Aqui és tu e aqui são os alunos. Este quadro indica as

zonas de maior e menor actividade em cada área. Eu aqui só pus os valores extremos. Tu falas em “Cantam”, em “Cantam e tocam músicas de diferentes tipos” e “Cantam em grupo”, como os aspectos mais realizados e as outras áreas achas que se fazem menos.

P11: Hum, hum.

E: Os alunos, a turma pior, acha que “Cantam em grupo” é o que faz mais. E a turma melhor acha que é “Tocam flauta de bisel” e “Cantam”, de maneira geral.

P11: Hum, hum.

E: Aqui na flauta, a turma pior... deixa ver, 1,7, é pouco. Na turma pior tocaram pouco flauta...

P11: Tocaram pouca flauta, sim.

E: E na turma melhor acham que tocaram um bocadinho mais, 2,4.

P11: Sim.

E: E porquê?

P11: Porque é que a turma boa tocou mais flauta? Porque, se calhar, a turma má também cantou menos do que a boa e tocaram menos...

E: Mas tu dizes que ambas as turmas tocaram pouco flauta e pões mais enfoque no canto.

P11: Sim, sim.

E: Aqui, na composição, as respostas deles são muito coincidentes com as tuas. Os menos e os mais, coincidem com os teus. “Acompanham livremente uma música gravada, com a voz ou com instrumentos”, é aquilo que se propicia fazer mais vezes, na opinião de alunos e professor. E, “Compõem música”, construir músicas novas, é o que está aqui identificado como menos, tanto para ti como para os alunos.

P11: Hã... Quer dizer, a composição de uma música... nós nunca fizemos. Se a construção é interpretação...

E: Não, a ideia é os alunos inventarem qualquer coisa nova ou fazerem sugestões ao nível da composição...

P11: Quer dizer, se tivermos a cantar e um aluno resolver perguntar qualquer coisa ou tirar uma dúvida e (ri) nesse sentido pode ser uma contribuição, não é? Agora se isso depois se aplica naquilo que fazemos...

E: Está bem. De qualquer modo, tanto tu como os alunos responderam “quase nunca”.

P11: Sim, sim.

E: Agora, audição. Eles dizem que o que fazem mais é “Ouvem música”, genericamente, e menos, “Trazem música para a aula para partilhar com a turma”. E depois os valores intermédios estão muito distribuídos.

P11: Sim, sim.

E: Tu, o que dizes fazer menos é “Fazem ditados de sons”... tudo o resto faz-se quase sempre.

P11: Certo.

E: E aqui, “Trazem música para a aula para partilhar com a turma”, os alunos dizem que fazem muito pouco, mas tu achas que fazem muitas vezes...

P11: Às vezes, às vezes fazem.

E: Às vezes?

P11: Sim.

E: Mas o três é muitas vezes.

P11: Poucas vezes, muitas vezes, às vezes... olha, ficou assim no meio. Sim, eles trazem, eles trazem. Quer dizer, se calhar estes miúdos talvez não tenham trazido tanta, tantas vezes, mas muitas vezes são eles que sugerem até músicas que nós trabalhamos aqui na aula. Portanto, eu tento corresponder também, ir ao encontro daquilo que eles querem. Se tivermos que cantar ou tocar uma canção para uma festa, são eles que sugerem a canção, nunca sou eu a propor e a impor uma canção. Dentro das possibilidades, eles trazem essa proposta. E mesmo, eles não trazem música para a aula, porque muitas vezes aquilo que nós ouvimos também na aula está disponível na aula e são eles que depois escolhem a música que querem ouvir.

E: Dentro do conjunto de coisas que está no livro e que eles também têm acesso.

P11: Sim.

E: O vosso livro também tem áudio para os alunos?

P11: Tem, tem o áudio e depois tem indicações para compositores.

E: Na teoria. Na teoria, o que eles dizem mais é “Fazem testes escritos”.

P11: Testes escritos? Pois os testes escritos têm que fazer (sorri).

E: Os testes são combinados no grupo ou és tu que fazes?

P11: Cada um faz o seu teste.

E: Com que frequência?

P11: Um teste por período.

E: E fazes, porquê?

P11: Para poder ter um instrumento objectivo para quantificar aquilo que os miúdos são capazes de saber, de responder, de serem capazes, por eles sozinhos, de concretizarem por escrito. Porque é assim, pronto, é evidente que nós vamos avaliar muita coisa, não é?, os critérios de avaliação abrangem um conjunto vasto de todos os aspectos do miúdo na aula, mas, quer dizer, a parte escrita tem um peso que tem que ser preenchido.

E: E para os alunos também achas que é importante, por uma questão de auto-regulação...

P11: Sim, eu acho que sim. Eu acho que isso também pode ajudar nesse sentido.

E: E porque é que eles se focam tanto no exercício escrito?

P11: Porque é que eles se focam tanto no teste escrito?

E: Sim, sim, o que eles dizem que fazem mais é mesmo isso...

P11: Pois. Se calhar é do que eles se lembram assim mais, não é? Mas eles também fazem, fazem... eu também faço muito leitura de ritmos, não é? Isso também é uma coisa que eu faço, pronto. Faço. Faço leitura e faço ditados.

E: De maneira geral, fazes muitas vezes actividades de teoria. E os alunos também dizem que fazem um pouco de tudo.

P11: Sim.

E: Em relação às experiências de aprendizagem, já falámos antes das festas na escola... Os alunos das duas turmas dizem que o que fazem menos é “Ajudam a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola”...

P11: Sim, sim, sim.

E: E o que acham que fazem mais é “Assistem a espectáculos musicais na escola”. Faz sentido?

P11: É que a participação que eu tive não foi com estas duas turmas, foi mais com outra turma de 5.º ano. Foi essa turma que eu decidi levar a participar nas várias festas.

E: E, portanto, eles sentiram-se como assistentes?

P11: Assistentes, exactamente. Foi isso, sim. Nestas turmas foi complicado conseguir tê-los a um ponto aceitável para poder apresentar alguma coisa na festa.

E: E acabaram por não apresentar?

P11: Acabaram por não apresentar.

E: Em relação a saídas da escola vocês fizeram alguma?

P11: Bastantes. Fomos à Ópera, com a turma má, fomos à Ópera e com a turma boa não sei se fomos ou não fomos, mas saímos várias vezes. Nós saímos mais com a má, fomos à Ópera e eles adoraram aquilo... e eles portaram-se muito bem.

E: Gostaram?

P11: Foi, foi muito giro. Quer dizer, fomos ao São Carlos, isso é uma coisa que só entrar lá já foi uma experiência... Entraram, pensaram, “ah esta gente é muito rica, tudo forrado a ouro”.

E: Foi um acontecimento, só por si...

P11: Mas eu usei um estratagema que foi, resolvi oferecer uma bola a quem... sortearam a bola, não foi oferecida, eles sortearam a bola entre as pessoas da turma, mas para estar no sorteio era preciso eu não apontar sequer o dedo a ninguém, porque se eu tivesse apontado o dedo a alguém esse estava fora do sorteio.

E: Conclusão...

P11: Toda a gente (faz uma expressão de aprumo). E a bola já foi oferecida antes do Natal, no final do período, e agora está completamente escaqueirada.

E: Como deve ser. Olha P11, diz-me só uma coisa para nós acabarmos. O que é que corre bem na tua aula?... Aqueles momentos em que te sentes mesmo contente...

P11: O aspecto mais positivo, quer dizer, isso é variável consoante as turmas, consoante a escola, enfim, eu lembro-me... Tenho sempre a tendência de lembrar-me do ano anterior, estive numa escola muito diferente desta, de facto, com uns miúdos...

E: Aqui em Lisboa também?

P11: Sim, aqui perto. Pronto, e de facto é mais gratificante nesse aspecto, em termos do trabalho que tu desenvolves com os miúdos, percebes? Este ano e lembrando-me, não destas duas turmas, mas lembrando-me de outras turmas, da turma que eu levei ao espectáculo, eu acho que é muito bom sentir a curiosidade e o desejo de aprender dos miúdos e eu poder corresponder a essa expectativa. Isso é que é a coisa mais gratificante e é aquilo que, que... sei lá, que... que ajuda, quer dizer. É assim, gosto de estar com os miúdos quando isso acontece, quando eu sinto que, da parte deles, existe isso, isso é uma... é uma... é uma causa suficiente para poder... dar-me prazer em estar com eles.

E: E o que é que corre mal, o que é te desgosta?

P11: É ter os miúdos completamente dessintonizados com aquilo, pronto que... alguns dos miúdos, não é? E quando numa turma são vários, ou em número suficiente para poder inviabilizar qualquer tipo de ambiente de trabalho... Eu acho que é importante...

A escola não se pode tornar um armazém, não pode ser um armazém em que tu guardes os miúdos durante um período de tempo, que os alimentos... E eu acho que, pronto, se isso for só o que pretendem para a escola, então, quer dizer, para quê contratar pessoas com formação ou com experiência, não é preciso nada disso, não é, não é preciso. E eu acho que, nestes últimos tempos... o nosso papel tem vindo a aproximar-se mais disso e acho que estão a esvaziar completamente a escola daquilo que a escola deveria ser que é tentar fazer, criar... desejo de aprender e, para isso acontecer, haver regras para que isso... O papel principal da escola não sejam os miúdos, mas quem tem conhecimento e quem pode dar conhecimento aos outros. No dia em que são os miúdos a imporem as regras, então nós temos que sair de cena.

E: De facto, a escola é para as crianças.

P11: Claro, mas isso é uma coisa politicamente correcta mas que só vai esvaziar a escola de conteúdos, vai esvaziar a escola da sua função e vai, vai, vai... É uma falácia, é uma mentira, porque, quer dizer, depois os miúdos não sabem, que é o que a gente ouve dizer, quer dizer, que os miúdos chegam à faculdade sem saberem... nada... e na faculdade continuam na mesma... Enfim...

E: Depois de tudo o que me tens estado a dizer, e mesmo para terminar, a questão do relacionamento pessoal com os alunos, é uma questão importante para ti?

P11: Sim, sem dúvida. A relação pessoal é fundamental e eu acho que... quando há uma relação boa e quando há uma relação má. E eu acho que quando há uma relação má então as coisas... alguma coisa se passa e que tem que ser resolvida, que não depende só do professor e, portanto, tem que ser actuada, tem que ser resolvida com os alunos e com as suas famílias e com as expectativas que os alunos trazem e com os comportamentos que trazem para a escola. É assim, como é que nós podemos ter, isso é o que nós agora depois destas avaliações todas que fizemos anteontem perguntamos, quer dizer, como é que nós para o ano vamos exigir aos miúdos que estejam calados, que estejam com atenção, que se portem bem, que oiçam, que trabalhem em casa, que tragam o material, que façam isto e que façam aquilo... se neste ano que passou, aqueles que não fizeram nunca isto, passaram. Qual é o papel do professor nisto? Não é? Qual é a autoridade que o professor tem para exigir isto? Os miúdos não são parvos, não são, e, portanto, já perceberam que podem, com menos esforço, conseguir aquilo que os outros, com mais esforço, vão conseguir, que é passar. Mas nós que já sentimos isso, que somos crescidos e temos responsabilidades, não é?, e queremos que o país

tenha futuro... que futuro é que este país vai ter se o sistema de ensino apenas quer atribuir diplomas e passar e apresentar estatísticas que não têm correspondência a nível da real... E eu penso que isto o que acontece é que, quer dizer, nós estamos convencidos que isto vem a nosso favor, a favor dos professores, mas não, porque a prazo nós vamos ser dispensáveis. Não estamos aqui a fazer nada, se eles passam não sabendo, basta pôr alguém que os guarde, não é?, basta pôr um monitor que os guarde, não é preciso mais nada. E as pessoas que querem ensinar, ou que querem aprender, as pessoas que querem aprender, têm que pagar para isso e a escola pública vai ser apenas um... não sei, não sei...

E: Muito bem, P11. Mais alguma coisa?

P11: Desliga, desliga (sorri).

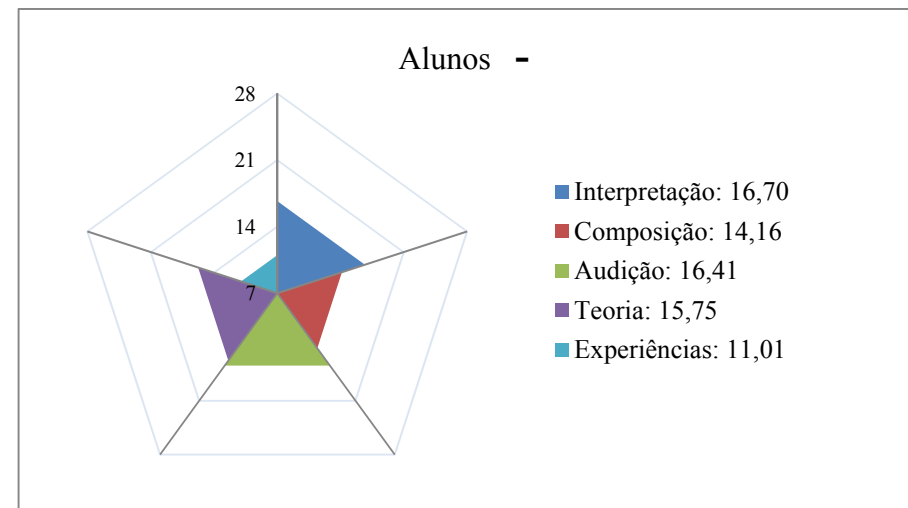
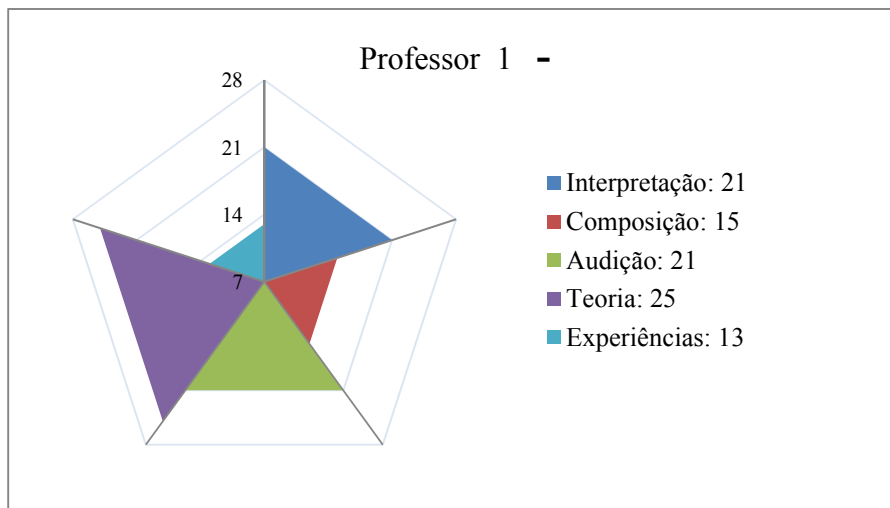
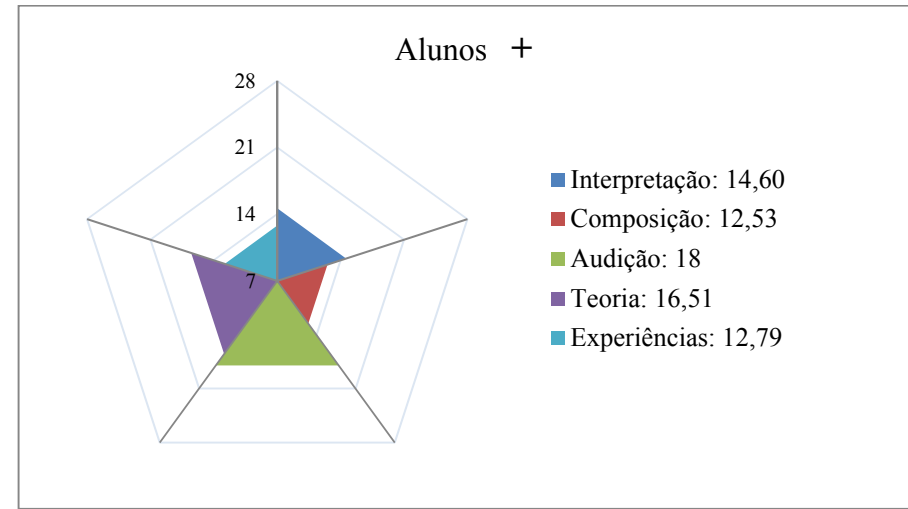
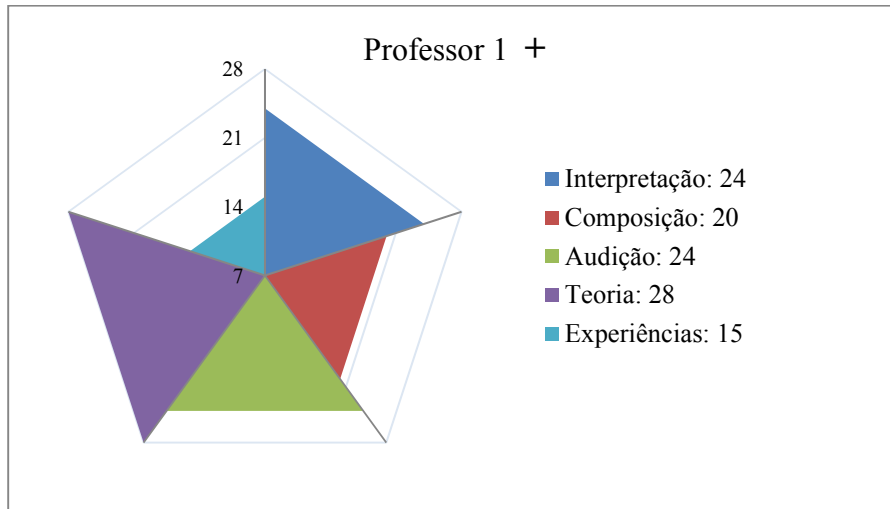
E: Ok. Muito obrigada.

4. Análise de dados

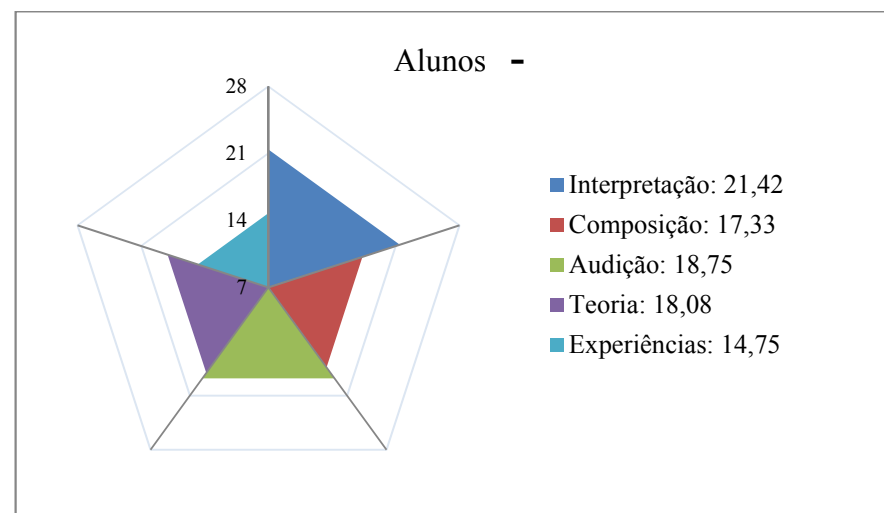
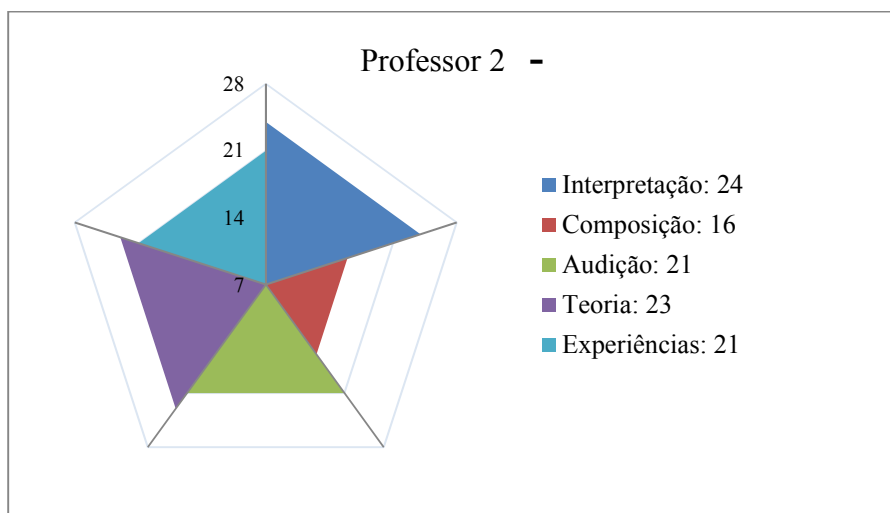
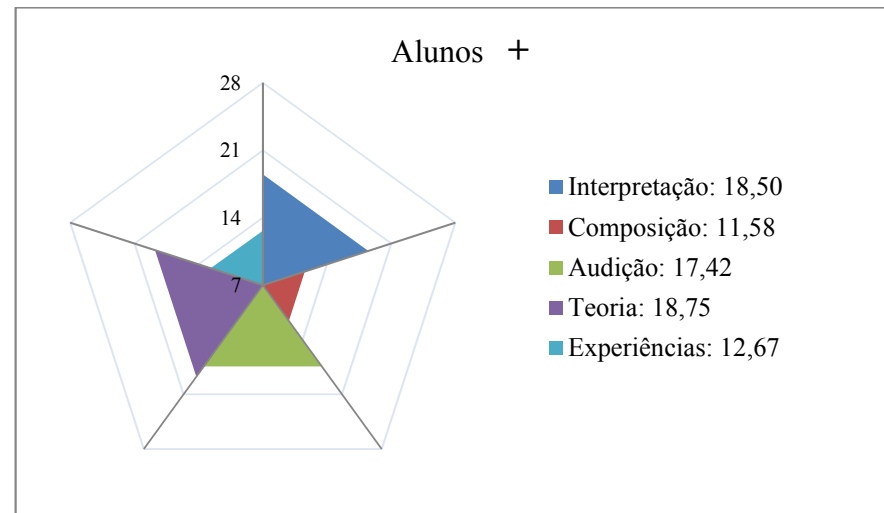
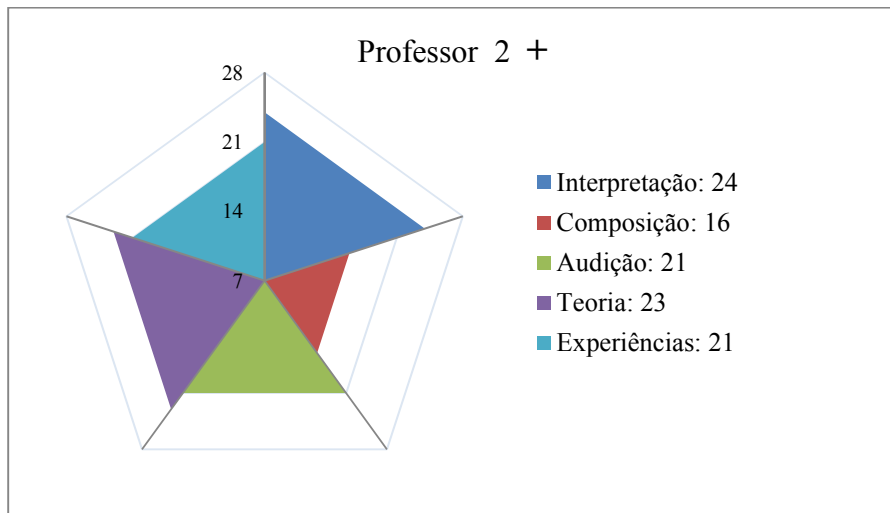
4.1 Documentos de análise preliminar dos questionários a alunos e professores

4.1.1 Gráficos de actividade musical

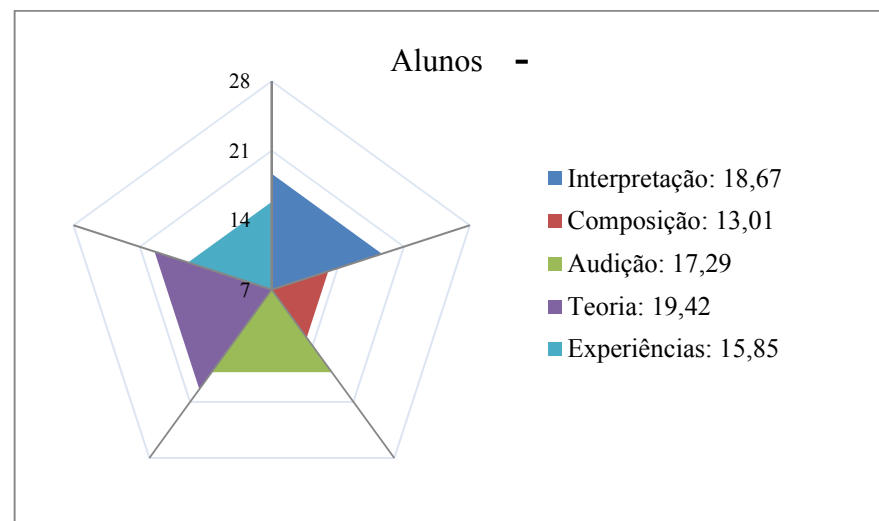
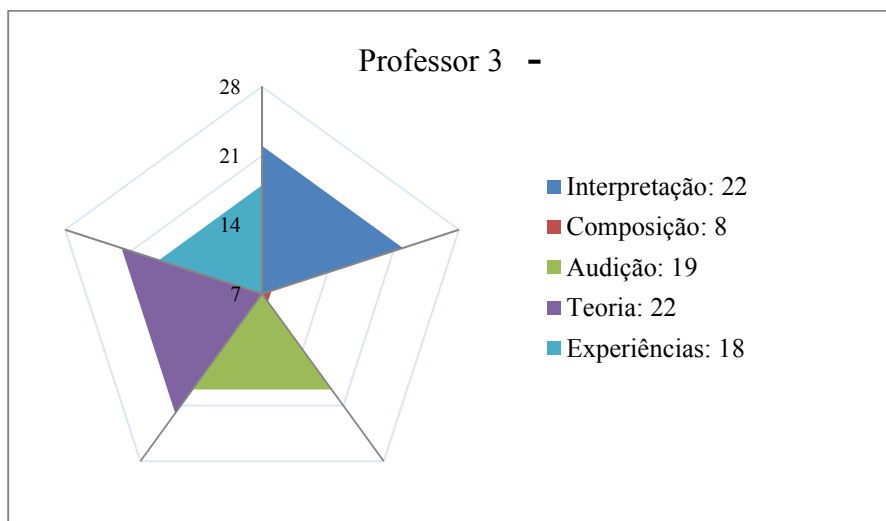
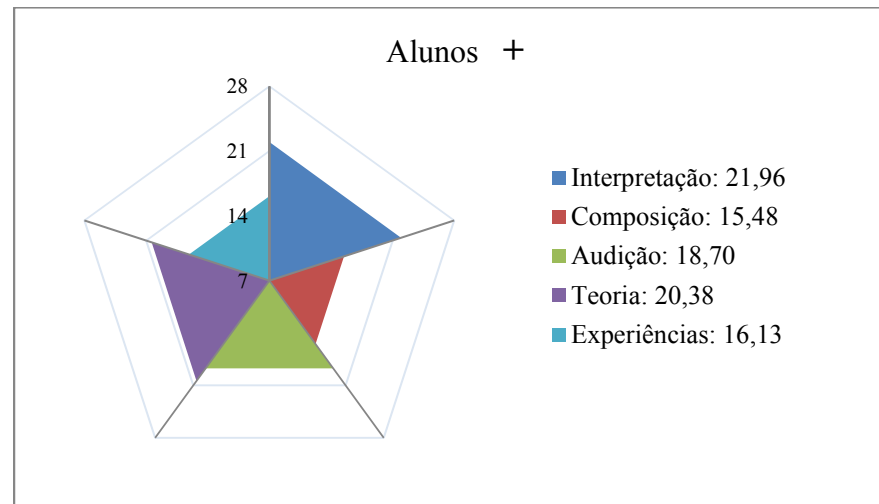
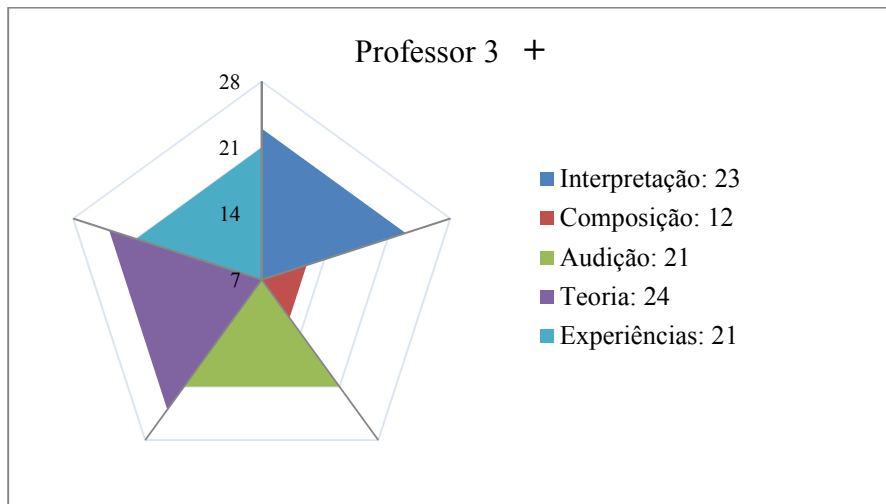
Professor 1 (P1)



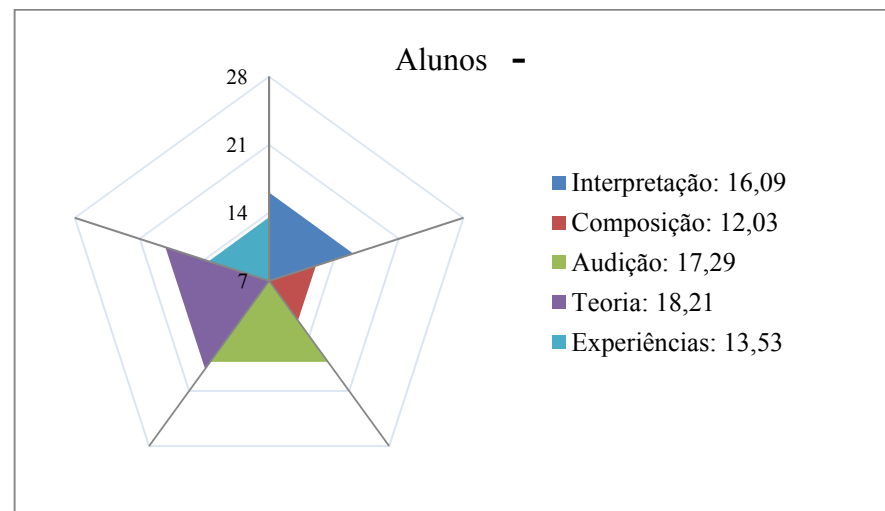
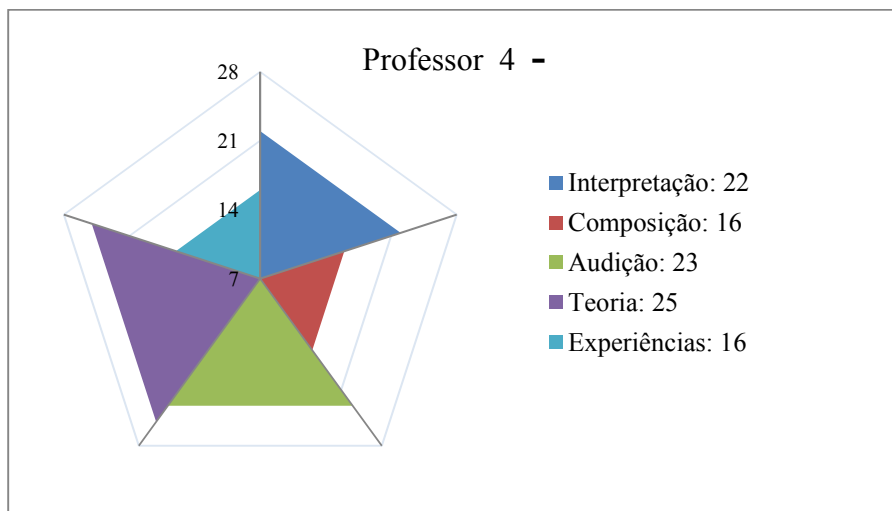
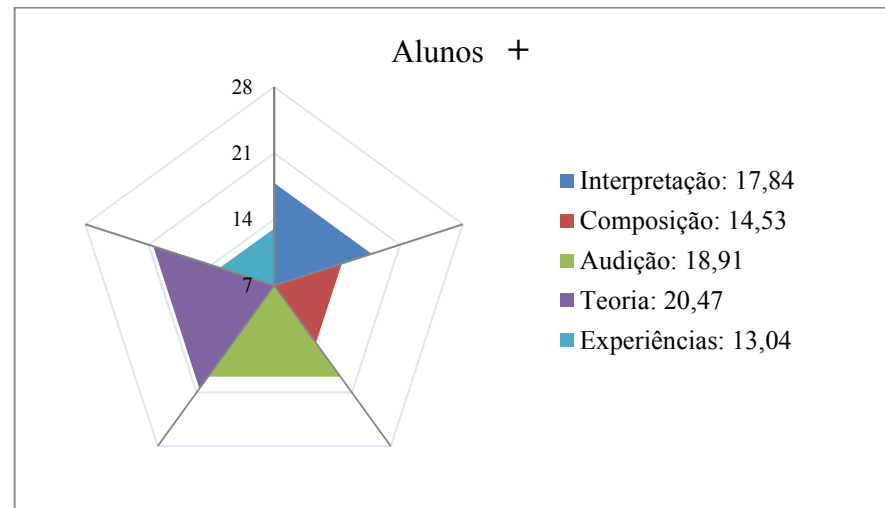
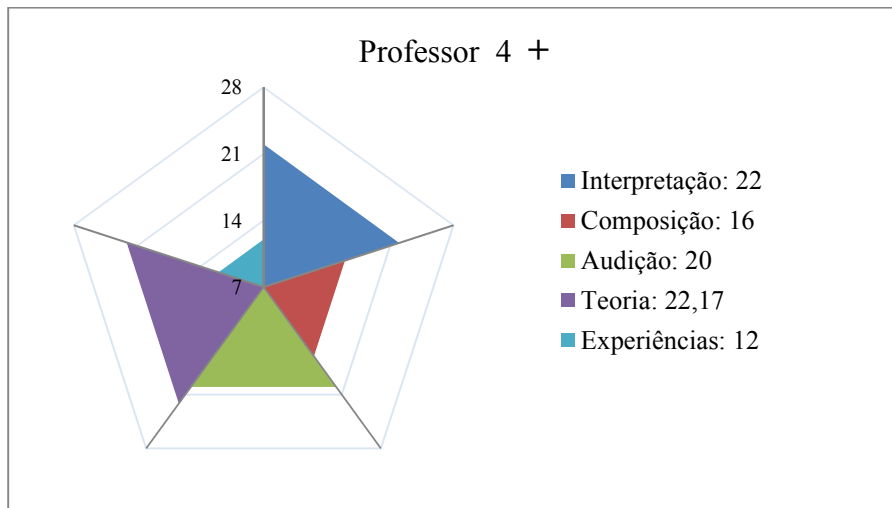
Professor 2 (P2)



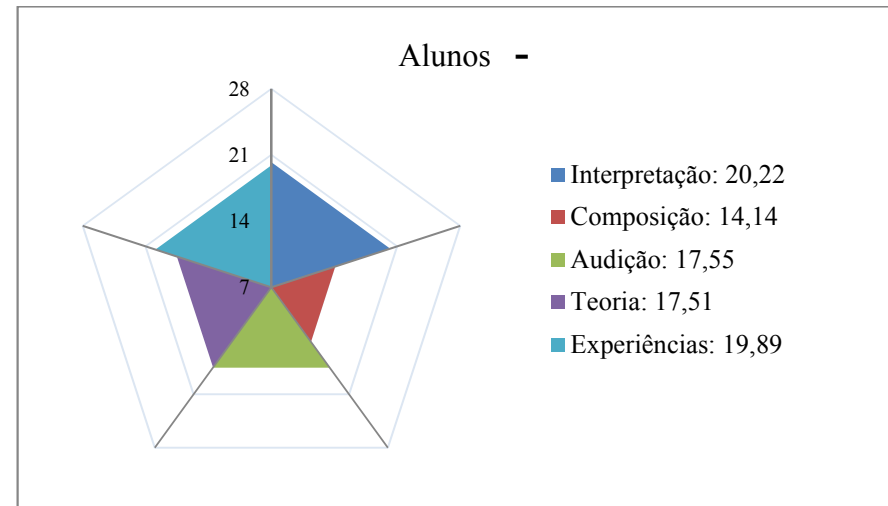
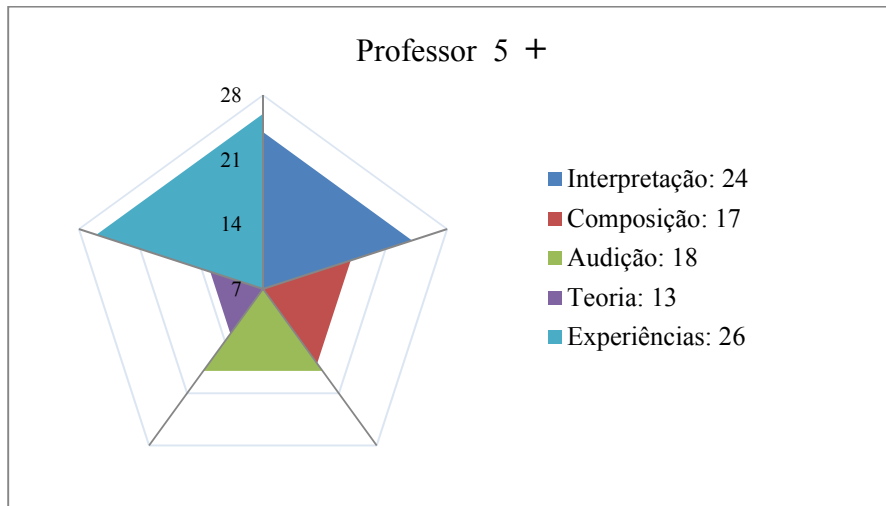
Professor 3 (P3)



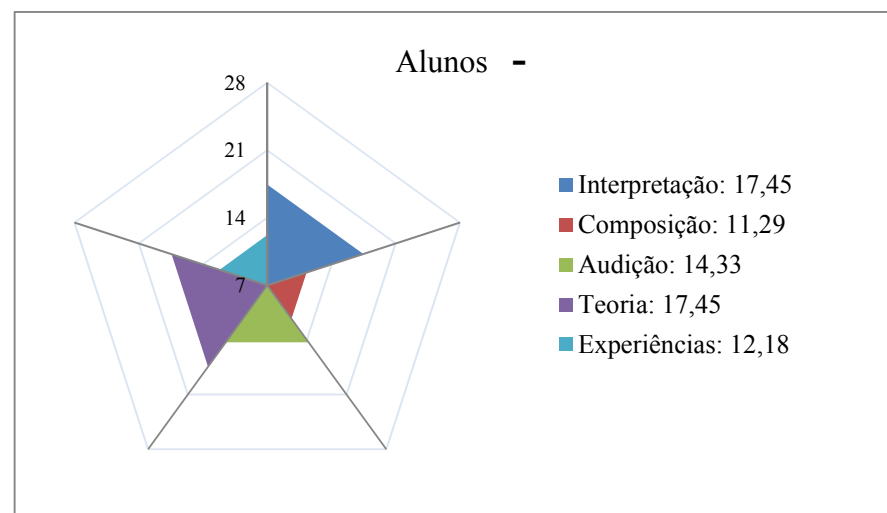
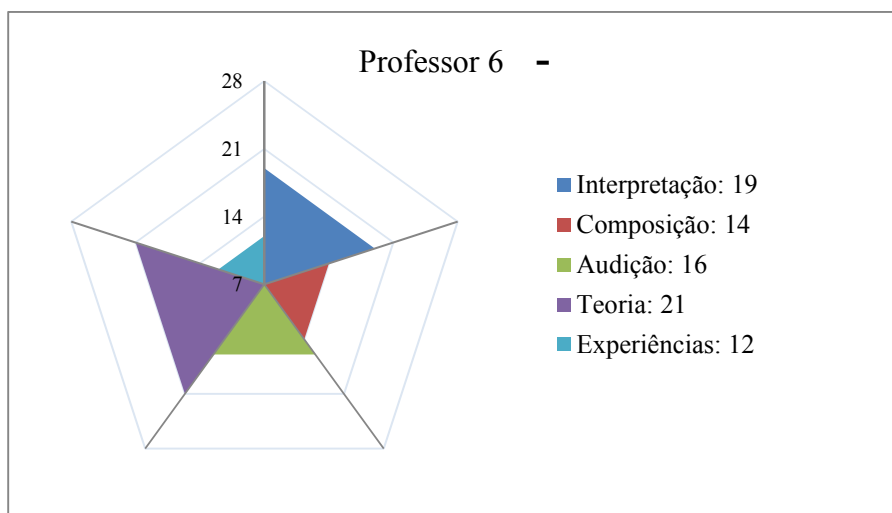
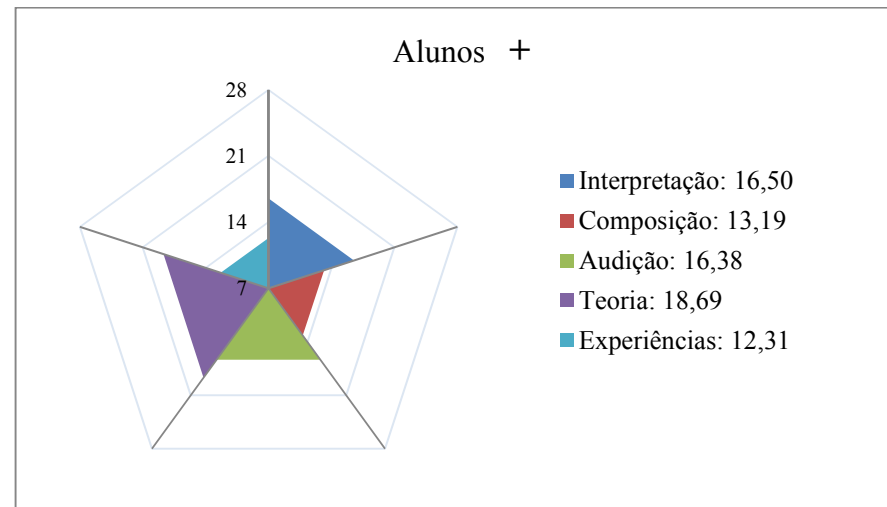
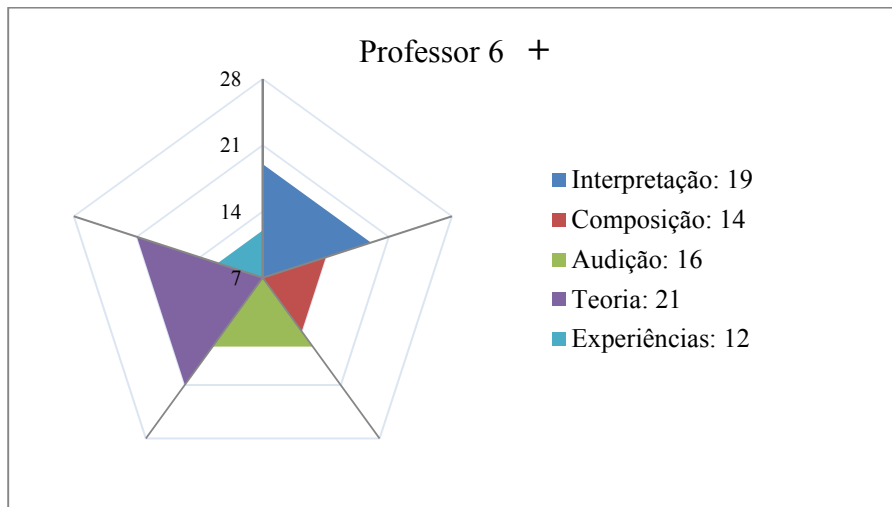
Professor 4 (P4)



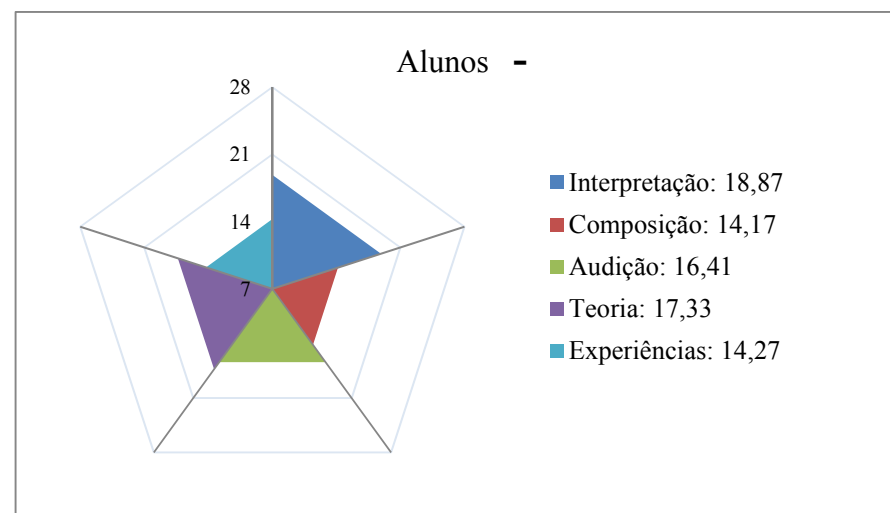
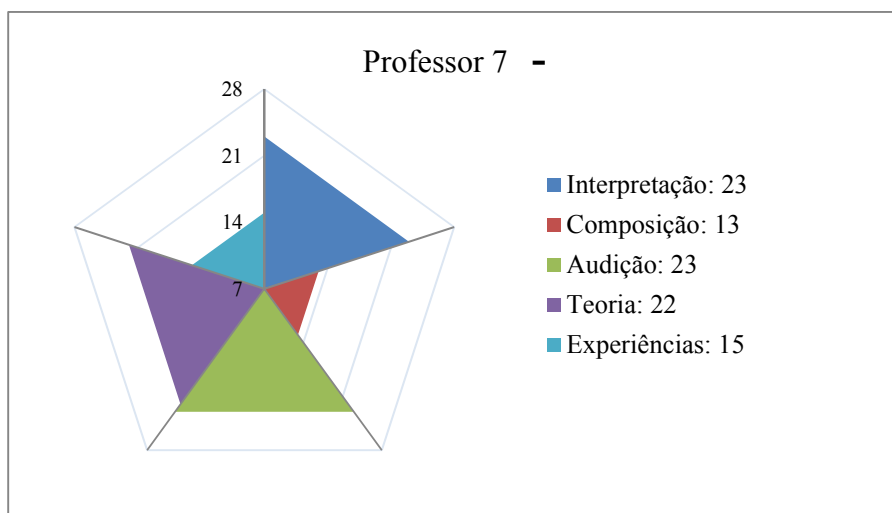
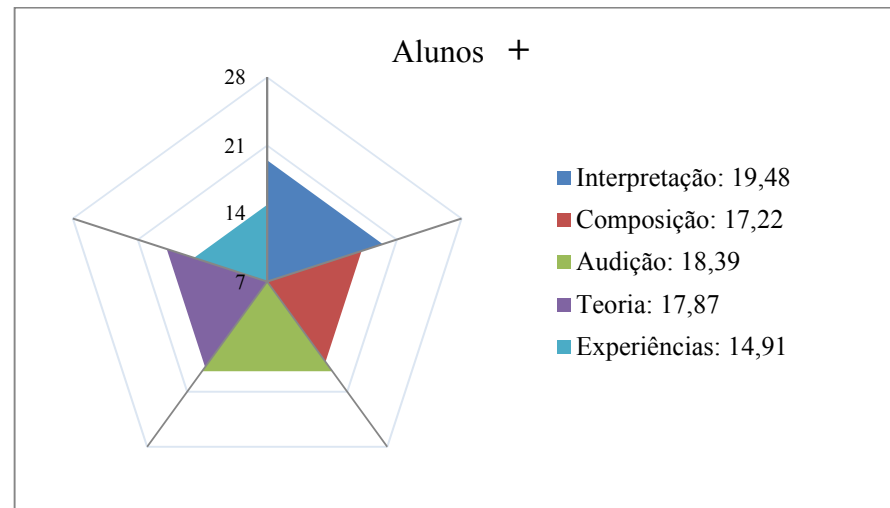
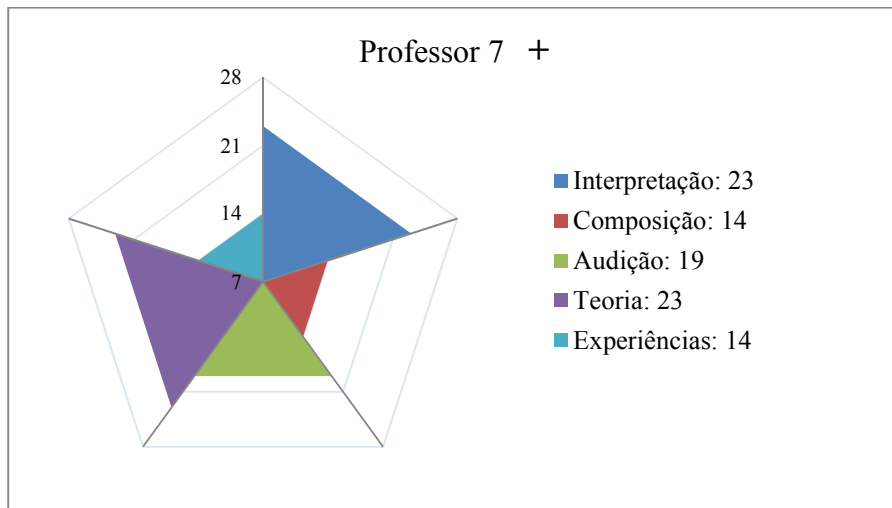
Professor 5 (P5)



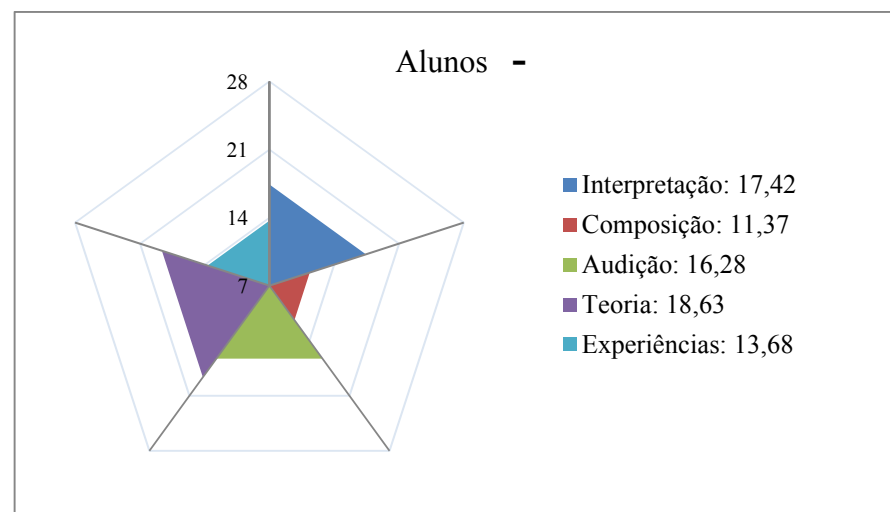
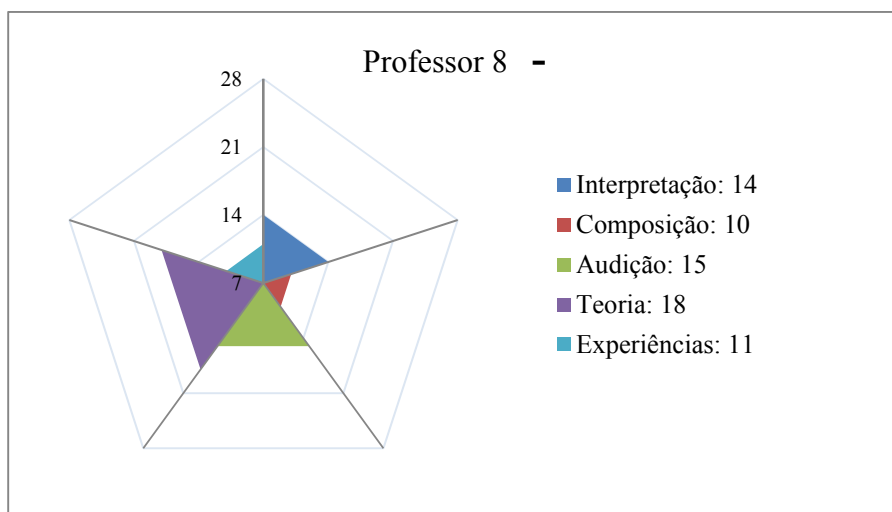
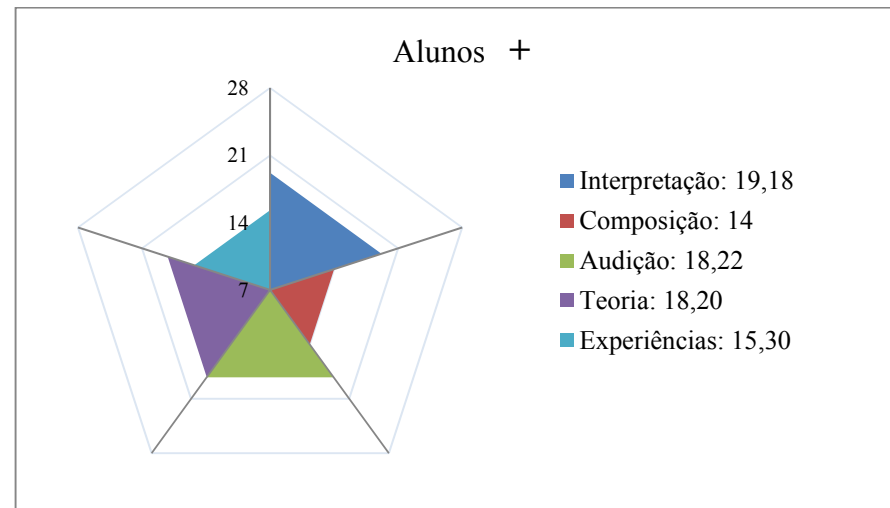
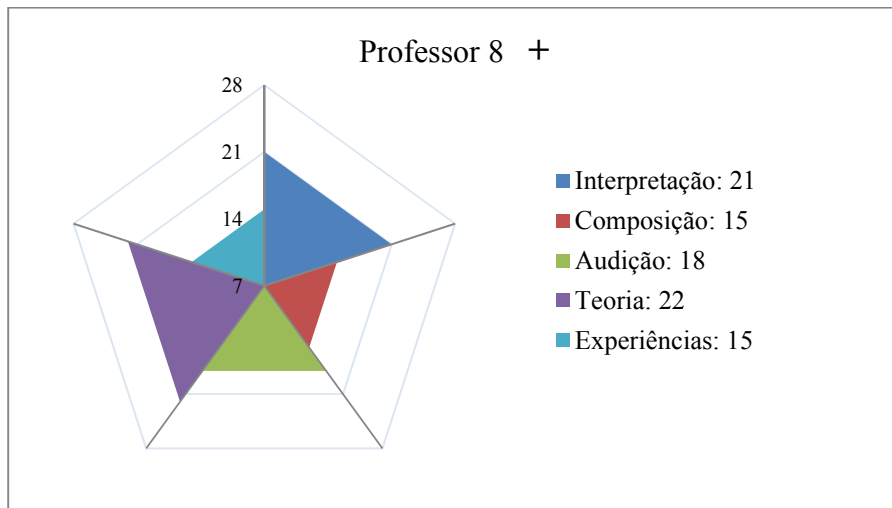
Professor 6 (P6)



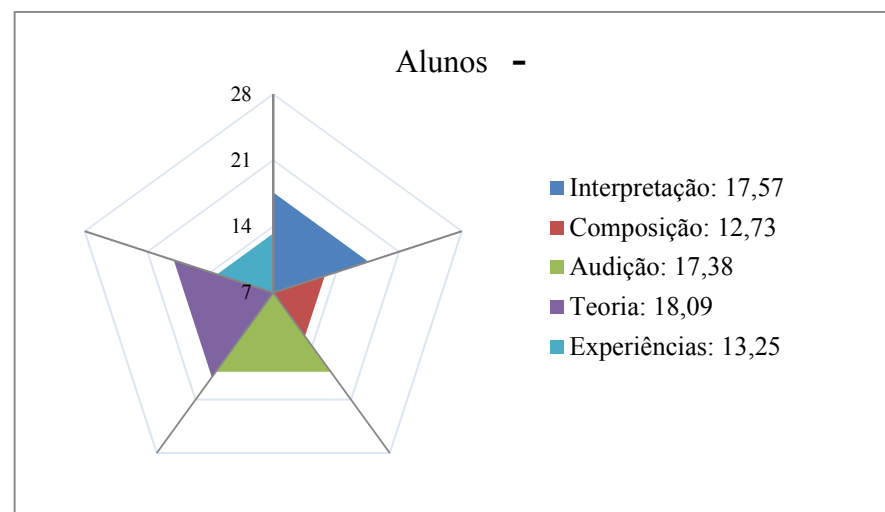
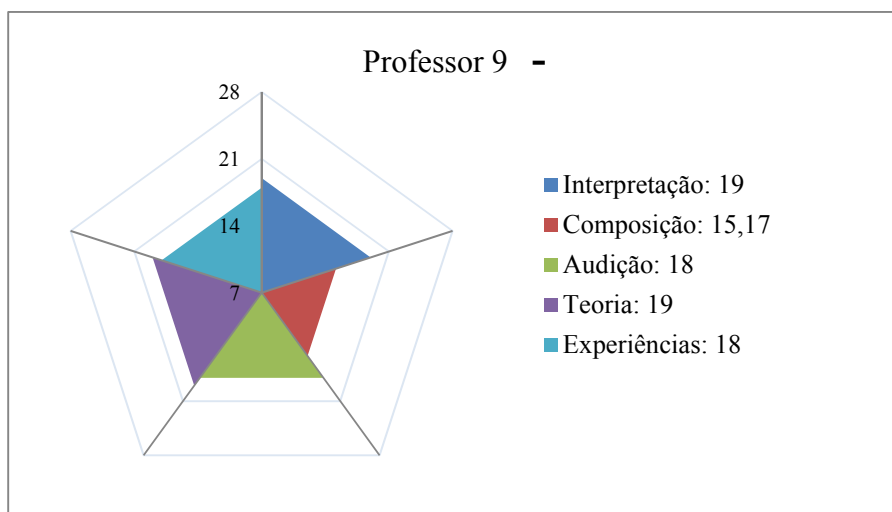
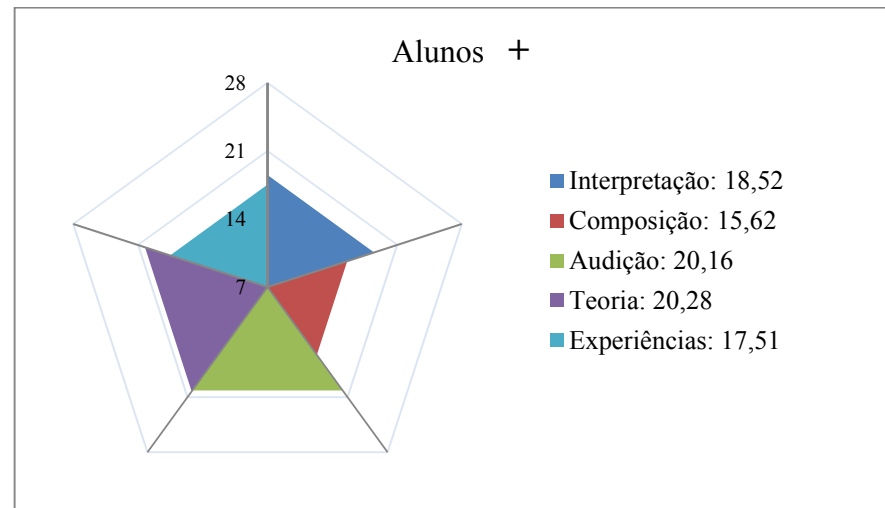
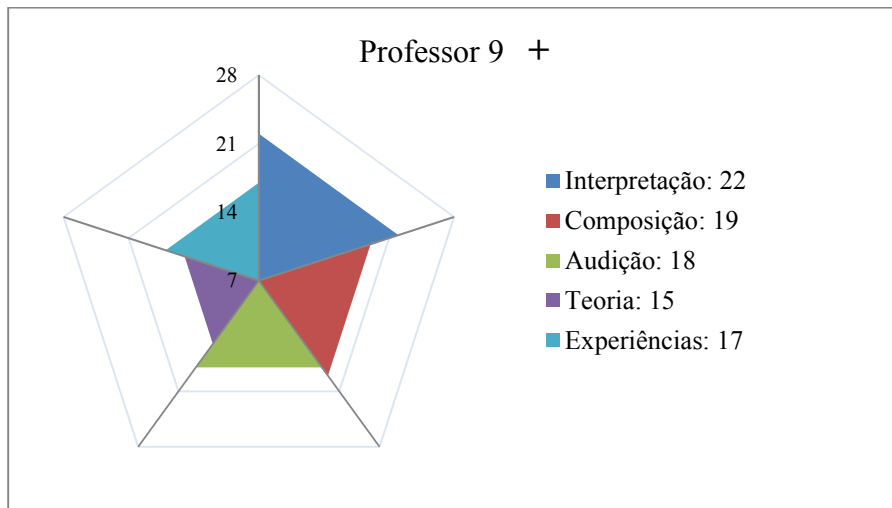
Professor 7 (P7)



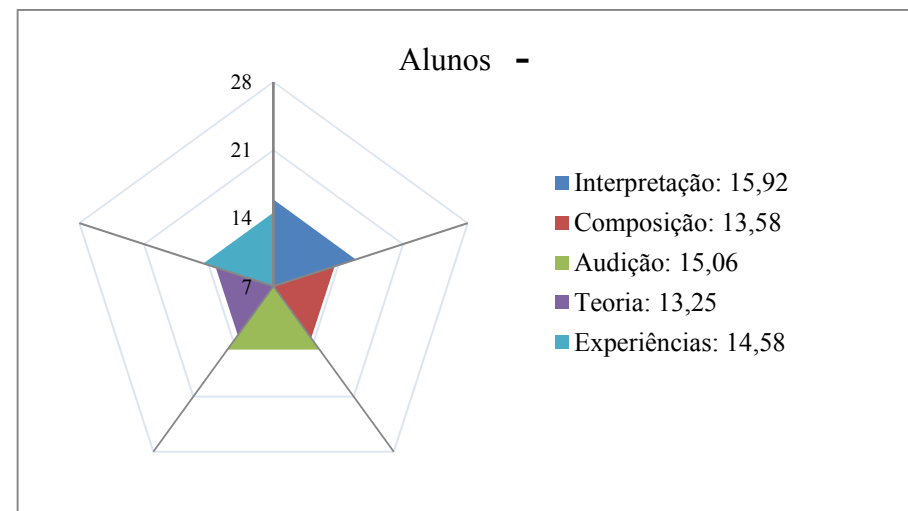
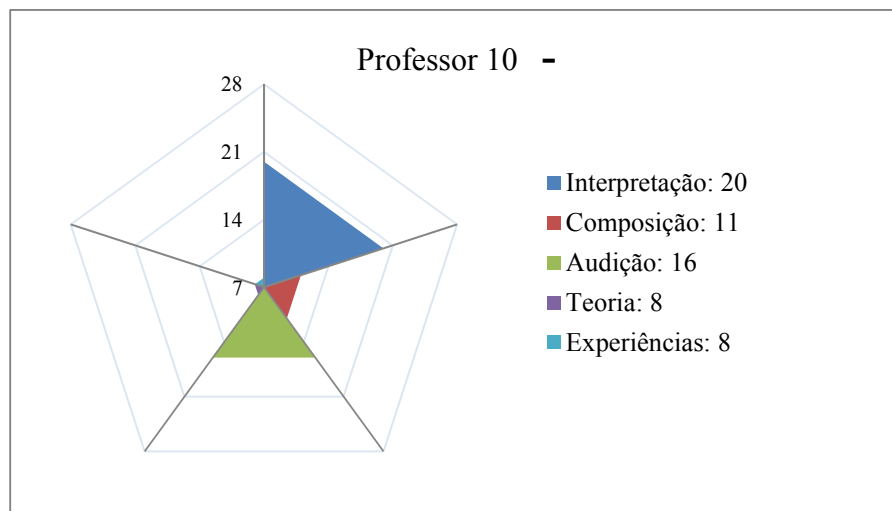
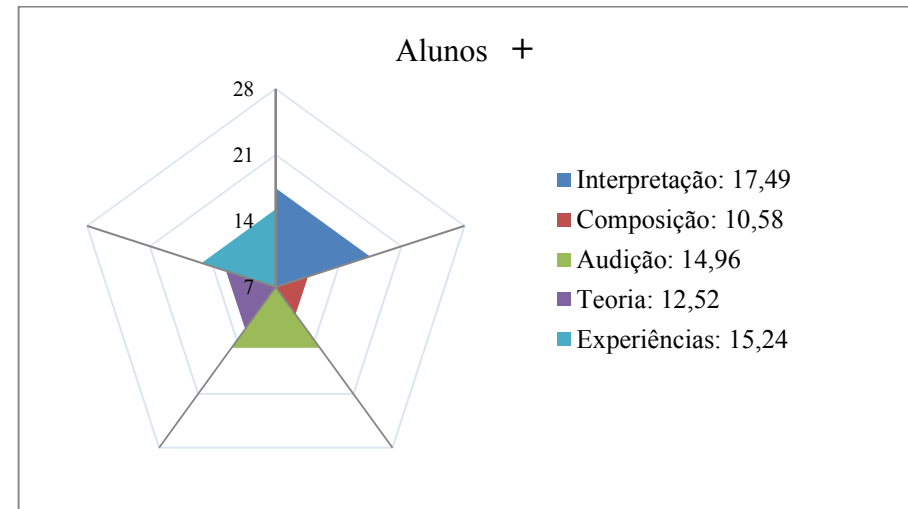
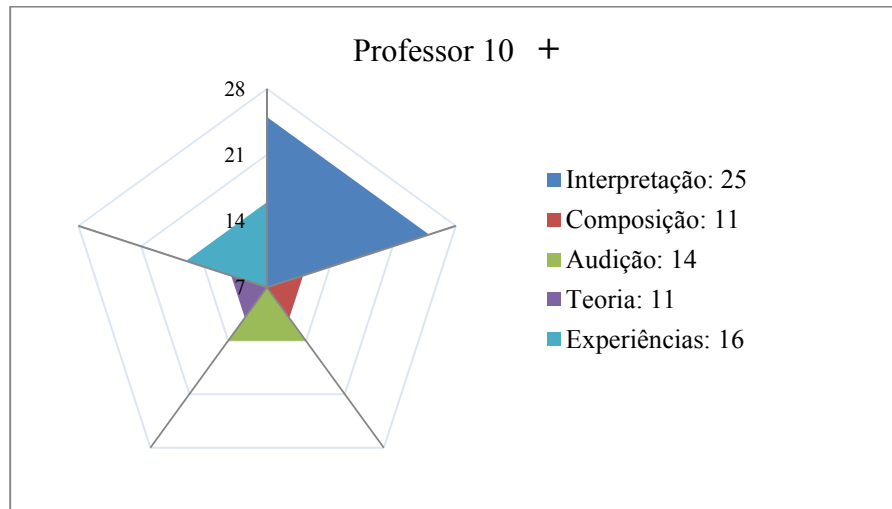
Professor 8 (P8)



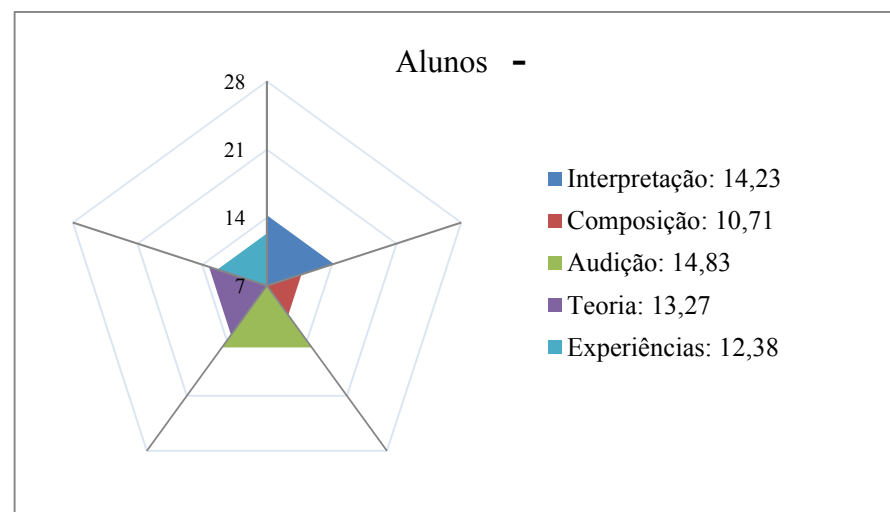
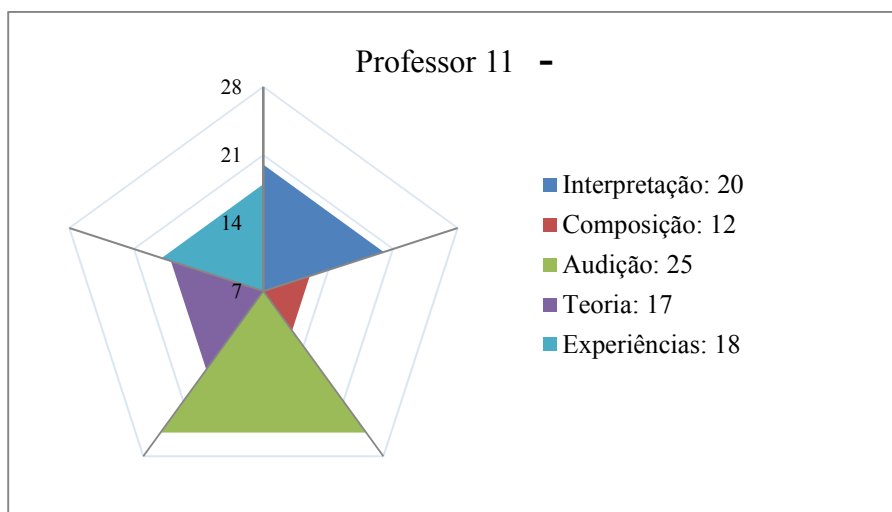
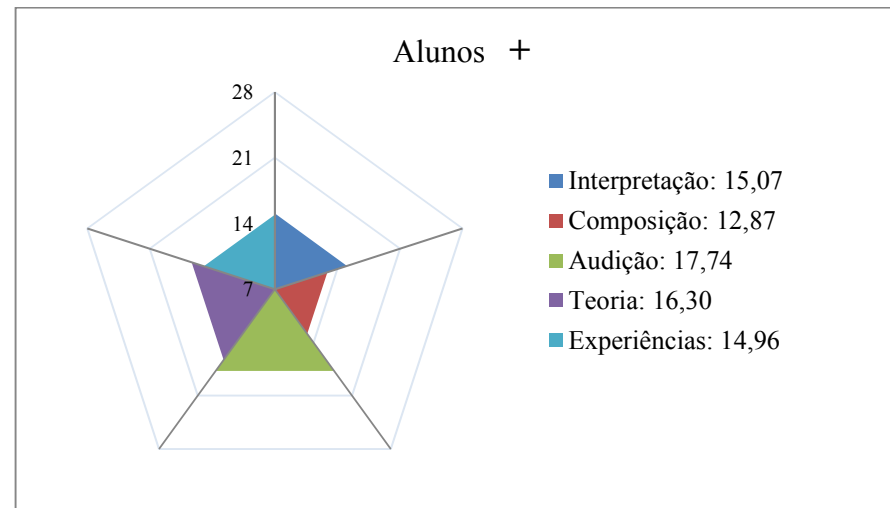
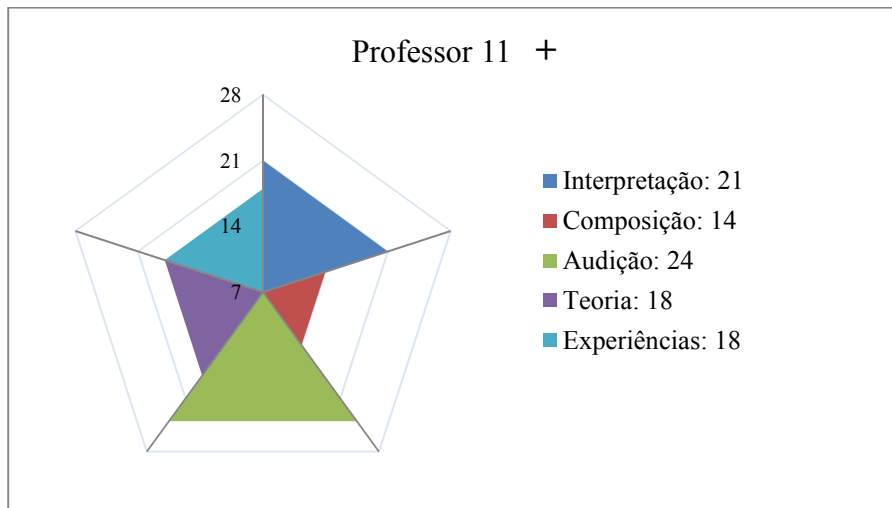
Professor 9 (P9)



Professor 10 (P10)



Professor 11 (P11)



4.1.2 Tabela de frequência de actividades musicais

Professor 1							
1 - quase nunca		2 - poucas vezes		3 - muitas vezes		4 - quase sempre	
		■ – valores mais altos		■ – valores mais baixos			
ÁREAS	PRÁTICAS MUSICAIS	P +	A +	P -	A -		
INTERPRETAÇÃO	1 - Cantar	4	2,5	4	2,6		
	6 - Tocar instrumentos musicais	3	1,3	2	2,2		
	11 - Cantar e tocar músicas de diferentes tipos	4	1,9	3	2,4		
	16 - Cantar em grupo	4	2,4	4	2,5		
	21 - Cantar individualmente	3	2,3	3	2,3		
	26 - Tocar flauta de bisel	3	2,4	3	2,8		
	31 - Tocar instrumentos da sala de aula (xilofone, clavas, maracas, triângulo...)	3	1,5	2	1,6		
COMPOSIÇÃO	2 - Compor música, ou seja, inventar músicas novas	3	1,3	1	1,7		
	7 - Inventar ritmos para acompanhar músicas	3	1,8	2	2		
	12 - Criar música livremente, com a voz ou com instrumentos	3	2,1	2	2,2		
	17 - Criar letras para músicas existentes ou inventar músicas novas para textos	2	1,5	2	1,7		
	22 - Contribuir com ideias pessoais para a construção de uma música	3	1,7	2	1,9		
	27 - Inventar músicas em grupo	2	1,5	2	1,7		
	32 – Acompanhar livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos	4	2,3	4	2,6		
AUDIÇÃO	3 - Ouvir música	4	3,6	4	3,2		
	8 - Ouvir música de vários tipos	4	3,4	3	2,8		
	13 - Ouvir e analisar músicas	3	2,5	2	2,3		
	18 - Fazer ditados rítmicos	4	2,1	4	2,3		
	23 - Fazer ditados de sons (melódicos)	3	2,4	3	1,8		
	28 - Ouvir e identificar instrumentos na música	4	2,5	4	2,3		
	33 - Trazer música para a aula para partilhar com a turma	2	1,2	1	1,3		
TEORIA	4 - Realizar actividades de leitura musical	4	2	4	2,3		
	9 - Realizar actividades de escrita musical	4	2,1	3	2		
	14 - Copiar músicas para as pautas do caderno diário	4	2,4	3	2,3		
	19 - Fazer exercícios de leitura de notas musicais	4	2,3	4	2,1		
	24 - Fazer exercícios de leitura de ritmos	4	2	4	1,9		
	29 - Fazer exercícios de caligrafia musical	4	2,2	4	1,7		
	34 - Fazer testes escritos	4	3,2	3	3,1		
EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	5 - Ajudar a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola	3	1,1	3	1,3		
	10 - Realizar projectos em colaboração com outras disciplinas	2	1,8	2	1,6		
	15 - Assistir a espectáculos musicais na escola	2	1,8	1	1,6		
	20 - Realizar trabalhos de projecto com a intervenção da música	3	1,9	3	1,5		
	25 - Assistir a espectáculos musicais fora da escola	1	2,3	1	1,7		
	30 - Participar em actuações musicais nas comemorações e festas da escola	1	1,5	1	1,5		
	35 - Realizar trabalhos de pesquisa sobre música	3	2,2	2	1,6		

Professor 2							
1 - quase nunca		2 - poucas vezes		3 - muitas vezes		4 - quase sempre	
■ – valores mais altos		■ – valores mais baixos					
ÁREAS	PRÁTICAS MUSICAIS	P +	A +	P -	A -		
INTERPRETAÇÃO	1 - Cantar	3	1,7	3	2,9		
	6 - Tocar instrumentos musicais	4	3,5	4	3,6		
	11 - Cantar e tocar músicas de diferentes tipos	4	2,5	4	3,3		
	16 - Cantar em grupo	3	1,6	3	2,5		
	21 - Cantar individualmente	2	1,5	2	2,4		
	26 - Tocar flauta de bisel	4	4	4	3,5		
	31 - Tocar instrumentos da sala de aula (xilofone, clavas, maracas, triângulo...)	4	3,5	4	3		
COMPOSIÇÃO	2 - Compor música, ou seja, inventar músicas novas	1	1,2	1	2,2		
	7 - Inventar ritmos para acompanhar músicas	2	2,1	2	2,5		
	12 - Criar música livremente, com a voz ou com instrumentos	2	1,5	2	2,5		
	17 - Criar letras para músicas existentes ou inventar músicas novas para textos	2	1,5	2	2,3		
	22 - Contribuir com ideias pessoais para a construção de uma música	3	1,4	3	2,5		
	27 - Inventar músicas em grupo	2	1,3	2	2		
	32 - Acompanhar livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos	4	2,3	4	3		
AUDIÇÃO	3 - Ouvir música	3	3,3	3	3,5		
	8 - Ouvir música de vários tipos	4	3,3	4	3,5		
	13 - Ouvir e analisar músicas	3	2,6	3	3		
	18 - Fazer ditados rítmicos	2	2,1	2	1,9		
	23 - Fazer ditados de sons (melódicos)	2	1,6	2	2,1		
	28 - Ouvir e identificar instrumentos na música	4	3,1	4	3		
	33 - Trazer música para a aula para partilhar com a turma	3	1	3	1,4		
TEORIA	4 - Realizar actividades de leitura musical	4	2,7	4	3		
	9 - Realizar actividades de escrita musical	3	2	3	2,6		
	14 - Copiar músicas para as pautas do caderno diário	3	2,7	3	3		
	19 - Fazer exercícios de leitura de notas musicais	3	2,6	3	2,5		
	24 - Fazer exercícios de leitura de ritmos	3	2,7	3	2		
	29 - Fazer exercícios de caligrafia musical	3	2,6	3	1,8		
	34 - Fazer testes escritos	4	3	4	3		
EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	5 - Ajudar a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola	4	1,8	4	2		
	10 - Realizar projectos em colaboração com outras disciplinas	2	1,9	2	1,9		
	15 - Assistir a espectáculos musicais na escola	3	1,7	3	2		
	20 - Realizar trabalhos de projecto com a intervenção da música	2	2	2	2,4		
	25 - Assistir a espectáculos musicais fora da escola	3	1,8	3	2,4		
	30 - Participar em actuações musicais nas comemorações e festas da escola	4	1,5	4	1,9		
	35 - Realizar trabalhos de pesquisa sobre música	3	1,6	3	1,9		

Professor 3							
1 - quase nunca		2 - poucas vezes		3 - muitas vezes		4 - quase sempre	
■ – valores mais altos ■ – valores mais baixos							
ÁREAS	PRÁTICAS MUSICAIS	P +	A +	P -	A -		
INTERPRETAÇÃO	1 - Cantar	3	3,2	3	2,7		
	6 - Tocar instrumentos musicais	4	2,8	4	2,7		
	11 - Cantar e tocar músicas de diferentes tipos	3	3	3	2,6		
	16 - Cantar em grupo	4	3,3	4	3		
	21 - Cantar individualmente	2	2,5	2	1,8		
	26 - Tocar flauta de bisel	4	3,6	3	3,3		
	31 - Tocar instrumentos da sala de aula (xilofone, clavas, maracas, triângulo...)	3	3,2	3	2,3		
COMPOSIÇÃO	2 - Compor música, ou seja, inventar músicas novas	1	1,6	1	1,5		
	7 - Inventar ritmos para acompanhar músicas	3	2,6	2	2,1		
	12 - Criar música livremente, com a voz ou com instrumentos	2	2,4	1	1,8		
	17 - Criar letras para músicas existentes ou inventar músicas novas para textos	1	1,6	1	1,4		
	22 - Contribuir com ideias pessoais para a construção de uma música	1	1,9	1	1,7		
	27 - Inventar músicas em grupo	2	1,8	1	1,5		
	32 - Acompanhar livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos	2	3,3	1	2,6		
AUDIÇÃO	3 - Ouvir música	4	3,5	4	3,6		
	8 - Ouvir música de vários tipos	4	3,4	4	3,3		
	13 - Ouvir e analisar músicas	3	3,2	2	2,5		
	18 - Fazer ditados rítmicos	2	2,1	2	1,8		
	23 - Fazer ditados de sons (melódicos)	2	1,9	2	1,9		
	28 - Ouvir e identificar instrumentos na música	4	3,1	3	3		
	33 - Trazer música para a aula para partilhar com a turma	2	1,1	2	1,1		
TEORIA	4 - Realizar actividades de leitura musical	4	3	3	2,4		
	9 - Realizar actividades de escrita musical	3	2,5	3	2,6		
	14 - Copiar músicas para as pautas do caderno diário	3	3,5	3	3,4		
	19 - Fazer exercícios de leitura de notas musicais	4	3	3	2,8		
	24 - Fazer exercícios de leitura de ritmos	3	2,7	3	2,3		
	29 - Fazer exercícios de caligrafia musical	4	2,2	4	2,5		
	34 - Fazer testes escritos	3	3,3	3	3,1		
EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	5 - Ajudar a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola	4	2	4	2,2		
	10 - Realizar projectos em colaboração com outras disciplinas	2	2	1	2,1		
	15 - Assistir a espectáculos musicais na escola	4	2,5	4	2,6		
	20 - Realizar trabalhos de projecto com a intervenção da música	2	2,1	2	1,9		
	25 - Assistir a espectáculos musicais fora da escola	2	1,5	1	1,5		
	30 - Participar em actuações musicais nas comemorações e festas da escola	4	3	4	2,7		
	35 - Realizar trabalhos de pesquisa sobre música	3	2,8	2	2,5		

Professor 4							
1 - quase nunca		2 - poucas vezes		3 - muitas vezes		4 - quase sempre	
		■ – valores mais altos		■ – valores mais baixos			
ÁREAS	PRÁTICAS MUSICAIS	P +	A +	P -	A -		
INTERPRETAÇÃO	1 - Cantar	4	1,7	2	1,6		
	6 - Tocar instrumentos musicais	4	3,2	4	2,8		
	11 - Cantar e tocar músicas de diferentes tipos	4	2,5	4	2		
	16 - Cantar em grupo	4	2,1	4	1,8		
	21 - Cantar individualmente	1	1,7	1	1,3		
	26 - Tocar flauta de bisel	3	3,5	3	3,6		
	31 - Tocar instrumentos da sala de aula (xilofone, clavas, maracas, triângulo...)	2	2,7	4	2,9		
COMPOSIÇÃO	2 - Compor música, ou seja, inventar músicas novas	2	1,6	2	1,3		
	7 - Inventar ritmos para acompanhar músicas	3	3	3	2,5		
	12 - Criar música livremente, com a voz ou com instrumentos	2	2,1	2	1,5		
	17 - Criar letras para músicas existentes ou inventar músicas novas para textos	1	1,6	1	1,2		
	22 - Contribuir com ideias pessoais para a construção de uma música	3	1,7	2	1,5		
	27 - Inventar músicas em grupo	2	1,7	2	1,5		
	32 - Acompanhar livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos	3	2,5	4	2,4		
AUDIÇÃO	3 - Ouvir música	4	3,3	4	3,8		
	8 - Ouvir música de vários tipos	3	3,3	3	3,4		
	13 - Ouvir e analisar músicas	4	2,8	4	2,5		
	18 - Fazer ditados rítmicos	2	2,6	4	1,6		
	23 - Fazer ditados de sons (melódicos)	2	1,8	2	1,8		
	28 - Ouvir e identificar instrumentos na música	3	3,3	4	2,5		
	33 - Trazer música para a aula para partilhar com a turma	2	1,5	2	1,5		
TEORIA	4 - Realizar actividades de leitura musical	3	2,8	3	2,4		
	9 - Realizar actividades de escrita musical	3	2,8	3	2,4		
	14 - Copiar músicas para as pautas do caderno diário	3	3,3	4	3,3		
	19 - Fazer exercícios de leitura de notas musicais	3	3	4	2,6		
	24 - Fazer exercícios de leitura de ritmos	3	2,7	3	2,4		
	29 - Fazer exercícios de caligrafia musical	3	2,7	4	1,8		
	34 - Fazer testes escritos	4	2,9	4	3,2		
EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	5 - Ajudar a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola	2	1,3	1	1,4		
	10 - Realizar projectos em colaboração com outras disciplinas	2	2	2	1,8		
	15 - Assistir a espectáculos musicais na escola	2	2,2	4	2		
	20 - Realizar trabalhos de projecto com a intervenção da música	2	1,7	1	2		
	25 - Assistir a espectáculos musicais fora da escola	1	1,8	2	1,8		
	30 - Participar em actuações musicais nas comemorações e festas da escola	1	1,5	2	2		
	35 - Realizar trabalhos de pesquisa sobre música	2	2,2	4	2,3		

Professor 5							
1 - quase nunca		2 - poucas vezes		3 - muitas vezes		4 - quase sempre	
■ – valores mais altos ■ – valores mais baixos							
ÁREAS	PRÁTICAS MUSICAIS	P +	A +	P -	A -		
INTERPRETAÇÃO	1 - Cantar	4	3				
	6 - Tocar instrumentos musicais	3	3,1				
	11 - Cantar e tocar músicas de diferentes tipos	4	3,1				
	16 - Cantar em grupo	4	3,1				
	21 - Cantar individualmente	2	1,8				
	26 - Tocar flauta de bisel	4	3,5				
	31 - Tocar instrumentos da sala de aula (xilofone, clavas, maracas, triângulo...)	3	2,3				
COMPOSIÇÃO	2 - Compor música, ou seja, inventar músicas novas	2	1,7				
	7 - Inventar ritmos para acompanhar músicas	3	2				
	12 - Criar música livremente, com a voz ou com instrumentos	2	1,8				
	17 - Criar letras para músicas existentes ou inventar músicas novas para textos	2	1,7				
	22 - Contribuir com ideias pessoais para a construção de uma música	3	1,8				
	27 - Inventar músicas em grupo	2	1,9				
	32 - Acompanhar livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos	3	2,9				
AUDIÇÃO	3 - Ouvir música	4	3,5				
	8 - Ouvir música de vários tipos	4	3,2				
	13 - Ouvir e analisar músicas	3	2,7				
	18 - Fazer ditados rítmicos	1	1,7				
	23 - Fazer ditados de sons (melódicos)	1	1,9				
	28 - Ouvir e identificar instrumentos na música	3	3				
	33 - Trazer música para a aula para partilhar com a turma	2	1,1				
TEORIA	4 - Realizar actividades de leitura musical	3	2,9				
	9 - Realizar actividades de escrita musical	3	2,5				
	14 - Copiar músicas para as pautas do caderno diário	2	3,1				
	19 - Fazer exercícios de leitura de notas musicais	1	2,7				
	24 - Fazer exercícios de leitura de ritmos	2	2				
	29 - Fazer exercícios de caligrafia musical	1	2,1				
	34 - Fazer testes escritos	1	1,9				
EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	5 - Ajudar a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola	4	2,8				
	10 - Realizar projectos em colaboração com outras disciplinas	4	2,4				
	15 - Assistir a espectáculos musicais na escola	3	3				
	20 - Realizar trabalhos de projecto com a intervenção da música	4	2,9				
	25 - Assistir a espectáculos musicais fora da escola	3	2				
	30 - Participar em actuações musicais nas comemorações e festas da escola	4	3				
	35 - Realizar trabalhos de pesquisa sobre música	4	3,5				

Professor 6							
1 - quase nunca		2 - poucas vezes		3 - muitas vezes		4 - quase sempre	
■ – valores mais altos		■ – valores mais baixos					
ÁREAS	PRÁTICAS MUSICAIS	P +	A +	P -	A -		
INTERPRETAÇÃO	1 - Cantar	3	2,4	3	2,5		
	6 - Tocar instrumentos musicais	3	3,1	3	2,9		
	11 - Cantar e tocar músicas de diferentes tipos	3	2,2	3	2,5		
	16 - Cantar em grupo	3	2,3	3	2,8		
	21 - Cantar individualmente	2	1,6	2	1,9		
	26 - Tocar flauta de bisel	3	3,3	3	3,4		
	31 - Tocar instrumentos da sala de aula (xilofone, clavas, maracas, triângulo...)	2	1,3	2	1,1		
COMPOSIÇÃO	2 - Compor música, ou seja, inventar músicas novas	1	1,3	1	1,3		
	7 - Inventar ritmos para acompanhar músicas	2	1,9	2	1,9		
	12 - Criar música livremente, com a voz ou com instrumentos	2	1,9	2	1,4		
	17 - Criar letras para músicas existentes ou inventar músicas novas para textos	2	1,8	2	1,2		
	22 - Contribuir com ideias pessoais para a construção de uma música	2	1,8	2	1,5		
	27 - Inventar músicas em grupo	2	1,8	2	1,5		
	32 - Acompanhar livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos	3	2,5	3	2,3		
AUDIÇÃO	3 - Ouvir música	3	3	3	2,9		
	8 - Ouvir música de vários tipos	3	2,7	3	2,9		
	13 - Ouvir e analisar músicas	2	2,9	2	1,8		
	18 - Fazer ditados rítmicos	2	1,7	2	1,7		
	23 - Fazer ditados de sons (melódicos)	2	2	2	1,5		
	28 - Ouvir e identificar instrumentos na música	3	2,8	3	2,2		
	33 - Trazer música para a aula para partilhar com a turma	1	1	1	1		
TEORIA	4 - Realizar actividades de leitura musical	3	2,8	3	2,5		
	9 - Realizar actividades de escrita musical	3	2,5	3	2,2		
	14 - Copiar músicas para as pautas do caderno diário	3	3,4	3	3,2		
	19 - Fazer exercícios de leitura de notas musicais	3	2,5	3	2,2		
	24 - Fazer exercícios de leitura de ritmos	3	2,4	3	2		
	29 - Fazer exercícios de caligrafia musical	3	2,1	3	2,2		
	34 - Fazer testes escritos	3	2,6	3	2,9		
EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	5 - Ajudar a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola	2	1,4	2	1,4		
	10 - Realizar projectos em colaboração com outras disciplinas	2	1,8	2	1,9		
	15 - Assistir a espectáculos musicais na escola	1	1,6	1	2,2		
	20 - Realizar trabalhos de projecto com a intervenção da música	2	1,6	2	1,5		
	25 - Assistir a espectáculos musicais fora da escola	1	2,2	1	2		
	30 - Participar em actuações musicais nas comemorações e festas da escola	2	1,5	2	1,5		
	35 - Realizar trabalhos de pesquisa sobre música	2	2	2	1,3		

Professor 7							
1 - quase nunca		2 - poucas vezes		3 - muitas vezes		4 - quase sempre	
■ – valores mais altos		■ – valores mais baixos					
ÁREAS	PRÁTICAS MUSICAIS	P +	A +	P -	A -		
INTERPRETAÇÃO	1 - Cantar	4	2,5	3	2,2		
	6 - Tocar instrumentos musicais	3	3	3	3		
	11 - Cantar e tocar músicas de diferentes tipos	4	2,8	4	2,6		
	16 - Cantar em grupo	4	2,2	4	2,7		
	21 - Cantar individualmente	1	2	1	1,7		
	26 - Tocar flauta de bisel	4	3,2	4	3,5		
	31 - Tocar instrumentos da sala de aula (xilofone, clavas, maracas, triângulo...)	3	3,5	4	3		
COMPOSIÇÃO	2 - Compor música, ou seja, inventar músicas novas	2	2	2	1,6		
	7 - Inventar ritmos para acompanhar músicas	2	2,9	2	2,3		
	12 - Criar música livremente, com a voz ou com instrumentos	2	2,5	3	1,8		
	17 - Criar letras para músicas existentes ou inventar músicas novas para textos	1	1,9	1	1,6		
	22 - Contribuir com ideias pessoais para a construção de uma música	1	2,1	2	1,9		
	27 - Inventar músicas em grupo	2	2,5	2	2,2		
	32 - Acompanhar livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos	4	3	1	2,4		
AUDIÇÃO	3 - Ouvir música	4	3,7	4	3,4		
	8 - Ouvir música de vários tipos	4	3,7	4	2,9		
	13 - Ouvir e analisar músicas	3	2,6	3	2,2		
	18 - Fazer ditados rítmicos	2	1,9	3	1,7		
	23 - Fazer ditados de sons (melódicos)	1	2,2	3	2		
	28 - Ouvir e identificar instrumentos na música	4	3	4	2,9		
	33 - Trazer música para a aula para partilhar com a turma	1	1	2	1,1		
TEORIA	4 - Realizar actividades de leitura musical	4	2,7	4	2,5		
	9 - Realizar actividades de escrita musical	3	2,4	3	2,2		
	14 - Copiar músicas para as pautas do caderno diário	3	2,5	3	2,8		
	19 - Fazer exercícios de leitura de notas musicais	4	2,5	4	2,7		
	24 - Fazer exercícios de leitura de ritmos	4	2,4	3	2,3		
	29 - Fazer exercícios de caligrafia musical	3	2,1	3	2,2		
	34 - Fazer testes escritos	2	3	2	2,5		
EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	5 - Ajudar a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola	4	2	2	1,4		
	10 - Realizar projectos em colaboração com outras disciplinas	1	1,9	1	1,4		
	15 - Assistir a espectáculos musicais na escola	2	2,4	4	2,4		
	20 - Realizar trabalhos de projecto com a intervenção da música	1	1,9	2	2,3		
	25 - Assistir a espectáculos musicais fora da escola	1	1,9	1	2,2		
	30 - Participar em actuações musicais nas comemorações e festas da escola	4	2,8	4	2,5		
	35 - Realizar trabalhos de pesquisa sobre música	1	1,7	1	1,7		

Professor 8							
1 - quase nunca		2 - poucas vezes		3 - muitas vezes		4 - quase sempre	
■ – valores mais altos						■ – valores mais baixos	
ÁREAS	PRÁTICAS MUSICAIS	P +	A +	P -	A -		
INTERPRETAÇÃO	1 - Cantar	3	2,5	3	2,1		
	6 - Tocar instrumentos musicais	4	3,2	1	2,7		
	11 - Cantar e tocar músicas de diferentes tipos	3	2,8	2	2,6		
	16 - Cantar em grupo	4	2,7	3	2,5		
	21 - Cantar individualmente	2	2,2	1	1,8		
	26 - Tocar flauta de bisel	4	3,8	3	3,5		
	31 - Tocar instrumentos da sala de aula (xilofone, clavas, maracas, triângulo...)	1	1,8	1	1,8		
COMPOSIÇÃO	2 - Compor música, ou seja, inventar músicas novas	2	1,5	2	1,1		
	7 - Inventar ritmos para acompanhar músicas	3	2,4	2	1,6		
	12 - Criar música livremente, com a voz ou com instrumentos	2	2,3	1	1,4		
	17 - Criar letras para músicas existentes ou inventar músicas novas para textos	1	1,7	1	1,2		
	22 - Contribuir com ideias pessoais para a construção de uma música	2	2	1	1,6		
	27 - Inventar músicas em grupo	3	1,8	1	1,5		
	32 - Acompanhar livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos	2	2	2	2,6		
AUDIÇÃO	3 - Ouvir música	4	3,5	4	3,1		
	8 - Ouvir música de vários tipos	3	3,1	3	2,7		
	13 - Ouvir e analisar músicas	2	2,4	1	2,4		
	18 - Fazer ditados rítmicos	3	2,7	3	2,3		
	23 - Fazer ditados de sons (melódicos)	1	2,5	1	2,3		
	28 - Ouvir e identificar instrumentos na música	3	2,6	2	2		
	33 - Trazer música para a aula para partilhar com a turma	2	1,1	1	1,2		
TEORIA	4 - Realizar actividades de leitura musical	4	2,8	3	3,1		
	9 - Realizar actividades de escrita musical	4	2,7	3	2,5		
	14 - Copiar músicas para as pautas do caderno diário	3	3,1	3	3		
	19 - Fazer exercícios de leitura de notas musicais	4	3	3	3,1		
	24 - Fazer exercícios de leitura de ritmos	3	3	2	2,8		
	29 - Fazer exercícios de caligrafia musical	3	2,2	2	2,2		
	34 - Fazer testes escritos	1	1,3	2	1,6		
EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	5 - Ajudar a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola	3	1,9	2	1,8		
	10 - Realizar projectos em colaboração com outras disciplinas	3	2,2	2	1,7		
	15 - Assistir a espectáculos musicais na escola	1	2,3	1	1,8		
	20 - Realizar trabalhos de projecto com a intervenção da música	2	2	2	2,1		
	25 - Assistir a espectáculos musicais fora da escola	1	2	1	1,6		
	30 - Participar em actuações musicais nas comemorações e festas da escola	3	2,6	2	2,3		
	35 - Realizar trabalhos de pesquisa sobre música	2	1,9	1	2,1		

Professor 9							
1 - quase nunca		2 - poucas vezes		3 - muitas vezes		4 - quase sempre	
■ – valores mais altos		■ – valores mais baixos					
ÁREAS	PRÁTICAS MUSICAIS	P +	A +	P -	A -		
INTERPRETAÇÃO	1 - Cantar	3	2,4	2	2,5		
	6 - Tocar instrumentos musicais	3	3,1	3	2,6		
	11 - Cantar e tocar músicas de diferentes tipos	3	2,3	3	2,5		
	16 - Cantar em grupo	3	2,4	3	2,1		
	21 - Cantar individualmente	2	2,4	2	2,1		
	26 - Tocar flauta de bisel	4	3,2	3	2,9		
	31 - Tocar instrumentos da sala de aula (xilofone, clavas, maracas, triângulo...)	4	2,5	3	2,8		
COMPOSIÇÃO	2 - Compor música, ou seja, inventar músicas novas	2	1,8	2	1,3		
	7 - Inventar ritmos para acompanhar músicas	2	2,3	2	2		
	12 - Criar música livremente, com a voz ou com instrumentos	2	2,3	2	2,2		
	17 - Criar letras para músicas existentes ou inventar músicas novas para textos	3	1,9	2	1,7		
	22 - Contribuir com ideias pessoais para a construção de uma música	3	2,6	3	1,7		
	27 - Inventar músicas em grupo	3	2,1	2	1,5		
	32 - Acompanhar livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos	4	2,6	2	2,1		
AUDIÇÃO	3 - Ouvir música	3	3,5	2	3,2		
	8 - Ouvir música de vários tipos	2	3,2	3	3,2		
	13 - Ouvir e analisar músicas	2	2,6	2	2,3		
	18 - Fazer ditados rítmicos	2	2,8	3	2,4		
	23 - Fazer ditados de sons (melódicos)	2	2,4	3	2,2		
	28 - Ouvir e identificar instrumentos na música	3	3	3	2,2		
	33 - Trazer música para a aula para partilhar com a turma	4	2,3	2	1,7		
TEORIA	4 - Realizar actividades de leitura musical	2	2,8	3	2,5		
	9 - Realizar actividades de escrita musical	2	2,7	2	2,4		
	14 - Copiar músicas para as pautas do caderno diário	3	3,2	3	3,1		
	19 - Fazer exercícios de leitura de notas musicais	2	3	3	2,7		
	24 - Fazer exercícios de leitura de ritmos	2	2,8	3	2,5		
	29 - Fazer exercícios de caligrafia musical	2	2,5	3	2,2		
	34 - Fazer testes escritos	2	3,2	2	3,1		
EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	5 - Ajudar a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola	3	2,5	3	1,7		
	10 - Realizar projectos em colaboração com outras disciplinas	3	2,3	3	1,9		
	15 - Assistir a espectáculos musicais na escola	2	2,2	2	2,3		
	20 - Realizar trabalhos de projecto com a intervenção da música	3	2,6	3	1,6		
	25 - Assistir a espectáculos musicais fora da escola	2	2,5	1	2		
	30 - Participar em actuações musicais nas comemorações e festas da escola	2	2,4	3	2		
	35 - Realizar trabalhos de pesquisa sobre música	2	2,5	3	1,7		

Professor 10							
1 - quase nunca		2 - poucas vezes		3 - muitas vezes		4 - quase sempre	
■ – valores mais altos		■ – valores mais baixos					
ÁREAS	PRÁTICAS MUSICAIS	P +	A +	P -	A -		
INTERPRETAÇÃO	1 - Cantar	4	2,7	2	2,4		
	6 - Tocar instrumentos musicais	4	2,7	4	2,2		
	11 - Cantar e tocar músicas de diferentes tipos	4	2,4	3	2,1		
	16 - Cantar em grupo	4	2,7	4	1,9		
	21 - Cantar individualmente	2	1,7	1	2,4		
	26 - Tocar flauta de bisel	3	2,3	2	1,9		
	31 - Tocar instrumentos da sala de aula (xilofone, clavas, maracas, triângulo...)	4	2,7	4	2,8		
COMPOSIÇÃO	2 - Compor música, ou seja, inventar músicas novas	1	1,1	1	1,6		
	7 - Inventar ritmos para acompanhar músicas	3	1,7	3	1,7		
	12 - Criar música livremente, com a voz ou com instrumentos	2	1,2	1	2		
	17 - Criar letras para músicas existentes ou inventar músicas novas para textos	1	1	1	1,6		
	22 - Contribuir com ideias pessoais para a construção de uma música	1	1,3	1	1,8		
	27 - Inventar músicas em grupo	1	1,3	1	2,1		
	32 - Acompanhar livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos	2	2,4	3	2,4		
AUDIÇÃO	3 - Ouvir música	3	3,4	3	3,3		
	8 - Ouvir música de vários tipos	3	3	3	2,8		
	13 - Ouvir e analisar músicas	1	1,9	2	2,1		
	18 - Fazer ditados rítmicos	1	1,3	1	1,5		
	23 - Fazer ditados de sons (melódicos)	1	1,3	1	1,5		
	28 - Ouvir e identificar instrumentos na música	3	2,6	3	2,1		
	33 - Trazer música para a aula para partilhar com a turma	2	1,1	3	1,5		
TEORIA	4 - Realizar actividades de leitura musical	3	2,1	1	2		
	9 - Realizar actividades de escrita musical	1	1,6	1	1,7		
	14 - Copiar músicas para as pautas do caderno diário	1	2,2	1	1,7		
	19 - Fazer exercícios de leitura de notas musicais	2	1,5	1	1,8		
	24 - Fazer exercícios de leitura de ritmos	2	1,4	2	2		
	29 - Fazer exercícios de caligrafia musical	1	1,9	1	2		
	34 - Fazer testes escritos	1	1,5	1	1,7		
EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	5 - Ajudar a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola	3	2,3	1	1,9		
	10 - Realizar projectos em colaboração com outras disciplinas	1	1,6	1	2,1		
	15 - Assistir a espectáculos musicais na escola	3	2,7	2	2,5		
	20 - Realizar trabalhos de projecto com a intervenção da música	2	2	1	2		
	25 - Assistir a espectáculos musicais fora da escola	1	1,7	1	2		
	30 - Participar em actuações musicais nas comemorações e festas da escola	4	2,5	1	1,7		
	35 - Realizar trabalhos de pesquisa sobre música	2	2,1	1	2,1		

Professor 11							
1 - quase nunca		2 - poucas vezes		3 - muitas vezes		4 - quase sempre	
		■ – valores mais altos		■ – valores mais baixos			
ÁREAS	PRÁTICAS MUSICAIS	P +	A +	P -	A -		
INTERPRETAÇÃO	1 - Cantar	4	2,3	4	2,8		
	6 - Tocar instrumentos musicais	3	1,7	2	1,7		
	11 - Cantar e tocar músicas de diferentes tipos	4	2	4	2		
	16 - Cantar em grupo	4	2	4	3,1		
	21 - Cantar individualmente	2	2,2	2	1,5		
	26 - Tocar flauta de bisel	2	2,4	2	1,7		
	31 - Tocar instrumentos da sala de aula (xilofone, clavas, maracas, triângulo...)	2	2	2	1,2		
COMPOSIÇÃO	2 - Compor música, ou seja, inventar músicas novas	1	1,4	1	1,2		
	7 - Inventar ritmos para acompanhar músicas	2	1,9	2	1,8		
	12 - Criar música livremente, com a voz ou com instrumentos	2	1,8	2	1,3		
	17 - Criar letras para músicas existentes ou inventar músicas novas para textos	2	1,6	2	1,2		
	22 - Contribuir com ideias pessoais para a construção de uma música	2	1,8	1	1,5		
	27 - Inventar músicas em grupo	2	1,8	1	1,2		
	32 – Acompanhar livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos	3	2,3	3	2,2		
AUDIÇÃO	3 - Ouvir música	4	3,6	4	3,4		
	8 - Ouvir música de vários tipos	4	3,5	4	2,8		
	13 - Ouvir e analisar músicas	4	2,1	4	2,1		
	18 - Fazer ditados rítmicos	4	2	4	1,9		
	23 - Fazer ditados de sons (melódicos)	1	2,2	2	1,5		
	28 - Ouvir e identificar instrumentos na música	4	3,7	4	1,9		
	33 - Trazer música para a aula para partilhar com a turma	3	1,4	3	1,1		
TEORIA	4 - Realizar actividades de leitura musical	2	2,5	2	2		
	9 - Realizar actividades de escrita musical	2	2,3	2	2		
	14 - Copiar músicas para as pautas do caderno diário	3	2,5	2	1,8		
	19 - Fazer exercícios de leitura de notas musicais	2	2	2	1,7		
	24 - Fazer exercícios de leitura de ritmos	3	2,2	3	1,6		
	29 - Fazer exercícios de caligrafia musical	3	1,8	3	1,6		
	34 - Fazer testes escritos	3	2,9	3	2,4		
EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	5 - Ajudar a preparar actividades musicais para festas e espectáculos da escola	3	1,7	2	1,4		
	10 - Realizar projectos em colaboração com outras disciplinas	3	1,8	3	2		
	15 - Assistir a espectáculos musicais na escola	3	2,9	3	2,3		
	20 - Realizar trabalhos de projecto com a intervenção da música	2	2,1	2	1,6		
	25 - Assistir a espectáculos musicais fora da escola	2	2,1	3	2		
	30 - Participar em actuações musicais nas comemorações e festas da escola	3	2,3	3	1,4		
	35 - Realizar trabalhos de pesquisa sobre música	2	1,9	2	1,5		

4.2 Análise de dados das entrevistas aos professores

CATEGORIAS	SUB E SUB-CATEGORIAS	INDICADORES /EXCERTOS	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P 10	P 11	Freq Ind.	Freq Cat.
1.Interpretação		P5: Eu acho que é através da <i>performance</i> , da parte da <i>performance</i> na Educação Musical que tu consegues desenvolver mais competências, ou seja, porque ali não podes estar parado à espera, não é? Aquilo tudo é em tempo real, portanto, tu tens que aprender a desenrascar-te no momento. (p. 69)					1							1	122
	1.1 Cantar	P1: Sim, cantava muito com eles. (p. 12) P1: Cantar, cantaram bastante também. (p. 11) P1: Cantavam sempre. (p. 21) P3: canções (p. 39) P7: Hum, hum. (<i>canta muito em grupo</i>) (p. 106) P9: Vocais. (<i>realizou trabalho vocal</i>) (p.132) P10: E voz. Cantamos muito. (p.150) P11: seja a nível do canto (p. 164) P11: procuro mais a parte do canto (p. 166)	3		1			1		1	1	2	9		
	1.1.1 Resistência a cantar	P2: mas é engraçado há uma ou outra música que eles conhecem que anda por aí, uma pessoa está a tocar e eles colocam-se a cantar, alguns cantam outros nem tanto. E às vezes, não é bem assim que acontece mas é quase, “ok, vamos cantar” e até aqueles que estavam a cantar desaparecem. Às vezes acontece isso mesmo, que é, o simples facto de poderem fazer as coisas informalmente eles fazem sem problemas nenhuns, a partir do momento em que nós dizemos “isto agora é para fazer”, eles retraem-se. Eu sinto isso nalguns. (p. 33) P4: Ah, detestavam cantar esses miúdos (turma “melhor”). (p. 58) P7: Mas o cantar, vejo que cantam mas não cantam tanto como eu gostaria. Até porque eu acho que na idade deles já têm um bocadinho de vergonha de cantar, alguns deles. (p. 105)		1		1			1					3	
	1.1.1.1. Cantar individualmente	P1: Cantar individualmente. Ainda fiz umas vezes, ainda fiz algumas vezes, cantar individualmente. Não fiz muito mas fiz algumas vezes. Pegar num... só que as coisas às vezes não funcionavam muito bem. (p. 21) P2: Há muita timidez. (p. 34) P3: Individualmente é que é aquela questão que eles não gostam de cantar porque também estão naquela fase, alguns já estão na mudança de voz, e não querem cantar e têm vergonha porque depois os outros riem-se e não sei quê e depois é assim um bocado mais, é mais complicado. (p. 48) P4: Não, pois, não... Sim. (<i>não cantavam individualmente</i>) (p. 59) P5: Cantar individualmente (acena afirmativamente com a cabeça). (p. 75) P6: É porque eles também, eles também não, não, não cantam, cantam mais em grupo, porque eles recusam-se, ficam logo muito aflitos e não sei quê, não é que eu não peça, mas eles aderem muito mais ao em grupo. (p. 91) P7: O individualmente não gostam... (p. 105) P7: Eles não gostam, eles não gostam. No 5.º ano consigo, o 6.º ano já nem abrem a boca. Mas tenho alunos que gostam de se evidenciar e que me pedem	1	1	1	1	1	1	3	1		1		11	

		para ir para o microfone cantar. (p. 106) P7: Eu tenho uma aluna numa destas turmas que canta Fado lá no restaurante dos pais e não canta aqui, não quer cantar. Podia fazer uma demonstração aos colegas e não faz. (p. 106) P8: Cantar individualmente... É. <i>(faz pouco)</i> (p. 124) P10: Por exemplo, na turma Y nunca os pus a cantar individualmente. Nenhum. Pronto, mas na X eles próprios gostam de cantar. Mas, lá está, quem é que canta? Cantam duas ou três miúdas que têm boa voz e que gostam de cantar e uma delas depois faz parte das bandas. Ou seja... porque aqui (aponta para a Y) ia ser impensável pô-los em cheque. Eles não seriam capazes de assumir isso, percebe? (p. 156)													
	1.1.2 Cantar por iniciativa dos alunos	P9: Não. Só faço quando o aluno solicita. (p.139) P9: Mas, se o aluno mostrar... ou em pequenos grupos. Ou pequenos grupos. Um, dois. (p.139) P9: Eles cantam imenso. Só que é assim... eles cantar, cantam, só que eu espero a iniciativa do aluno. (p.139)									3				3
	1.1.3 Acompanhamento das vozes ao piano	P1: trabalhava primeiro o piano com a harmonia, depois com eles. (p. 11) P1: Os tons deles são diferentes do meu, fazia as melodias no piano para eles ouvirem bem os intervalos. (p. 12) P1: Eu a tocar piano e eles cantavam. Que é para ouvir e tal. Usei muito o piano da minha parte, pois. (p. 12) P1: Toquei muito piano com eles, muito. Usei as vozes deles com o piano. (p. 11) P6: Não sei, ele apareceu lá, não sei como é que... Isso usava, isso usava. <i>(faz acompanhamentos ao piano)</i> (p. 92)	4				1								5
	1.2 Tocar flauta de bisel	P1: Privilegiei bastante a flauta (p. 11) P2: Em que flauta é uma regra. Todas as aulas eles tocam flauta. (p. 26) P3: flauta (p. 39) P3: umas tocadadas na flauta (p. 44) P4: É, fizeram muito flauta de bisel. Eu não pus 4, porque achei que, repara, eu não pus ali 4 porque eu acho que o grupo 4, eu considerei este 4... Muitas vezes, nem todas as aulas tocávamos, percebes? Eu considero o 4, sempre, no sentido de tocar em todas as aulas, ser um bocadinho todas as aulas P4: ao trabalho da flauta (p. 56) P5: Eu toco flauta de bisel, bastante. (p. 75) P6: flauta (p. 90) P7: na flauta (p. 99) P8: Só flautas. Só flautas. Só com flautas. (p. 120) P9: pegamos nas flautas (p. 134) P10: Tinha um grupo de flauta (p. 159) P11: seja a nível da flauta (p. 164)	1	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	13
	1.2.1 Razões para o uso da flauta	P2: Porque é o instrumento a que eles têm acesso, é o instrumento que eles levam para casa, é o instrumento que está dentro da mala. E isso depois acaba por, por criar um gosto na flauta. Porque eu tenho... ainda há pouco tempo estive numa formação com colegas nossos e, de facto, fico um bocado... um		1		2	1	2		1					7

	1.2.4.1 Tutorias	<p>P6: E há uma coisa engraçada que é, arranjei pares de alunos, alunos com mais dificuldades ficaram com alunos melhores... e responsabilizei, tipo tutorias, e então foi engraçado, umas funcionaram e até... sentiam-se responsáveis pelo que o colega conseguisse tocar e era trabalho feito fora da aula.</p> <p>Responsabilizá-los funciona sempre bem. Eu costumo fazer isso nas outras escolas e leva os miúdos até a juntarem-se... Aqui não vi, mas nas outras escolas costumo ver até grupinhos no recreio a estudarem a coisa... (pp. 94-95)</p> <p>P8: Era uma espécie de tutoria também. (p. 120)</p> <p>P8: (...) em que há um colega que vai ajudar, em que ele já está à vontade e que vai ajudar. (p. 128)</p>					1		2					3	
	1.2.4.2 Peças a várias vozes	<p>P4: com duas flautas, duas melodias, duas vozes, três vozes (p. 57)</p> <p>P8: Queria pôr a terceira mas entretanto acabou o ano lectivo, pronto, e tivemos aí umas actividades e não deu para introduzir a terceira voz. E então eram grupos de quatro, em que havia dois para a primeira voz, dois para a segunda. (p. 120)</p> <p>P8: Foi o último trabalho de grupo. Foi com uma peça do Rei Leão, <i>The lion sleeps tonight</i>, ti-ri-ri-ri... (trauteia)... a duas vozes e há miúdos que têm dificuldade, há miúdos que não têm. (p. 120)</p>			1				2					3	
	1.2.5 Avaliação individual	<p>P2: uma coisa que eu faço, por exemplo, também, principalmente na parte de flauta, é ouvi-los. “Olha, hoje vou-te ouvir.” E isto para mim é um teste, é como se fosse um teste. E eles têm alguma responsabilidade depois disso, porque percebem “eh pá, isto hoje não correu bem para a próxima vez tem de correr melhor”. E isso depois acaba por incutir alguma responsabilidade nisso. (p. 33)</p> <p>P3: fazemos avaliações na flauta, eles levam sempre um recado na caderneta, primeiro que vão ter o teste de flauta no dia tal e depois levam na caderneta novamente se tiveram o teste e que a nota foi x, que é para haver um controlo, porque, quer queiramos quer não, os pais estão sempre a pôr questões, porque que é que é isto? Porque que é que é aquilo? Porque é que aquele fez aquela música? Porque é que aquele tem... Se não há uma coisa escrita, se não há um teste, como é que se justifica ter essa nota, não é? (p. 42-43)</p> <p>P4: portanto, eles fazem avaliações a flauta, fizeram muitas avaliações, várias avaliações a flauta (p. 57)</p> <p>P6: Gostam e mesmo a nível da avaliação individual gostam, gostam, gostam. (p. 91)</p> <p>P7: Eu aproveito para fazer avaliações na flauta. (p. 99)</p>	1	1	1		1	1						5	
	1.2.5.1 Necessidade de estudo	<p>P6: Claro, não podem ter sucesso se eles não treinarem, não é, é o que eu digo, não pensam que é só por pegar na flauta que vão, olha, que vão logo tocar... (p. 91)</p> <p>P6: eles acham que só têm de pegar na flauta quando vêm para a aula, em casa não têm que estudar... Eu acho que isto é muito pouco tempo para eles poderem... eu dizia, “eh pá, dediquem meia hora por dia, não é nada, é um bocadinho”, mas eles não percebem então só pegavam na flauta para vir para a aula. Resultado, depois às vezes não conseguiam tocar, ficavam frustrados, e até choravam. Choravam, e acaba por não se aproveitar tanto por causa disso</p>					2	2	1					5	

		(p. 90) P7: Eles em casa só estudam quando eu digo que é para avaliação, porque de resto é uma das coisas ingratas... (p. 99) P7: Agora acho que tenho que trabalhar muito na aula, muito, muito. (p. 99) P8: E eu digo-lhes "eu preciso de 10 a 15 minutos por dia". É o que eu digo a todos. "De início vocês vão falhar, certamente, mas depois vão começar a tomar o gosto e conseguem". E os miúdos, aqueles que fazem isso, há muitos que fazem, chegam, é uma evolução muito grande e os outros não conseguem. E tem acontecido, e aconteceu este ano também com estas turmas, em que houve uns que fizeram a receita, outros não. Agora eles estão na aula, conseguem fazer uma coisa, vão para casa, eu digo para estudarem isto daqui até ali e tal e chegam na aula seguinte abaixo daquilo que saíram é sinal que não fizeram nada. Mas com aqueles miúdos que estudam nota-se, há um... pode haver ali um defeito, uma respiração... (p. 119)													
	1.3 Tocar instrumentos da sala de aula	P1: Instrumentos de percussão, instrumental Orff que está ali. (p. 11) P1: os instrumentos que estavam aqui, instrumentos Orff. (p. 11) P1: Depois usei instrumental sempre. (p. 12) P2: instrumental Orff (p. 31) P3: Instrumentos da sala de aula (p. 39) P4: com instrumentos musicais (p. 57) P6: Porque foi o início, porque andei à procura dos instrumentos e só muito mais tarde é que os... mas na altura em que tu lá foste ainda não estavam lá. (p. 92) P7: instrumentos Orff (p. 77) P8: Não é quase nunca, é mesmo nunca (ri). <i>(nunca tocou instrumentos da sala de aula)</i> (p. 123) P9: eu trabalho muito percussões... percussões (p. 132)	3	1	1	1		1	1	1	1				10
	1.3.1 Regras do trabalho instrumental	P7: Eu acho que há duas coisas. É quando eles começam a tocar e aquilo e em vez de ser sol começa a ser barulho, porque eles estão todos... não respeitam o trabalho da orquestra, não é? Há partes que têm que ser por naipes, outras não. Quando estão nessa fase é difícilimo. (p. 110) P9: dou-lhe a liberdade para mexer nos instrumentos, para... Aquilo é deles. E como é deles... Porque os instrumentos são deles, fazem parte do ambiente deles, percebes?... (p. 134) P10: E esta turma, apesar de tudo, é uma turma que obedece, entre aspas, e que percebe, porque, por exemplo, há outras turmas que o desgaste de baquetas, o desgaste de material que nós temos ao longo do ano... (p. 151) P10: Mas não é possível. Não é possível. Aqui, eu não sei se noutras escolas é possível, porque nós temos que ter os instrumentos guardados no armário, portanto, há sempre... (p. 151) P10: O mais difícil é eles interiorizarem, por exemplo, as regras. Ou seja, eles só podem tocar, por exemplo, quando se distribui os instrumentos, o ter de reagir na utilização dos instrumentos, primeiro que eles interiorizem é muito complicado, porque eles não estão habituados a ter regras. E, portanto, este trabalho de, é preciso ouvir, é preciso esperar, é preciso começar na altura devida, não se pode tocar sem ser a altura exacta... Esse trabalho é o						1		1	3			5	

		fundamental. É difícil conseguir. Quando se consegue que eles já tenham interiorizado isso, depois é muito mais fácil, de aula a aula, começar... (p. 150) P10: E depois, lá está, isso também, às vezes, não é bem verdade. Porque, por exemplo, como eu faço muito trabalho prático eles acabam por participar, quer dizer, os outros têm os instrumentos, eles também têm. Mas agora, imagine o que é, estamos a tentar fazer qualquer coisa, e há aquele que quer começar sempre a tocar o instrumento fora de tempo, quer dizer... (p. 162)																
	1.4 Tocar instrumentos não-convencionais	P3: eu recorri a instrumentos alternativos, vou-lhe chamar assim, porque aquilo não são instrumentos efectivamente. Foi com latas das azeitonas, de metal, para fazermos ostinatos. (p. 44) P3: Utilizei só uma baqueta para cada um, porque coordenação com duas seria mais complicado, eles também precisavam de segurar os instrumentos, vamos-lhes chamar assim, que não são instrumentos, não é? (p. 44)			2													2
	1.5 Ritmos corporais	P4: eu recorri muito ao trabalho corporal (p. 56) P9: aulas de batimentos corporais (p. 132)			1							1						2
	1.5.1 "Vitamina rítmica"	P4: todos os dias eles faziam vitamina rítmica, ou seja, todos os dias eles preparavam a vitamina rítmica para os colegas, todas as turmas de 6.º ano, e as do 5.º ano sou eu que faço. No 5.º ano sou eu que faço e só no 3.º período é que eles começam a fazer já para os colegas, e no 6.º ano são eles que fazem. É um aluno que faz para todos os alunos. (p. 55) P4: Eles preparam e escrevem. Preparam e escrevem a vitamina rítmica. No 6.º ano preparam e eles escrevem ritmicamente o que é que fazem, qual é a vitamina total, qual é o ritmo total que vão ouvir e depois dividem, pelas várias partes do corpo... às vezes eles pedem para se juntarem em dois e fazem coisas espantosas. (p. 56) P4: Eles fazem sempre isso, o ano todo. Com o 6.º ano faço sempre o ano todo, eles preparam e trazem, e digo-te que às vezes aparecem coisas... (p. 56) P4: A turma inteira, eu estou ali na situação de aluno. (p. 62) P4: Ele faz, não eles primeiro experimentam, ele faz e toda a gente imita. Portanto, ele faz, toda a gente faz e ele repara que há alguém que está a fazer mal. Se ele vir que no contexto toda a gente fez bem, tudo bem, se ele vir que há alguém que está a fazer mal ele vai repetir novamente e vai ver o que é que está mal. Ele tem que corrigir, ele está na situação de professor naquele momento. Portanto, ele faz e depois distribui a vitamina e faz o que quer com a vitamina. No início há uns que chegam, no início, e fazem (bate palmas exemplificando um ritmo simples), pronto e chega. Claro que eu depois quero muito mais do que isso, isso não chega (p. 63) P4: Então eles estão em roda, ali, e há um que traz a vitamina preparada, um, ou, às vezes, pedem-me para serem dois, mas se forem dois a complexidade da vitamina aumenta. (p. 63) P4: são eles que criam, são eles que criam, pronto. E eles fazem um ritmo, criam um ritmo corporal que pode ser depois dividido em duas partes... podem fazer em casa, alguns fizeram em casa ou... enfim, depois eles criam conforme entenderem. (p. 63) P4: Então eles depois apresentam, apresentam cada um, às vezes há uns que			8												8	

		apresentam um bocadinho mais elaborado e há outros que apresentam um bocadinho mais simples, pronto, mas vão apresentando. (p. 63)																		
	1.5.2 Vivência corporal prévia à instrumental	P7: É assim, eu primeiro vivo corporalmente e só depois é que passo para os instrumentos. (p. 100) P7: No corpo, sim. E depois passo para os instrumentos para depois passar então... ou para a flauta... Trabalho assim. (p. 100) P7: Eu faço sempre primeiro a vivência. (p. 100)								3									3	
	1.6 Estratégias - Interpretação em grupo	P1: Na parte de grupo, nos instrumentos, em que o trabalho era feito por mim, de composição. Eu pu-los a tocar, usei na parte melódica as flautas, depois juntei um grupo de 5, 6 flautas a fazer uma melodia, às vezes com vozes, e a parte instrumental a criar os ritmos que eram feitos por mim. (p. 14) P8: Dividi o trabalho em fases. Quando uma pessoa está a trabalhar a voz, trabalhamos a voz, quando trabalhamos instrumentos, trabalhamos instrumentos. Especializar. Quando eles começam a ter algum à-vontade, mudar? Não. Começámos com peças instrumentais, entretanto apareceu o Natal e nós trabalhámos a parte coral (p. 115)	1								1								2	
	1.6.1 Considerar os conhecimentos prévios	P11: Agora, claro que se há turmas que têm feito para trás um trabalho na área da... sei lá, por exemplo, da interpretação, então eu aproveito isso e tento dar continuidade (p. 164) P11: É como estava a dizer à bocado, depende das turmas e depende do que eu apanho e das escolas, e de saber que eles têm um trabalho já consolidado a nível do instrumento, na flauta. Quando isso acontece, aproveito e continuo. (p. 166)																	2	2
	1.6.2 Repetição	P8: O trabalho não é muito produtivo, é preciso repetir muita vez, muita vez, muita vez, muita vez. (p. 113) P8: Uma coisa é uma pessoa repetir, na música é assim, é a repetição, a repetição. Podemos mudar de estratégia, podemos mudar de peça mas estamos a repetir, estamos a repetir, até eles perceberem, chegarem, serem capazes de. (p. 115) P8: Aqui (<i>aponta a turma "pior"</i>) foi mais à base da repetição. Porquê? Porque eles estudam daqui até aqui e repetem e daqui até aqui (...) P8: Portanto, conseguiu-se, mas foi à base do repete, repete, repete... Eh pá, isto tem que entrar a bem ou a mal (ri). Mas foi um bocado... esgotante. (p. 122) P8: Pronto, é a repetição, a repetição, a repetição. Até que eles comecem a perceber o mecanismo da coisa e consigam apanhar o barco e continuar. (p. 128) P11: Sim, é na repetição que eles conseguem depois pronto, perceber e melhorar. (p. 169) P11: e depois tentar repetir várias vezes aquilo dentro da... repetir, portanto... como é que eu te hei-de explicar... (p. 169)									5								2	7
	1.6.3 Trabalhar a expressividade	P8: cada um queria-se ouvir a si, só a si. Não houve essa disciplina de interpretação e depois "aquí, o que é que a peça pede aqui?", "ah, a peça aqui está a tocar piano". Fazê-los perceber que a música não é toda uma linha em termos de intensidade sonora, em que há nuances e fazê-los perceber isso.																	2	2

		Depois na parte instrumental é o mesmo trabalho, entre aspas, para o instrumento. Eles tinham o hábito de pegar no instrumento e aquilo era “ai meu Deus”, saía dali com uma dor de cabeça. E eu, “olhe, flauta, piano”. Levantar desafios, agora vamos fazer piano, depois mediante a peça, aquilo que a peça pede, “aqui, se calhar, é mais forte, há um crescendo depois há um diminuendo”. (p. 115) P8: desde cantar o hino. Cantámos o hino. E cantar o hino, eles querem cantar o hino como num estádio de futebol. Não pode ser como num estádio de futebol, eles têm de perceber que não pode ser como num estádio de futebol. (p. 115)																
	1.6.4 Utilização de acompanhamentos pré-gravados	P1: Por vezes trazia músicas com o <i>playback</i> (p. 11) P2: Sim, os karaokes. (p. 34) P3: suporte áudio, ou gravado ou tocado. Tenho sempre. (p. 39)	1	1	1													3
	1.6.5 Gravação do trabalho de interpretação	P4: eu, quer com uma turma quer com outra, há uma coisa que eu faço constantemente que é, gravo. Aliás, gravei várias vezes, quer de uma turma quer da outra, gravei trabalhos de interpretação de pequenos grupos (pp. 56-57)				1												1
	1.7 Obstáculos – Interpretação	P2: Não. Eu acho que é exactamente ao contrário, o maior entrave que eu lhes posso dar é não os deixar fazer isso.		1														1

CATEGORIAS	SUB E SUB-SUBCATEGORIAS	INDICADORES /EXCERTOS	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P 10	P 11	Freq Ind.	Freq Cat.
2. Composição															75
	2.1 Composição - área menos explorada	<p>P1: Não, não, não. Eles não fizeram. Viam como é que eu fazia... (p. 13)</p> <p>P1: Que os miúdos fizessem? Composição?... (p. 13)</p> <p>P2: Porque é que não faço composição? (p. 30)</p> <p>P3: Menos explorada. (p. 39)</p> <p>P6: A composição para mim é sempre uma coisa que fica aquém daquilo que eu quero fazer, tenho muita vontade de trabalhar... (p. 85)</p> <p>P7: É assim, eu tenho pena de não fazer mais isso. (p. 103)</p> <p>P7: Faço algumas... mas, quer dizer, proporcional aos outros itens não faço. (p. 105)</p> <p>P9: Eles fazem também composição, talvez menos (p. 134)</p> <p>P10: a composição nunca tínhamos trabalhado. (p. 146)</p> <p>P10: Mas directamente fazer uma canção, ou fazer outra peça musical, realmente não aconteceu... (p. 146)</p> <p>P11: Quer dizer, a composição de uma música... nós nunca fizemos (p. 171)</p>	2	1	1			1	2		1	2	1	11	
	2.1.1 Comparação com Interpretação	<p>P2: E depois para ter bons resultados de composição é um trabalho que requer ser feito muitas vezes e com muita regularidade. E isso depois acaba-me por tirar depois, na outra parte que eu considero que é o meu forte e aquilo que eu acho... Porque eu olho para os miúdos a tocar e vejo que gostam de fazer o que estão a fazer. A tocar, a ouvir uma música... ou ensino-lhes uma música e vejo que eles gostam e tenho a certeza que se não apostasse tanto nisso, apostasse mais, por exemplo, numa divisão entre isso e a composição eu sairia a perder, quer eu como professor, quer os alunos em termos de gosto e de prazer do que fazem, por isso acabo sempre por não privilegiar tanto a composição. (pp. 30-31)</p> <p>P2: São situações que vão demorar muito tempo, comparativamente, por exemplo, com a preparação de alguma coisa para tocar, uma peça. E como eu faço muito isso, eu praticamente numa aula de 90 minutos consigo pôr uma melodia em flauta, e às vezes até com alguma dificuldade, tocada. Enquanto uma composição vai... depois também é por uma questão de gestão de tempo, a composição vai-me preencher muito tempo com resultados em termos auditivos, portanto, eu sei que, lá está, sei que é difícil compor e não podemos esperar os mesmos resultados de alguma coisa que já foi feita. Mas os resultados que vão surgir dali, perante os olhos dos miúdos, eu considero sempre que é um resultado fraco comparativamente com uma interpretação e por isso depois acabo sempre por fugir um bocadinho à composição. (p. 30)</p> <p>P3: É como se fosse um jogo, temos que dar as regras e nem sempre eles cumprem as regras a nível da composição, portanto, acabo por praticar mais coisas já estudadas por mim, obviamente, depois estudadas por eles e depois é executar, pronto. (p. 41)</p>		2	1									3	
	2.2 Rítmica	<p>P4: Praticamente, a composição que eles fizeram comigo foi vitamina rítmica (p. 60)</p> <p>P4: a composição corporal eu pude fazer, a composição rítmica corporal eu</p>				2	1		1			1		5	

		pude fazer. (p. 60) P5: Quando eles compõem... quando há uma parte de composição, por exemplo, com ritmo, nem que seja a coisa mais simples de bater palmas, na pergunta-resposta, por exemplo, que é uma actividade de composição, não deixa de o ser. (pp. 70-71) P7: Criatividade só com instrumentos de altura indefinida (p. 104) P10: os ritmos é mais fácil. Isso aí trabalha-se mais, basta ser um a fazer e os outros repetirem, pronto, de certa maneira estão a criar qualquer coisa. E realmente o resultado depois foi engraçado, porque os grupos depois também foram diversificados, não é? Houve um grupo que quis fazer só ritmos. Pronto fez só ritmos corporais, com uma lógica, com uma ordem, com uma ordenação, fez só ritmos. (p. 146)													
	2.3 Melódica	P5: E melódica... melódica, mais na pergunta-resposta também, não é? Porque é uma coisa óbvia. (p. 71) P10: Portanto, fez a canção, compôs a canção e coreografou. E... e os outros dois grupos foram só canções. Fizeram duas canções e cantaram e tudo. (p. 147)					1						1		2
	2.4 Improvisação	P1: privilegiei a improvisação, rítmica. (p. 13) P1: A parte de improvisação (p. 20) P1: também usei algumas coisas, deles... primeiro de mim para eles, depois deles para mim, deles para a turma... onde eu pus... “agora pegas no, por exemplo, nas claves ou no triângulo e vais criar um desenho, um padrão rítmico à tua escolha, vais improvisar e a turma toda vai ter que repetir aquilo que tu fizeste.” (p. 20) P10: Sim Isabel, mas ali concretamente, fazer... É evidente que nós podemos fazer uma improvisação e dentro da improvisação é evidente que eles estão a compor, entre aspas, não é? (p. 146)	3										1		4
	2.4.1 Acompanhar livremente música gravada, com a voz ou com instrumentos	P1: Sim, sim, sim, sim. (<i>Acompanham livremente uma música gravada, com a voz ou com instrumentos</i>) (p. 21) P5: Fico contente de acompanhar livremente música gravada com voz... Acompanhar livremente, eles perceberem o que é que é acompanhar livremente. (p. 76) P5: sobre músicas que já existam, ritmos para acompanhar, ou palavras para acompanhar. (p. 71)	1				2								3
	2.5 Sonorização 2.5.1 imagens	P10: Eu fiz com eles um trabalho de música e imagem. Primeiro a partir de imagem mesmo, de desenhos, portanto, eles tinham que compor música para aqueles desenhos e depois... Desenhos animados, tirava-lhes o som e eles tinham que fazer toda a banda sonora para aquele desenho animado. (p. 155)											1		1
	2.5.2 Textos	P5: Nunca trabalho a partir do nada. Trabalho sempre, ou com indutores de... sei lá, ou de histórias, ou de... sonorização de histórias, que eu acho que é o primeiro passo quando eles começam. (p. 71)					1								1
	2.6 Composição coreográfica	P8: Na altura do Natal foi composição, não foi bem composição. Eu dei-lhes a peça, uma peça de quem? Uma peça de Natal, agora não me perguntes que são tantas. Em que eles tinham que fazer uma coreografia. Também um tipo de										2		1	3

		composição. E eles também gostaram. Também gostaram daquilo. (p. 117) P8: Sim, Sim. Mas não era dançar, era uma coreografia, um braço para aqui, um braço para ali... Coisas simples, feito por eles, não feito por mim (ri). Isso aí é que é a composição deles, senão era minha, não é? (p. 117) P10: Houve um grupo que fez com dança. (p. 147)																
	2.7 Composição baseada na teoria	P1: Eu pu-los a fazer foi, a criar composições mas mais vocacionado para a teoria, ou seja, quando dei a alternância dos compassos fiz questão que eles dominassem, pelo menos a parte rítmica, no compasso x posso usar esta figura e estas e compor livremente. Portanto, fiz um trabalho tipo, uma pauta foi em 4 por 4... “Agora, à vossa escolha, vocês vão compor uma melodia, têm que usar as notas”. (p. 13) P1: “não façam os compassos todos iguais, não são todas semibreves”. Portanto, “puxem um bocadinho pela vossa criatividade porque há tantas coisas para usar, há colcheias, há as pausas, as mínimas”... Dei as semicolcheias também. E depois fiz alternância, ou seja, pus dois compassos em 2 por 4, depois um em 3 por 4, depois mais dois em 4 por 4 e eles tinham que jogar com as figuras rítmicas que tinham e as respectivas pausas, o ponto de aumentação etc., juntamente com a notação musical, a altura dos sons... Algumas ainda toquei a ver o resultado, claro, um bocadinho primário mas... pronto, eu associei isso um bocadinho também a composição da parte deles. (pp. 13-14) P1: Isso era um bocadinho mais individual, essa parte. (p. 14)	3															3
	2.7.1 Técnicas do dodecafonismo	P8: Olha, com esta turma (aponta para a turma X) a última actividade que fiz foi uma técnica de composição... fazer deles um compositor. Aproveitei a classificação de intervalos para darmos a retrógrada, a inversão... e isso eles custou-lhes a perceber... pus no quadro expliquei-lhes como é que se fazia e depois eles tinham que criar uma peça deles, uma melodiazinha, notas à sorte, em que depois tinham que fazer tudo isso. E depois davam-me a peça a mim, eu passava no Sibelius, na sala passava no Sibelius e era a peça da turma. Tinham que fazer a peça, a retrógrada, a retrógrada invertida, tinham de fazer os quatro, o eixo do x e do y. Fizemos um exercício. Eles gostavam era de fazer o espelho, porque a outra têm que fazer contas, não é?, “eh pá, isto é uma 4.ª descendente, agora aqui é ascendente”. Pronto, às vezes enganavam-se, normal, perfeitamente normal, em que eu depois corrigia. E depois eles ouviam e era curioso o silêncio absoluto que essa turma fazia para ouvir a peça, “esta é a minha, esta é a minha, esta é a minha” (ri). Por acaso foi engraçado. (pp. 116-117)								1								1
	2.8 Obstáculos - Composição 2.8.1 Diferenças entre turmas "melhores" e "piores"	P3: Sim, são meninos mais... com mais ideias, vá. Mais imaginativos. Enquanto a Y é um bocadinho mais é para fazer desta maneira e desta e daquela. Puxarem pela imaginação não dá e quando algum tenta dizer assim uma coisa qualquer é logo a turma toda a rir, portanto, acabam por perder assim um bocado de tempo, para depois acalmarem os ânimos, não é? Portanto, não incido muito. (p. 40) P8: É certo que aqui (aponta para a turma X) há três ou quatro que não conseguem, aqui (aponta para a turma Y) há três ou quatro que conseguem. Se			1					2								3

		aqui desce aqui tem que subir, “ah mas... aqui desce e ali tem de subir?”; “É invertido, é o invertido. Se aqui sobe ali tem que descer”. Este tipo de coisa eles têm dificuldade, enquanto estes (aponta para a turma X) conseguiram resolver o problema, muito bem. (p. 117) P8: Nesta turma há miúdos que não... Eles já estão tão habituados a errar, “faz, não tenhas medo, faz”. Não. E é uma estratégia, é uma actividade que se calhar nesta turma (aponta para a turma X) faz um delírio e nas turmas mais fracas... Na turma X faz sucesso, aqui na Y é um martírio para eles, acaba por ser um martírio e uma pessoa também... (p. 116)																		
	2.8.2 Falta de instrumentos musicais	P4: eu quando estava na outra escola tinha uma sala devidamente equipada e fazia muita composição, os miúdos tinham a oportunidade de trabalhar com instrumentos percebes? nós tínhamos até tambores, os tambores dos Toca a rufar, mas era uma sala muito equipada, aquilo era uma salinha que era ali um nicho de música que nós tínhamos. (p. 60) P8: E aqui a nível de composição, quando uma pessoa tem instrumental Orff eles têm essa noção. Uma pessoa põe a escala pentatónica e eles começam a explorar e eu “ora ouçam, ora reparem” e eles tentam imitar. Eu aqui não tinha esse tipo de trabalho, tinha o quê? Tinha um instrumento, tinha o corpo e uma pessoa vai trabalhando. (p. 116) P8: A composição tem um bocado... como não tinha instrumental Orff e tal, é um bocado complicado. (p. 124)					1							2					3	
	2.8.3 Falta de espaços de trabalho adequados	P7: Mas eu não consigo trabalhar isso na aula, por isso é que eles trabalham fora da aula. (p. 104) P7: O que acontece é que normalmente quando é a parte criativa eles precisam... eu não faço em grande grupo, faço em grupos de cinco, máximo. E então tenho que os pôr fora da aula, normalmente, para poder trabalhar. Eu sou das professoras que mais trabalha, apesar de trabalhar pouco, sou a pessoa que mais trabalha em termos de criatividade aqui na escola. E ponho-os lá fora a trabalhar muito, na rua. Quer dizer, eu também vou para a rua, mas isso também não é grave, e vou dando umas dicas a cada grupo, orientações, e... Agora, este ano também não foi um ano muito bom, eles diziam, “ó professora mas hoje não vamos para a rua?”, “hoje não dá que está a chover”. (pp. 103-104)											2						2	
	2.8.4 Indisciplina	P2: Primeiro, composição vai-me sempre provocar distúrbio em termos de espaço de sala de aula. Porque, regra geral, é um trabalho feito em grupo, pode ou não ser, mas que logo em si vai destabilizar um pouco mais. (p. 30) P3: Saber respeitar, ao nível de regras... os meninos entendem que uma pessoa se está a inventar pronto, já está a brincar e alguns acabam por ultrapassar um bocado o que seria aceitável, não é?, então é preferível... (p. 40) P6: Hum, se calhar, é mais hum... eu por mim acho que é uma área que faz, que... depende, para gerir essa aula, essas actividades de composição há sempre mais perturbação e têm de estar muito bem pensadas para resultar, eu acho que é difícil fazer essas coisas logo assim no início. (p. 86) P7: (...) acompanhar livremente, desatam num... despistam-se completamente e em vez de fazer... começam a fazer cada um o seu ritmo e, às tantas, é um		1	1				1	2									2	7

		<p>caos na aula que não dá. É o caos na aula. (p. 107)</p> <p>P7: Viram-me a aula de pantanas. (p. 107)</p> <p>P11: Eu acho que é a situação mais... talvez mais difícil de conseguir porque é aquela em que toda a agitação e indisciplina interferem muito com aquilo que se pretende, com o objectivo que se pretende e, portanto, facilmente aquilo que eu iria propor cai numa situação de mal-entendido relativamente aos miúdos, eles não vão conseguir compreender aquilo que... E nesse aspecto, quer dizer, não se chega lá, porque eles não conseguem perceber aquilo que estão a fazer. E lembrando a experiência de anos anteriores, os miúdos mais avançados, mais sólidos, consegue-se isso e eles próprios conseguem ter o prazer de experimentar e descobrir coisas novas que partem deles. Mas é preciso já uma... (pp. 167-168)</p> <p>P11: Sim, eu acho que sim. (<i>problema em composição</i>) (p. 168)</p>													
	2.8.5 Conhecimentos prévios	<p>P6: Eu acho que é preciso eles terem um bocado de conhecimento também, para fazerem alguma coisa também construtiva e com jeito, não é? Não basta pôr uns instrumentos na mão para fazerem alguma coisa (p. 86)</p> <p>P6: e depois, se calhar, partir-se para essa parte da composição. (p. 86)</p>					2								2
	2.8.6 Inibição dos alunos	<p>P5: quando eles não têm essa preparação... Porque a composição, não há dúvida alguma que tem a ver também com vivências anteriores. Eu entendo que eles não devem sentir insucesso naquilo que apresentam, ou vergonha naquilo que apresentam... e não se sentem tão à vontade... É difícil. E a idade, eu já cheguei a essa conclusão, que esta idade é uma idade inibidora da criatividade. É quando eles começam a recolher a criatividade, no meu entender. Achar que não são suficientemente bons... É mais um sentido crítico também individual, para eles, autocrítico. Na escola primária os miúdos não têm qualquer tipo de inibição de fazer qualquer coisa, seja o que for... Quando chega aqui, o 5.º ano ainda começam, mas o 6.º ano então é... então as miúdas, no 6.º ano... (pp. 71-72)</p> <p>P5: É cogumelo. É, é. Por exemplo, a parte, que é uma coisa que é relativamente fácil, que era de eles o ano passado terem que fazer, criar a coreografia para, para, para... uma parte escrita que estava feita, portanto, não tinham que fugir além daquilo. Os marinheiros no barco, por exemplo, é muito fácil, tu rapidamente imaginas alguém a remar ou... e eles até nisso têm dificuldade de expor o corpo, de expor o movimento. Uma coisa mesmo... Nem é o tocar afinado ou desafinado, não é nada disso, é só mesmo... o remar, por exemplo, até nisso eles têm dificuldade, é tudo teso, é tudo contido, é tudo... (p. 72)</p>				2								2	
	2.8.7 Dificuldades do professor	<p>P2: A composição... a composição... eu tenho alguns problemas de composição. (p. 30)</p> <p>P4: É uma área que tenho de trabalhar mais com eles, percebes? Mas temos que dar uma volta a isto, esta escola tem que... (p. 61)</p> <p>P5: Tento. Mas é também limitação minha, confesso. (p. 73)</p> <p>P6: o que eu noto sempre, todos os anos tenho mais dificuldade, é nesta parte da composição, acho que trabalho pouco, tenho que trabalhar mais. (p. 85)</p> <p>P6: Se calhar sou eu que estou errada ou precisava, se calhar, de trabalhar mais</p>		1		1	1	2							5

		nessa parte, eu na faculdade fiz bastantes actividades que se podem aplicar, mas uma coisa é uma pessoa adulta fazer, outra coisa é uma criança fazer, não sei... mas é, é, dessas cinco é a parte que eu tenho mais dificuldade em aplicar. (p. 86)													
	2.8.7.1 Indefinição entre composição dos alunos e do professor	P1: Eu na composição, pronto, usei... usei, por exemplo, temas que eu trabalhei, conhecidos... (p. 13) P1: Então usei algumas composições, fiz alguns arranjos, vou chamar a isso composição (p. 13) P1: Chamo a isso composição. (p. 13) P1: Do meu trabalho, sim. Mais do meu. Na composição eles, pronto, em termos melódicos e práticos... não fizeram. (p. 13)	4												4
	2.8.7.2 Falta de clareza quanto ao conceito de composição	P1: Da interpretação, pois. Lá está, às vezes associo uma coisa à outra e acabo por não responder tão claramente como... (p. 14) P9: Composição. Criaram, reproduziram, improvisaram... (p. 140) P9: (...) mas fazem (<i>actividades de composição</i>), porque eles acabam por fazer jogos... acabam por fazer. (p. 134) P11: Se a construção (<i>construção de músicas</i>) é interpretação... (p. 171) P11: (<i>Os alunos fazem sugestões no âmbito da composição?</i>) Quer dizer, se tivermos a cantar e um aluno resolver perguntar qualquer coisa ou tirar uma dúvida e (ri) nesse sentido pode ser uma contribuição, não é? Agora se isso depois se aplica naquilo que fazemos... (p. 171)	1							2			2		5
	2.8.7.3 Dissonância entre questionário e realidade	P1: Claro. Se calhar está um pouco excedido esse valor. (p. 14)	1												1
	2.9 Valorização da criatividade musical dos alunos	P4: Eles escrevem coisas giríssimas, musicalmente... Foram eles que criaram as músicas e fizeram coisas giríssimas, nós estávamos espantados, eles fizeram os cartazes com os desenhos que criaram, com corte, colagem e desenho, e depois transpuseram isso para a música. (p. 62) P10: as canções, as melodias, eles inventaram, tinham piada, quer dizer, eram coisas lógicas, não era... que tinham sentido. (p. 152)				1							1		2
	2.9.1 Criatividade - pouco peso na escola	P5: Eu acho que têm muito pouco peso na escola. Têm, têm. Têm, têm. Só nos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, nas composições... Eles só estão habituados... Criatividade, para eles, é escrever os textos para as composições de Português, mais nada. (p. 72) P5: E eu acho que o 1.º ciclo não está, não está. Não está atento a isso também, não... Vais ver as festinhas de final de ano... Eu não, eu não, não... (p. 72)					2								2

CATEGORIAS	SUB E SUB-CATEGORIAS	INDICADORES /EXCERTOS	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	Freq Ind.	Freq Cat.
3. Audição		<p>P1: Certo. <i>(realiza muitas actividades de audição)</i> (p. 21)</p> <p>P2: situações de audição (p. 26)</p> <p>P3: Sim. <i>(realiza muitas actividades de audição)</i> (p. 41)</p> <p>P6: Gosto e eles gostam também. (p. 88)</p> <p>P6: É, e fizeram, e fizeram... <i>(realizaram actividades de audição)</i> (p. 92)</p> <p>P6: É, porque eles percebem, gostam e aderem muito a essas actividades. (p. 89)</p> <p>P7: Sim, sim. <i>(realizaram actividades de audição)</i> (p. 108)</p> <p>P8: Sim, exacto. <i>(realizaram actividades de audição)</i> (p. 124)</p> <p>P8: Mas ouviram bastantes peças, isso ouviram, muito. (p. 118)</p> <p>P8: Sim, a nível de audição. E ouvir o professor a executar uma peça. (p. 118)</p> <p>P9: Faço, mas faço muito poucas. Não faço sempre. (p. 135)</p> <p>P9: Sim, audição também fazem, estás a ver? Mas mais... pelo menos um bocado de gravador, o teclado... uso muito isso também. (p. 135)</p> <p>P11: Audição pela audição. Audição pela audição. (p. 166)</p>	1	1	1			3	1	3	2		1	13	55
	3.1 Ditados rítmicos	<p>P1: Foi uma coisa que funcionou muito bem foi a parte rítmica, também é uma parte que eu domino melhor. (p. 15)</p> <p>P1: Ditados rítmicos foi uma coisa que funcionou muito bem. (p. 15)</p> <p>P1: Sim, fizeram muitos. (p. 15)</p> <p>P4: eles acabam por fazer ditados rítmicos porque as vitaminas rítmicas que eles fazem, todos os dias, eles fazem um ditado rítmico todos os dias, porque a vitamina rítmica que eles fazem eles depois têm que a escrever, todos, e só depois é que o colega mostra o que é que escreveu. E depois a gente corrige, compara o que é que está mal e o que é que está bem... eles vão fazendo. (p. 62)</p> <p>P10: Sim. <i>(fizeram muito pouco ditados rítmicos)</i> (p. 158)</p> <p>P11: ditados rítmicos, por exemplo, com as várias figuras, portanto, temos de fazer vários, para ter a noção da duração das notas. (p. 169)</p> <p>P11: faço ditados. (p. 173)</p>	3			1						1	2	7	
	3.2 Ilustração de conteúdos teóricos	<p>P1: cada assunto que eu tratava, tentava sempre associar com outros exemplos musicais. (p. 15)</p> <p>P1: eu fiz questão de trazer vídeos e música, foi um bocado a história do Jazz, claro. Usei muito, música usei muito. Trouxe vários exemplos de monofonia, quando falei da monofonia. Foi um bocadinho difícil de arranjar monofonia, mas usei, por exemplo, coisas medievais, assim como usei também coisas mais modernas. E polifonia para eles poderem perceber e distinguir o que é que é a monofonia, que é uma só linha melódica com o mesmo ritmo, e a polifonia, que é o mais usual que a gente ouve hoje em dia, não é? (p. 15)</p> <p>P2: Eu, regra geral, eu utilizo muito a audição para fazer abordagem mais àqueles temas teóricos. (p. 31)</p> <p>P2: Utilizo muito a audição de facto para o encaixe das situações teóricas. Porque falar, muitas vezes, explicar-lhes, sei lá, explicar-lhes o que é uma forma não é fácil. No caso, se ouvirem uma música e explicar-lhes “olhem, aqui vocês aqui têm isto, depois têm esta parte aqui que é completamente diferente...”, é mais fácil de explicar. E utilizo muito a audição para isso. E depois na parte de</p>	2	2				2						6	

		instrumentos, como falamos muito de instrumentos, no caso do 5.º ano, na parte dos instrumentos da orquestra, na parte do instrumental Orff. No 6.º ano, o caso dos instrumentos tradicionais. Acabo sempre por mostrar muita música, muitos exemplos. (p. 31) P6: Dar exemplos... Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim. (p. 89) P6: É, muito importante, muito importante, e ajuda muito nos conteúdos quando estamos a explicar, porque é um apoio e uma ajuda, porque estar só a dizer olha é este instrumento ou é esta não sei quê... (p. 89)													
	3.3 Audição/Manual	P1: Por exemplo há uma parte do livro que eu dei, mais nos 5.ºs anos, que foi do Louis Armstrong. (p. 15) P7: Portanto, eu parto da audição porque é sugestão também do livro. (p. 99) P7: É que este livro parte muito da audição. E, portanto, eles trabalham, por exemplo, o ritmo. Ouve-se esse ritmo numa melodia qualquer, por exemplo, o galope rápido (canta) “Gosto muito de você leãozinho”. E, portanto, partimos primeiro da audição. Depois cantam, batem ritmos com instrumentos, esse ritmo, o galope, e depois, só depois é que trabalham músicas (p. 99) P11: Aquilo que o livro propõe e não só, quer dizer, e depois há... O livro propõe apenas o início, eu depois procuro aprofundar, pesquisando materiais e pesquisando exemplos e trazendo exemplos que não estão no livro indicados... e que lhes dou nas aulas. (p. 166) P11: Sim. [...] Tem, tem o áudio e depois tem indicações para compositores. (<i>utilização do manual</i>) (p. 172)	1					2					2	5	
	3.4 Audição activa	P5: A audição só por si também não existe, só existe com execução de ritmos, ou de palavras, ou de... Portanto, ouvir por ouvir, não. (p. 73) P8: E geralmente a peça que nós trabalhávamos, que estávamos a ouvir, havia sempre alguma parte prática, ou acompanhar com ritmo ou acompanhar com a flauta... É aqui. Também para eles terem a noção de espaço e tempo, que no início foi muito complicado porque não tinham esse tipo de noção. (p. 118) P9: Não, faço, faço, faço. Dentro dos noventa minutos eu faço 50% de audições práticas. Muita actividade prática. (p. 135) P10: Afinal, as audições com eles são sempre assim. Porque, tem que ter uma componente prática, percebe, seja ela qual seja, porque senão não funciona. (p. 156) P10: Porque, por exemplo, normalmente quando se faz a audição, não é?, faz-se depois também a parte prática, não é?, o tema A, o tema B... e eles depois gostam e de tocar e tudo. Eles gostam de fazer, agora o problema é dar aquele passo, percebe? Apresentar a coisa de uma maneira atractiva. E como digo, com a turma X, fiz. Agora, com a turma Y também tentei... e fiz. Eu também fiz, só que a reacção... (p. 153)				1			1	1	2			5	
	3.5 Material audiovisual	P2: E agora com o facto de ter projector de vídeo na sala, coloco muitos vídeos também que mostram esses instrumentos e acaba por ser mais fácil ensinar-lhes essas coisas também. (p. 31) P10: Para os cativar. Bom, e para que eles ouvissem outro tipo de coisas através da imagem, porque, quer dizer, aguentar estes meninos... (p. 153) P10: Sim, por exemplo, com esta turma (aponta para a turma Y) eu vi, por		1								2		3	

		<p>exemplo, mais filmes musicais do que com a outra, com a outra praticamente não vi nenhum filme musical, portanto, eu tive que passar com esta turma... (p. 153)</p> <p>P11: E nesta escola temos a possibilidade, este ano, de usar uma boa aparelhagem, um bom projector e a ligação à Internet o que permite explorar exemplos disponíveis na Internet sobre aquilo que o livro traz, eles vêem e ouvem e têm... tento provocar essa experiência nos miúdos. (p. 166)</p>													
	3.6 Análise musical	<p>P8: Vamos à interpretação da peça nesse sentido e quais são as ideias, por exemplo, a interpretação das peças a nível auditivo, fazer a análise estética muito simples. Qual é a ideia do compositor? Costumo-lhes apresentar o 4.º andamento da 6.ª de Beethoven, A tempestade. Sem eles saberem que é a tempestade, primeiro de nada. Em que eles começam-me a dizer coisas e eu começo a escrever no quadro, o fogo, animais a fugir, a água e tal. Depois no fim vamos tentar perceber o que é aquilo, uma tempestade. Depois ouvem mais uma vez com a minha explicação, aqui ouvimos isto, agora damos atenção a isto, depois damos atenção àquilo. Eles geralmente gostam, gostam disso. Gostam dessa actividade e pedem-me novamente essa actividade. (p. 115)</p>							1						1
	3.7 Alargar as referências musicais dos alunos	<p>P1: Tinha, tinha. Pô-los a ouvir uma música, até não. Quando era na parte auditiva... o problema é que se eles não gostavam, eles... era, era um horror. E eu às vezes tinha um bocadinho receio do que é que eles gostavam ou não. Foi difícil perceber a turma, que não era homogénea. E então... mas quando eles realmente gostavam o comportamento era afectado, o problema é que até eu perceber... foi muito complicado. Ao passo que nesta turma (aponta para a turma Y) foi sempre fácil trabalhar na parte auditiva, sempre. Trabalharam muito mais do que eles (p. 15)</p> <p>P5: Realmente, é quase impossível gostar de uma coisa que não se conhece, não é?... Portanto. (p. 73)</p> <p>P5: Há muita coisa que vem a propósito, há muita coisa que vem a propósito. Às vezes vem a propósito de um aluno, não é?, que naquele momento... então vamos, "já ouviu esta música?". Então vamos ouvir com mais cuidado, vamos aqui extrair qualquer coisa, seja que estilo for. Eu não, isso não... É evidente que, por meu lado, acabo por dar mais a parte clássica, mas isso é porque, porque sei que é a parte que lhes falha também mais a eles, não é? Ou a tradicional. Porque é o que lhes falha, o que não têm tanto ao lado, ou no dia-a-dia. Mas pode vir a propósito de qualquer coisa. (p. 73)</p> <p>P6: que gostem de ouvir e não possam dizer assim "eu gosto de um estilo e não quero aquele, ai, ai, não sei quê"; não, faço questão que eles... Mas porque é que não se pode ouvir aquele estilo? Podemos apreciar, há uns que gostamos mais do que outros, mas sabemos dizer porque é que não gosto, não é? Há muita coisa que eu também não gosto, mas eu para dizer que não gosto tenho que ouvir ou tenho que experimentar (p. 94)</p> <p>P10: Dar a outra faceta. Mas eles depois gostam. (p. 153)</p> <p>P10: A audição é... eu uso a audição para eles poderem ouvir alguma música clássica porque, senão, a música clássica é coisa que... Por exemplo, aproveitei o Dia do Mar, por exemplo, para... o Debussy e outros compositores que fui encontrando... Portanto, tentar aproveitar essas circunstâncias para os fazer ouvir música clássica, ou, pelo menos, não aquela que eles estão habituados. Por</p>	1				2	1				4		8	

		<p>exemplo, o José Afonso, por exemplo, outro tipo de compositores nossos, portugueses, que eles acham que aquilo é tudo... quer dizer, não têm noção. Por exemplo, quando foi o 25 de Abril também trabalharam um bocadinho as músicas do 25 de Abril, contextualizar, porque eles não estão habituados a ouvir. Por exemplo, o Grândola para eles, se não for contextualizado, eles detestam ouvir aquilo, acham que aquilo não tem piada nenhuma, aquilo é uma trapalhada pegada. Mesmo o José Afonso que tem coisas tão bonitas e outro tipo de compositores nossos, portugueses. Eles, quer dizer, não... (pp. 152-153)</p> <p>P10: E aderem, quer dizer, depois fazem, não é? Mas a audição é essencialmente orientada para eles poderem ouvir outro tipo de música. (p. 153)</p> <p>P10: E depois, na prática Isabel, nós na aula acabamos também por ir muito por aí, para os cativar, portanto, como eu disse há bocadinho. (p. 153)</p>													
	3.8 Alunos partilham música com a turma	<p>P1: Sim. (<i>atividade menos realizada</i>) (p. 21)</p> <p>P7: No início do ano faço logo (<i>Trazer música para a aula para partilhar com a turma</i>). Para saber um bocadinho o que é que eles ouvem. Eu faço sempre isso no início do ano lectivo. Dá-lhes um bocadinho o sentido crítico da música e também muito para reconhecimento de instrumentos. (p. 108)</p> <p>P8: Tive que começar a cortar porque, de vez em quando... certas músicas em que, por exemplo, a letra não é muito recomendada para uma sala de aula. Eu utilizo também, às vezes, o Youtube. Mostro-lhes as coisas, mostro-lhes as coisas... Só que, depois “Oh professor eu vi isto”. Pois é, e eu, pronto, quadro interactivo... roubaram-me o cabo, portanto, não posso ver eu primeiro, tem que ser logo para o quadro interactivo... Bem, aquilo era para maiores de 18, quando eu comecei a ver aquilo... eh, não dá. Uma pessoa nunca sabe o que vem... (pp. 124-125)</p> <p>P10: Exactamente. Enquanto na outra turma não havia necessidade porque eles acabam por aderir àquilo que se põe, não é? (<i>atividade mais realizada na turma pior</i>) (p. 158)</p> <p>P11: Sim, eles trazem, eles trazem. Quer dizer, se calhar estes miúdos talvez não tenham trazido tanta, tantas vezes, mas muitas vezes são eles que sugerem até músicas que nós trabalhamos aqui na aula. Portanto, eu tento corresponder também, ir ao encontro daquilo que eles querem. Se tivermos que cantar ou tocar uma canção para uma festa, são eles que sugerem a canção, nunca sou eu a propor e a impor uma canção. Dentro das possibilidades, eles trazem essa proposta. E mesmo, eles não trazem música para a aula, porque muitas vezes aquilo que nós ouvimos também na aula está disponível na aula e são eles que depois escolhem a música que querem ouvir. (p. 172)</p>	1					1	1		1	1	5		
	3.9 Obstáculo - qualidade de som dos quadros interactivos	<p>P8: Precisas de umas colunas para teres uma qualidade de som. Aquilo, por exemplo, a nível de graves é muito limitado. Ouves muito bem é os agudos, isso, maravilha. E uma pessoa... (p. 118)</p> <p>P8: Porque aquilo tem uma... aquilo tem uma aparelhagem, parece uma aparelhagem, “ah, temos o quadro interactivo, aquilo tem som.” Pronto, entretanto o quadro interactivo começa a funcionar e eu começo a utilizar aquilo. Aquilo é o seguinte, os miúdos... Aquilo não tem qualidade de som. (pp. 117-118)</p>						2					2		

CATEGORIAS	SUB E SUB-SUBCATEGORIAS	INDICADORES /EXCERTOS	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P 10	P 11	Freq Ind.	Freq Cat.
4. Teoria															90
	4.1 Grande enfoque	<p>P1: É grande. Eu acho que é a maior porque eu associei talvez isso... Eu associei talvez isso porque qualquer, qualquer, qualquer assunto que eu falei com eles, tudo o que ensinei passou por uma teoria, ainda que seja coisas práticas, passei sempre por uma teoria. Mesmo as partes, por exemplo, rítmica, que é a coisa mais prática, onde eles tocaram muitos instrumentos, eu fui sempre à parte teórica que foi explicar as figuras rítmicas, o tempo e etc. Portanto, eu acho que essa parte é um bocado teórica, os tempos, as figuras... (p. 16)</p> <p>P1: Na teoria, é. (p. 16)</p> <p>P1: Mas a tudo o que dei associo uma teoria. (p. 16)</p> <p>P6: Pois (sorri). (<i>grande enfoque na teoria</i>) (p. 93)</p> <p>P9: Eu dou mais... eu começo pela teoria. (p. 132)</p> <p>P11: Sim. (<i>grande enfoque na teoria</i>) (p. 173)</p>	3								1		1	6	
	4.1.1 Uso da teoria vs. prática para disciplinar os alunos	<p>P1: quando estavam ocupados na teoria, a ouvir, a escrever, a... o comportamento aí acalmava um bocadinho. Tudo o que fosse uma prática era uma desordem impossível de fazer seja aquilo que for. (p. 11)</p> <p>P1: Nesta (aponta para a turma Y) usei muito pouco. Para ser franco usei muito pouco porque era impossível. (p. 11)</p> <p>P1: Não havia espaço para podermos trabalhar. Nem fazer coisas práticas. Tudo o que envolvesse uma prática, seja aquilo que for, era complicadíssimo. Esta turma em especial, e eu até acho que foi a única, foi a turma onde eu dei mais matéria teórica. Porque é uma forma de os segurar. Porque estão ocupados. Assim estão ocupados e não estão a fazer barulho. (p. 10)</p> <p>P8: se trouxesses uma actividade prática a indisciplina era de tal ordem, porque eles já são indisciplinados, uma actividade prática ainda pede mais por eles, para eles mexerem. Era impensável trazer uma actividade prática para estes miúdos. As actividades práticas que foram vindo, foi depois de se ter trabalhado a turma com calma, era do género: "você não gostam disto mas têm um comportamento adequado, então têm que fazer aquilo que é para podermos leccionar, temos que cumprir um programa". E se eles assim estão calados e quietos é uma disciplina teórica... Eles se tiverem a passar do quadro estão bem, então, passam do quadro. (p. 113)</p>	3							1				4	
	4.1.2 Teoria/interpretação	<p>P1: quando dei a monofonia e a polifonia, pu-los a tocar sempre, em que usei todos os instrumentos que ali estavam. Não os alunos todos, porque queria que os que não estavam a tocar estivessem com atenção. Desenhava uma linha monofônica portanto, e usei vários instrumentos com timbres diferentes a tocar o mesmo ritmo para realçar a monofonia. Depois criava ritmos diferentes com os mesmos miúdos, que tinham instrumentos diferentes, associava um padrão rítmico a cada instrumento e aquilo foi muito giro.</p> <p>P1: No 6.º ano não sabiam nada, não sabiam o dó, o ré... Então a maneira mais prática era começar do princípio, as notas mais fáceis. Começava pelo sol e às vezes tocava no piano, fazia desenhos no quadro, coisas simples mesmo, aproveitava e dava um bocadinho da teoria, ou seja, agora vamos aplicar aqui as</p>	2		1	1	1							5	

		semínimas e as mínimas, sol, sol, sol, sol, sol, sol, lá, lá, e fazia a harmonia no piano. Só com isso. (p. 19) P3: Eu para tocar uma peça tenho que saber teoria, tenho que saber o compasso, o andamento, o valor das figuras, o nome das notas... portanto, está tudo interligado, não é? (p. 39) P4: É, a teoria está diluída aqui. <i>(na interpretação)</i> (p. 64) P5: Vai influenciar essas <i>(interpretação e audição)</i> é evidente, principalmente na interpretação. (p. 75)																		
	4.2 Desvalorização da teoria em favor da prática	P5: O que é que me interessa saber que é meio-tom? Isso não... Interessa é que aquele som ali não combina, portanto, têm que fazer qualquer coisa para entrar ali um som que fique mais harmonioso, não é?, e que aquela nota tem que ser alterada. Agora se é meio-tom... (pp. 74)					1												1	
	4.2.1 Seleção das áreas teóricas pertinentes	P2: Eu tento, eu tento aligeirar o máximo possível para os alunos. (p. 31) P11: E depois há coisas que eu trabalho mais e outras que passo um bocadinho mais por cima... pronto, porque as coisas que eu passo mais por cima são as coisas que eu percebo que lhes vão fazer menos falta e não interessa estar, se calhar, a... quer dizer, eles também não vão ter muita necessidade de saber isso, não é?, portanto, não perdemos muito tempo com isso. (p. 169)		1															1	2
	4.3 Valorização da leitura musical na pauta	P2: Regra geral... nunca faço músicas de cor. Mesmo aquela questão quando eles dizem "ah, já sei de cor". "Ótimo, quer dizer que já tocaste isso muitas vezes, mas não faço questão que feches o livro ou que escondas a música. Se chegar aqui alguém e olhar para ti a tocar de cor, diz que tu decoraste, se tiveres um papel à frente e conseguires interpretar o papel, para além de saber tocar, estás a saber interpretar todos esses sinais que aí estão, o que é uma mais-valia que depois te serve para outras músicas sem ter que decorar." (p. 34) P5: Agora isso para eles é... provavelmente é uma aprendizagem de um conceito, uma teoria que fica... até porque há sempre a parte do... "Se vocês puserem isto em frente aos vossos pais eles não conseguem ler", portanto. (p. 75) P6: eu tento sempre, tenho muito a preocupação de que eles percebam, porque chateia-me imenso se eles têm, por exemplo, que ler em inglês, que aprender o alfabeto para ler português e não sei quê, porque é que a linguagem musical eles... gostam sempre de pôr as notas por baixo, gostam de fazer não sei quê, e eu não quero isso, acho que é uma linguagem que eles têm que aprender, se eles não a sabem então a disciplina não, não está correcta. E eu batalho muito nesta parte de eles compreenderem os símbolos, de eles compreenderem, olharem para uma pauta e saberem o que lá está (p. 86) P6: e pronto serve para tudo, para eles lerem, para tocarem, para trabalhar o ritmo, para essas coisas todas, pronto. (p. 91) P7: Mas porquê, porque eles não sabem o nome das notas ainda. Quer dizer, um trabalho que eu faço imenso, no 1.º período faço trabalho... Ainda não percebi, há aqui uma falha qualquer que os miúdos têm... aquilo da escala na pauta e... quer dizer eu obriguei-os a decorar isso, fazer tipo ladainha. Abaixo do sol o que é que é? Acima do sol o que é que é? Não é, têm que fazer isso. (p. 107) P9: Faz parte da cultura geral deles, musical, estás a ver? É universal. (p.142) P9: Mas eu quero que eles conheçam. Eu quero que eles vejam uma semínima, a		1			1	2	1		2	1	2	10						

		visualizem e identifiquem. Estás a perceber? (p.142) P10: Sem dúvida. <i>(Realizam actividades de leitura musical)</i> (p. 158) P11: Faço leitura (p. 173) P11: Mas eles também fazem, fazem... eu também faço muito leitura de ritmos, não é? Isso também é uma coisa que eu faço, pronto. Faço. (p. 173)																	
	4.3.1 Dificuldades dos alunos na leitura musical	P5: É muito difícil, principalmente a parte rítmica, é uma coisa que é muito difícil de escrever para eles ou de entender deles. Dizem muitas vezes, “vou estudar esta música, professora. Vou tocar esta música, mas eu não sei o ritmo.” E não sabem efectivamente. Eles conseguem ler a nota e sabem que a nota é naquela posição, agora o ritmo eles não conseguem....(p. 77) P7: E outra coisa que me põe fora de mim é eu já ter trabalhado a pauta, as notas, bem, e no final do ano, de repente, eles não sabem... Eu não estou a acreditar nisto, dá-me imenso trabalho isto. E ainda não percebi se tenho que trabalhar mais, novamente, os exercícios que faço imenso no 1.º período, imenso. Depois quero um bocado partir para a criatividade, senão uma pessoa fica sempre colada ao papel e à linha da pauta, não é? Isso aí também fico triste. (p. 110)					1		1									2	
	4.3.2 Estratégias - leitura musical	P3: Mas aqui tem a ver com a questão da aprendizagem das músicas. A música está lá, vamos primeiro ver o compasso, o ritmo... primeiro fazemos com os vocábulos, não é, tá, ti-ti tá, depois é que metemos o nome das notas, depois fazemos com os valores... Portanto, eles, se calhar, não interpretam isso dessa maneira, não é? (p. 49) P5: E depois utilizamos a tal, eu não uso muito o ti-ti tá, mas utilizo o um, meio, meio, um, a verbalização do valor. Mas, efectivamente, houve uma altura que andava aí a querer perceber o que era bem o ti-ti tá e que usei com, com frequência, para treinar-me a mim também própria com os miúdos e... É muito mais fácil realmente, é muito mais fácil, não há dúvida alguma. Mas não é isso também que me interessa. Interessa também... com o ti-ti tá, tu não tens a relação com as outras. Tens o tempo da sílaba mas não tens a relação com as outras. (p. 77) P6: Uma coisa que eu, por exemplo, fiz este ano muitas vezes e eles até gostavam, antes de tocar cantávamos muitas músicas com as notas e eles gostavam, portanto, fazíamos sempre primeiro essa aprendizagem (p. 91) P7: Ensino por partes. Primeiro faço leitura rítmica, dentro da canção, não é? Primeiro faço a leitura rítmica, depois faço leitura de notas (p. 99) P7: Depois escrevo no quadro, apesar de também estar escrito no livro deles, mando abrir o livro, mas passo sempre para eles... (p. 100) P7: E depois a parte melódica, a parte melódica apresento o todo, eu, e depois trabalhamos por partes, por frases melódicas, normalmente é mais por frases melódicas. (p. 99)			1		1	1	3										6
	4.4 Escrita musical - copiar músicas para a pauta	P2: É mesmo prática de escrita.(p. 35) P2: Tento diversificar, ou seja, se acho que tenho tempo ou há ali coisas que em termos de escrita que eu quero que eles aprendam, peço para eles passarem. E muitas vezes também por uma questão de poupança de fotocópias, etc., porque se eu andar a tirar fotocópias cada vez que vou ensinar uma música, mais cedo ou mais tarde tenho alguém provavelmente a chamar-me à atenção. (p. 34)		2	3	2	3	2	3	1	3							19	

		<p>P3: Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim. (<i>Fazem cópias musicais</i>) (p. 49)</p> <p>P3: Como eu já disse há pouco, eu não uso só as músicas que estão nos livros. Eu ando sempre à procura de outros livros com outras músicas. E então, isso aí, como estamos em contenção, não podemos tirar fotocópias das músicas todas para os meninos todos, portanto, a gente acaba por ter que projectar e eles copiam para o caderno diário para terem material depois para estudarem em casa também (p. 49)</p> <p>P3: Hum, hum. (<i>projecta e os alunos copiam</i>) (p. 43)</p> <p>P4: eles, antes de estudarem a melodia, passam à mão primeiro. (p. 66)</p> <p>P4: porque eles para estudarem flauta tinham de copiar tudo (p. 66)</p> <p>P5: Estás a ver, eles distinguem a caligrafia musical do copiar músicas para o caderno. Eles percebem que não é uma questão só de, de... não é escrever por escrever, não é para ficar bonito, é uma música que tem uma relação com eles. (p. 77)</p> <p>P5: Para já, a música é feita no quadro, portanto, eles têm que passar para o caderno se querem estudar em casa, não vão tocar a peça toda de ouvido que não vão conseguir. Portanto, há sempre ali um trabalho de, de... que tem que ficar um registo no caderno para... Por outro lado também, depois de, de, de... (p. 76)</p> <p>P5: depois de a saberem, às vezes já sabem muito bem a música e têm que... O facto de copiar é um exercício de... os miúdos têm muita dificuldade, eles tanto lhes faz pôr na primeira linha ou na segunda linha para eles é igual, ou uma bola só nas duas linhas, portanto, é igual, não é? Mas eles têm de perceber que há ali uma diferença, há uma... e requer rigor... que só lendo não vais lá. Tens que a fazer, com dificuldade em fazer a bolinha, mas tens que a fazer. Tem a ver um bocado com rigor, não tem a ver... Eles não gostam nada. Eles não gostam é por isso que eles aparecem aí com sempre... Mas é uma questão de rigor, não é... não tem outro objectivo senão rigor mesmo. (p. 76)</p> <p>P6: Sim, eu escrevo. (p. 93)</p> <p>P6: Sim, todas as músicas de flauta eram passadas para o caderno, para treinar a escrita. (p. 93)</p> <p>P7: tive que passar as músicas para o quadro, porque uns tinham livro, onde tinham as músicas escritas, outros não, e, portanto, tive que passar, até porque gosto que eles também se exercitem a copiar, não é, a escrita musical. (pp. 98-99)</p> <p>P7: Porque eles nem todos copiam. Como eu te disse, alguns têm a música já feita no livro. Alguns não precisam de copiar e outros têm que copiar, os que não têm esse livrinho. (p. 108)</p> <p>P7: E fazem pouco. (p. 108)</p> <p>P8: Todas as peças que nós trabalhámos eles copiaram. (p. 125)</p> <p>P9: Eles só fazem isso numa fase posterior. Inicialmente dão as figuras, a vivência das figuras. (p. 141)</p> <p>P9: Era mais fácil dar fotocópias mas eu não quero (ri-se sonoramente). (p. 141)</p> <p>P9: Eu faço mesmo questão de eles escreverem, mesmo. Não quero, não gosto muito das fotocópias. Eu quero que eles façam exercício. (p. 141)</p>																	
	4.4.1 Caligrafia musical	<p>P1: Faziam pouco, mas faziam. Caligrafia, eles é que não associavam bem o que era a caligrafia... Eles faziam muito, tirar... Eu tinha muito cuidado de fazer. (p. 22)</p>	3	1	2														6

		<p>P1: Talvez, eles faziam bastante caligrafia. (p. 22)</p> <p>P1: Escreverem, sim, sim, sim. Atenção que na linha, segunda linha é na segunda linha, não pode ser abaixo porque senão é outra nota e em cima também já é outra nota. Tem que se ter cuidado. (p. 22)</p> <p>P2: Hum, hum.(<i>menos caligrafia musical</i>) (p. 35)</p> <p>P3: Até ao nível de ouvido para eles poderem tocar e estudarem em casa, se não tiverem as coisas bem escritas também não conseguem estudar as coisas como deve ser, porque é mesmo assim. Porque acontece muitas vezes, eu ponho-lhes as coisas para fazerem ou fazem mesmo fichas para copiar e verificas que muitas vezes eles estão a pôr à toa. Portanto, das indicações que é a nota sol ou mi ou o que for, eles estão a copiar mas copiam como calha, pronto. Ou não fecham as figuras ou metem as figuras num sítio qualquer. (p. 43)</p> <p>P3: Faço exercícios por causa de fazer as figuras como deve ser, porque muitos deles têm a mania de pôr as hastes todas tortas. Quando são as colcheias, duas colcheias fazem “M” e com uns pezinhos... eu costumo dizer “vocês como é que andam com os pés? Andam com os pés tipo à Charlot ou andam com os pezinhos... como é que termina a vossa perna?” Eles olham, “Estão a ver como é o vosso pé, a vossa perna?” Que é para eles perceberem mais ou menos. (p. 43)</p>																	
	4.4.1.1 Exercícios de caligrafia musical - Castigo	<p>P1: E até muitos castigos que eu dava, às vezes... Houve duas vezes que dois que se portaram mal, peguei em duas pautas, agora vão... fazia assim no princípio da pauta uma clave de sol, depois fazia, por exemplo, uma clave de fá, depois fazia, tipo, dois lás em colcheias, depois fazia soles em semicolcheias. Agora vão fazer isto até ao final é o castigo que vocês têm (ri). (p. 22)</p>	1																1
	4.5 Testes escritos	<p>P1: Fiz, fiz sempre... Fiz sempre dois ... Aliás eu entrei aqui em Novembro... entrei em Novembro, fiz um teste, fiz um teste. Depois no 2.º período fiz dois testes, exactamente, fiz um teste diagnóstico e depois fiz um teste de avaliação. Pois, no 2.º período fiz dois testes de avaliação. No 3.º período fiz apenas um teste, um teste bastante condensado. Não era muito fácil, também não era muito difícil. Mas em que quis fazer um apanhado de toda a matéria. Não consegui fazer tudo porque era... (p. 17)</p> <p>P1: Sou eu que faço. (p. 17)</p> <p>P1: Mas fui eu que fiz, todos. (p. 17)</p> <p>P2: E depois eu como faço um teste por período, faço questão que eles acertem isso. (p. 32)</p> <p>P3: Sim. É um por período. (p. 42)</p> <p>P4: Então, temos que fazer, não é? Faz parte do grupo e faz parte da escola. Nós temos, no mínimo, que fazer o teste do período, no mínimo, no mínimo o teste do período, pode ir até dois, três, o que quisermos. (p. 64)</p> <p>P5: Testes escritos, está quieto, não faço. (p. 77)</p> <p>P6: e até pelos resultados que eu tenho nos testes (p. 93)</p> <p>P7: Fazem dois por ano, portanto, não faço muito. Quer dizer, faço assim umas coisinhas pequeninas durante o ano, mas não é... e depois vou ver ao caderno, mas não é um teste para os pais terem conhecimento. Não, isso faço dois. Acho que faço até de menos, por acaso. (p. 108)</p> <p>P8: Podia ser uma avaliação escrita. (p. 125)</p> <p>P9: (ri) Um por período. (p. 141)</p>	3	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	3	14			

		P11: Cada um faz o seu teste. (p. 172) P11: Testes escritos? Pois os testes escritos têm que fazer (sorri). (p. 172) P11: Um teste por período. (p. 172)																
	4.5.1 Testes escritos - justificação	P3: Não, não, não, não. É uma decisão minha. Porque às vezes há pais que questionam como é que o filho tem aquela nota se não há um teste, se não há uma coisa palpável, quando nós temos as coisas todas... Como é uma disciplina prática, que é mesmo assim, não é? Eles quando estão a tocar têm de aplicar a teoria daquilo que estão a fazer mas não é uma coisa que os pais vejam, não é? Eu faço sempre um teste. (p. 42) P9: mas eu vou fazer sempre um teste por período. Eu tenho que ter elementos de registo. É um suporte... (p. 142) P9: Para eles mesmos, também. E a avaliação nunca é má, percebes? Porque às vezes é no local da avaliação que eu apanho coisas que até aí desconhecia, estás a ver? E é muito importante. Quando eu vejo que eles estão atrasados na leitura de partituras, na identificação de notas, das figuras... E é aí que eu vou trabalhar com o aluno. Para mim é benéfico. E até porque eles sabem que o teste é um elemento da avaliação, não é todos. (p. 142) P9: Acho que sim. Até para solidificar a matéria. Eles fazem, tudo bem, mas o teste dá-lhes a possibilidade de terem... e até porque é um teste prático. Eles já viveram tanto, tanto, tanto, que eu digo sempre que não é preciso estudar para o teste. (p. 142) P11: Para poder ter um instrumento objectivo para quantificar aquilo que os miúdos são capazes de saber, de responder, de serem capazes, por eles sozinhos, de concretizarem por escrito. Porque é assim, pronto, é evidente que nós vamos avaliar muita coisa, não é?, os critérios de avaliação abrangem um conjunto vasto de todos os aspectos do miúdo na aula, mas, quer dizer, a parte escrita tem um peso que tem que ser preenchido. (p. 173) P11: Sim, eu acho que sim. Eu acho que isso também pode ajudar nesse sentido. (p. 173)			1								3			2	6	
	4.5.2 Testes - realizados pelo grupo disciplinar	P4: É, isso é de escola. (p. 64) P4: É, é feito pelo grupo. Portanto, isto é o teste escrito que é feito pelo grupo, depois é os pequenos testes que nós fazemos, as avaliações na flauta, muitas avaliações, mas isso são pequenos testes que a gente faz na aula, percebes?, são os testes formativos que a gente faz, mas os testes sumativos no mínimo deves fazer um por período, fora a prova de aferição... (p. 64)			2												2	
	4.5.3 Testes diversificados conforme as turmas	P1: Sempre, claro. Até porque fiz testes com uma turma que não podia fazer na outra, porque dei coisas numa que não dei na outra, portanto, logo aí tinham de ser distinguidos. (p. 17)	1															1
	4.5.4 Testes-Diferença professor/alunos	P7: Talvez por causa do professor do ano passado, não sei. Isto abrange os dois, é? (p. 109) P11: Pois. Se calhar é do que eles se lembram assim mais, não é? (p. 173)								1							1	2
	4.6 Teoria-Manual	P11: Hum... exponho, quer dizer... sempre com base no manual, aquilo que eles dispõem porque podem levá-lo para casa, e explico aquilo que está no livro e depois na aula tento repetir vários exemplos dentro da, do... quer dizer, se vou explicar uma figura rítmica exercitamos depois aquilo que... quer dizer, se for															1	1

		por exemplo a questão da armação de clave, enfim, ou uma escala, uma escala a mesma coisa, quer dizer, eu tento repetir, também, quer dizer, não tenho muita forma de poder variar aquilo que vem no livro... (p. 169)													
	4.7 Teoria - Desencontro professor/alunos	P10: Que engraçado, eles dizem que fizeram teoria eu achei que não tinha feito nenhuma (ri). (p.153) P10: Porque é que eu acho que nunca fiz teoria com estes? Porque, por exemplo, quando eu escrevo qualquer coisa no quadro para eles interpretarem, para eles lerem, porque eles têm que ler para tocarem, não é? Eu ponho, normalmente, sempre, por exemplo, o nome das notas e a parte rítmica e eles vão de ouvido. Para eles isso já é teoria. Mas é engraçado e eu acho que não fiz teoria nenhuma, quer dizer, realmente tradicional, a teoria tradicional não foi feita com eles. Ou seja, foi o indispensável. (p. 153)										2		2	

CATEGORIAS	SUB E SUB-SUBCATEGORIAS	INDICADORES /EXCERTOS	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P 10	P 11	Freq Ind.	Freq Cat.
5. Experiências de Aprendizagem		P6: Sim, mas, mas este ano tive parada nisso, não, não... Era giro eles terem ido assistir, sei lá, a concertos ou outras coisas... (p. 89) P6: Têm. Têm, porque também não houve muito esse tipo de actividades. (p. 93)						2						2	112
	5.1 Agitação dos alunos	P6: As experiências também é a tal coisa, cria muita agitação (p. 89)						1						1	
	5.2 Festas de escola	P1: Fizemos várias festas aqui. (p. 17) P1: Sim. Houve uma ou duas que pusemos o playback, o karaoke, e eles cantaram por cima. E houve outras que eu tirei a harmonia, toquei com o meu colega de Inglês e houve outras que era tudo, o playback, nós a tocamos e eles a cantarem, pronto... descontração. (p. 18) P1: Fizemos aqui duas... três festas aqui na escola. Foram sempre mais ou menos da mesma forma. Uma festa de Natal quando eu cheguei cá (p. 17) P1: Os ensaios faziamo-los aqui na sala, depois fizemos alguns no auditório... Fizemos na cantina, a festa de final de ano, pronto. (p. 18) P1: A festa fizeram (p. 17) P1: Não também de outras turmas. Da colega também, na festa de Natal pusemo-los a cantar, eu com o piano, um colega nosso de Inglês com guitarra e algumas só com o instrumental de playback. No final do ano fizemos, agora, uma festa aqui no final do ano em que foi a mesma coisa, com músicas diferentes, o mesmo formato, piano, viola (p. 17) P1: Nós actuámos num palcozinho pequenino, a nossa parte, e depois demos a vez ao senhor Dany Silva para... complementar. (p. 18) P3: Nós fizemos a selecção musical e ensaiámos (p. 44) P3: A nível de espectáculos é igual. Aqui, se calhar, tem a ver com espectáculos musicais na escola mas é os espectáculos que eles fazem, porque espectáculos virem cá à escola, não. Isso é o que eles participam. (p. 50) P3: Ouvi a música previamente, obviamente, não é? E estive a tentar perceber e encaixar lá ostinatos, depois ensaiei com os miúdos. (p. 44) P4: Porque estas turmas não foi... Com outras, por exemplo, foi. A turma D, os meus 5.os anos todos fizeram espectáculos, estas duas turmas não foi... e... por acaso esta turma não foi, a Y, porque era uma turma muito envolvida nas danças sociais da escola, esta turma estava muito ocupada com as danças sociais. (pp. 64-65) P7: há umas que são grandes directrizes, por exemplo, o Natal, uma marca muito forte. E os professores cá da escola estão habituados a que nós participemos na festa. Desde que eu estou aqui, não me lembro de não entrar. (p. 102) P7: Participamos nós de música, este ano até fui eu sozinha (sorri), e depois participam, às vezes, os professores de teatro. Teatro, quer dizer, professores do... como é que se chama? (p. 102) P8: "P8, queres?" "Quero." Participamos. (p. 120) P8: É o seguinte, se formos ver isto assim, de todas as festas que há, aquelas que eu participei, participei em todas. Agora a nível de número é insignificante.	7		3	1			2	2	6		2	23	

		Foi a festa de Natal, foi aquela com os materiais reciclados... Foi, foi essa. E houve uma... ah, não foi com esses, foi com o 5.º ano. É muito pouco. (p. 120) P9: Depois quiseram dançar Hip-hop. (p. 136) P9: Danças, coreografia. (p. 136) P9: Sim, uma grande festa. (p. 136) P9: Danças, coreografias, instrumentais Orff, cantaram... Uma dramatização. Dramatizações, dança... muita coisa. (p. 136) P9: Mesmo agora na festa de final do ano apresentaram. (p. 136) P9: Olha, o ano passado fizemos uma festa tão grande, tão grande, que eu trouxe sete paletes de bolos, quatrocentos bolos, da fábrica, quatrocentos. (p. 143) P11: Há sempre festas, há pelo menos três festas por ano, pelo menos aqui nesta escola. Os meus miúdos participaram no Natal e participaram na Páscoa. Com canções. (p. 169) P11: Acabaram por não apresentar. (p. 173)													
	5.2.1 Participação dos alunos 5.2.1.1 Participação de todos os alunos	P2: Faço questão que todas as turmas façam apresentações musicais, nem que seja para perceberem o que é feito numa apresentação. (p. 33) P2: Todos. Os 6.ºs fizeram no Natal, depois voltaram a repetir no fim do ano, os 5.os anos também... (p. 33) P3: Quando há espectáculos todos eles participam nos espectáculos da escola (p. 50) P7: Da apresentação. Eu achei que pequeninas turmas não resultava, não temos condições acústicas. Então, faço tudo igual para todos e apresentam. E o resultado é muito melhor. (p. 102)	2	1				1							4
	5.2.1.2 Selecção de alguns alunos	P1: escolhemos um grupo dos que, das pessoas que cantavam melhor e que tinham melhor comportamento (p. 17) P1: Aqui, como não era uma coisa de turma, escolhia-se alguns alunos. (p. 22) P7: Também já fiz isso. Também já seleccionei as melhores vozes, os melhores a interpretarem a música. Já fiz isso. Mas também não me apetece marginalizar os outros, coitadinhos. Agora a minha exclusão é por comportamento (sorri). (p. 102) P7: Ai, a turma Y eu tive de os castigar. Foram proibidos de... porque o comportamento deles era... (p. 109) P7: Sim, sim. Não, eles são obrigados a ir, agora não participam para não desestabilizar o resto do grupo. (p. 109) P10: por exemplo a turma X, ao longo deste ano, participou sempre nas festas, por exemplo. Foi uma das turmas que no Natal se apresentou e que cantou, que fez batimentos, portanto... Não só, não só a X, não é?, mas também. Mas, por exemplo, na festa final, aqueles miúdos que tocaram jogos de sinos foi da turma X. (p. 149) P11: Nestas turmas foi complicado conseguir tê-los a um ponto aceitável para poder apresentar alguma coisa na festa. (p. 173) P11: da turma que eu levei ao espectáculo (p. 174)	2					3			1	2	8		
	5.2.2 Preparação das actuações	P2: O que fizeram na aula, o que fizeram na aula. Portanto, não há uma preparação... uma preparação especial. Há assim, "olha, vamos pegar em duas		1											2

	5.2.2.1 A partir do trabalho lectivo	ou três músicas que nós gostamos e que tocámos e vamos lá fora apresentar”. Obviamente depois passamos duas aulas ali a dar um bocadinho mais duro nessas músicas, mas... essencialmente é isso... (p. 33) P5: Eu, eu, eu... Nós fazemos, eu trabalho muito... não é para cada um, é... há sempre uma parte de, tem um bocado a ver com a história da performance também (ri), que é o expor aos outros mas dentro do grupo, dentro do pequeno grupo, nem que seja um grupo de um para dois. Portanto, há sempre uma interpretação mais individualizada... para os outros. Portanto, há sempre uma parte mais... mais pessoal, mais individualizada. (p. 70)													
	5.2.2.2 Trabalho lectivo em função das actuações	P10: Como digo, com a turma X, eles tiveram que preparar a festa de Natal, não é? Depois tiveram que preparar também algumas coisas no final do ano. Quer dizer, portanto, a gente acaba por canalizar um bocadinho aquilo que é... o trabalho a fazer. (p. 152)									1			1	
	5.2.3 Actuações fora da escola	P8: Por exemplo, a festa de Natal tivemos de sair da escola em que só foram os alunos e meia dúzia de pais. Não foi dentro da escola, se fosse dentro da escola tinha mais sucesso. (p. 125) P9: Só música. Percebes? Fomos ao Museu de Macau, fizemos uma festa grande, grande, grande para os pais, para as turmas, para os alunos. (p. 143) P9: Fomos fora, no Museu de Macau. (p. 143) P9: Saíram todos da escola. Sim, isso é muito bom. Nós temos sempre preocupação em levar fora da escola, percebes? Fazemos sempre articulações com museus, com juntas de freguesia, inter-escolas... tudo isso. Isso é um dos parâmetros que é importante, até para eles conhecerem outras realidades. (p. 138) P9: Apresentações, coreografias, dramatizações. (p. 143)						1	4						5
	5.2.4 Importância para os alunos	P5: Eu acho que o que é importante é fazer-se, independentemente das limitações que se tenha ou não, mas... as festinhas de final de ano das escolas... Ainda há muitas escolas do 1.º ciclo com... para mim isso não me diz nada, que é já aquilo para os pais, de cantar uma cantiguinha para os pais ou... Porque era tão mais fácil fazer, e tão mais interessante, fazer... Porque é que aquela turma do 1.º ano não se junta, não tem uma relação com a turma do 5.º que vai a seguir, ou com a 4.ª? É tão fácil sair daquele protótipo de apresentação familiar quase, fechada, sem... Não tenho já essa... Acho que é mais enriquecedor para todos e isso nota-se aqui nas, nas... nos espectáculos aqui da escola, porque os miúdos valorizam muito. E isso está lá no meu trabalho, o importante para eles... miúdos que têm insucesso escolar, e que dizem que o importante para eles era participar numa festa de escola. Portanto, o sair da turma, o sair daquele grupinho, o fazer para a escola inteira, mesmo que cada um tenha a sua parte, o fazer para a escola, aquela identidade de escola que se cria, não é preciso ser uma coisa muito ambiciosa, pode ser uma coisa muito simples até... acho que é importante, acho que é muito, muito importante. (pp. 72-73) P10: E que no fundo sabiam que iam estar perante a comunidade educativa e que iam tocar jogos de sinos. E não se importaram nada, pelo contrário, gostaram de fazer e gostaram de participar... Portanto, quer dizer, esta				1					1	1		3	

		dimensão realmente da prática musical, eu acho que é... fundamental... aqui neste contexto. (p. 149) P11: Eu acompanho-os à guitarra e eles cantam. Têm essa experiência, pronto. E eu, pronto, posso pensar em relação a este ano, mas nos outros anos anteriores e em anos em que eu acompanhei ou que trabalhei mais na parte desta interpretação, e é uma experiência que é muito engraçada e acho que eles ficam muito marcados com isso. (p. 170)																
	5.2.5 Importância para os Encarregados de Educação 5.2.5.1 Assistência	P3: Digamos que não havia lugar para toda a gente. Sentados não havia, foi uma confusão para arrumar toda a gente. Foi mesmo agreste., a festa era para começar às 9h30, só começou às 10h, para conseguirmos arrumar os pais todos e os alunos todos... porque era feita nesta parte cá em baixo. Foi assim uma coisa muito em grande. No final o saldo foi bastante positivo, eu acho que sim. Pelo menos, toda a gente gostou, toda a gente deu os parabéns. (p. 44) P3: E acho que o resultado final foi bastante giro, pelo menos toda a gente gostou. (p. 44)			2													2
	5.2.5.2 Colaboração	P3: Os pais também colaboraram a nível de arranjar essas latas, porque havia miúdos que não conseguiam arranjar e outros arranjaram três e quatro. Depois colaboraram também a fazer as baquetas, porque a escola não podia fornecer baquetas aos alunos todos, não é? Todas as turmas do 5.º e do 6.º ano é uma massa muito grande. (p. 44) P3: fizeram mesmo com bolinhas de... uns fizeram com bolas de ténis, outros fizeram só com linhas, outros com tecido. Portanto, os pais ajudaram também bastante na execução dessas baquetas. (p. 44) P9: Quer dizer, os próprios alunos carregaram as paletes todas dos bolos, as mães cortavam e decoravam as mesas e é isso que eu acho que é muito importante. (p. 143)			2							1						3
	5.2.6 Actuações em Festas - Limitações 5.2.6.1 Inibição dos alunos mais velhos	P9: Eles preparados são. Más ou boas, melhores ou piores, todos são preparados para. Agora, nem sempre o 6.º ano com 15, 16 anos gostam, alguns, de apresentarem o trabalho. (p. 136)										1						1
	5.2.6.2 Falta de motivação dos alunos	P6: Foi, eles cantaram na festa de Natal, mas foi muito difícil. Cantaram uma cançãozinha... Foi o (nome de um elemento da direcção da escola), à última da hora, “ah, não sei quê, porque é a Associação de Pais... então foram cantar uma canção de Natal. Mas foi muito difícil porque eles fugiram todos e só consegui arranjar 11 alunos das 4 turmas (p. 93)						1										1
	5.2.6.3 Escassez	P8: Porque há muito pouco. Se houvesse, por exemplo, uma a meio do período, do 1.º período, outra no final. (p. 125) P8: É muito pouco, não poder haver festa nenhuma, no final do ano não há festa nenhuma. (p. 125)									2							2
	5.3 Assistência a espectáculos musicais fora da escola	P1: Não. Espectáculos musicais, não. Isso por exemplo, não, não, não... pelo menos da minha parte... (p. 22) P1: Não, não... Aliás, nem uma vez. (p. 23) P2: No caso de saídas fora para ver concertos, fazem. Habitualmente, depende depois do que é feito, se for mais à base de música tradicional levo o 6.º ano, se for mais à base de música ligada à orquestra, levo o 5.º, também por uma	2	1			2						3	2				10

		<p>questão de programa. (p. 33)</p> <p>P5: “Ah, afinal isto aqui é... então afinal até gosto. Ah isto é da orquestra, afinal até gosto”. Nós costumamos ir ver ali a Orquestra Metropolitana a tocar... os ateliers que eles fazem no princípio do ano para apresentar os instrumentos e a partir daí é muito fácil. (p. 73)</p> <p>P5: Faz-se às vezes, não se faz sempre, mas faz-se com alguma regularidade. Quando não é na Metropolitana temos na... na Musicoteca, que eles têm de, de... de pequenos agrupamentos ou de cordas, ou de sopros, ou de... (p. 73)</p> <p>P10: A turma X. Ó Isabel, portaram-se super bem e gostaram imenso. As pessoas, as senhoras lá na Fonoteca acharam que eles tinham sido exemplares e participaram. E realmente toda a parte musical, quer dizer, de Portugal, de compositores de Portugal que eles nunca tinham ouvido falar nem de perto nem de longe. Mas realmente conseguiram relacionamento, porque eles a nível, lá está, aquele desejo de saber é uma turma que tem... gosta de saber. Contextualiza as coisas. Aquela época de música foi muito importante, eles gostaram e conseguiram captar, conseguiram perceber o relacionamento. Foi muito engraçado. (p. 154)</p> <p>P10: Sim, e eles praticaram. Havia também a parte dos instrumentos. Eles fazem sempre assim, já da outra vez... Eles seleccionam uma música, era do António... Eu não me lembro se era do António Fragoso se era do Vianna da Mota, olhe, a minha memória está... Não interessa, mas era uma música qualquer. Os miúdos tinham que identificar o tema e, no tema, eles faziam um determinado batimento rítmico e depois tinham, eu acho que era no desenvolvimento, depois tinham uma outra frase qualquer que eles faziam... (p. 156)</p> <p>P10: Reagiam e depois tocavam mesmo, faziam rítmicamente e com instrumentos. E havia todos de percussão. Portanto, eles depois também tinham que reagir nos determinados temas. Já na outra experiência também tinham feito. (p. 156)</p> <p>P11: Bastantes. Fomos à Ópera, com a turma má, fomos à Ópera e com a turma boa não sei se fomos ou não fomos, mas saímos várias vezes. Nós saímos mais com a má, fomos à Ópera e eles adoraram aquilo... e eles portaram-se muito bem. (p. 174)</p> <p>P11: Foi, foi muito giro. Quer dizer, fomos ao São Carlos, isso é uma coisa que só entrar lá já foi uma experiência... Entraram, pensaram, “ah esta gente é muito rica, tudo forrado a ouro”. (p. 174)</p>														
	<p>5.3.1 Constrangimentos 5.3.1.1 Monetários</p>	<p>P3: Pois, é assim um bocadinho mais complicado. Apesar de se tentar ir, mesmo aquela parte de instrumentos... vamos a pé até lá, mas depois tem que se pagar os 3 euros. Para nós não é muito, mas para alguns pais aqueles 3 euros já lhes vão fazer um bocado de diferença. (p. 50)</p> <p>P3: Sim. Para já, não há muito por fora. Porque, lá está, como isto é uma escola assim um bocado... o poder económico é um bocado complicado e tudo implica custos, não é, e os miúdos nem sempre conseguem ter as verbas. (p. 49)</p> <p>P4: Por exemplo, nesta turma não era possível porque os miúdos não tinham</p>			2	1										3

		muito dinheiro (p. 66)																				
	5.3.1.2 Temporais	P4: É porque também coincidiu com os horários, percebes? Isto também tem a ver um bocado com os horários, eu tive possibilidade com a turma X de ir e com a turma Y não tive essa possibilidade. (p. 65)																		1		
	5.3.1.3 Segurança	P4: Pois é que esta coisa de sair da escola eu, eu... sair da escola... a experiência não é, infelizmente... é positiva e não positiva também, porque eu gosto de levar os miúdos a todos os lados mas eu gosto de levar os miúdos quando há possibilidade de ser um autocarro a pôr aqui à porta e a levar os miúdos ao sítio, porque eu já tive, inclusivamente, uma experiência em que um miúdo se perdeu, percebes?, e foi um caos. Imagina os miúdos num estado, numa ansiedade, uma coisa tremenda... Felizmente depois apanhámos o miúdo, mas foi?... Imagina que este miúdo de repente desaparece como é que a gente ficava? E eu com os miúdos nunca mais faço isto, isto já foi noutra escola mas nunca mais faço isto. Ou vou a pé com os miúdos, por exemplo, na escola E nós íamos muito para Belém e ao Centro Cultural de Belém mas era a pé, íamos um grupo de professores. Eu, a partir daquele momento, ou fretava autocarros à Carris e a Carris pára aqui, leva os miúdos e depois trá-los para cá, ou então de autocarro alugado, o que muitas vezes não é possível. (pp. 65-66)																			1	
	5.3.1.4 Isolamento do professor	P6: É assim, foi a tal coisa, fui apanhada aqui um bocado de... e é difícil uma pessoa não ter... com um professor que esteja do ano passado, que haja uma referência, há uma ajuda, há um apoio, a pessoa sente-se diferente (...) É, porque é mais fácil para uma pessoa que conheça a escola saber como é que pode fazer, mas se, se, se, se ficar cá para o ano vou-me preocupar com isso. (p. 89)																				1
	5.4 Contacto com artistas na escola 5.4.1 Músico	P1: trouxe um cantor amigo, que é o Dany Silva. (p. 17) P1: Alguns não conheciam, porque a geração é completamente diferente, não é? Mas, muitos deles pequeninos, gostaram... (p. 18) P1: Trouxe cá para eles verem também um bocadinho. Cantou três, quatro músicas. (p. 18)																				3
	5.4.2 Construtor de instrumentos	P8: Veio cá um senhor, como é que ele se chamava? Ai. Era um senhor, ele veio aí com um cavaquinho e esteve a tocar e esteve a falar com os meninos sobre música... (p. 121) P8: Constrói, faz a manutenção e toca. E veio cá falar com os meninos e tal... (p. 121) P8: Foi através de Educação Musical, com EVT, Área de Projecto, que veio cá o senhor. Que ele era conhecido da professora de Área de Projecto e de EVT. (p. 121)																				3
	5.4.2.1 Reacção dos alunos	P8: o senhor chegou uma altura desistiu. Ele foi militar... (p. 121) P8: Muito, muito, muito agitados. (p. 121) P8: O senhor desistiu, desistiu, chegou uma altura, desistiu. (p. 121) P8: E o senhor saiu daqui com os cabelos em pé. Ele depois esteve a falar connosco e disse, “olhe, é a última vez que vou a uma escola”. Saiu frustr... Foi mesmo frustrante, para ele, para nós professores... (p. 121)																				4

5.5 Trabalhos de projecto sobre música	<p>P1: Pois não. Pois não. Trabalhos de projecto, não... pois. (p. 22)</p> <p>P10: (...) se calhar teria sido uma coisa que nós poderíamos ter feito mais com a turma Y, que era a turma difícil. Só que é tão difícil articular e arranjar um ponto comum. Por exemplo, nós tínhamos pensado que eles trabalhavam no 3.º período aquele livro... era Uma Aventura, acho que era, Na Quinta da Lágrimas, acho que era Na Quinta da Lágrimas. Inclusivamente eu tive o DVD que era para tirar a música e trabalhar a música depois com eles. Acabou por passar o 3.º período e nós não tivemos ocasião de o fazer, percebe? Mas, quer dizer, teria sido maneira de fazer um bocadinho a articulação. (pp. 160-161)</p>	1									1		2	
5.5.1 Construção de instrumentos musicais	<p>P7: Se calhar tinha que trabalhar mais. Mas isso também rouba muitas aulas, rouba muitas aulas... (p. 104)</p> <p>P7: Depois fiz construção de instrumentos, em turmas em que eu não consegui fazer mesmo quase nada. (p. 104)</p> <p>P7: Sim, mas (<i>construção de</i>) instrumentos é duro, trabalhar isso dentro da sala de aula. Não é que eles não estivessem entusiasmados, mas eu também entusiasmei-os muito. (p. 104)</p> <p>P8: Também, também, em parceria com EVT. (p. 116)</p>						3	1					4	
5.6 Projectos interdisciplinares	<p>P7: No final do ano houve um peddy-paper, organizado a nível de várias disciplinas e a nossa também estava incluída e de facto só entraram alunos de 5.º e 6.º ano (p. 103)</p> <p>P9: Porque depois vai trabalhar com as outras disciplinas, está a perceber? Percebes? Às vezes muita articulação com a Educação Física também, com todas as disciplinas.</p>						1		1				2	
5.6.1 Área de projecto	<p>P2: Eu, por exemplo, no caso de uma das turmas que tinha Área de Projecto fizeram um trabalho ligado à música, na altura, naquela situação de articulação. No 2.º período estava a falar de instrumentos de orquestra a música e, uma vez que tinha a faca e o queijo na mão, fizeram um trabalho... de pesquisa sobre orquestras. (p. 32)</p> <p>P3: Este ano eu trabalhei isso com uma turma de 5.º ano, que estamos na comemoração do centenário da implantação da República, e com uma turma de 5.º ano foi ensaiado. Ainda não está perfeitamente, não é? Mas como isto vai até ao final do ano civil e nós ainda vamos ter o início do ano lectivo, nós vamos ter continuidade pedagógica com as turmas, em que estivemos a ensaiar o hino nacional. Já está bastante avançado, com excepção do fã sustenido e não sei quê, mas também são 5.os anos. Para o ano já deve de estar quase de certeza absoluta. Depois vamos gravar e colocar numa página, num blog que a turma está a fazer em Área de Projecto. (pp. 44-45)</p> <p>P4: habitualmente a música está sempre. Sabes que eu acho que música e EVT estão sempre... Há sempre alguém de EVT e há sempre alguém de música ou, às vezes, são os dois. No meu caso éramos os dois de música, mas, por exemplo, o professor C estava com outra turma que era ele e uma colega de EVT, que foi excelente por causa do trabalho técnico de dramatização, porque depois levou ali duas vertentes excelentes, não é? (p. 62)</p> <p>P4: Agora eu, por exemplo, fazia com o professor C, fazíamos numa turma de 26... não, de 24 alunos, em que gravámos composições, gravámos imensas</p>	1	1	4		1		1					8	

		<p>coisas com os miúdos, porque era Área de Projecto e como somos os dois de música. (p. 61)</p> <p>P4: porque em Área de Projecto os miúdos aprendem a organizar informações, trabalhar em grupo, e tivemos que organizar o que é que vamos trabalhar esteticamente, qualquer coisa com eles... E falámos com eles, eles apresentaram vários temas e depois surgiu o tema de trabalharmos o som e a imagem, e é um projecto a que se vai dar continuidade, até porque, depois, queríamos tirar fotografias a vários pontos de Lisboa que eles achem interessantes e musicar isso (p. 62)</p> <p>P4: Eu e o professor C, como somos os dois de música, fizemos um projecto sobre o som e a imagem, e vamos continuar no 6.º ano... e então, uma das coisas foi eles desenharem imagens e musicarem essas imagens, depois fizemos gravação, fizemos gravação disso. Foi uma complicação todos os miúdos dentro de uma sala, aquela sala, grupos com instrumentos, depois gravar, aquilo foi gravado e foi documentado... Oh, a gente faz muita coisa na Área de Projecto... (p. 61)</p> <p>P6: É uma parte que se pode explorar e que eles podem também fazer, em conjunto com a Área de Projecto, aquela parte do computador, de pesquisa, que depois trazem para a aula (p. 90)</p> <p>P8: Esteve com os instrumentos, a construção de instrumentos. (p. 90)</p>															
	5.7 Trabalhos de pesquisa musical	<p>P1: eu por acaso até fiz dois ou três trabalhos, mas isso também no 5.º ano mais, em que fiz uns trabalhos de pesquisa. Fiz sobre hip-hop, de um lado, e fiz sobre Mozart, do outro lado. E houve quem me apresentasse trabalho com música. Trouxeram música de Mozart, trouxeram hip-hop, várias coisas de hip-hop. Eu achei isso fantástico. Trabalhos muito bons, com powerpoints projectados. (p. 17)</p> <p>P1: Fantástico, o resultado disso foi fantástico. Alguns foram fraquíssimos, alguns que... Mas tive... tive muito bons trabalhos de pesquisa, muito bons. Na turma boa, na X. Por acaso tive um bom trabalho, alguns bons trabalhos na Y, curiosamente, de pesquisa, e dos piores alunos. Apresentaram-me trabalhos sobre Mozart muito bons... só que nenhum deles trouxe música. A X trouxe música, os 5.os anos, quase... não digo metade, mas uma boa parte da turma, trouxe música a complementar o trabalho. Eu dei oportunidade de fazerem um trabalho individual ou em grupo, a maior parte fez individual. Houve um ou outro que fez com o colega. Mas tive trabalhos muito bons, mesmo a apresentar. Os conteúdos do trabalho muito bem explorados, a escolha das músicas, projectar o powerpoint, foram trabalhos muito, muito engraçados, para um 5.º ano. (p. 18)</p> <p>P1: Fiz, na turma X e na Y também. <i>(Realizam trabalhos de pesquisa sobre música)</i> (p. 22)</p> <p>P3: A nível de pesquisa eles fazem (p. 45)</p> <p>P4: Eles fizeram um trabalho final, à escolha deles, sobre diferentes estilos musicais, foi espantoso o trabalho que eles fizeram, quer em computador, quer... apresentavam tudo oralmente, percebes? Faziam powerpoint e depois apresentavam oralmente, traziam exemplos... (p. 54)</p> <p>P5: Eles todos os períodos têm um trabalho para fazer. Individual. Vão</p>	3		1	1	2	1									8

CATEGORIAS	SUB E SUB-SUBCATEGORIAS	INDICADORES /EXCERTOS	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	Freq Ind.	Freq Cat.
6. Contingências		P9: Não, não, não. Eu gosto muito desta escola, gosto muito dos alunos, dos meus colegas, gosto de tudo. (p. 144) P9: Nada. Nada, nada, nada. (p. 144) P9: Não, não, não. (p. 144)									3			3	175
	6.1 Temporais	P6: é muito pouco tempo, um bloco por semana é muito pouco... (p. 90) P6: É o tempo. (p. 9) P6: porque tínhamos o bloco de 90 e mais um de 45, depois tiraram-nos o bloco de 45, depois apanha-se feriado... (p. 87) P6: 90 minutos passam a voar, porque eles entram, sentar... (p. 91) P7: E eu gostava de conquistar mais os alunos, porque 90 minutos não é nada, não é? (p. 96) P7: Esses 45 minutos foram levados aos grupos, para discussão, e eu depois dei os meus argumentos e deixei em acta e agora vai para Pedagógico. Vamos lá ver o que é que eles decidem. (p. 96) P9: Que é pena e é pouco. Muito pouco. (p. 131) P9: Carga horária, carga horária. Acho que é muito pouco tempo, é o único problema que tenho. (p. 138) P9: O único problema é que eu gostava de ter mais horas. (p. 138) P9: Acho que me prejudica muito. (p. 138) P10: Mas no início perde-se muito tempo. E depois, como nós só temos aula de semana a semana, temos os 90 minutos semanais, entre uma aula e outra... é complicado. (p. 150)					4	2		4	1		11		
	6.1.1 Tempo lectivo - Educação Musical 6.1.1.1 Bloco e meio - critérios	P5: Esta escola foi das primeiras, quando houve o desenho curricular, que teve, sempre teve 90 mais 45. (p. 80) P5: Não foi dado por Educação... não foi Educação Musical que pediu. Houve aqui vários critérios, um é que as disciplinas, nenhuma tenha só uma vez por semana, não é? Portanto. E 90 minutos limita-se a uma vez por semana, 45-45 não tens tempo para fazer nada, portanto. Esse é um dos critérios de base da divisão curricular aqui da escola. (p. 80)					2							2	
	6.1.1.2 Bloco e meio - importância	P2: esse tempo a mais acaba por inculir-lhes um maior gosto. (p. 28) P2: esses 45 minutos fazem com que haja uma maior quantidade de aprendizagens, que haja uma maior dinâmica e depois isso também faz com que eles gostem mais, muito mais. (p. 28) P8: Quando cheguei cá já estava, já estava isto. Portanto, foi uma opção e eu concordo plenamente, especialmente nos 5.os anos eu trabalho uma coisa fabulosa com eles. (p. 112) P9: Tiraram-nos e eu tenho muita pena. (p. 131)		2						1	1			4	
	6.1.2 Tempo perdido	P10: Na turma X, às vezes, é o perder muito tempo. Porque eles são muitos, portanto, e são agitados. E, portanto, perde-se tempo, às vezes. No caso da turma X eu acho que é um bocadinho isso. E depois também é uma turma muito grande, perdemos muito tempo, às vezes, a entregar os instrumentos, primeiro										1		1	

	expositiva																		
	6.3 Instrumentais 6.3.1 Instrumentos musicais da sala de aula	P2: nós temos instrumentos suficientes para uma turma trabalhar (p. 25) P4: não é só as condições dos instrumentos (p. 56) P4: Atendendo aos recursos que nós temos, que são poucos (p. 56) P8: eu não tenho instrumental Orff. (p. 116) P8: Não tenho. Não tenho. Eu tenho-os ali incompletos. Roubaram-me um há dias, pronto, essas coisas todas. Eu não tenho instrumentos, portanto, para variar, como? Tenho que variar dentro do mesmo. (p. 116) P11: Portanto, o material de interpretação que eles têm é a flauta e os instrumentos Orff da sala de aula. Mas ainda conseguimos trabalhar bem, nós ainda temos. (p. 151) P10: nós, apesar de tudo, aqui na escola eu acho que ainda temos bastantes instrumentos Orff. (p. 151) P11: Eu acho que aqui esse não é o problema, a nível do 2.º ciclo (<i>possuem instrumentos suficientes</i>). (p. 166)		1	2						2		2	1	8				
	6.3.1.1 Acessibilidade aos instrumentos	P2: Os instrumentos geralmente estão mais guardados dentro duma sala do que noutra, também pelo espaço físico, pelos armários que lá estão. Regra geral, quando eu preciso tento combinar com os meus colegas para saber se eles precisam ou não e depois levo tudo para a sala onde eu trabalho (p. 25) P6: Agora gostava muito de ter, gostava muito de ter um espacinho onde os instrumentos estivessem já montados (p. 92) P10: Ah, isso aí é um problema. (...) Mas não é possível. Não é possível. Aqui, eu não sei se noutras escolas é possível, porque nós temos que ter os instrumentos guardados no armário (p. 151)		1					1			1		4					
	6.3.1.2 Estratégia – Instrumentos	P2: essa situação a mim agradava-me e não sei se é, às vezes se é pelos próprios alunos. Que era, enquanto eu estava a fazer isso os alunos estavam a tocar flauta e quando eu digo a tocar, regra geral, muitas vezes a brincar, mas nem era, nem era aquela coisa de estar a apitar aos ouvidos. Não, estavam mesmo a trabalhar, estavam a trabalhar alguma coisa. E isso reflectiu-se depois muito na parte instrumental. (p. 25) P2: cheguei até a ter mesmo a arrecadação fora da sala e acho que as coisas funcionavam melhor, porque os miúdos... enquanto eu estava a tirar os instrumentos eles próprios iam buscar. (p. 25) P10: E depois, lá está, eu adoptei um sistema que é, um dia começamos pelo número 1, depois no número 2, o primeiro a escolher um instrumento. Porque eu acho que eles devem escolher o instrumento que querem trabalhar. Ora, pronto, isto facilita por um lado, mas por outro lado também demora um bocadinho mais a entrega dos instrumentos. (p. 150)		2									1	3					
	6.3.1.3 Adaptação	P2: eu tento adaptar-me àquilo que tenho, quer dizer, acho que não vale a pena estar-me a queixar do que não tenho. Tento aproveitar aquilo que tenho e fazer o melhor possível. Se tiver menos instrumental Orff, faço mais flauta ou faço mais outro tipo de percussão... (p. 29) P2: Obviamente que se tiver outro tipo de material farei outro tipo de trabalho, não é? (p. 30)		2										2					

	6.3.2 Material audio	P4: Este ano já se está a pedir, porque todos sentimos as mesmas dificuldades, vamos pedir uns gravadores novos para nós termos, mas nós precisávamos obrigatoriamente. (p. 59)				1							1
	6.3.3 Tecnologias de Informação e Comunicação	P8: Na aula. As vezes, pronto... As vezes, pronto, às vezes aconteciam aqui umas coisas nesta escola. Era, por exemplo, eu tinha o projecto da multimédia para ter som, não havia comando. Como não há comando não se consegue ligar, porque não tem botãozinho. Eu como não tinha mais nada para... Preparei a aula para uma coisa, tinha que dar outra. (p. 122) P11: eu acho que isso está muito pouco explorado, muito pouco explorado e acho que nós em termos gerais estamos muito pouco preparados para saber, como utilizadores, mexer nisso. Porque há uma série de coisas que falham, quer dizer, nós queremos passar um determinado ficheiro, abrir um determinado ficheiro e o formato não está no computador, portanto, aquilo não lê, e nós não conseguimos resolver com a estrutura da escola, portanto, enfim, há uma série de coisas que vão quebrando esse funcionamento que devia estar bem oleado e que devia estar sempre pronto. (p. 167)							1			1	2
	6.4 Disciplinares 6.4.1 Indisciplina dos alunos	P1: Portanto, tirando essa do comportamento que às vezes não sabia como lidar... (p. 20) P2: Eu acho que o grande, o grande problema da educação em geral é mesmo a postura dos alunos, é o comportamento deles. P2: Também passa muito pela própria educação que eles têm habitualmente em que as pessoas quando lhes dizem uma coisa uma vez, isso não chega, tem que ser três ou quatro e isso depois reflecte-se também no espaço de trabalho. Porque dizerem “não faças isso, se faz favor”, não chega, só quando se levanta a voz ou quando se diz três ou quatro é que eles “ah, ok já percebi”. (p. 36) P3: Eu é raro pôr miúdos na rua. É muito raro. (p. 50) P3: É o comportamento de alguns alunos que conseguem, um ou dois miúdos conseguem infernizar uma turma completa. Aí é respirar fundo. (p. 50) P5: (...) com a indisciplina não me importo, porque... Mas acho que tem a ver com o meu, com o meu... com a minha maneira de ser, com o meu perfil. (p. 82) P5: Tenho, também tenho. É evidente que tenho. (p. 83) P8: Depois era o comportamento dos miúdos, era um bocado chato, era um bocado chato... Mantê-los com atenção, pronto, são muito irrequietos e parou e torna a parar, e torna a parar, e torna a parar. Chamá-los à atenção, recomeçar... Aqui era a repetição, repetição, repetição, pronto, ou seja, a repetição só de uma coisa... (ri). (p. 122) P9: Oscilações de comportamento. (p. 130) P9: Não tenho. (p. 138) P9: Controlo-os sempre na sala de aula. (p. 138) P9: Posso-te dizer que eu sou das poucas professoras, senão a única, que nunca mando um aluno para o Programa Educativo Individual. Nunca fiz... Raramente, este ano não me lembro de fazer nenhuma participação de nenhum aluno. (p. 134) P10: Com a turma Y é notoriamente a falta de respeito. Alguns alunos ali, nós sentimos, é falta... nós sentimos... Quando encontramos alunos, ali no caso da Y	1	2	2		2			1	4	3	15

		<p>havia vários, em que nós chamamos à atenção uma vez, chamamos à atenção duas e é assim... como se não fosse nada, pronto. E como são alunos que têm... Por exemplo, ali também acontecia, dois ou três elementos, nós sentimos que eles foram só mesmo para brincar, para provocar, não sei. Sentam-se, depois ali estão. Vão dizendo umas bocas, pronto, a contrapor aquilo que se está a fazer, percebe? (pp. 161-162)</p> <p>P10: Não é por dificuldade nenhuma, ele está-me a provocar nitidamente. Eu entreguei-lhe o instrumento mas depois ele prejudica-me de outra maneira (ri). Mas olhe, temos que aturar, que é mesmo o termo. (p. 162)</p> <p>P10: Não sou só eu. Eu e os outros miúdos, quer dizer, há sempre uma criatura... É evidente, eu percebo que não é por dificuldade, que quando olho directamente e o apanho em flagrante é evidente que... E isso é o que me incomoda. (p. 162)</p>																		
	6.4.1.1 Indisciplina - Estratégias	<p>P3: Eu costume pegar neles, saio da sala, fica a porta aberta, obviamente, para tomar conta da turma, estou mesmo ali assim e falo individualmente com o aluno com mau comportamento, o que é que está a fazer, são problemas que têm em casa ou andaram à porrada com um colega e querem resolver a questão dentro da sala de aula. Eu tento puxá-los um bocado à razão, se é aquilo que eles querem mesmo, se os pais não vão ficar tristes... e depois passado um bocadinho “vá agora queres ficar aqui um bocadinho ou vamos para a sala?”. Alguns querem ficar mais 1 minuto lá fora. Eu entro para a sala, a porta está aberta, depois ele entra... ele, quando eu digo ele não é só os meninos, porque as meninas também são bastante conflituosas. Mas, pá, é raro mandar algum miúdo para a rua, para mandar algum miúdo para a rua é preciso estar mesmo nos últimos dos últimos. (pp. 50-51)</p> <p>P3: Eu acho que isso não resolve nada, eles acabam por ficar mais revoltados. Pelo menos é a minha opinião, se calhar estou errada, não sei... Mas Eles já sabem que vão ser penalizados e acabam por ficar um bocado mais revoltados, “ah, esta ou aquela outra pôs-me na rua e agora eu vou ser castigado”. Não. Gosto de chamá-los à razão. Evito ao máximo que colegas oiçam a conversa que é para... porque às vezes acaba por tocar um bocado na questão familiar, muitos problemas deles vêm de casa, não é? Então é preferível sair um bocadinho e depois voltam e, por norma, resulta sempre. É que é mesmo muito raro pôr alguém na rua. (p. 51)</p> <p>P3: Isso era tirar alguns elementos conflituosos da turma (p. 51)</p> <p>P11: Mas eu usei um estratagema que foi, resolvi oferecer uma bola a quem... sortearam a bola, não foi oferecida, eles sortearam a bola entre as pessoas da turma, mas para estar no sorteio era preciso eu não apontar sequer o dedo a ninguém, porque se eu tivesse apontado o dedo a alguém esse estava fora do sorteio. (p. 174)</p> <p>P11: Toda a gente (faz uma expressão de aprumo). E a bola já foi oferecida antes do Natal, no final do período, e agora está completamente esquecida. (p. 174)</p>			3														2	5
	6.4.2 Impotência da escola - indisciplina	<p>P10: Sim, social, e eu acho que nós realmente, a nível de escola, não temos mecanismos para controlar efectivamente muitas coisas. (p. 162)</p> <p>P10: Agora o que eu sinto é que, realmente, nós não conseguimos fazer com que eles se sintam, por exemplo, castigados, quando fazem uma coisa que não devem</p>																	3	3

		fazer, quer dizer. E eles não sentem o castigo, não sentem, não os incomoda. E, portanto, continuam a fazer. E quanto mais fazem e quanto menos se sentem punidos, entre aspas, menos respeito depois têm, não só para com o professor mas com a própria instituição, com a própria autoridade. (p. 163) P10: E pronto as coisas depois aí são complicadas. E aquilo que eu sinto é que realmente a escola... nós não temos mecanismos para impor regras. Porque o que eu acho é que não é só com a boa vontade, não é só com o diálogo, não é só passando a mão que se resolvem as coisas. (p. 163)																	
	6.4.2.1 Indisciplina - Estratégias de escola	P10: A gente tem que os pôr nalgum sítio. Porque é assim, se eles estão absolutamente dispersos acabam por complicar a vida de muitas turmas. O facto de eles estarem juntos tem uma coisa boa porque ao menos já sabemos que vamos tentar fazer coisas alternativas, com todos, percebe? E que o nível de exigência também vai ser muito baixo, porque é evidente que vai ser muito baixo, a nível de conhecimentos. (p. 162)																1	1
	6.4.3 Indisciplina - menor em Ed. Musical	P5: Nós temos muitos problemas de disciplina aqui. Muitos, muitos, muitos. Mas eu, na música, até acho que continuamos a ser uma área privilegiada para resolver isso. (p. 82) P10: aqui nesta escola pelo menos, normalmente há muito mais problemas nas disciplinas teóricas do que propriamente nas práticas. (p. 149)						1										1	2
	6.5 Características das turmas	P1: O comportamento foi péssimo. Alunos muito difíceis de trabalhar, seja aquilo que for. Muito complicados, uma turma muito complicada. (p. 9) P1: Do 6.º só tinha estas duas, não tinha mais. Aliás calhou o oposto, uma e outra. Calhou bem. (p. 9) P1: Uma turma muito complicada. (p. 10) P1: Com bom comportamento, onde se pode trabalhar coisas que não podemos trabalhar na outra. (p. 10) P1: De facto aqui na turma Y não correu muito bem porque... as coisas não funcionaram porque eles não deixavam. (p. 10) P1: Uma minoria trabalhou-se bastante bem, só que era absorvida pela grande maioria que era muito mal comportada. (p. 12) P1: E depois onde se instalava aquela desordem já era muito difícil controlar o resto da aula. (p. 19) P1: Não aderiam e... pá, e depois a aula corria muito mal porque eles não deixavam fazer nada. (p. 19) P2: A X e a A são turmas com algumas semelhanças, têm alunos de facto muito bons e têm três ou quatro alunos mais fraquinhos. (p. 24) P2: Eu só tenho três turmas de 6.º ano, tenho a X, a Y e a A. A X e a A são turmas com algumas semelhanças, têm alunos de facto muito bons e têm três ou quatro alunos mais fraquinhos. O caso da A como era uma turma só de vinte alunos, até na altura já estava só com dezoito alunos, ficou logo posta de parte, portanto, teoricamente sobravam estas duas turmas. (p. 24) P2: A Y, em termos de caracterização, é uma turma que em termos de resultados escolares até tem bons resultados, mas o problema ali passa muito pelo comportamento deles. São alunos que desafiam constantemente a autoridade do professor e isso em termos de resultados, depois acaba por convergir para	8	3	1	6		4	2	4	3	8	2	41					

		<p>resultados maus comparativamente com outras turmas. Porque inicialmente, em termos de diagnóstico, a Y era francamente melhor que qualquer uma das outras turmas e neste momento, se formos a avaliar os resultados escolares das três turmas que eu tinha do 6.º ano, de certo modo a Y acaba por ser a turma com resultados mais fracos em relação àquilo que eu esperava. (p. 24)</p> <p>P3: Contexto familiar, económico. (p. 38)</p> <p>P3: Os da turma Y são (mais dificuldades de aprendizagem). (p. 38)</p> <p>P3: Sim, sim, sim (<i>reflecte-se no trabalho</i>). (p. 38)</p> <p>P4: Não, mas eles não eram miúdos desordeiros, eram miúdos que, obviamente, se pudessem criar um ambiente um bocadinho mais desordeiro na aula, criavam, a gente é que não deixava, obviamente, não é? Mas eram miúdos que gostavam de fazer as coisas e trabalhar, tinham é muitas dificuldades... são miúdos que têm, socialmente, problemas graves. (p. 53)</p> <p>P4: Não, escolhi estas duas até por uma razão mais de logística do que outra coisa, não teve nada a ver... até podia ter sido a outra, mas escolhi estas duas porque calhavam no mesmo dia da semana, logo no período da manhã, e dentro do que eu podia escolher era uma turma com mais dificuldades e uma turma com menos dificuldades. Não houve assim um critério de decisão, foi mesmo por coincidência logística... e uma era mais fraca que a outra. (p. 53)</p> <p>P4: A turma Y é uma turma muito complicada, uma turma com crianças em abandono escolar. (p. 53)</p> <p>P4: A outra, a X, não. A X é o que se chama uma turma praticamente ideal, são miúdos que lêem muito, estudam muito, são miúdos que no intervalo são capazes de ir à biblioteca, portanto, são miúdos que faziam trabalhos excepcionais, apresentavam trabalhos excepcionais. (p. 53-54)</p> <p>P4: são muito aplicados. (p. 54)</p> <p>P4: A outra turma nem a metade chegou. (p. 54)</p> <p>P6: Muito complicado. (p. 87)</p> <p>P6: Esta (turma Y), se calhar, não conseguia explorar tantas coisas. (p. 87)</p> <p>P6: esta (turma X) consegue-se trabalhar bem, acho que até davam mais e há ambiente para se poder explorar. (p. 87)</p> <p>P6: por acaso esta até melhorou (p. 87)</p> <p>P7: Têm um nível cultural mais alto (p. 97)</p> <p>P7: Os miúdos têm falta de interesse total. Os interesses deles não passam pela escola, passam por outras... lá fora. E música não é a primeira escolha deles, muito embora até sejam uns miúdos que dentro da música até participam, mas é preciso uma grande atenção da minha parte, percebes? Ter vários olhos a controlá-los e não os deixar despistar e conversar. (p. 97)</p> <p>P7: Em termos de tempo. Aqui, na turma X, trabalho muito mais depressa, chego ao livro muito mais depressa... Mas aí ainda devia ser mais porque ouço mais coisas, não é? Não sei... Não, mas é que estes miúdos (aponta para a turma Y) também, muitas vezes, fazem fuga ao trabalho, muitas vezes “ó professora ponha lá outra vez”. Enquanto na turma X querem logo passar para o activo, a Y, muitas vezes... às vezes para escrever o sumário, “ó professora ponha lá aquela música”. (P7, Anexo II, p. 100)</p> <p>P7: Não, porque estes (aponta para a turma X) apanham mais rapidamente. Não</p>													
--	--	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>preciso de estar tanto tempo com eles a trabalhar a flauta e são miúdos com muita alegria, não é? Eles têm alegria em tudo e, portanto, tenho tempo para rapidamente, passo a flauta e posso passar para os instrumentos. Estes (aponta para a turma Y) para tocarem, uns, o suporte de flauta e outros a tocar instrumentos, às vezes demora imenso tempo. (P7, Anexo II, p. 106-107)</p> <p>P8: O aproveitamento acima de tudo. A turma X... a X é uma turma que tem problemas de comportamento, no entanto é uma turma que consegue ter resultados. (p. 111)</p> <p>P8: Na fase final, na fase final e depois eu no final do ano até lhes disse, que foi uma turma difícil, foi. Foi uma turma muito difícil, esta turma X. (p. 121)</p> <p>P8: Eu, a falar com os pais, classifiquei-os de animais, portanto... (p. 121)</p> <p>P8: A turma Y é uma turma que tem casos muito específicos e a nível de comportamento são excelentes, no entanto, a nível de aproveitamento, não conseguem atingir com muita facilidade, uma pessoa tem que insistir, insistir, insistir, insistir... estratégias variadas... e mesmo assim, para conseguirmos alguma coisa é muito complicado. (p. 111)</p> <p>P9: Sociais, aqui deste bairro. (p. 130)</p> <p>P9: Se calhar é por causa do comportamento, mais nada. É mais trabalhosa, mais nada. (p. 129)</p> <p>P9: Não há turmas más. Há turmas mais trabalhosas e menos trabalhosas. Aquela é uma turma própria, tem características próprias e de acordo com elas trabalha-se. (p. 129)</p> <p>P10: E realmente são miúdos a nível de querer aprender realmente fantásticos, que se destacam das outras turmas, mas a nível de regras realmente muito problemáticos e depois, como vêm juntos, conhecem-se todos muito bem, pronto, com tudo aquilo que isso tem de positivo e tudo aquilo que tem de negativo. (p. 145)</p> <p>P10: o que eu estava a dizer em relação à turma X é que, primeiro que tudo, eles realmente são muito agitados, mas isso eu penso que é uma consequência... nós aqui na escola sempre achámos que as turmas que vinham ali da escola que eram melhores, ou seja... E são... a nível de aproveitamento... (p. 145)</p> <p>P10: Agora, Isabel, é assim, a minha questão de escolha não tinha alternativa porque eu só tinha, só tenho estas duas turmas. (p. 147)</p> <p>P10: Exactamente. De volta à escola no 3.º período. (p. 147)</p> <p>P10: Pronto, é uma turma realmente muito complicada. (p. 147)</p> <p>P10: Uma boa, porque a X era a turma melhor do 6.º ano. É a melhor turma a nível de resultados de todas as disciplinas. Também eu acho que isso é significativo, a directora de turma é coordenadora dos directores de turma. Não é pelo cargo que ela tem, é porque também é uma pessoa que, que embora seja muito compreensiva com os miúdos, mas também tem uma rédea muito curta. Porque se eles não tivessem também esse tipo de rédea curta, não é? Crianças como eles são, porque eles têm a idade normal, enquanto, por exemplo, a Y tem a idade, de um modo geral, que não é normal... Portanto, teria sido muito difícil também trabalhar com esta turma. (p. 147-148)</p> <p>P10: a Y foi uma junção de várias turmas e de várias experiências e, portanto, e miúdos com muitas repetências no passado. A Y... Eu não sei se devo dizer isto,</p>													
--	--	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>mas estranhamente depois, realmente, até se calhar passaram mais alunos do que aqueles que nós pensaríamos que iriam passar, dadas as notas todas ao longo do ano. Mas isto não tem a ver com... isto tem a ver, infelizmente com a conjuntura que nós temos. (p. 148)</p> <p>P10: Sim, esta turma é complicado estar a falar dela porque realmente, primeiro que tudo ela foi constituída já se sabendo à partida que era uma turma muito complicada. Não era de currículos alternativos, mas recebeu muitos alunos que vinham de currículos alternativos ou então repetentes. Ou seja, os alunos que lá estavam sem repetir eram muito poucos. Depois, com grande falta de assiduidade não só nos rapazes como também nas raparigas. Inclusivamente esse aluno que, lembra-se, que pôs o nome ostensivamente, esteve praticamente o período todo sempre a faltar. (p. 147)</p> <p>P11: A boa tem interiorizado uma série de regras para estar dentro da sala, e a outra não tem isso feito. Para além disso, há uma pressão relacionada com a aquisição que foi feita para trás, em anos anteriores. (p. 165)</p> <p>P11: Uma delas acho que é muito superior em termos de resultados, teve resultados melhores do que a outra que tem uma série de... estou a falar de formação, de Educação Musical, mas não só, quer dizer, isso é comum a todas as outras disciplinas. E... portanto, é mais por isso, pelo que eles sabem e pela forma como se portam, que eu estabeleci essa diferença entre a boa e a má. (p. 165)</p>																
	6.5.1 Diferentes ritmos de aprendizagem	<p>P8: passaste uma hora, duas horas, três horas a preparar a aula, a preparar os materiais e estava a pensar “ora, vou fazer assim, vou fazer assim, vou desta forma, daquela”. Preparo os materiais, preparo a aula, os objectivos que queres atingir, lembras-te dos miúdos que têm dificuldades, que têm problemas de aprendizagem e quais são as estratégias para eles, o que é que vais fazer, o que é que não vais. E chegas, chegas à sala e vais por uma estratégia, não resulta, vais por outra, não resulta, vais por outra, não resulta, vais por outra, vais por outra, vais por outra... e chegas ao final cansado, os miúdos já estão fartos de te ouvir, porque também não estão a conseguir, porque depois há aqueles que já atingiram há... e agora uma pessoa, pronto é... Como é que eu faço? Continuo? (P8, Anexo II, p. 127)</p> <p>P8: Mas não é fácil. Olha quando tens uma turma tipo esta, em que tens alunos excelentes e tens alunos muito fracos, gerir o meio termo... (P8, Anexo II, p. 128)</p> <p>P9: respeito o ritmo de trabalho deles (P9, Anexo II, p. 130)</p> <p>P11: Porque é que a turma boa tocou mais flauta? Porque, se calhar, a turma má também cantou menos do que a boa e tocaram menos... (P11, Anexo II, p. 171)</p>							2	1		1	4					
	6.5.1.1 AEC - conhecimentos prévios dos alunos	<p>P11: E eu acho que se nota nestes últimos anos o resultado desse trabalho que tem sido desenvolvido pelas AEC, portanto, acho que os miúdos vêm para o 5.º ano com uma experiência musical já mais desenvolvida. (p. 164)</p> <p>P11: E dá para perceber que o feedback deles é maior, relativamente a outras turmas que nunca tiveram. (p. 165)</p>										2	2					
	6.5.1.2 Alunos com Necessidades	<p>P5: Eu acho, mais individualizado. Eu acho que se perde em tudo por estar na generalidade. Porque não consegues... é demasiado divergente o que tens que...</p>					3											3

	Educativas Especiais	<p>Cá na escola, tínhamos uma oficina de música em que o (nome de um professor da escola) esteve a trabalhar com miúdos com autismo, até foi a tese de mestrado dele. Juntámos os miúdos todos. E foi... era aqui nesta sala, com colchões no chão. O objectivo daquela oficina era só aumentar a comunicação verbal entre eles. Não era bem... através da música. Não era nenhuma musicoterapia, porque nem eu percebo nem queremos fazer terapia nenhuma... mas a comunicação e a interacção entre eles, através da música. Mas se os puseres dentro da turma eu, isso para mim é um constrangimento que eu não consigo... O ano passado tinha um miúdo com asperger que andava no piano e conseguíamos que ele tocasse sempre, porque tínhamos um piano aqui nas salas. E ele fazia sempre a sua parte no piano, às vezes, com acompanhante só da tónica, dominante, tónica, nem que fosse só com uma tecla. Outras vezes, as músicas que ele aprendia nas aulas de piano lá com a professora, trazia e nós... eu construía uma pequena harmonia para os colegas fazerem com a flauta... Mas eles também gostam... eles gostam de ser actores principais. E não acho que seja vantajoso, numa turma, torná-los actores principais. Acho que eles têm que ser iguais aos outros, porque isso de alguma forma vai limitar o trabalho dos outros. E aí eu sinto grandes dificuldades e, curiosamente, não sinto grande vontade de aprender. Se me disseses assim, “ah, mas vai a acções de formação”, não sinto grande vontade de aprender. (p. 82)</p> <p>P5: Temos, porque nós temos unidades aqui mesmo de autismo, de paralisia cerebral, temos várias unidades aqui. E isso para mim é um grande entrave. Eu não... estás a ver? Pois, na música há lugar para todos, mas para esses para mim é muito mais difícil. Mas pronto também tem a ver com o meu perfil, que, que... (p. 82)</p> <p>P5: Sinto mais... a questão das Necessidades Educativas Especiais, por exemplo, para mim é muito mais difícil de lidar do que a indisciplina... Os miúdos com autismo, com trissomia 21, para mim é um entrave também enorme, enorme. (p. 82)</p>													
	6.5.2 Número de alunos por turma	<p>P1: a turma também era um bocadinho grande, eram 27, 28 (p. 12)</p> <p>P4: Repara que, estas duas turmas que tu foste ver... viste o tamanho delas? (p. 61)</p> <p>P6: Mas é uma turma muito grande, é difícil fazer... (p. 86)</p> <p>P6: Turmas enormes. Acho que se as turmas fossem divididas também em música que, se calhar, se conseguia fazer coisas muito mais interessantes. Tu teres, por exemplo, 15 alunos ou teres 20 e tal é diferente... (p. 87)</p> <p>P10: Pronto, só que a turma X era muito grande, era impraticável. (p. 151)</p> <p>P11: A questão do trabalho em grupo nessas condições, claro que não dá para trabalhar como está o ensino organizado, não é? Uma turma de 28 alunos... (p. 168)</p>	1			1	2				1	1	6		
	6.6 Ambiente de escola	<p>P5: O grupo de expressões nesta escola, e isto já vem desde o (nome do primeiro director/mentor da escola), a arte, as artes combinadas com o (nome do primeiro director/mentor da escola) já vêm... Não sei se é o espírito que está aqui incutido nas paredes, mas a escola sempre foi muito virada... sempre valorizou muito as expressões. E os professores respondem à altura, eu acho que sim, temos tido sorte. Esta escola tem uma história de arte efectivamente que, que...</p>				2							2		

		incorporada... mesmo quando os miúdos vão entrando. Mesmo as peças, sei lá, peças de arte que temos aí que foram buscadas mesmo à escola de belas artes, pelo (nome do primeiro director/mentor da escola), no tempo em que fundou a escola e que se mantém. Eu acho que os miúdos não são indiferentes. Eles não estão habituados a ver estátuas fora dos jardins e agora convivem com elas, lado a lado com a sua secretária, não é? Esta escola tem... vive um bocado da, da, da... tem um espírito artístico que se incorpora nas pessoas, nos alunos e nos professores que vêm. E é muito valorizada efectivamente, a Educação Musical e não só. (p. 80-81) P5: Há um contexto que leva, pois claro, evidente. (p. 69)														
	6.6.1 Relação entre colegas	P2: não desfazendo no trabalho que foi feito, porque acho que foi feito um bom trabalho em relação às turmas do 6.º ano (p. 28) P6: Porque acho que uma pessoa calhar numa escola e haver pontos de referência, haver um colega a dizer “olha está aqui, olha ali, olha não sei quê não sei que mais”, de repente era tudo... era o coordenador, nem havia um colega do ano passado, estás a perceber, e então o que é que acontece, foi complicado... porque cada escola tem a sua maneira de funcionar e eu vinha de uma que vinha habituada... estive na escola C com o professor D, e foram 3 anos, foram anos engraçados, porque havia ali uma base e uma pessoa, qualquer dúvida, sentia-se apoiada. Foi a minha principal dificuldade, para eu conseguir ganhar bases para depois apoiar o meu colega, o que veio depois. Pronto, dei-lhe todo o apoio possível e ajudei-o e essas coisas todas, só que cada escola tem uma orgânica e uma pessoa anda muito aflita com o que é que é preciso apresentar, que tipo de papéis, que tipo de... e às vezes deixa o mais importante, que são os miúdos e as coisas... (p. 94) P9: Colaboram sim, porque nós como professoras também nos damos muito bem, estás a perceber? Também nos damos muito bem umas com as outras e por isso colaboramos umas com as outras. (p. 143) P9: Eu acho que é uma boa equipa de trabalho, as pessoas ajudam-se muito umas às outras. E isso é muito gratificante. (p. 143)		1					1			2				4
	6.6.2 Apoio da direcção da escola	P9: Respeita sempre as pessoas, isso é muito bom num presidente, percebes? (p. 134) P9: E depois temos um presidente muito bom que ajuda muito a equipa de trabalho, percebes? Nunca me lembro de ele me ter repreendido em alguma coisa que eu fizesse, ou levantar a voz ou acarinhar um aluno. (p. 134)									2				2	
	6.6.3 Valorização da EM por parte da escola	P3: música... As expressões... ainda continuamos a ser o parente pobre, não é? Música, se ele sabe cantar tem que ter positiva; EVT, se ele sabe desenhar tem que ter positiva; Educação Física, se ele sabe jogar à bola também tem positiva. Mas quando nós chegamos ao final do ano e apresentamos as festas, os colegas aí acabam por dar outro valor. (p. 47) P5: as outras áreas reconhecem que a Educação Musical tem importância no currículo dos miúdos. (p. 80) P8: A escola dá importância à parte artística, neste caso à Educação Musical (p. 112) P8: Valoriza sim, sim. (p. 112)			2					3				1	6	

		P8: É uma disciplina curricular, a escola dá esta importância, no 2.º ciclo, à Educação Musical que tem mais 45 minutos, coisa que eu nunca trabalhei, só trabalhei aqui nos 5.os anos, a escola dá importância à arte... as pessoas, os pais não dão tanto. (p. 112) P11: Aparece, mas não... não com a correspondência em termos do tempo. (p. 165)																	
	6.7 Contexto familiar dos alunos	P9: É o problema das famílias. As famílias estão a sofrer grandes problemas sociais e depois isso tem consequências nos miúdos. Uma mãe ausente é um filho perdido. Cada vez vejo mais a importância de ser mãe para perceber o que é ser uma professora. É muito bom ter mãe e pai (sorri). (p. 138)																1	
	6.7.1 Valorização da EM por parte das famílias	P8: no entanto se nós formos analisar o contexto escolar, em que temos os pais, aí já é diferente. É uma disciplina secundária, que não é importante, em que o menino obrigatoriamente, como me foi dito várias vezes: “a Educação Musical ninguém tira negativa”. É uma coisa que uma pessoa fica: “como?”. (p. 112) P8: Continua como uma disciplina secundária. Quando falam comigo, “ah, é professor de música”. “Não, não sou professor de música, sou professor de Educação Musical. Música é outra coisa”. Ainda confundem muito... Depois vêm-me sempre com o Canto Coral, em que cantavam na primeira voz, segunda, terceira, quarta e o que cantava mal, cantava na quarta. Como se a quarta fosse menos importante que a primeira... (p. 112)																2	
	6.8 Desfasamento entre a teoria e a realidade	P3: É assim, eu quando tirei o curso, quando fui fazer a Licenciatura eu já estava a dar aulas, porque tenho o Conservatório, que na altura dava habilitação própria para dar aulas e, portanto, eu era o chamado trabalhador estudante, na altura. E infelizmente os professores que eu tive nas práticas pedagógicas era maravilhas e eu dava-me vontade de rir porque havia muitas coisas que eles achavam que nós devíamos fazer, de aplicar determinadas metodologias e não sei das quantas, que na prática, efectivamente, quem estava no terreno, que era o meu caso, acabava por me rir porque aquilo não era, não era viável, não é? Portanto, são professores que já não dão aulas no ensino regular já há muitos anos e já perderam um bocado a bagagem, não é que não sejam excelentes professores... (p. 47-48) P3: Mas há coisas que não dá para trazer para a prática, que é mesmo assim. Na teórica funciona tudo bem, mas depois chegas à prática e, esquece, não é viável, não é. (p. 48)																	2
	6.8.1 Academismo	P5: É às vezes quando se tenta tornar as coisas demasiado académicas, não me consigo... Eu dou aulas há 27 anos e nunca, essa é uma parte que nunca... (p. 81)																	1
	6.9 Programa de Ed. Musical	P1: dei muita matéria. (p. 16) P1: Acabei por dar tudo. (p. 11) P2: É só não faço mais às vezes também por uma questão de... em termos de programa, de certo modo, porque há determinadas coisas que têm que ser abordadas. (p. 29) P2: Sim e às vezes também damos as voltas... (p. 29) P3: O programa tem que ser cumprido, obviamente. Isto... é... ponto de honra, cumprir o programa. Consigo sempre cumprir o programa. (p. 38) P6: o programa de música é muito extenso, é enorme, não se consegue dar																	2
																			2
																			1
																			1
																			1
																			1
																			11

		<p>tudo... (p. 87)</p> <p>P6: Sim, essas planificações, as coisas que é para dar... Os conteúdos... Sim, sim, a parte... uma pessoa está preocupada com isso também para cumprir (p. 87)</p> <p>P7: E eu nunca consigo acabar a matéria até ao fim do ano, nunca. Nunca, nunca, nunca consigo. (p. 104)</p> <p>P8: Eu tenho a noção do programa, tenho a noção do programa de ciclo e... do programa de ano. (p. 119)</p> <p>P9: Porque eu faço sempre questão, sempre questão, que o programa que nos é proposto... sempre de... o programa que nos é apresentado, eu trabalho-o sempre, já to tinha dito, sempre. Eu faço questão de cumprir integralmente. (p. 133)</p> <p>P10: Isto para dizer que toda a parte programática e do currículo, quer dizer, eu deixei de me preocupar... Portanto, se dou as síncopas ou se dou as tercinas, eles sabem lá... o que me interessa é que eles vivenciem e que tenham prazer na vivência que eles fazem disto. (p. 149)</p>																	
	6.10 Burocracia	<p>P5: Olha, às vezes emperram o meu trabalho, todas as burocracias que são exigidas... Há coisas que não têm que ser e, e, e na parte das expressões, eu não quero falar das outras porque não domino bem, mas da Educação Musical... Às vezes tanta coisa de teres que especificar tantos critérios, tanta... de avaliação, ou porque é que escolheste aquilo, ou adequações curriculares para este ou para aquele. São coisas que normalmente empancam-me o serviço. (p. 81)</p>						1											1
	6.11 Formação contínua	<p>P5: Se me disseses assim, “ah, mas vai a acções de formação”, não sinto grande vontade de aprender. (p. 82)</p> <p>P11: Em termos de formação sim, eu acho que isso, aliás nessa área... de todas as áreas, não temos nenhum tipo de oferta de acções de formação, seja em que área for. (p. 168)</p> <p>P11: Aqui na nossa zona e se calhar não sei que zona é que poderá haver, mas, quer dizer, também não posso ir para o Porto fazer uma acção de formação, nem para o Algarve. Aqui não há, e eu ando à procura de formação há anos, eu ando à procura há anos e não consigo encontrar. (p. 168)</p>					1											2	3

CATEGORIAS	SUB E SUB-SUBCATEGORIAS	INDICADORES /EXCERTOS	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	Freq Ind.	Freq Cat.
7. Profissionalidade															207
	7.1 Fundamentos da prática lectiva														
	7.1.1 Utilização de metodologias de ensino da música	P2: Não, é genérica. É genérica. (p. 28) P3: Não. Especificamente não. (p. 47) P3: Tenho várias metodologias. (p. 47)		1	2									3	
	7.1.1.1 Combinação de metodologias Orff e Willems	P7: Com que me identifique? Sim. Com a metodologia Orff. (p. 101) P7: Ainda há aí. O Wuytack vem cá todos os anos. E outros que vieram antes deles. Eu estive em Salzburg. Estive lá a fazer um curso de Verão e isso marcou-me imenso, imenso. Ele era tudo a partir da vivência tudo, tudo, tudo. Não tenho ideia de ver uma pauta à minha frente. Tudo muito trabalhado, muito vivido, à exaustão. A gente saía daquele curso estoirados. (p. 101) P7: E o Willems também me ajuda um bocadinho. O Willems. Mas menos, muito menos. (p. 102)							3					3	
	7.1.2 Práticas intuitivas	P2: Não, às vezes também tem a ver um bocado com a nossa forma de estar e com a nossa forma de... e aquilo que achamos melhor para os miúdos e tudo. Eu sempre privilegiei a parte instrumental. Porque... porque acho que ser músico é tocar, não é estar a decorar teoria... acho que é mesmo tocar, acho que é o melhor que se pode fazer nestas aulas. (p. 29) P3: Eu recorro àquilo que acho que se torna mais interessante para os miúdos, para os cativar, sempre. Porque há coisas que se tornam assim um bocado chatas para eles e até para nós. (p. 47) P9: Eles usam muito os instrumentos Orff, percebes? Eu vou fazendo, vou reproduzindo, vou desenvolvendo a conversa, até chegarmos ao conhecimento, estás a ver? E depois vamos fazendo uma articulação e eles por último apresentam também. (p. 135) P9: Dou o conteúdo, falamos, vivenciamos e eles depois aplicam em novas situações. (p. 135)		1	1						2			4	
	7.1.2.1 Trabalho teórico-prático	P1: Eu associei sempre tudo. Ao princípio fiz uma experiência ou duas, como era o primeiro ano, em que primeiro dei a teoria e depois dei a prática. E depois experimentei o contrário, dar primeiro a prática e depois associar então a teoria. Resultou muito melhor, sempre muito melhor. Eles não têm a noção do que é que estão a fazer, não têm noção e depois acabo por explicar e eles interagem muito melhor. (p. 16) P1: aliás eu antes de falar de teoria às vezes passo logo para a prática depois é que vem a teoria. Portanto, para eles perceberem uma teoria o melhor é fazerem logo na prática e só depois, então, vem o conhecimento cognitivo. (p. 16) P2: As músicas, por exemplo, que eu ensino têm sempre algo de novo e algo propositado (p. 31) P2: Não há uma música que caia ali de pára-quedas, onde não exista algo de novo que eu quero, que eu quero explicar e, claro, isso depois vai-se reflectir	2	2	6	2	2		3	3	4		1	25	

		<p>na parte teórica. (p. 32)</p> <p>P3: Nos conteúdos e depois na prática. (...) Sempre, sempre. (p. 38)</p> <p>P3: Para mim está tudo interligado, porque eu para tocar uma peça tenho que utilizar as propriedades do som, tenho que saber teoria, tenho que saber prática, tenho que saber interligar tudo, senão não consigo tocar uma peça, não consigo executar coisíssima nenhuma, não é? (p. 38)</p> <p>P3: apesar de estar sempre tudo muito interligado, a teoria com a prática. Tenho sempre tudo interligado. (p. 39)</p> <p>P3: Não chego e digo, “blá, blá, blá, blá”. Não. Nós chegamos e é “blá, blá” mas depois exemplos auditivos, coisas práticas que é para estar sempre tudo interligado. (p. 39)</p> <p>P3: Para mim, sim. Para mim, sim. Há os exemplos e depois os conceitos, não é? (p. 42)</p> <p>P3: A leitura não é só pegar e fazer um ensaio rítmico ou uma leitura rítmica. Não. Eu entendo que está tudo interligado, eles para tocar uma música têm que saber ler os tempos do que está ali escrito. Eu interpreto dessa maneira (p. 49)</p> <p>P4: Mas eu trabalho assim, eu não dou aulas teóricas... A teoria aparece... Aparece, nesse momento aproveito e falo. (p. 60)</p> <p>P4: depois entra a noção do ostinato, depois entra aquela noção do padrão rítmico, e não sei quê mais... depois estas noções teóricas vão todas entrar. E depois, no final de fazerem esta vivência, esta experiência, então sentam-se no lugar e agora vamos escrever os ritmos (p. 63)</p> <p>P5: Para já, a teoria só vem agarrada a uma prática, não é? Se um miúdo chega ao final do ano, eu não me interessa se ele sabe a clave de sol, ou se sabe a armação de clave, ou se sabe a tonalidade, interessa-me é que ele olhe para uma pequena partitura, uma partitura simples a uma voz, e que a saiba executar no instrumento. Portanto, quando ele a sabe executar, automaticamente quer dizer que ele tem os conceitos todos adquiridos, não é verdade? (p. 74)</p> <p>P5: Não aparece nunca. <i>(teoria nunca aparece desligada da prática)</i> (p. 75)</p> <p>P7: primeiro prática, depois a parte visual já, para... E, às vezes, depois faço, por exemplo, compassos sem nada e eles têm que preencher os compassos. Isso, este ano trabalhei muito isso. (p. 101)</p> <p>P7: Primeiro é sempre a partir da audição e da prática. Sempre. Porque eu, francamente, acho um bocadinho seca ser ao contrário, para os miúdos. Nós aprendemos assim, não é? Mas preferíamos ter tido uma escola diferente, não é? (p. 101)</p> <p>P7: Como eles é muita vivência, muita vivência, às tantas começo a estar farta do papel e do não sei quê, quero é partir para o trabalho prático, não é? Eu acho que a grande vontade deles é partirem logo para a música, não é?, tocarem. Mas se não têm uma base não dá, não é? (p. 110)</p> <p>P8: A isso o que posso dizer foi uma experiência de trabalho que tive há uns anos atrás com o PIEF, então nós fazíamos muitas actividades práticas. Os miúdos chegaram ao pé de nós uma altura, “tratem-nos como alunos normais”. (p. 114)</p>													
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>P8: A nível prático fizeram muita coisa, pois não sei, não sei... Mas foi um trabalho aguado, especialmente aqui (aponta para a área da teoria, no gráfico). A nível teórico, a nível teórico, porque... a teoria... Mas uma coisa é "eu sei fazer isto, mas isto é assim porque?". E terem a capacidade de "tens agora isto aqui e és capaz de fazer sozinho, autónomo", pronto. E este trabalho foi conseguido já no fim. É autónomo, pronto "pessoal, têm aqui esta peça, próxima aula." (p. 119)</p> <p>P8: Sim, era uma forma que eu tinha de conseguir também chegar lá. Eu trazia a peça, líamos a peça e depois havia sempre alguma coisa, ou um ritmo para uma pessoa conseguir, por exemplo, trabalhar as síncopas, é um bocado chato... então, era uma música dos <i>Scorpions, Hurricane</i>. É que aquilo é muito sincopado e eles faziam o ritmo, pronto. (p. 124)</p> <p>P9: vou-lhes dando a noção das características, das propriedades da matéria, estás a ver? Para que eles possam assimilar... Eles têm que vivenciar sempre (p. 135)</p> <p>P9: Tenho mais facilidade da parte prática, a teórica para eles cansa-os muito. E eu não os vou saturar com a parte teórica. Tento dar tudo em termos práticos, progressivamente, muito devagar, para que eles consigam ir fazendo uma evolução progressiva. Nunca dou logo aquela matéria teórica... e eles vão fazendo um trabalho... (p. 131)</p> <p>P9: Pronto, o que eu te posso dizer é que eles fazem a parte prática, estás a ver, e a teoria deve ser uma articulação com aquilo que eles fazem, a vivência. (p. 132)</p> <p>P9: Teórico-prático. (p. 132)</p> <p>P11: a teoria depois só faz sentido se eles forem utilizar depois na prática, com uma situação prática eles tentarem resolver o problema e surgir, portanto... e aí eles podem questionar-se a si próprios o que é que aquilo quer dizer?, como é que se resolve aquilo? (p. 169)</p>													
	<p>7.1.3 Utilização de manuais escolares</p>	<p>P1: Segui o livro. (p. 16)</p> <p>P1: Usei muito o livro (p. 15)</p> <p>P2: Eu adoptei o manual (p. 35)</p> <p>P2: Era muito confortável seguir o manual e o do 5.º dava perfeitamente para o fazer, mas não... acho que depois acaba por ser, até para mim acaba por ser pouco motivante. (p. 35)</p> <p>P3: Não me cinjo só ao que está no manual (p. 41)</p> <p>P3: Acho que seguir manuais à rígida, a mim mete-me confusão como é que há pessoas que conseguem fazer isso, eu não sou capaz. Admito que não. (p. 47)</p> <p>P4: Eu não fiz o manual todo, fui fazendo, claro, fui saltando conforme as necessidades. (p. 62)</p> <p>P5: mesmo utilizando o livro (p. 76)</p> <p>P6: é assim, eu tenho a preocupação que eles utilizem o livro, não vão comprar um livro e depois não utilizar (p. 88)</p> <p>P7: Eu trabalho muito o livro, não é? (p. 98)</p> <p>P7: o livro trabalha várias áreas do mundo, vários países. Portanto, África, vão para a rua e trabalham madeiras, xilofone, percussão, peles, não é? Ou, por</p>	2	2	2	1	1	1	2				2	13	

		<p>exemplo, hoje vamos para a Indonésia, que é tudo com metais e não sei quê. Pronto, também trabalham a partir da sugestão do livro, não é? (p. 104)</p> <p>P11: Exacto. <i>(segue o manual e confia na organização que ele propõe)</i>. (p. 164)</p> <p>P11: a forma como eu trabalho é explicar o que vem no livro, olharmos para o livro, vemos o manual, explicar o que é que vem (p. 169)</p>																
	7.1.3.1 Identificação com os manuais adoptados	<p>P2: no caso do 5.º ano, o manual acho que é um manual agradável, com músicas engraçadas que muitas vezes acompanham melodias principais e depois tento alternar com isso... O 5.º ano acho que é um livro agradável para os miúdos, com boas actividades. Depois o 6.º ano. O 6.º ano tem algumas actividades que são boas e depois acho que tem algumas que são muito complicadas... E vou-me adaptando, ou seja, eu tenho o manual mas não sigo propriamente, vou tirando... O do 5.º ano sigo um bocadinho mais, o 6.º já não tanto. (p. 35)</p> <p>P4: Quando eles tinham temas para trabalhar nos livros... Sabes que estes livros também são uns livros... Estes livros que eu trabalho este ano, são uns livros novos, eu nunca trabalhei o livro B, eu não gosto muito do livro B do 5.º ano, pessoalmente não... pelo menos até ver ainda não criei nenhuma empatia com o 5.º ano, o que me foi difícil para o 5.º ano porque tive de alterar completamente, fiz montes de fichas para o 5.º ano, percebes? (...) cheguei aqui à escola, apanhei aqueles manuais e acho que aqueles manuais é preciso já ter alguma experiência com os manuais, conhecer bem os manuais. O 6.º ano é um manual de que eu gosto pessoalmente, porque também tem o caderno de actividades, eles trabalham muito com o caderno de actividades, o caderno de actividades do 6.º ano está muito bem organizado e é um trabalho muito prático, é muito engraçado o que eles fizeram, tem muito trabalho de exploração sonora, tem muito trabalho de corte e colagem, de audição, tem muito trabalho de audição, de visualização e audição dos DVD que ele traz, para... pronto, para já, para desenvolver o sentido estético, o sentido de auto-crítica. (pp. 60-61)</p> <p>P6: Atrapalhou-me um bocadinho o livro este ano, porque eu estava, já estou muito calhada com o (nome de um manual) e este livro era novo para mim, atrapalhou-me um bocadinho... acho que a nível de exemplos, por exemplo, a nível dos instrumentos tinha pouco, tive que ir buscar coisas a outros livros (p. 88)</p> <p>P7: Eu própria identifico-me imenso com aquele livro. Porque aquele livro trabalha música dos vários continentes e depois tem uma secção só de Portugal e os instrumentos tradicionais portugueses, tem sempre os instrumentos tradicionais de cada sítio. E acho isso muito interessante. E os miúdos que já aprenderam muitas bases no 5.º ano, viajam um bocadinho a nível musical. Eu acho giro o livro, acho muito giro. (p. 100)</p> <p>P8: O manual é muito fraco. O manual, eu tentei segui-lo mas era... É assim, não podemos chamar àquilo manual. Quem escolheu aquele manual não era professor de Educação Musical. E escolheu o do 5.º e do 6.º. O do 5.º é um manual de História. Só tem História, História de Portugal. Um manual de História. É muito fraco, muito fraco. (p. 118)</p>		1		1		1	1	1								5

	7.2. Experiência do professor 7.2.1 Valências diversificadas 7.2.1.1 Opção música – 3.º ciclo	<p>P7: E eu aproveito o facto de eles terem. E acordeão, também. Portanto, faço peças onde sei que eles podem tocar... Eu não sei ensiná-los, não é? Aproveito um bocadinho os conhecimentos de cada um, não é? O que cada um sabe. E é esses alunos que eu também estava a dizer, não em relação ao 6.º alguns que eu sei que têm aulas particulares, mas estes também têm aulas, de viola, lá fora (p. 103)</p> <p>P7: Mas depois, por exemplo, Dia Mundial da Música, peguei numa turma que é do 9.º ano e fui dinamizar a biblioteca, pronto. Depois houve... Isso fiz. Ao longo do ano vão surgindo assim situações que eu pego, aí pego nos meus melhores alunos. Porque eles estão mais à vontade e depois ensino mais rápido... que normalmente já é opção, já é o 3.º ciclo. (p. 103)</p> <p>P7: Mas, mesmo a abertura da festa foi feita pelos meus alunos de opção do 9.º ano. Como era um bocadinho a despedida deles, fizeram um trabalho com latas, assim tipo aquele trabalho dos Stomp. Ritmos feitos com latas e depois fizeram um trabalho com violas, guitarras electrónicas, eléctricas... (p. 103)</p>						3					3	
	7.2.1.2 Formação do professor - canto	<p>P11: a minha formação é de canto, e pronto, e tento... quando eu percebo que a turma também responde bem em termos auditivos a isso, exploro isso. (p. 166)</p>									1	1		
	7.2.1.3 Utilização de audiovisuais	<p>P4: Eles exploravam os filmes e comentavam os filmes e depois até fizemos interpretações de algumas músicas de filmes, mas viram uma data de filmes que eles nunca tinham pensado em ver, nem conheciam, filmes muito interessantes que há, nomeadamente, A Lenda de 1900, coisas assim do género... Viram os CD todos dos Stomp, enfim... (p. 55)</p> <p>P4: Entretanto, logo no início do ano, eu faço o visionamento de alguns vídeos com miúdos da idade deles que fazem vitaminas rítmicas espantosas, para eles verem que realmente é possível fazer. (p. 63)</p> <p>P6: Mas adoraram ver. E depois queriam ver era outras partes e não sei quê, porque aquilo tem lá algumas coisinhas que se passa para a frente (ri), e eles “ah, mas porque é que a gente não pode ver?”, mas as outras turmas que não tinham visto já vinham à espera de ver isso, era engraçado... Mas, pronto, viram e pediram-me para ver até ao fim e grande parte gostou, gostou de ver e estavam curiosos de ver, e depois eu aproveitava para ir comentando, e não sei quê. (p. 90)</p> <p>P6: Eles adoraram ver, eles adoraram ver. Como o filme é muito grande tive a passar aos bocadinhos... (p. 90)</p>			2	2						4		
	7.2.1.4 Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação	<p>P3: É uma base, mas com um determinado andamento, não é? Muitas vezes trago o computador, ligo as colunas para eles também ouvirem. Outras vezes vou buscar coisas à Internet. E depois é a questão que muitos miúdos não têm manuais, não é? Tem que se tentar arranjar sempre mais alguma coisa para cativar os miúdos. (p. 46)</p> <p>P3: Ando sempre à procura de coisas, outros dias vou buscar à Internet. Trabalho com o Finale. Faço as gravações e depois arranjamos as músicas, coisas simples. O Audacity também é porreiro para essas coisas. (p. 46)</p> <p>P4: fiz muita coisa de informática, faço muita coisa de informática com os</p>		2	4						1	7		

		<p>miúdos, eu trabalhei com software musical, trabalhei o Sibelius e alguns programas de software musical que eles acharam muito interessantes, porque eu tenho muita coisa a nível informático e depois, como temos os quadros interactivos, podem trabalhar interactivamente... Chegam ao quadro e eles escrevem, põem as notinhas, põem tudo. E então com essa turma X trabalhei numa outra área, numa área um bocadinho mais visual (p. 55)</p> <p>P4: <i>(recorreu muito)</i> ao trabalho do computador (p. 56)</p> <p>P4: Nós temos Internet na sala, e temos o quadro interactivo e temos os projectores, eu de repente, no contexto da aula, os alunos falam de uma coisa ou fazem-me uma pergunta, hoje em dia realmente nós temos este recurso que é excelente, “é agora vou-vos já mostrar, vou-vos já mostrar”, percebes? É num instante, eu gosto de começar por ir ao Youtube, vê-se num instante, “oh professor vi aquele instrumento que era assim, não sei como é que é”, tudo bem, vou ali demonstrar na Internet. Bem, e depois é assim, é a possibilidade de eles ouvirem instrumentos que muitas vezes tu ouves mas não vês, o que é um bocadinho complicado a gente ouvir e não ver. Eles queriam, por exemplo, ver um didgeridoo; olha, na Internet tens montes de didgeridoos, e é uma facilidade enorme, percebes? Porque tu hoje com a Internet os miúdos visualizam, vêem, ouvem. (pp. 63-64)</p> <p>P4: Esses miúdos (aponta para a turma X) conseguiram fazer... eu trabalho muito em informática, com o Audacity, conseguiram fazer gravações, eles gravavam e regravam e apresentavam aos colegas (p. 55)</p> <p>P11: Exacto, exacto. Portanto, aqui, eu acho que uma das coisas importantes para a música, para quem está a dar aulas de Educação Musical, é tentar dar mais importância àquilo que as TIC permitem fazer a este nível, seja como audição, neste campo de audição, que é audição e visualização, são as duas coisas associadas, não é?, a nível da experiência. A nível da teoria também, porque há uma série de recursos que estão disponíveis on-line que complementam também aquilo que vem nos manuais e, portanto... E, é assim, e aquilo que eu posso fazer na aula e aquilo que eu posso explicar na aula, os miúdos que querem, em casa, e se tiverem condições para isso, porque há muitos que têm, podem continuar em casa, e pronto, e tentar, de alguma maneira, também, dar-lhes indicações para eles, por eles, irem procurar aquilo que querem fazer. (p. 167)</p>																
	7.2.1.5 Ensino em instituição prisional	<p>P4: Eh pá, sabes?, eu também trabalhei 6 anos num estabelecimento prisional, percebes? Como eu me consigo relacionar com presos e não me consigo relacionar com estes miúdos, mal seria, não é? Eu trabalhei com criminosos, percebes?, com criminosos, assassinos, com miúdos assassinos que aos 16 anos eram assassinos, portanto, estavam presos e eu tinha a vertente musical. (p. 68)</p>				1												1
	7.2.2 Experiência adquirida através do tempo na docência	<p>P1: Eu não sei muito bem. Eu sei que, isto foi a imagem que eu fui tirando ao longo do tempo (p. 11)</p> <p>P2: Eu, por exemplo, na escola onde trabalhava anteriormente (p. 25)</p> <p>P2: E aqui também estou a falar por... por uma situação de conhecimento próprio porque de onde venho (...) (p. 28)</p> <p>P2: talvez já por ter esta experiência (p. 34)</p>	1	3			1	2	1								1	9

		<p>P5: É muito difícil. Eu nunca tive consciência disso, por acaso é engraçado. Só depois de começar a dar aulas, e já lá vão muitos anos, que o ritmo... Eu quando aprendi música não tive essa... pelo contrário, tinha mais dificuldade na afinação, a cantar, sei lá, no Conservatório que nós fazíamos aquelas provas orais. Agora, os ditados rítmicos sempre me saíram muito melhor, sempre achei que era uma coisa muito mais óbvia. (p. 77)</p> <p>P6: Talvez porque eu vim de, eu vim de... já estive em escolas muito complicadas e tive estes três últimos anos na escola C, e talvez por ter estado na escola C, apanhei alunos, quer dizer, estas turmas para mim... Não as considero tão difíceis como aquelas que eu já apanhei (p. 87)</p> <p>P6: Uma das coisas, olha na escola A em 1999, onde eu tinha uma sala de música, tinha umas salas lá em cima, quer dizer, era horrível porque tinha de andar com os instrumentos às costas, porque não havia sala de música, mas as salas eram tão grandes lá em cima que tínhamos as mesas e depois tínhamos outro tanto espaço que eu fazia danças, sentava-me com eles no chão em roda que cria um clima completamente diferente, dava para aplicar coisas giríssimas (pp. 86-87)</p> <p>P7: Se eu for para lá só fazer solfejo, como fiz no primeiro ano que eu dei aulas, no final do ano tinha as mesas todas viradas ao contrário, textualmente. E nunca mais me aconteceu isso, quando eu depois fiz o meu estágio, porque eu dei aulas a estes miúdos como eu aprendi no conservatório, não pode ser. Também aprendemos, não é? A experiência vai-nos dando calo. E pronto. (p. 110)</p> <p>P11: Tenho sempre a tendência de lembrar-me do ano anterior, estive numa escola muito diferente desta, de facto, com uns miúdos... (p. 174)</p>													
	7.2.3 Experiência musical	<p>P1: (...) eu tenho um domínio bom de flauta (p. 19)</p> <p>P2: (<i>interpretação</i>) é o meu forte (p. 30)</p> <p>P3: Sinceramente, não sei. Eu faço aquilo que sei e o melhor que sei e tento ir também um bocado de encontro ao que os alunos gostam. Porque eu falo por mim, pessoalmente nunca gostei muito de estar a tocar peças que não me diziam nada, portanto, tento procurar sempre coisas que acabem por dizer (p. 46)</p> <p>P4: tivemos de encaminhar as coisas um bocadinho na área que nós estamos à vontade (p. 62)</p> <p>P4: Bem, eu faço as coisas que gosto e pronto. (p. 68)</p> <p>P5: Eu acho que isto também tem um bocado a ver com as nossas capacidades, não é? As nossas competências e... se calhar é por onde me sinto mais à vontade, portanto, é óbvio que as exploro mais. (p. 71)</p> <p>P7: E com eles pego e faço um bocadinho aquilo que eu quero. Que é ótimo. (p. 103)</p> <p>P7: Trabalho um bocadinho também sobre os meus dons (sorri). (p. 105)</p>	1	1	1	2	1		2						8
	7.3 Organização das actividades lectivas 7.3.1 No grupo disciplinar	<p>P2: nós, por acaso, nós temos reuniões semanais. Em termos de organização acaba por ser bom porque... porque permite-nos também estar a par do que é feito. (p. 29)</p>		1											1

		<p>professor dava importância, há uns que se adaptaram... a mudança é sempre uma resistência, sempre. Quando há uma mudança há sempre resistentes. Do 5.º para o 6.º é uma diferença abismal. Uma pessoa conhece a turma do 5.º e vai para o 6.º... Mas, se já os conheces é continuar o trabalho, pronto, uma pessoa vai-se adaptando de novo a eles e eles a nós novamente, pronto. Agora quando uma pessoa chega, quando uma pessoa chega... e eles estão habituados a um género de aula, a um tipo de pessoa, há sempre resistência à mudança, mas isso é em tudo, não é? (p. 127)</p> <p>P8: É a relação que uma pessoa cria e a parte afectiva, não se pode esquecer esse tipo de actividades, porque é uma parte... faz parte. O ensino também tem essa parte, embora, a gente não é pai nem mãe... (p. 126)</p> <p>P9: Cada aluno é um companheiro que ali tenho para trabalhar (p. 134)</p> <p>P9: Eu começo a trabalhar a turma no início do ano, eu chego ao meio do ano, quando não chego a um, há sempre três, quatro, cinco elementos da turma que me ajudam a chegar aos outros. (p. 133)</p> <p>P9: Tenho uma relação muito boa com os meus alunos. E quando eu estou triste ou tenho algum problema com algum aluno, os outros equilibram-se todos. Isso é muito bom. Funcionamos como família. (p. 134)</p> <p>P9: Quando há um bom clima, não é? (sorri) (p. 143)</p> <p>P9: (ri) Um bom ambiente. Que a pessoa consiga, de ambos os lados, vivenciar aquele momento. Eu acho que é muito bom (p. 143)</p> <p>P10: Vamos fazendo o que podemos. Mas eu acho, e nesta escola isso nota-se, eu acho que há muito o envolvimento humano de todos os professores, cada um com as suas características, mas há esta sensibilidade de que é preciso, primeiro que tudo, ter um relacionamento com o miúdo para depois se conseguir fazer o resto, não é? (p. 163)</p> <p>P11: Sim, sem dúvida. A relação pessoal é fundamental e eu acho que... quando há uma relação boa e quando há uma relação má. E eu acho que quando há uma relação má então as coisas... alguma coisa se passa e que tem que ser resolvida, que não depende só do professor e, portanto, tem que ser actuada, tem que ser resolvida com os alunos e com as suas famílias e com as expectativas que os alunos trazem e com os comportamentos que trazem para a escola. (p. 175)</p>													
	<p>7.4.3 O professor que desenvolve competências extra-musicais</p>	<p>P5: Eu sou professora de música, efectivamente eu sou professora de música, mas acima de tudo eu trabalho com miúdos que estão a formar a sua personalidade. Portanto, isso é que eu acho que é mais importante, formar indivíduos através da música. Também há... o (nome de um professor do mestrado) também me bateria se eu falasse nisso mesmo... e muitos outros que acham que realmente... que a música não deve ser só... Nem direi nunca que é só. Mas acho que há uma parte muito da formação do indivíduo através da música que... até porque a música é uma, por si só, tem todo o caminho para se trabalhar em conjunto, para se integrar, para cada um ter a sua tarefa, coisas que eu acho importantíssimas. Através da música, cada um toca a sua parte, cada um toca a sua melodia, o ouvir os outros, o comentar, o espírito crítico... Eu acho que é extremamente importante e se posso fazê-lo através da música é o ideal. (p. 79)</p>			2				1				3		

		<p>P5: Pronto. Mas a experiência, o aprender através da música também é que é o mais importante no meio disto tudo. E tudo o que isto engloba, porque se nós quisermos tudo isto aqui sai para fora, isto depois tudo transborda para outras coisas, tudo transborda. (p. 79)</p> <p>P9: Para trabalhar a concentração, a atenção, a coordenação, tudo... Fazem muito, muito, e os alunos problemáticos eu prefiro investir mais na parte prática, estás a ver, dando os conceitos, as teorias todas, mas, cá está, há outros aspectos que também me preocupa trabalhar fora da disciplina... concentração, a atenção, saber estar, o respeito pelo trabalho em grupo... Tudo isso eu procuro. (p. 136)</p>																	
	7.4.3.1 O professor de Educação Musical não precisa de ser músico	<p>P5: Também há a versão do ter que ser músico para ser professor de música. Eu acho que tens que ter uma... tens que saber do que falas, porque não é uma coisa que seja... não é como a Matemática, em que 2 vezes 2 são 4 e acabou, não é? Portanto, é mais do que isso, não é, sai para fora do 2 vezes 2. Mas não tens que ser músico, acho eu, para ser professor de música, tens que ter uma grande capacidade para conseguir englobar uma série de coisas e fazer com que os miúdos aprendam através da música, eu isso é que eu acho que é fundamental... Eu nunca seria instrumentista, nem compositora (p. 79)</p>					1												1
	7.4.4 O professor disciplinador	<p>P2: Eu considero-me relativamente exigente, ao ponto, por exemplo, de ter encontrado, não há muito tempo, um colega meu que trabalhou comigo nos últimos três anos, que não era de música, que fazia parte dos meus conselhos de turma, e ele perguntou como é que as coisas estavam a correr, como é que eu me estava a dar com os miúdos, “sim está a correr bem”. E ele disse, “eles gostam das pessoas que lhes exigem e que são duras com eles”. E nesse aspecto eu encaixo-me um bocado nesse perfil que é... com exigência com rigor, com alguma justiça, porque também é importante, e que depois as coisas ao longo do tempo... inicialmente eles olham para nós como uns tipos que estão ali a ser muito chatos porque estão a mandá-los e não os estão a deixar fazer aquilo que eles querem, mas, eles percebendo o sistema como as coisas funcionam e percebendo para onde é que podem ir e como podem fazer as coisas eu acho... e que é fácil, é fácil de perceber desde que seja bem explicado, as coisas correm relativamente bem. Eu não me posso queixar, nesse aspecto. (p. 36)</p> <p>P2: Não tenho... não considero que tenha graves problemas de comportamento dentro da minha aula, porque também não permito que isso aconteça. (p. 36)</p> <p>P7: Porque eles sabem que eu também estou muito em cima, não é? (p. 97)</p> <p>P7: Começa a acalmar logo a partir do momento que entram na aula. É isso. (p. 97)</p>		2						2									4
	7.4.5 O professor que realiza avaliação contínua	<p>P3: eu acho que numa aula prática nós conseguimos saber o que é que eles conseguem ou não conseguem fazer. (p. 42)</p> <p>P8: O que eu fazia com esta turma, com esta (aponta para a turma X) era o seguinte, dava uma matéria fazia uma avaliação, dava uma matéria fazia uma avaliação, para não deixar acumular. Podia ser uma avaliação escrita ou oral, pronto. (p. 125)</p>				1					1	2							4

		P9: E os outros também faço, os outros registos aula a aula. (p. 142) P9: Agora o que eu faço é avaliação aula a aula. Eu tenho uma avaliação contínua, de registo. (p. 141)																		
	7.4.6 O professor que fomenta a competição	P8: As vezes resulta, resulta bem, também depende das turmas, a competição. Fazer um jogo, fazer um jogo em que vão sendo eliminados. E, às vezes, a confiança aqui é matreira. Eu já sei e facilitam... e perdem. E aquele que até tinha dificuldade até conseguiu passar, vai ganhando moral, vai ganhando moral e até vai conseguindo, até que chega uma altura que perde, pronto, tudo bem. Criar uma competição saudável no meio deles (p. 128)																	1	
	7.4.7 O professor que investe materialmente	P3: E eu ando sempre à procura disso. Eu estou farta de gastar dinheiro a comprar livros, tirar cópias e CD. (p. 46) P4: Lá em cima temos, na sala de música temos, não é?, mas depois nas outras salas eu tinha de levar o meu computador e umas colunas para pôr lá para trabalhar com os miúdos, percebes? Não havia hipótese, eu andava sempre carregado. Eu tive de comprar umas colunas porque a escola não tinha, a escola tinha para aí uns gravadores que estavam velhotes, estavam estragados, depois têm que ser pedidos, depois não havia... (p. 59) P4: Ah sim, tanta coisa, eu ando sempre com uma data de CD na minha pasta (p. 63) P4: Eu é que trazia o meu computador e trazia a minha aparelhagem, porque a escola não tem mais material. (p. 59) P6: Eu depois até comprei o filme, que eu tinha mas era em VHS. (p. 90) P9: Com os nossos carros particulares. (p. 143)			1	3			1											6
	7.4.8 O professor que responde ao gosto/interesse dos alunos	P1: E gostei muito quando eles me punham dúvidas, ou seja, eu tinha aqui alunos que eram, que queriam mesmo aprender e houve aqui duas alunas, tiveram 5 as duas, claro que eram muito... curiosas, ou seja, eu dava qualquer coisa e elas não me deixavam avançar se não tivessem percebido aquilo e isso dava-me... ficava muito contente, mas mesmo muito contente. Fez-me ir buscar coisas... eu preparo as coisas da forma que eu sei e que acho que é mais acessível para eles e da forma mais clara e quando isso não chega eu tenho que ir buscar outras coisas. Eu tenho que sair daqui com ela a perceber isto, eu tenho que sair daqui com eles a perceberem isto. Basta haver um que não perceba, eu não saio daqui enquanto este não perceber, porque ele quer aprender mesmo. E eu acho que isso foi uma boa experiência para mim porque também aprendi, ou seja... tive que arranjar estratégias à última da hora para ela conseguir perceber, tive que arranjar exemplos de outras coisas. (p. 20) P2: É encontrar o... é o gosto deles na aula. (p. 35) P2: Acho que sim. Eu acho que isso é importante. E são poucos aqueles que me dizem "não gosto". E isso para mim é importante porque dá-me alguma satisfação em termos de trabalho, saber que estou a trabalhar com alguém que quer estar ali comigo. Que gosta. (pp. 35-36) P3: Quando eu, às vezes, dou uma música e eles gostam da música e na aula a seguir querem fazer aquilo. Eu quero pôr outra música, "não, queremos fazer aquela música da aula passada" e querem cantar e tocar, às vezes acaba por se	1	2	1	5								1	1	1	2	14		

		<p>ceder um bocadinho aos pedidos deles. (p. 50)</p> <p>P4: Olha, o que me dá alegria é quando saio e quando vejo que os miúdos gostaram de lá estar, é quando vejo que os miúdos no final da aula não querem sair da aula, e vão para ao pé de mim, porque querem fazer coisas e querem fazer mais, percebes?, e fico muito contente. (...) fico contente que um grande grupo de miúdos fica na sala. Fica, quer experimentar mais, “posso tocar ali?”, “olhe, mas toque outra vez isto que há bocado fez”, “mas quando é que faz isto?”, “ó stôr, como é que fez isto na flauta?”, percebes? Isto dá-me satisfação pessoal porque vejo que fui ao encontro deles, mostrei-lhe alguma coisa que é novidade para eles, alguma coisa que os despertou para a música, para a facilidade musical, para a estética, enfim. Isso é que me dá um certo prazer. (pp. 66-67)</p> <p>P4: Eu, às vezes sou eu que os tenho de empurrar da aula percebes, eu frequentemente, ainda por cima a nossa sala é lá no cimo e eu quero ir à sala de professores... Olha, depois da turma X, eu nunca vinha ao intervalo, porque a X era à quarta-feira, quando tu estiveste lá, e eu a seguir tinha duas horas de substituição, portanto, eu nunca vinha à sala porque eles depois queriam lá ficar, queriam perguntar mais isto, perguntar como é que se faz isto, como é que se faz aquilo e eu acabava por ficar o intervalo de 20 minutos ali e depois tinha de voltar muito rápido para dar as duas horas. Isso satisfaz-me, percebes?, chegar ao final da aula e ver que os alunos... aliás, eu acho que se nota, eu acho que se nota na forma como os alunos até se despedem de nós, percebes?, nota-se se eles gostaram da aula, se não gostaram da aula, nota-se perfeitamente. (p. 67)</p> <p>P4: olha que eu regra geral, salvo uma ou outra excepção, mas regra geral nunca consegui sair da sala... há sempre um grupinho de miúdos que fica sempre a perguntar coisas e quer experimentar, então na sala de música... (p. 68)</p> <p>P4: Não quer dizer que... ouve lá, muitos miúdos o que mais querem é sair da aula e ir jogar à bola, a aula já acabou, é perfeitamente natural, não é? Mas de qualquer maneira são sinais que dá para a gente observar e se aperceber do que se vai passando (pp. 67-68)</p> <p>P4: É, quando os miúdos saem pá, olha, pronto, já se foram embora, estão à espera percebes?, estão à espera do toque para se irem embora. Não quer dizer que seja sempre, que seja pelo facto do professor não ter ido ao encontro dos alunos ou não, mas quer dizer que alguma coisa houve ali que não deu o clique para eles estarem satisfeitos, não é? Porque isto provavelmente passava-se em todas as disciplinas... há disciplinas, se calhar, com mais dificuldade. Se for uma disciplina cognitiva, se calhar, eles querem sair mais depressa do que numa disciplina prática, se estiverem numa aula de EVT e estiverem a realizar um trabalho que estão a gostar, ou uma aula de Educação Física, há alguns que não gostam de Educação Física, um é capaz de estar desejoso que aquilo termine, não é? Há sempre miúdos que estão desejosos de sair, mas há outros miúdos que não, gostam sempre de estar ali e eu fico contente quando os miúdos no final... (p. 67)</p> <p>P8: Eu fico satisfeito é ao longo do tempo, com o tempo... e feliz por ter</p>													
--	--	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>alunos em que estudam praticamente todos os dias, em que gostam da disciplina, em que vão para a disciplina 15 minutos antes da aula. É a relação que uma pessoa cria e a parte afectiva, não se pode esquecer esse tipo de actividades, porque é uma parte... faz parte. O ensino também tem essa parte, embora, a gente não é pai nem mãe... (p. 126)</p> <p>P9: O que eu quero é que eles participem e que gostem da disciplina (p. 130)</p> <p>P10: Eu acho que isso acontece quando eles participam com gosto na actividade que eu propus. E isso acontece muitas vezes. Por exemplo, eu com a turma X, principalmente, porque eles têm prazer em cantar, eles têm prazer em tocar. Eu acho que eles saem contentes exactamente porque tiveram essa experiência dentro da aula. E mesmo com a turma Y, também há aulas que correm bem, não posso dizer que corra sempre mal. (p. 161)</p> <p>P11: É ter os miúdos completamente dessintonizados com aquilo, pronto que... alguns dos miúdos, não é? E quando numa turma são vários, ou em número suficiente para poder inviabilizar qualquer tipo de ambiente de trabalho... (p.174)</p> <p>P11: eu acho que é muito bom sentir a curiosidade e o desejo de aprender dos miúdos e eu poder corresponder a essa expectativa. Isso é que é a coisa mais gratificante e é aquilo que, que... sei lá, que... que ajuda, quer dizer. É assim, gosto de estar com os miúdos quando isso acontece, quando eu sinto que, da parte deles, existe isso, isso é uma... é uma... é uma causa suficiente para poder... dar-me prazer em estar com eles. (p. 174)</p>																	
	7.4.8.1 O professor que vai ao encontro da cultura musical dos alunos	<p>P3: Mas eu não me importo de pegar nas coisas dos miúdos. Aqui há uns anos estive na escola A, em que a maior parte são miúdos africanos, não é? Então andava na moda o Kuduru, então eu fui aprender a dançar Kuduru para dançar com eles, por causa da questão... e também dá para trabalhar, dá para trabalhar a pulsação, o andamento, fizemos a coreografia... Portanto, eu fui aprender para depois trabalharmos todos (...) é o mundo deles. Tento pegar nas coisas que mais cativam os miúdos para fazer. Eu estou sempre aberta a novas coisas que apareçam, não me choca nada usar outra coisa menos convencional para chegar aos meus objectivos. (p. 47)</p>			1														1
	7.4.9 O professor que valoriza a evolução musical dos alunos	<p>P6: (...) tive alunos que não tocavam nada flauta e acabaram a tocar no fim do ano. (p. 94)</p> <p>P8: Coisa que consegui depois, no final do ano, ter miúdos que não conseguiam tocar a nota si na flauta e conseguiram tocar o Hino da Alegria. Eh pá. Não sabiam o que era a nota sol na clave, na pauta e fizeram a leitura. (p. 122)</p>						1		1									2
	7.4.10 O professor reflexivo	<p>P1: E depois, a minha falta de experiência... também não consegui que as coisas corresse da melhor forma. (p. 10)</p> <p>P2: Ainda não percebi se é um problema meu, se é mesmo uma questão... (p. 33)</p> <p>P2: confesso que aí será talvez aquilo que me podem apontar como negativo. (p. 30)</p> <p>P2: por acaso nesse aspecto acho que, gabando o meu trabalho, nesse aspecto acho que as coisas são muito bem encadeadas (p. 31)</p>	1	3				2	1									7	

		<p>P6: Agora, há alturas da vida em que uma pessoa está melhor, pior, e, se calhar, as coisas não funcionam a 100%. Eu, este ano, tenho a noção que, sim senhor, eles deram as coisas, trabalhámos, fizeram... mas eu sei aquilo que consigo fazer, e eu sei que posso ser melhor. Há anos que correm melhor, este por vários aspectos, se calhar, podia ter corrido melhor, não quer dizer que tenha corrido mal, mas pronto mas acho que há coisas, há aspectos que eu podia ter trabalhado mais, se calhar, pronto, senti-me um bocadinho... Foi muito complicado, foi complicado... (p. 94)</p> <p>P6: Mas vou estar mais atenta a isso e trabalhar mais com eles. (p. 90)</p> <p>P7: Ah, questiono-me imenso se o problema não é meu. Ah, sim, sim. Porque tem que haver aqui uma falha. (p. 110)</p>																		
	7.4.10.1 Reflexão em consequência da realização do questionário	<p>P 6: Pronto, para comparar com o ideal eu não faço ideia, não, não... A noção que eu tenho é que não foi, para mim, para aquilo que eu costume fazer, não foi um ano que eu me sinta assim, estou realizada. (p. 85)</p> <p>P 6: Agora não sei, não sei se dentro destes padrões... quer dizer, o máximo é 28, não é?... o ideal era ter o máximo a tudo... (p. 85)</p> <p>P10: Logo a seguir. Porque a aula é de 90 minutos, não é? Eles disseram logo... Lá está, é uma turma que, que... as coisas não caem em saco roto, percebe? Eles quiseram perceber o que é que tinha acontecido, porque é que era... e eu achei que era melhor aproveitar e reflectir com eles. (p. 146)</p> <p>P10: uma das coisas que eles disseram (...) era o assistir a espectáculos musicais fora da escola. Foi uma... a primeira coisa que eles todos disseram que queriam fazer, não é? Antes da composição, como é evidente, que era sair da escola e ir passear (ri). (p. 154)</p> <p>P10: E então, logo nessa aula, nós começámos... fizemos um trabalho de grupo, eles ficaram divididos em grupos, escolheram os grupos e começaram a compor uma canção. Não era necessariamente uma canção, era fazer, compor qualquer coisa musical, que podia ser só ritmos, podia ser letra e música, podia ser só música, podia ser aquilo que eles quisessem. Muito engraçado. Eles começaram logo naquela aula a fazer, depois na aula seguinte concluímos e depois apresentaram os trabalhos. Até depois acabaram por apresentar também à directora de turma e assim... mas foi muito engraçado, muito engraçado. (p. 146)</p> <p>P10: E então nós fomos à Fonoteca, àquela sessão de música e república. Normalmente, vamos sempre aos ensambles instrumentais, cordas, metais. (...) E eu tinha algum receio que, como era "Música e 1.ª República", e também sabia que iria ser um bocadinho mais teórico, tinha algum receio da reacção dos miúdos, mas como naquela altura era a única oportunidade que a gente tinha para sair da escola ainda, no aspecto musical, nós fomos. Reagiram optimamente, portaram-se como anjos. (p. 154)</p> <p>P10: Foi mesmo, Isabel. É que foi mesmo estimulante. (p. 154)</p> <p>P10: Não, mas teve. Concretamente para mim, teve muita influência. Porque, com a turma X foi ótimo. Nós fizemos três coisas que, se calhar, não teríamos feito se não tivesse acontecido isto, percebe? (p. 159)</p> <p>P10: Sim, agora sim. Neste caso concreto (aponta para a turma X), sim. Neste último período. (Se se repetisse o questionário no final do ano lectivo as áreas</p>					2										7			9

		experiências de aprendizagem e composição teriam resultados mais elevados) (p. 155)																
	7.5 Concepções sobre o objectivo da Educação Musical																	
	7.5.1 Música é para todos	P5: Eu acho que na música há lugar para toda a gente. Para os que têm mais capacidade, para os que têm menos capacidade ou para os que não têm nenhuma, há sempre lugar. Se não consegue executar pode virar a página, ou pode ir lá pôr os instrumentos, sei lá. Há sempre uma actividade para fazer, exacto, há sempre. (p. 81)																1
	7.5.2 Cultura geral	P8: O objectivo é que eles percebam... Porque eles não vão ser músicos... Cultura geral. (p. 119)																1
	7.5.3 Criar ouvintes	P6: (...) não podem ser todos executantes, não podem ser todos músicos, mas que gostem de ouvir (...) é mais criar ouvintes e eles poderem ir assistir a espectáculos musicais e saberem que há coisas para além da aula e que a música continua” (p. 94)																1
	7.5.4 Iniciar o percurso musical dos alunos	P6: (...) vejo que fica lá qualquer coisa e que fica... e há alunos que até continuam a estudar e são motivados para continuar o estudo da música. (pp. 93-94) P6: Se calhar, este ano pode não ter acontecido muito, mas tenho muitos alunos que seguiram, se calhar, a carreira musical muito influenciados. (p. 94)																2
	7.6 Concepções sobre o desenvolvimento de competências musicais		3		5													
	7.6.1 Conhecimento/ desconhecimento-indiferença	P1: Não, não (<i>não tem nenhum conflito com o que está escrito no Currículo Nacional</i>). Aliás eu regi-me pelo currículo aqui da escola, não é? (p. 11) P1: (<i>Sentiu problemas com a ideia de competência?</i>) Como assim? (p. 10) P1: (<i>Teve dificuldade em operacionalizar o trabalho no sentido de desenvolver competências?</i>) Não, por acaso até me correu bem. Os métodos que usei e tudo, acho que correram bem. (p. 10) P3: Há alguns pontos que eu não concordei muito bem com eles, mas pronto. (p. 37) P3: Tornam-se um bocado mais pontuais... Não é assim nada de extraordinário. (p. 37) P3: (<i>Acerca destas áreas de competência que estão presentes no currículo nacional actual. Algum problema com essa linguagem?</i>) Linguagem em que aspecto? (p. 37) P3: (<i>O que pensa da actual organização curricular?</i>) Organização? (p. 38) P3: Eu continuo a trabalhar dessa maneira (<i>por objectivos e não por competências</i>). (p. 38) P8: (<i>Tem o desenvolvimento de competências presente na sua prática?</i>) Não, não. (p. 112) P9: Não. Eu tive uma formação de uma Escola Superior de Educação e de uma equipa de professores que conseguiu articular... professores de ciências da educação, com outra filosofia. (p. 133) P9: No Conservatório e na Escola Superior de Educação de Santarém.																15

		<p>Professores muito, muito bons mesmo, de Lisboa. Percebes? E que traziam essa bagagem toda e nunca houve problemas com o programa. (p. 133)</p> <p>P9: Tinha essa formação. E acho que foi muito bem feita. (p. 133)</p> <p>P6: Não porque acho que, acho que... quer dizer, eu também tive a sorte de quando estava a tirar o meu curso foi quando houve aquela transição para as competências, portanto. (p. 88)</p> <p>P6: Resultado, apanhei aquela transição para as competências e trabalhei muito nas planificações na área das competências. (p. 88)</p> <p>P6: É literatura (<i>O desenvolvimento de competências</i>). (p. 84)</p> <p>P6: Portanto, acho que até nem... às vezes nem aplico, porque acho que, que uma pessoa pode abordar esses assuntos todos com base nisso e arranjarmos, por exemplo, um tema que consigamos trabalhar essas coisas todas. (p. 88)</p>																	
	7.6.2 Competências essenciais vs. objectivos	<p>P2: Eu, eu... Eu acho que é assim, eu, se calhar, estou a dizer uma grande asneira. Mas, eu nunca senti grande diferença entre o que eram objectivos e competências. E, se calhar, isso é um grande... pode ser um problema meu. Mas o que é um facto é que nós quando trabalhávamos com objectivos, nós dizíamos assim, eu quero que o aluno faça isto. E aquilo que eu agora entendo como competência acaba quase por ser a mesma coisa, eu quero que o aluno faça isto mas a nível geral, no final do ano eu quero que ele faça isto. Mas eu penso que depois na realidade, em termos de funcionamento, acaba por ser exactamente igual, é apenas, é apenas uma questão de interpretação de português e tudo, porque é assim, eu não sinto que a questão de competência ou a situação de objectivo tenha alterado em qualquer coisa o meu funcionamento dentro da sala de aula e mesmo aquilo que eu pretendo que os alunos aprendam. (p. 27)</p> <p>P2: E ao não trabalharmos caixas estáticas, quer dizer, o objectivo é que no final do ano se consigam fazer uma série de coisas... e aqui, se calhar, já não será um objectivo é uma competência, podemos chamar-lhe competência. (p. 27)</p> <p>P4: Sabes que eu já apanhei tantas terminologias... Eu venho do ensino particular também, estive muitos anos no ensino particular, portanto, as terminologias mudam sempre de um sector para outro sector... Tu trabalhas numa escola, agora as escolas já estão a aproximar-se mais umas das outras, mas há 15 ou 20 anos atrás se estivesses no ensino particular a terminologia era completamente diferente, falava-se mais em objectivos, fala-se sempre em objectivos. Mas o facto de se deixar de falar em objectivos e se falar em competências não me faz confusão nenhuma, é uma questão de adequação a uma linguagem nova. E a competência tem a ver com o total daquilo que o aluno é capaz de arcar, o objectivo é capaz de ser até um bocadinho mais limitador do que a palavra competência, porque a palavra competência engloba um ciclo e a palavra objectivo engloba só uma determinada tarefa que tem um objectivo para se fazer. Eu acho que a palavra competência não está assim tão desadequada como isso. (pp. 52-53)</p> <p>P4: A competência pode ser focalizada no aluno ou pode ser focalizada numa turma, percebes?, e o objectivo não é tanto assim... porque a gente quando trabalhava com objectivos era mais um objectivo de turma. O que é que se ia</p>	2		2														4

		trabalhar?, ia-se trabalhar este determinado conteúdo para se adquirir este objectivo, o aluno no final do ano tinha chegado a este objectivo, que era efectuar esta resolução deste problema, por exemplo, e agora não é tanto isso. A competência é a capacidade com que o aluno aprende a resolver aquele problema, até pode não ter conseguido chegar lá, mas conseguiu desenvolver uma competência processual em que desenvolve um processo para chegar, ainda não consegue obter o resultado mas já consegue fazer o caminho para lá chegar. Eu acho que a competência até não é assim tão... Depois, essas coisas, as mudanças é sempre complicado, não é? (p. 53)																
	7.6.3 Trabalho por competências é inerente às características do ensino da música	P2: E depois é a tal história, porque é assim, nós não estamos propriamente a trabalhar caixinhas estáticas. (p. 27) P2: (...) eu penso que a nossa disciplina já privilegiava isso, porque, lá está, não são factores estáticos, não são caixinhas arrumadas... porque depois está tudo interligado, quando queiramos que alguém toque uma melodia encaixamos ali praticamente um currículo todo, em termos de música. (p. 27)		2														2
	7.6.4 Trabalho por competências está presente no manual	P11: Acho que não, porque eu socorro-me muito dos manuais e eu penso que isso já está pensado na organização do manual, portanto, em princípio... está tudo. (p. 164)																1 1

5. Procedimento para a identificação do nível socioeconómico (NSE) dos alunos participantes no estudo

A informação relativa às habilitações literárias e às profissões dos pais/encarregados de educação, foi convertida num indicador de nível socioeconómico (NSE). A identificação do nível socioeconómico dos alunos realizou-se de acordo com o procedimento que seguidamente se descreve.

Foram criadas 4 categorias para o registo das habilitações literárias dos pais dos alunos:

Nível 1 – Muito Baixo – Até 4 anos de escolaridade

Nível 2 – Baixo – Até ao 9.º ano de escolaridade

Nível 3 – Médio – Até ao 12º ano de escolaridade

Nível 4 – Alto – Ensino superior

A criação destes níveis baseou-se na *Tabela de Habilitações Literárias* disponibilizada na Internet, na página da Direcção-Geral da Administração e do Emprego Público do Ministério das Finanças e da Administração Pública, que promove a “disponibilização de tabelas e codificações de forma a harmonizar a informação utilizada nos Sistemas de Informação de toda a Administração Pública” e que faculta esses dados “de uma forma organizada e estruturada para consulta e *download*”: <http://www.dgap.gov.pt/upload/etab/index.htm>

Quanto às profissões dos pais/encarregados de educação, procedeu-se à correspondência destas com os grandes grupos identificados na *Classificação Nacional de Profissões* do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP): “nove Grandes Grupos incluindo cada um deles profissões de algum modo ligadas pela formação exigida e pelo tipo de trabalho realizado.” (2001, p. 4). Essa informação foi agrupada em três níveis, baixo, médio e alto:

Nível 1 – Baixo: 9. Trabalhadores não Qualificados
8. Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem
7. Operários, Artífices e Trabalhadores Similares
6. Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas

Nível 2 – Médio: 5. Pessoal dos Serviços e Vendedores

- 4. Pessoal Administrativo e Similares
- 3. Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio
- Nível 3 – Alto:
 - 2. Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas
 - 1. Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas

Fonte: Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), org. (2001). *Classificação Nacional de Profissões – Versão 1994*. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional. <http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>

Posteriormente foi seleccionada a habilitação de nível mais elevado de entre as habilitações literárias dos pais, obtendo assim um único valor/nível no parâmetro habilitação literária dos pais; o mesmo foi feito em relação às profissões.

Finalmente foram interceptados os dados sobre a profissão com os da habilitação literária dos pais/encarregados de educação, no sentido de obter um indicador do nível socioeconómico (NSE) dos alunos, expresso em 3 níveis: alto, médio e baixo, conforme a correspondência a Tabela 7.

Tabela 7

Nível Socioeconómico (NSE) dos Alunos - Correspondência

NSE	Habilitação literária	+ Profissão
Nível 1 - Baixo	1	1
	2	1
	3	1
	4	1
Nível 2 - Médio	1	2
	2	2
	3	2
	4	2
Nível 3 - Alto	1	3
	2	3
	3	3
	4	3

6. Monitorização de inquéritos em meio escolar – Autorização DGIDC

de mime-noreply@gepe.min-edu.pt
para isafigster@gmail.com
data 2 de Março de 2010 17:28
assunto Monotorização de Inquéritos em Meio Escolar:
Inquérito nº 0090700001
enviado por gepe.min-edu.pt

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0090700001, com a designação *Desenvolvimento de Competências Musicais no 2º Ciclo do Ensino Básico: Práticas Pedagógicas*, registado em 25-02-2010, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo(a). Senhor(a) Dr(a) Isabel Figueiredo

Venho por este meio informar que o pedido de realização de questionário em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos de qualidade técnica e metodológica para tal devendo, no entanto, ter em atenção as observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

Isabel Oliveira

Directora de Serviços de Inovação Educativa

DGIDC

Observações:

1. É necessário obter autorização expressa dos pais / encarregados de educação dos alunos respondentes

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.gepe.min-edu.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

7. Carta para apresentação do estudo às direcções das escolas

Lisboa, .../.../2010

Exmo Senhor Director da Escola

Sou Isabel Figueiredo, professora de Educação Musical do Agrupamento de Escolas Padre Bartolomeu de Gusmão - Josefa de Óbidos.

Estou a realizar um Doutoramento em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, orientado pelo Professor Doutor António Candeias (ver declaração em anexo).

No âmbito da minha tese: “Desenvolvimento de Competências Musicais no 2.º Ciclo do Ensino Básico: Práticas Pedagógicas”, solicito autorização para aplicar um questionário, a 2 turmas de 6.º ano de escolaridade e ao respectivo professor de Educação Musical, na V/ escola. O conteúdo do questionário versa sobre as competências desenvolvidas na disciplina, nas diferentes áreas da prática musical.

Assim, seria muito valiosa para o meu trabalho a aplicação na V/ escola dos questionários em anexo.

Os instrumentos deverão ser aplicados em duas turmas de um professor de Educação Musical (de preferência uma por ele considerada "melhor" e outra "pior"). Os questionários serão realizados na sala de aula, em simultâneo por professor e alunos, e o conteúdo é muito semelhante. O tempo de aplicação é de cerca de 20 minutos. É respeitado o anonimato dos respondentes.

Os instrumentos de inquirição foram sujeitos à apreciação do Ministério da Educação (DGIDC) no âmbito na Monitorização de Inquéritos em meio escolar, ao abrigo do Despacho N.º 15847/2007, tendo sido aprovados. O inquérito foi registado em 25 de Fevereiro de 2010 com o n.º 0090700001 e com a designação: Desenvolvimento de Competências Musicais no 2.º Ciclo do Ensino Básico: Práticas Pedagógicas. (ver anexo)

Quanto à observação sobre a necessidade de solicitar a autorização expressa dos Encarregados de Educação, a altura mais apropriada tem-se revelado ser a reunião do início do 3.º período entre o Director de Turma e os Encarregados de Educação. Para tal, envio em anexo uma proposta de redacção do respectivo pedido de autorização.

A recolha de dados deverá ser realizada no 3.º período do presente ano lectivo, pelo que não me resta muito tempo para agilizar este processo de autorização por parte das direcções das escolas, marcação com os professores, autorização dos Encarregados de Educação e aplicação do questionário.

Pelo meu lado, comprometo-me em tornar este processo o menos trabalhoso possível para as escolas, professores e alunos que nele venham a participar. Estou totalmente disponível para qualquer esclarecimento.

Muito agradeço a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,

Isabel Figueiredo

(contactos)

8. Impresso para autorização dos Encarregados de Educação – Participação dos alunos

Autorização

Autorizo o meu educando _____
_____, n.º _____ da turma
_____ a participar num estudo sobre o “**Desenvolvimento de Competências Musicais no 2º Ciclo do Ensino Básico: Práticas Pedagógicas**”. Essa participação será anónima e consistirá na resposta a um questionário sobre as aulas de Educação Musical no 2º ciclo, a realizar durante o 3º período do presente ano lectivo, na sala de aula e na presença do respectivo professor.

O Encarregado de Educação,

Lisboa, _____ / _____ / 2010

Autorização

Autorizo o meu educando _____
_____, n.º _____ da turma
_____ a participar num estudo sobre o “**Desenvolvimento de Competências Musicais no 2º Ciclo do Ensino Básico: Práticas Pedagógicas**”. Essa participação será anónima e consistirá na resposta a um questionário sobre as aulas de Educação Musical no 2º ciclo, a realizar durante o 3º período do presente ano lectivo, na sala de aula e na presença do respectivo professor.

O Encarregado de Educação,

Lisboa, _____ / _____ / 2010